EL-REI

D. MANUEL

MANUEL BERNARDES BRANCO

EL-REI
D. MANUEL

LISBOA
LIVRARIA DE J. A. RODRIGUES
186 — Rua do Ouro — 188

1888

PROLOGO

«Les navigateurs qui ont su atteindre Madère et les Açores, ont incontestablement frayé la route à ceux qui, soixante ans plus tard, sont arrivés a Guanahani. On ne saurait donc sans la plus profonde injustice refuser son admiration aux premiers pas de la navigation hautière, car ces premiers pas furent les plus difficiles: ils eurent lieu dans la zone des vents variables, qui est aussi la zone des tempêtes fréquentes.»

VICE-AMIRAL JURIEN DE LA GRAVIÉRE: *Les Marins du XVI Siècle* — Paris, 1879 — pag. 40, vol. I.

No reinado d'el-rei D. Manuel talvez a população de Portugal não passasse muito de dois milhões de habitantes. E baseio-me para um tal calculo nas continuas epidemias, ou pestes, como então lhes chamavam, as quaes com muita frequencia açoitavam o nosso reino, e contra as quaes o remedio mais aconselhado era a fuga, a qual teria como resultado infallivel propagar ainda mais pelo paiz o terrivel flagello.

Os naufragios eram diarios; os terramotos,

frequentes; o paiz, muito inculto. A vida monastica a toda a hora roubava á população mães e paes para os converter em santos e santas nos conventos. Os assaltos dos corsarios, principalmente argelinos, matando quasi todos os habitantes das povoações, ás quaes depois lançavam fogo, eram vulgares. E as incessantes guerras com Hespanhoes, Mouros, e povos d'outras procedencias, eram tão vulgares e mortiferas que não deixam de modo algum, n'um territorio pequeno como o de Portugal, acreditar que a população do paiz ultrapassasse os dois milhões de habitantes acima mencionados. E todavia este povo tão pequeno praticou o que diz com verdade Milne Edwards nas *Investigações geographicas dos Portuguezes:* — «...Por outro lado Gaspar Corte-Real, cuja familia se tinha estabelecido nos Açores, tentou em 1500 achar pelo noroeste um novo caminho para a China; e esta tentativa, que nos tempos modernos tem sido repetida frequentemente pelos Inglezes, contribuiu muito para o adiantamento dos nossos conhecimentos geographicos. Gaspar Corte-Real então descobriu o Labrador;

e, segundo alguns documentos citados recentemente pelo sr. Luciano Cordeiro, o pae d'este navegador, João Vaz Corte-Real, deveria ter visitado precedentemente, pelo anno de 1464, a ilha da Terra Nova, que se chamava então Terra dos Bacalhaus, — dizendo-se geralmente que a sua descoberta fôra realizada em 1497 por Sebastião Caboto, veneziano ao serviço do rei d'Inglaterra, Henrique VII.

«Alguns auctores, usando de um processo indigno de homens serios, recusam a Magalhães a honra de ter completado a demonstração da esphericidade da Terra, porque elle proprio não pudéra completar a sua longa viagem; e dizem que a gloria d'este grande feito pertence ao almirante Drake, que, meio seculo mais tarde, no reinado de Isabel d'Inglaterra, realizára o mesmo emprehendimento. Mas se é certo que aquelle pereceu no caminho, depois de ter feito tudo o que era essencial para a solução da questão scientifica que tinha em vista, não é menos certo que os tripulantes do seu commando, obedecendo ás suas ordens, completaram a sua obra; e portanto só com injustiça flagrante se póde trans-

ferir para Drake o titulo de primeiro circum-navegador do mundo.»

E o que não é menos certo é que as nossas navegações e empresas maritimas tornaram immorredouros os nomes de Portugal e de D. Manuel.

Esta epocha foi incontestavelmente a mais brilhante do nosso paiz. E ainda por toda a parte encontramos recordações do venturoso monarcha, em cujo reinado Portugal tanto brilhou. Acolá a soberba egreja-matriz de Caminha! Aqui a Conceição Velha! A custodia e a Biblia de Belem! O jazigo do principe de Candia em Tilheiras! A peça de Diu! A Casa dos Bicos! Os pelouros em Odivellas com que os Turcos bateram as muralhas da fortaleza d'Ormuz!... Por toda a parte recordações d'este reinado tão celebre!

Sim! o nome d'el-rei D. Manuel é immorredouro. A vida d'este rei, reimpressa em succes-

[1] Na egreja de S. Roque em Lisboa são ainda celebradas annualmente em Dezembro exequias acompanhadas d'oração funebre em memoria de D. Manuel.

sivas edições, serve de leitura ainda hoje até mesmo nas escolas de França. E o livro tem o seguinte titulo:—*Emmanuel ou la Domination Portugaise au XVI*ème *siècle.* Seu auctor é Leopoldo Méry.

EL-REI

D. MANUEL

MANUEL BERNARDES BRANCO

EL-REI

D. MANUEL

LISBOA
LIVRARIA DE J. A. RODRIGUES
186 — Rua do Ouro — 188

1888

e, segundo alguns documentos citados recentemente pelo sr. Luciano Cordeiro, o pae d'este navegador, João Vaz Corte-Real, deveria ter visitado precedentemente, pelo anno de 1464, a ilha da Terra Nova, que se chamava então Terra dos Bacalhaus, — dizendo-se geralmente que a sua descoberta fôra realizada em 1497 por Sebastião Caboto, veneziano ao serviço do rei d'Inglaterra, Henrique VII.

«Alguns auctores, usando de um processo indigno de homens serios, recusam a Magalhães a honra de ter completado a demonstração da esphericidade da Terra, porque elle proprio não pudéra completar a sua longa viagem; e dizem que a gloria d'este grande feito pertence ao almirante Drake, que, meio seculo mais tarde, no reinado de Isabel d'Inglaterra, realizára o mesmo emprehendimento. Mas se é certo que aquelle pereceu no caminho, depois de ter feito tudo o que era essencial para a solução da questão scientifica que tinha em vista, não é menos certo que os tripulantes do seu commando, obedecendo ás suas ordens, completaram a sua obra; e portanto só com injustiça flagrante se póde trans-

PROLOGO

«Les navigateurs qui ont su atteindre Madère et les Açores, ont incontestablement frayé la route à ceux qui, soixante ans plus tard, sont arrivés a Guanahani. On ne saurait donc sans la plus profonde injustice refuser son admiration aux premiers pas de la navigation hautière, car ces premiers pas furent les plus difficiles: ils eurent lieu dans la zone des vents variables, qui est aussi la zone des tempêtes fréquentes.»

VICE-AMIRAL JURIEN DE LA GRAVIÈRE: *Les Marins du XVI Siècle* — Paris, 1879 — pag. 40, vol. I.

No reinado d'el-rei D. Manuel talvez a população de Portugal não passasse muito de dois milhões de habitantes. E baseio-me para um tal calculo nas continuas epidemias, ou pestes, como então lhes chamavam, as quaes com muita frequencia açoitavam o nosso reino, e contra as quaes o remedio mais aconselhado era a fuga, a qual teria como resultado infallivel propagar ainda mais pelo paiz o terrivel flagello.

Os naufragios eram diarios; os terramotos,

frequentes; o paiz, muito inculto. A vida monastica a toda a hora roubava á população mães e paes para os converter em santos e santas nos conventos. Os assaltos dos corsarios, principalmente argelinos, matando quasi todos os habitantes das povoações, ás quaes depois lançavam fogo, eram vulgares. E as incessantes guerras com Hespanhoes, Mouros; e povos d'outras procedencias, eram tão vulgares e mortiferas que não deixam de modo algum, n'um territorio pequeno como o de Portugal, acreditar que a população do paiz ultrapassasse os dois milhões de habitantes acima mencionados. E todavia este povo tão pequeno praticou o que diz com verdade Milne Edwards nas *Investigações geographicas dos Portuguezes:* — «...Por outro lado Gaspar Corte-Real, cuja familia se tinha estabelecido nos Açores, tentou em 1500 achar pelo noroeste um novo caminho para a China; e esta tentativa, que nos tempos modernos tem sido repetida frequentemente pelos Inglezes, contribuiu muito para o adiantamento dos nossos conhecimentos geographicos. Gaspar Corte-Real então descobriu o Labrador;

e, segundo alguns documentos citados recentemente pelo sr. Luciano Cordeiro, o pae d'este navegador, João Vaz Corte-Real, deveria ter visitado precedentemente, pelo anno de 1464, a ilha da Terra Nova, que se chamava então Terra dos Bacalhaus, — dizendo-se geralmente que a sua descoberta fôra realizada em 1497 por Sebastião Caboto, veneziano ao serviço do rei d'Inglaterra, Henrique VII.

«Alguns auctores, usando de um processo indigno de homens serios, recusam a Magalhães a honra de ter completado a demonstração da esphericidade da Terra, porque elle proprio não pudéra completar a sua longa viagem; e dizem que a gloria d'este grande feito pertence ao almirante Drake, que, meio seculo mais tarde, no reinado de Isabel d'Inglaterra, realizára o mesmo emprehendimento. Mas se é certo que aquelle pereceu no caminho, depois de ter feito tudo o que era essencial para a solução da questão scientifica que tinha em vista, não é menos certo que os tripulantes do seu commando, obedecendo ás suas ordens, completaram a sua obra; e portanto só com injustiça flagrante se póde trans-

ferir para Drake o titulo de primeiro circumnavegador do mundo.»

E o que não é menos certo é que as nossas navegações e empresas maritimas tornaram immorredouros os nomes de Portugal e de D. Manuel.

Esta epocha foi incontestavelmente a mais brilhante do nosso paiz. E ainda por toda a parte encontramos recordações do venturoso monarcha, em cujo reinado Portugal tanto brilhou. Acolá a soberba egreja-matriz de Caminha! Aqui a Conceição Velha! A custodia e a Biblia de Belem! O jazigo do principe de Candia em Tilheiras! A peça de Diu! A Casa dos Bicos! Os pelouros em Odivellas com que os Turcos bateram as muralhas da fortaleza d'Ormuz!... Por toda a parte recordações d'este reinado tão celebre!

Sim! o nome d'el-rei D. Manuel é immorredouro. A vida d'este rei, reimpressa em succes-

[1] Na egreja de S. Roque em Lisboa são ainda celebradas annualmente em Dezembro exequias acompanhadas d'oração funebre em memoria de D. Manuel.

sivas edições, serve de leitura ainda hoje até mesmo nas escolas de França. E o livro tem o seguinte titulo:—*Emmanuel ou la Domination Portugaise au XVIème siècle*. Seu auctor é Leopoldo Méry.

EL-REI
D. MANUEL

MANUEL BERNARDES BRANCO

EL-REI D. MANUEL

LISBOA
LIVRARIA DE J. A. RODRIGUES
186 — Rua do Ouro — 188

1888

O principal d'elles era Tristão da Cunha, a quem faziam lados outros dois (a saber:—Diogo Pacheco e João de Faria, desembargadores), e outros cincoenta cavalleiros. E era em todos tanta a riqueza e lustre, que até havia sellas, freios, peitoraes e estribos de ouro de martello, com pedraria fina, e perolas a montes. Todos os embaixadores dos principes christãos, que se achavam em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos bispos, e familias dos cardeaes, e outra innumeravel nobreza, deram nobres augmentos a esta pompa; e o Papa quiz lograr o vistoso d'esta entrada, desde o castello de Santo Angelo. Levavam-lhe um presente com um grande e preciosissimo cofre, coberto com panno de ouro, e n'elle debuxadas as Reaes Quinas, posto sobre um elephante, o qual, tanto que avistou ao Summo Pontifice, ajoelhou tres vezes, ensinado pelo naire que de cima o governava, e logo, mettendo a tromba em um grande vaso de agua que alli estava prevenido, borrifou os cardeaes, e outras pessoas que estavam pelas janellas, e o mesmo signal de festa se usou com o mais povo que estava apinhado

PROLOGO

«Les navigateurs qui ont su atteindre Madère et les Açores, ont incontestablement frayé la route à ceux qui, soixante ans plus tard, sont arrivés a Guanahani. On ne saurait donc sans la plus profonde injustice refuser son admiration aux premiers pas de la navigation hautière, car ces premiers pas furent les plus difficiles: ils eurent lieu dans la zone des vents variables, qui est aussi la zone des tempêtes fréquentes.»

VICE-AMIRAL JURIEN DE LA GRAVIÈRE: *Les Marins du XVI Siècle* — Paris, 1879 — pag. 40, vol. I.

No reinado d'el-rei D. Manuel talvez a população de Portugal não passasse muito de dois milhões de habitantes. E baseio-me para um tal calculo nas continuas epidemias, ou pestes, como então lhes chamavam, as quaes com muita frequencia açoitavam o nosso reino, e contra as quaes o remedio mais aconselhado era a fuga, a qual teria como resultado infallivel propagar ainda mais pelo paiz o terrivel flagello.

Os naufragios eram diarios; os terramotos,

frequentes; o paiz, muito inculto. A vida monastica a toda a hora roubava á população mães e paes para os converter em santos e santas nos conventos. Os assaltos dos corsarios, principalmente argelinos, matando quasi todos os habitantes das povoações, ás quaes depois lançavam fogo, eram vulgares. E as incessantes guerras com Hespanhoes, Mouros; e povos d'outras procedencias, eram tão vulgares e mortiferas que não deixam de modo algum, n'um territorio pequeno como o de Portugal, acreditar que a população do paiz ultrapassasse os dois milhões de habitantes acima mencionados. E todavia este povo tão pequeno praticou o que diz com verdade Milne Edwards nas *Investigações geographicas dos Portuguezes:* — «...Por outro lado Gaspar Corte-Real, cuja familia se tinha estabelecido nos Açores, tentou em 1500 achar pelo noroeste um novo caminho para a China; e esta tentativa, que nos tempos modernos tem sido repetida frequentemente pelos Inglezes, contribuiu muito para o adiantamento dos nossos conhecimentos geographicos. Gaspar Corte-Real então descobriu o Labrador;

e, segundo alguns documentos citados recentemente pelo sr. Luciano Cordeiro, o pae d'este navegador, João Vaz Corte-Real, deveria ter visitado precedentemente, pelo anno de 1464, a ilha da Terra Nova, que se chamava então Terra dos Bacalhaus, — dizendo-se geralmente que a sua descoberta fôra realizada em 1497 por Sebastião Caboto, veneziano ao serviço do rei d'Inglaterra, Henrique VII.

«Alguns auctores, usando de um processo indigno de homens serios, recusam a Magalhães a honra de ter completado a demonstração da esphericidade da Terra, porque elle proprio não pudéra completar a sua longa viagem; e dizem que a gloria d'este grande feito pertence ao almirante Drake, que, meio seculo mais tarde, no reinado de Isabel d'Inglaterra, realizára o mesmo emprehendimento. Mas se é certo que aquelle pereceu no caminho, depois de ter feito tudo o que era essencial para a solução da questão scientifica que tinha em vista, não é menos certo que os tripulantes do seu commando, obedecendo ás suas ordens, completaram a sua obra; e portanto só com injustiça flagrante se póde trans-

EL-REI

D. MANUEL

MANUEL BERNARDES BRANCO

EL-REI D. MANUEL

LISBOA
LIVRARIA DE J. A. RODRIGUES
186 — Rua do Ouro — 188

1888

commercio regular, eram mahometanos. As ilhas de Cabo Verde haviam sido descobertas em 1450 por Antonio Noli, genovez ao serviço de Portugal. Em 1456, o veneziano Aloysio de Cadamosto, na companhia d'alguns genovezes, chegou á foz do Gambia, e reconheceu as ilhas de Cabo Verde; o cuidado que elle empregou em as visitar e em lhes pôr nome, foi o motivo de lhe attribuirem a descoberta d'ellas. Pouco tempo depois, Pedro de Cintra foi o primeiro que tocou em a costa de Guiné, deu a uma serra o nome de Serra Leôa, e se dirigiu para o sul até ao cabo Mesurado. Já a costa africana, desdobrando-se para léste, parecia abrir aos infatigaveis emissarios do principe Henrique o caminho da India. Já este principe, tão util ao seu paiz e á Geographia se podia lisonjear de ver chegarem ao remate seus nobres projectos, quando a morte o arrebatou no anno 1460. Mas o espirito d'este grande homem não cessou de vivificar os Portuguezes.

O caminho estava traçado: para chegar ao remate, de nada mais havia mistér que d'uma perseverança vulgar. O estado imperfeito da

navegação foi só a causa que retardou os progressos das descobertas. Embora a Companhia privilegiada, unica que tinha licença para ir ás costas de Guiné, pagando 200:000 réis annuaes, se tivesse, obrigado a avançar nas suas descobertas até 500 milhas mais ao sul no espaço de cinco annos, os Portuguezes não chegaram ao Cabo da Boa Esperança senão cincoenta e quatro annos depois de haverem dobrado o cabo Bojador; circumstancia tanto mais digna de attenção, quanto ella refuta completamente a opinião dos que consideram o gyro d'Africa pelos Phenicios com um facto historico. Como poderiam acreditar homens sensatos que uma galé phenicia tenha executado em tres annos o que não puderam levar ao cabo em meio seculo navegantes arrojados, embarcados em fortes navios, e munidos da bussola?

A Companhia privilegiada não podia fazer o commercio em Arguim ou no Cabo Verde, mas tão sómente nas costas desconhecidas ao sul da Serra Leôa; o rei de Portugal reservava para si o direito exclusivo de comprar n'aquelle ponto o marfim por baixo preço. Alguns ma-

reantes, cujos nomes eram desconhecidos, descobriram em 1472 as ilhas de S. Thomé, do Principe, e d'Anno Bom, situadas na linha. A primeira não tardou em se tornar famosa por causa da cultura da canna d'assucar. Tendo-se refugiado em Portugal muitos judeus hespanhoes, foram desterrados para ella; e, muito tempo antes da descoberta da America, os escravos negros alli cultivaram a terra. A construcção do castello da Mina (*El-Mina*) sobre a costa do Oiro, descoberta em 1471 por João de Santarem e Pedro de Escobar, facilitou muito o progresso dos conhecimentos ácerca de Guiné. Pouco depois, Diogo Cão achou o rio Zaire no reino do Congo, do qual alguns habitantes embarcaram voluntariamente para Portugal. Ignoravam estes desditosos africanos que os extrangeiros, aos quaes concediam hospitalidade, vinham tomar posse da sua patria, hasteando n'ella uma cruz, e erguendo um padrão com uma legenda em portuguez. Este pilar de pedra fez primeiramente dar ao rio Zaire o nome de rio Padrão, com o qual é conhecido em Martim Behaim. Pela mesma epocha Affonso d'Aveiro descobriu

o Benin, e d'ahi trouxe a pimenta para Lisboa, havendo já muito tempo que n'esta cidade era conhecida uma tal especiaria. Os mercadores italianos a traziam do norte d'Africa para onde as caravanas a levavam de Guiné, atravessando as terras dos Mandigos e os desertos do Sahara. Como na Italia ignoravam qual o paiz que produzia esta especiaria, davam-lhe o nome de *Grão do Paraiso*. Os Portuguezes, porém, levaram-n'a depois em grande quantidade ao porto de Antuerpia, mas o monopolio das especiarias fez com que o uso d'ella fosse pouco vulgar durante muito tempo.

Aquelles que foram os primeiros em abordar ao Benin, tendo ouvido dizer aos habitantes que a umas 250 milhas a léste do seu paiz residia um principe christão, que adorava a Cruz, julgaram ter-se finalmente encontrado na Africa o reino do Preste João, que andavam a procurar, havia tanto tempo.

O Benin e o Congo deram primeiramente uma direcção inesperada ao commercio dos negros feito pelos Portuguezes. Os que antes de 1434 tinham traficado com o roubo dos pretos

e dos mouros ao longo das costas, e nas ilhas, para os irem vender em Portugal, onde era um artigo mui lucrativo, principiaram a commerciar em sua detestavel veniaga até mesmo na Africa. Conduziam seus captivos, quer directamente para o castello da Mina, quer para a ilha de S. Thomé, donde os transportavam em seguida para o castello. Alli os trocavam por oiro, que os commerciantes negros ou mouros traziam do sertão. Porfim o rei D. João III prohibiu inteiramente este trafico, o qual fazia cahir annualmente milhares de negros nas mãos dos infieis. Os Portuguezes não assentaram feitorias ao sul do cabo Negro em Benguella e na Cafraria, e não examinaram o paiz com tanto cuidado, como as partes septentrionaes da Africa. Porfim Bartholomeu Dias chegou em 1486 á extremidade meridional: deu-lhe o nome de *Cabo das Tormentas*; mas o genio do rei D. João II viu n'elle o *Cabo da Boa Esperança*, e dentro em pouco já se não duvidava fazer por mar o gyro d'Africa.

Antes, porém, que Dias trouxesse a noticia da descoberta a Lisboa, o rei D. João II tinha

enviado dois monges a Jerusalem para obterem dos peregrinos, que áquella cidade se encaminhavam de todas as partes, informações a respeito do Preste João, que residia na Africa. Esta deputação foi inutil, pois os emissarios não entendiam arabe. [1]

Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva foram depois enviados a Alexandria com o fim de procurarem alli informações a respeito da India. Chegaram até ao Cairo: e aqui, tendo-se asso-

---

[1] São innumeras as obras extrangeiras que faltam das nossas navegações, e entre outras mencionamos os seguintes originaes, e traducções:

1 Damiano de Goes: Avisi delle cose fatte da Portoghesi nel India di qua del Gange. Venezia, 1539.
2 Avisi delle cose fatte da Portoghesi nel India di qua del Gange nell'anno 1538 scritti in lingua latina da Damiano de Goes et tradotti in toscano. Venezia, 1539.
3 Avisi particolari delle Indie de Portogallo ricevuti in questi anni de 1551 et 1552 de li reverendi padri del Compagnia de Jesu. Roma, 1552.
4 Nuovi avisi del Indie di Portogallo tradotti della lingua spagnuola nell'italiana, 1559.
5 Diversi avisi particolari ricevuti dell'Indie di Portogallo. Venezia, 1562-1565, 5 vol.

ciado aos commerciantes mouros de Fez e de Tlemen se dirigiram a Aden, e partiram para Suez. Covilhã embarcou alli. Visitou Goa e Calecut, bem como as minas de oiro de Sofala na Africa. Regressou por Aden ao Cairo, com o fim de alli esperar pelo seu companheiro Paiva.

Este tinha-se dirigido por terra á Abyssinia, onde havia fallecido. Mas, antes que os relatorios de Covilhã chegassem a Lisboa, dois judeus portuguezes, que haviam estado muito tempo

---

6 Diversi avisi EE. Venezia, 1568, 2 vol.

7 Nuovi avisi EE. Roma, 1570.

8 Nuovi avisi EE. Brescia, 1571.

9 Giovanni Botero: Relatione Universali nella quale si da ragluaglio de continenti, e dell'isole sino al presente scoverte. Roma, 1595.

«Má nissuna natione si mostrou mai piu vehemente, e che partecipasse piu della terribilitá del furore che i Portoguesi: le cui navigationi oltre al capo di Bonasperança e oltre allo stretto di Sincapura, e gli acquisti di Ormuz, di Goa e di Malaca, e le diffese di Cocin e di Diu, e di Cau (*sq*) e di Goa hanno piu del verisimile. Lisbonna fa popolo grandissimo, e vi capita tutta la mercantia, e tutto il trafica dell'Ethiopia, del Brasil, della Madera, e di tutto Settentrione.»

em Ormuz e em Calecut, deram ao rei muito bons esclarecimentos acerca das Indias e de todos os reinos que com ellas tinham relações.

Á vista do relatorio, e em conformidade com o conhecimento que se tinha adquirido d'um mar que se prolongava pelo meio-dia d'Africa, foi Vasco da Gama enviado em 1497 em busca das Indias por esta via: teve a missão de concluir com o Preste João uma alliança para proteger o commercio d'estas regiões contra os Mou-

10 Broch: A history of the Island of St. Helena from its discovery by the Portuguese, London, 1808.

11 Bry et Meriani: Collectiones Peregrinationum in Indiam Orientalem et Occidentalem. Franckofurti, 1599. Em hollandez, 1596. Em francez, 1610. Em allemão, 1614 Ec.

12 Bussiére: Histoire du schisme portugais dans les Indes. Paris, 1854.

13 Candau: I. Expéditions portugaises aux Indes Orientales. Tours, 1857. Ibid. 1858. Ibid. 1860.

II. Mendes Pinto, Tours, 1847. Ibid. 1851. (Estas obras fazem parte da collecção intitulada: Bibliothèque des Écoles Chrétiennes approuvée par l'Évêque de Nevers).

14 Centellas: Voyages et conquestes des roys de Por-

ros e Arabes, que n'aquellas terras eram mui poderosos. Gama navegou ao longo das costas orientaes d'Africa. As numerosas frotas portuguezas, que o seguiram, havendo sulcado o mesmo caminho, — todas as partes da costa que anteriormente só eram conhecidas dos Arabes, se ostentaram pela primeira vez aos olhos dos Europeus. O *Mar Tenebroso*, além de Sofala, que tinha parecido inaccessivel aos Arabes, foi percorrido em todos os sentidos.

---

tugal és Indes d'Orient, Ethiopie, Mauritanie d'Afrique et Europe. Paris, 1578.

15 Chemnitius: De Lusitanorum in Indiam Orientalem Carmen. Lipsiae, 1580.

16 Voyage avec sa rélation de l'Inquisition de Goa. Cologne, 1711.

17 Dese machtegue en grot state ade gencemt die gelege int conincrye va persê indem va mecha was bestormt en beuchtê va Alfonso d'Albukerque Ec. Anvers, 1513. (Trata esta obra da tomada d'Adem por Affonso d'Albuquerque).

18 Mad.me H. Dujarday: Resumé des voyages, découvertes et conquêtes des Portugais en Afrique et en Asie aux XVme et XVI siècles. Paris, 1839. 2 vol.

Depois de ter dobrado o Cabo da Boa Esperança, visitou Gama uma parte da costa da Cafraria, á qual deu o nome de Terra do Natal, por ser tal o dia em que se fez aquella descoberta. Chegou até Sofala; mas dentro em pouco teve noticias dadas por Pedro de Annaya, que alli mandou erigir um forte em 1506. Sofala, conhecida dos Arabes com o nome de *Terra d'Oiro*, pertencia ao grande reino de Monomotapa.

19 Empoli: Navigazione degli Indie sotto la autorità del signori Affonso d'Albuquerque. (Na Collecção de Ramusio).
20 Escalante: Discurso de la navegacion que los Portugueses hazen a los reynos y provincias del Oriente. Sevilha, 1577.
21 Fortunatus: Historia de missionibus Angolae, Congi et aliorum regnorum Africae et Indiarum. Bononiae, 1687.
22 Frampton: Discourse of the navigation which the Portuguese doe make to the realms and provinces of the east parties of the world, and of the knowledge that growes by them of the great things which are in the dominions of China. London, 1579.

Os reinos de Quiteve, Sedanha, Chicova, e Butua, dependentes de Monomotapa, foram dentro em pouco visitados cuidadosamente, pois que os Portuguezes começaram a navegar pelo grande rio Zambese, e construiram nas suas margens os fortes de Sena e Tete. Tinham elles alli sempre, assim como em Bucati e em Nacapa, missões e feitorias, com chefes feitores para comprarem o oiro dos Cafres, que residiam nas immediações das minas. Um exercito, com-

23 Francisci Xavieri Epistolarum libri V. Pragae, 1667. Ha um grande numero d'edições.
24 Furieuse et sanglante bataille donnée entre les Portugais et les Hollandais auprès de Malacca. Paris, 1621.
25 Geddes: The History of the Church of Malabar. London, 1694.
26 Gesta proxime per Portugalenses in India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris. Romae, 1506. Coloniae Agrippinae, 1507.
27 Modesto Fernandez Gonzalez: Los compañeros de Vasco da Gama. Madrid, 1875.
28 Himmel: Vasco di Gama. Opera. Berlin, 1801.
29 Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Chine, Bresil. Paris, 1628.
30 Historia von Calicut, Ec. Ursel, 1565.

mandado pelos portuguezes Barreto e Homem, partiu, em 1573, de Sofala e de Moçambique; e, depois de ter padecido bastantes fadigas e travado grande numero de combates, penetrou até ás minas de Manica e de Butua. Foi impossivel aos Portuguezes estabelecerem-se n'estes desertos. Era com muita difficuldade que na lavagem separavam o oiro da areia: um artista, depois de ter trabalhado por muito tempo, apenas obtinha uns quatro ou cinco grãos. Os

31 History of the discovery and conquest of India by the Portuguese. London, 1695.
32 Hughes : The Ocean Flower. A Poem. London, 1845.
33 Il mundo nuovo, libro de la prima navigazione per Oceano a le terre de Negri de la Bassa Aethiopia per commendamento del illustre signor D. Henrico de Portogallo. Vicencia, 1507.
34 Impresa del Gran Turco per mare et per terra contra Portoghesi, quali signoreggiano gran parte de l'India o s'avviciano al sepolcro di Mahometto. Roma, 1531.
35 Indische neue relation. Augsburg, 1614.
36 Jarric : Histoire des choses plus mémorables advenues tant ez Indes Orientales qu'autres pays de la découverte des Portugais en l'etablissement et progrès de la foi chrestienne et catholique. Bor-

Cafres não sabiam procurar as veias d'oiro no interior. Não queriam que os extrangeiros tomassem parte no commercio d'este metal, recusavam-lhes viveres, e armavam-lhes ciladas.

Não tendo Gama tocado em Sofala, descobriu Moçambique, onde julgou poder encontrar pilotos para a India: mas foi em vão. Aportou em 1497 na ilha de Mombaça. Aqui os Portuguezes tiveram uma surpresa agradavel: uma cidade apresentou-lhes casas regularmente cons-

---

deaux, 1607. Ibid. 1608. Ibid. 1610. Valenchiennes, 1611, 3 vol. in-4.º Em polaco: Cracovia, 1628. Em latim: Coloniae Agrippinae, 1615. 4 vol. in-8.º

37 Kloguen: An historical sketch of Goa. Madrasta, 1831.

38 A. L.: Contribution to an historical sketch of the Roman Catholic Church at Macao. Canton, 1834.

39 Labat: Nouvelle relation de l'Afrique Occidentale contenant une description exacte du Senegal et des pays situés entre le Cap Blanc et la Rivière de Serre Leonne, Ec. Paris, 1728.
Id.: Relation historique de l'Ethiopie Occidentale. Paris, 1732. 5 vol.

40 Laet: Historia naturalis Brasiliae. Leyde, 1648.

41 Lafitau: Histoire des descouvertes et conquestes des Portugais dans le nouveau monde. Paris, 1732. 2 vol. Ibid. 1734. 4 vol.

truidas e costumes civilizados: era uma colonia arabe. Visitaram depois o reino de Melinde, onde imperava o luxo e florescia o commercio, e onde Gama viu pela primeira vez *Banianes* ou commerciantes indios: alli obteve pilotos para o guiarem na sua viagem.

As frotas, que o seguiram, e que todos os annos se enviaram de Lisboa para as Indias, acabaram a descoberta da Africa oriental até ao Mar Vermelho. D'estas fez uma lista Faria

---

42 La mort glorieuse de soixante et un chrétiens de Macao, decapités en Nangasaqui au Japon. Rouen, 1643. Lille, no mesmo anno.

43 Landi: Descrettione del Isola de la Madera. Piacenza, 1574.

44 Pyrard: Voyage contenant sa navigation aux Indes Orientales, aux Moluques et au Brésil. Paris, 1616. Ibid. 1619. 2 vol.

45 Linschooten: Navigatio ac Itinerarium in Orientalem sive Lusitaronum Indiam. Hagae Comitis, 1599. Em francez: Amsterdam, 1619. Em hollandez: 1638.

46 An historical sketch of the portuguese settlements in China. Boston, 1836.

47 Ludolphi: Historia Aethiopiae sive regni Abyssinorum, quod vulgo presbyteri Joannis dicitur. Jenae,

e Sousa, que abrange cento e quarenta annos.

Pedro Alvares Cabral, depois de ter sido arrojado por um temporal a uma terra incognita, á qual deu o nome de *Terra de Santa Cruz*, e que é o Brazil, chegou em 1500 a Quiloa, capital d'um reino arabe poderosissimo,' sobre a costa de Zanguibar, que possuiu por bastante tempo Mombaça, Melinde, as ilhas Comores, e varios postos em Madagascar.

1676. Francofurti, 1681. Em allemão: Utrecht, 1687. Amstaelodami, 1688.

48 Maffeji: Indiarum Historiae. Roma, 1588. Florença, 1588. Leão, 1589. Colonia, 1589. Veneza, 1589. Bergamo, 1590. Colonia, 1591. Ibid. 1593. Antuerpia, 1605. Bergamo, 1747. Em italiano, por Francesco Serdonati: Firenza, 1589. Veneza, por Damian Zenaro: 1589. Milão, 1806. 3 vol. Em francez, por Arnault de la Boirie: Lyon, 1604. E por Mr. de la Pure: Paris, 1605.

49 Manley: Account of the Island of Japon and the exclusion of the Portuguese. London, 1663.

50 Marggraf: De Medicina Brasiliensi. Amstaelodami, 1648.

51 Matal: Epistolae de Hieronymi Osorii Indiarum historia. Coloniae, 1574.

Albuquerque, o *Grande*, descobriu, em 1503, a ilha de Zanzibar, nas proximidades de Mombaça, e impoz a seu soberano um tributo annual. Varios outros Estados arabes não tardaram em ser submettidos a similhantes contribuições. Exigiam quinhentos meticaes por anno á republica de Brava. O rei de Portugal auferia um rendimento consideravel de todos estes Estados negros; o oiro da Africa era principalmente empregado no pagamento das mercado-

52 Henry Major: The life of Prince Henry of Portugal. London, 1868.
53 Méry: Emmanuel ou la domination portugaise au XVI siècle. Tours. Ha varias edições.
54 Morales: Jornada de Africa del rey D. Sebastian. Sevilha, 1622.
55 Moreau: Histoire des dernières troubles du Brésil entre les Hollandais et les Portugais. Paris. 1651.
56 Nardin: Histoire générale de Portugal et des Indes Orientales. Arras, 1600. Ibid. 1617. Paris. 1680.
57 Netscher: Les Hollandais au Brésil. Haya, 1853. Paris. 1869.
58 Nuova della presa della gran città de Diu per lo invitissimo re di Portugallo, e de l'artigleria e grandissimo tesoro que vi se trovo. 1536.
59 Of the new lands and the people found by the men-

rias das Indias, que os Portuguezes não podiam saldar com os productos e remessas da Europa. O boato, que tinha circulado de que Madagascar (ou, como então se chamava, a *Ilha de S. Lourenço*, por ter a ella aportado Lourenço d'Almeida) produzia especiarias finas, induziu Tristão da Cunha, em 1506, a visitál-a minuciosamente. Tão sómente alli achou gengibre, negros ferozes, e alguns arabes espalhados ao comprido da costa, onde elles tinham estabeleci-

sengers of the kinge of Portugal named Emanuel of the divers nation crystened of pope Joham and his landes. London, 1521.

60 Prat: Histoire du bienheureux Jean de Brito, de la Compagnie de Jesus, missionaire du Maduré et martyr de la foi. Paris, 1853.

61 Puente: Compendio de las historias de los descubrimientos, conquistas, y guerras de la India Oriental e sus islas, desde los tiempos del infante D. Henrique de Portugal, su inventor. Madrid, 1681.

62 Pyrard: Viagens. Nova Goa, 1852.

63 Quelen: Brève relation de l'état de Pernambouq. Amsterdam, 1640.

64 Ramusio: Delle navigationi et viaggi raccolte. Venetia, 1613.

mentos, cuja importancia e segurança dependiam de suas colonias d'Africa. Pelo mesmo tempo outros navegantes portuguezes aportaram á costa d'Ajan, nome sob o qual os Arabes comprehendiam todos os paizes entre o rio Quilimanci e o cabo Guardafui. A cidade de Madagoxo fazia então um avultado commercio: seus habitantes tinham descoberto o paiz de Sofala, e extendido suas relações ao longo da costa. Magadoxo era frequentada pelos commerciantes

---

65 Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales dans les trois provinces de Goa, Malabar, Japon, Ec. Paris, 1657.
66 Relation de l'Inquisition de Goa. Paris, 1688.
67 Relation of that worthy sea fight, which two East India ships had with four Portugals of great force in the Persian gulph. London, 1622.
68 Relations véritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil. Paris, 1651.
69 Relation breve del tesoro nuovamente acquistato nella India Orientali di Portogallo. Milano, 1614.
70 Rogemont: Relação do estado politico e espiritual do Imperio da China, pelos annos de 1659 até o de 1666. Traducção. Lisboa, 1672.
71 S. Roman: Historia general de la India Oriental, de los descobrimentos y conquistas que han hecho las

d'Aden e de Cambaya, que alli vinham cambiar as mercadorias da India por oiro e marfim. Quando Albuquerque finalmente conseguiu expulsar os Arabes d'Aden em 1513, ficou o Mar Vermelho patenteado aos Portuguezes: adquiriram elles então um conhecimento exacto dos portos dos paizes terminados pelas costas, bem como de sua navegação lenta e perigosa.

A Abyssinia fôra conhecida por elles desde 1487, pela embaixada que tinham enviado a

armas de Portugal y en otras partes de Africa, y de la Asia, y dilacion del Santo Evangelio por aquellas provincias. Valladolid, 1603.

72 Saunier: Voyage d'Inigo de Biervillas à la côte de Malabar, Goa, Batavia et autres lieux des Indes Orientales. Paris, 1736.

73 Schmidel: Vera historia admiranda cujusdam navigationis in Americam vel novum orbem juxta Brasiliam et Rio da Plata. Noribergae, 1599.

74 Schott: Hispaniae illustratae seu rerum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae scriptores varii. Franckfort, 1603.

75 Septenville (Baron de): Découvertes et conquêtes du Portugal dans le Nouveau Monde. Paris, 1863.

76 S. G S.: Histoire de Portugal contenant les entrepri-

esta região, e por outras vias: mas não appareceram nas costas d'este reino antes de 1520.

Por esta epocha Lopes Sequeira alli chegou com uma frota. Francisco Alvares fez conhecer o paiz pela relação de sua embaixada.

Assim, as costas da immensa peninsula d'Africa foram inteiramente conhecidas.

Concedemos que alguns geographos antigos tenham considerado como possivel a circumnavegação d'esta parte do mundo, ao passo que

---

ses, navigations et gestes mémorables des Portugallois. Paris, 1581.

77 Sommaire des Lettres escrites de l'Ethiopie par les R. P. André Fernandez et Louys Azebede au R. P. André Palmire, visiteur des collèges de la Compagnie de Jésus en l'Inde Orientale du mois de mars de 1623 et de celle du roy de l'Ethiopie, dit Preste Jean, au R. P. Louys de Cordoba, contenant l'heureuse conversion de l'Ethiopie et du royaume des Abessyns à la foy de Jésus-Christ. Lyon, 1625.

78 Temporal: De l'Afrique contenant les navigations des capitaines portugalois et autres faites en dit pays jusqu'aux Indes. Lyon, 1556.

79 Tennent: Christianity in Ceylon: its introduction and progress under the Portuguese. London.

outros se recusavam a acreditar n'ella. Admittamos que um navio arabe, em o seculo IX, indo ás Indias, tenha sido arrojado por um temporal para o sul da Africa, e haja chegado ao Mediterraneo: nem por isso o caminho em volta do Cabo se tornára conhecido,—e os Arabes, para os quaes era mais facil descobril-o, pensaram n'elle tão pouco, que o navio, do qual acabamos de falar, lhes pareceu dever ter entrado no Mediterraneo pelo Mar dos Khazares, isto é, pelo

80 Ussieux: Histoire abrégée de la Découverte et de la Conquête des Indes par les Portugais. Bouillon, 1770.

81 Voiages et conquestes des roys de Portugal es Indes d'Orient. Paris, 1578.

82 Almadini: Historische Beschreibung der in dem untern occidentalischen Mohrenland liegenden drey Konigreichen Congo, Matambo und Angola. München, 1694.

83 Amati: Vita del P. Gonzalo de Silveira, martire. Roma, 1612.

84 Argensola: Conquista de las islas Molucas. Madrid, 1609.

85 Basapopi: Reguaglio delle guerre de Calecut. Venezia, 1661.

Mar Caspio, que elles suppunham juntar ao mesmo tempo o Oceano Oriental e o Mar Negro. Como é possivel ver, n'esta anecdota tão incerta e tão obscura, uma *descoberta* anterior á dos Portuguezes?

Cumpre lançar um relance d'olhos sobre as viagens dos Portuguezes na Asia.

Perdemos uma das fontes principaes — a Geographia da Asia por Barros, a mais completa das d'este seculo. Mas Ramusio nos conservou

---

86 Bualdi: L'India Orientali sugettata al Vangelo. Roma, 1653.

87 Cordara: Relazione della vita e martirio del vener. padre Ignacio de Azevedo, ucciso dagli eretici con altri trentanueve della Compagnia di Gesú. Roma, 1743. Ha um grande numero d'edições.

88 Courteen: Catastrophe and adieu to the East Indies or a general and particular protest framed there at Goa in the year 1644.

89 Tennent: Ceylon. London, 1860.

90 Vita del venerabile servio de Dio P. Giuseppe Anchieta detto l'Apostolo del Brasile. Roma, 1738.

91 Alegambe: De vita et moribus P. Joannis Cardim Lusitani. Romae, 1645.

92 Argensola: Beschreibung der Molukischen Insuln. Franckfort, 1710.

outras duas contendo excellentes informações ácerca da Asia meridional desde o Mar Vermelho até ao Japão. O auctor d'uma é Duarte Barbosa: alli colligiu tudo quanto n'aquelles paizes havia observado, e o que tinha ouvido a outros. Barbosa acompanhou Magalhães na sua viagem em volta do mundo, e encontrou a mesma sorte que elle na ilha de Zebu. O nome do auctor da segunda Geographia não nos é conhecido: comtudo tinha elle lido Barbosa, pois dispõe na

---

93 Beauvais: La Vie d'Ignace Azevedo. Paris, 1744.
94 Prat: Histoire du bienheureux Jean de Britto. Paris, 1853.
95 Biervillas: Voyage á la Côte de Malabar, Goa, Batavia. Paris, 1736.
De muitissimas outras obras poderiamos fazer menção; mas cumpre pôr limites a esta lista, permittindo-nos tão sómente o benevolo leitor que lhe mostremos quão bem acceitas foram pelos extrangeiros as obras que pelos nossos foram compostas ácerca de nossas descobertas e navegações maritimas.
1 Christoval Acosta: Tratado de las drogas y Medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al bivo, en el qual se verifica mucho de lo que escrivió el doctor Garcia da Horta. Burgos, 1578.

mesma ordem os paizes de que fala. Promette uma descripção particular e minuciosa das Moluccas; mas esta parte da sua obra perdeu-se.

É em harmonia com estas fontes que apresentaremos o quadro dos progressos successivos dos Portuguezes nas Indias, que indicaremos os reinos que floresciam então, e diremos quaes são os serviços que estes europeus prestaram á Geographia, completando nossos conhecimentos da Asia.

2 Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Primum quidem lusitanica lingua per dialogos conscripta D. Garcia ab Horto. Nunc vero latino sermone in Epitomen contracta. Autuerpiae, 1574.

3 Barnout: Nouvelle Rélation de la Chine contenant la description des particularités les plus considérables de ce grand empire. Composée en l'année 1668 par le R. P. Gabriel de Magaillans. Paris, 1688.

4 Beller: Historiale description de l'Ethiopie contenant une vraye relation des terres et païs du grand roy et empereur Pretre Jean. Ouvrage du P. F. Alvarez. Anvers, 1558. «Esta relação do P. Alvarez, a qual podemos ler em Ramusio, é ainda hoje digna de grandissimo interesse, mesmo apar das

III

Vasco da Gama aportou em 1498 a Calecut, capital dos Estados do Samorim na costa de Malabar. Seus companheiros não tardaram em espalhar-se por Cochim, Cranganor e outros portos do mar, que faziam o commercio da pimenta e das especiarias finas. Os Arabes e os viajantes

sabias explorações que a nossa epocha tem visto levar ao cabo» (Vivien Saint-Martin : Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle, vol. I, pag. 1).

5 Berjeau : A narrative of the second voyage of Vasco da Gama to Calicut 1502. London, 1847.

6 Billecoc: Voyages faits en 1625 et 1626 par le P. d'Andrada. Paris, 1797.

7 Birch: traduziu para inglez os «Commentarios d'Affonso d'Albuquerque».

8 Briganti : Due libri dell'istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell'Indie Orientali, pertinenti all'uso della medicina dall Garzia Orto, medico portoghese, con alcune brevi annotazioni di Carlo Clusio. Venezia, 1582. Ibid. 1605.

9 Facundi: Historia Ecclesiae Malabaricae cum Demaperitana Sinodo apud Indos Nestorianos S.

da Edade-Media tinham feito conhecer isoladamente alguns logares da costa de Malabar, e d'outras regiões da India. As primeiras relações dos Portuguezes apresentaram os paizes e os povos mesmo os menos consideraveis, segundo sua posição e sua importancia reaes; e, em vez dos fragmentos que se possuiam até então ácerca da India, podem finalmente formar um quadro geral. Barbosa e Barros fazem já menção dos reinos situados entre os paizes Dillé Comarin,

Thomae Christianos nuncupatos, coacta ab Alexio de Menezes. Romae, 1745.

10 Eduard Lopez : Beschrsibung des Konegreichs Cong in Africa. Frankfort, 1597.

11 Charpy : Histoire de l'Ethiopie Orientale traduite du portugais de Jean dos Santos. Paris, 1684.

12 Clusio : Aromatum et simplicium aliquot Medicamentorum apud Indos nascentium Historia, latino sermone in Epitomen contracta a Carolo Clusio, Ec. Antuerpiae, 1593. É a versão do livro do nosso Garcia da Horta.

13 Cogan : Voyages and adventures in Aethiopia, China, Tartary, of Ferdinand Mendes Pinto. London, 1663. Ibid. 1692.

14 Collaço : Relacion annual de las cosas que han hecho los padres de la C. de Jesu en la India Orien-

taes como os de Calecut, Cranganor, Cochim, Cantão, e Travancor, bem como de varios pequenos Estados dos Naires, taes como os de Porcá e Chettua. Estes dois auctores descrevem tambem com a maior minuciosidade os usos do Malabar, a divisão por castas, e tudo quanto distingue das outras nações os Indios.

Não tardaram os Portuguezes em chegar ás serras do Gattes, d'onde saem todos os rios consideraveis que regam a costa de Coroman-

tali y Japon en los años de 1600 y 1601. Traducida de portugues. Valladolid, 1604.

15 O descobrimento do Grão Cathayo ou dos Reinos de Thibet, pelo Padre Antonio de Andrade. Foi vertido para italiano, e impresso em Roma no anno de 1627. Ha outra edição estampada em Napoles.

16 Coulon : Histoire universelle du grand royaume de la Chine, traduit de Semedo. Paris, 1645.

17 Cournand : Vie de l'Infant D. Henri de Portugal, traduit du portugais de Francisco José Freire. Paris, 1781. 2 vol.

18 Cotelende : Voyages de Pierre Teixeira ou Histoire des Rois de Perse. Paris, 1684. 2 vol.

19 Coulon : Histoire universelle du grand royaume de la Chine, composée en italien par le P. Alvares de Semmedo. Lyon, 1647. Ibid. 1667.

del. Pouco depois da sua chegada extenderam-se ao comprido da costa occidental até ao golpho de Cambaya. Penetraram no reino de Kanará, que confronta com o Malabar. Era por aquelle tempo sua capital Onor, cidade commerciante, que ainda existe; e Baticalá e Mangalor eram então cidades celebres. O rio Aliga formava nas immediações das Anchedivas o limite septentrional do paiz de Kanará. Alli começava o Dekhan, Estado então mui poderoso, que se extendia até

20 Ferdinand Denis: Lettres de Pedro Vaz de Caminha sur la découverte du Brésil.
21 Dyckio: Verteu para flamengo a obra do nosso padre Antonio de Andrade — O descobrimento do grão Catayo.—Gand, 1631.
22 Figueroa: Historia y annual relacion que hicieron los padres de la Compañia de Jesus en lo Japon. Compuesta por Fernão Guerrero. Madrid, 1614.
23 Figuier: Les voyages adventureux de Ferdinand Mendes Pinto. Paris. 1645, Ibid. 1603. Ibid. 1830.
24 Freigius: Historia de bello Africano in quo peri Sebastianus Portugalliae rex. Noribergae, 1581.
25 Gabriel: Nuevo scoprimento del Gran Catayo ó regno del Tibet, de Antonio de Andrada. Neapoli, 1627.
26 Gibbs: The History of the Portuguese during the

á costa de Coromandel, e que estava dividido em varios reinos, nomeados por escriptores modernos Visapur, Berar, Golcondo e Kandeisch. Em 1510 Albuquerque conquistou no Dekhan a cidade de Goa, depois tão celebre, e o centro da dominação dos Portuguezes na India. Dabul, Chaul, e outras cidades maritimas, foram forçadas a submetter-se ao vencedor. O ribeiro de Bainganga separava o Dekhan no reino de Cambaya que abrangia varias cidades de commer-

---

reign of Emanuel written by Jerome Osorio. London, 1762.

27 Glen: Histoire Orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique Apostolique et Romaine en la reduction des anciens chrestiens dits de Saint Thomas. Conversion encore des mahometans, mores et payens par les bons devoirs du rarissime et illustrissime seigneur don Alexis de Menezes, composée en langue portugaise par Antoine Gouvea, et puis mise en espagnol par —. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609. Cologne, 1611.

28 Grand : Jerome Lobo. Relation historique d'Abyssinie traduite, continuée et augmentée. Paris, 1728. Amsterdam, 1728.

29 Grand: Histoire de l'Isle de Ceylan, écrite par le capitaine J. Ribeiro. Amsterdam, 1701.

cio mui florescente, taes como Damão, Barotch e Surrate. Tinha tambem na sua dependencia a ilha de Salcete, cujos pagodes abertos nas rochas, idolos gigantescos e outras antiguidades, attraem ainda a admiração dos viajantes. Tendo chegado ao Gudjerate, os Portuguezes fundaram na ilha de Diu, celebre pela riqueza do seu templo, uma fortaleza e uma cidade, que fez um mui grande commercio com a Arabia, Persia e pai-

30 Grouchy: Histoire des Indes de Portugal par Fernand Lopes de Castañeda. Anvers, 1554.
31 Hakluyt: The discoveries of the World from their original unto the year 1655 by Antonio Galvano. London, 1701. London, 1862.
32 Hartwell: A report of the Kingdom of Congo, by Lopes. London, 1597.
33 H. C.: The voyages and adventures of Fernand Mendes Pinto. London, 1653.
34 Leven en Bedryf van Koning Emanuel van Portugael vit het Latin dan Hieronimus Osorius, binchop van Sylves. Rotterdam, 1632. 2 volumes.
35 Johnson: A voyage to Abyssinie by father Jerome Lobo. London, 1789.
36 Kulb: Fernand Mendes Pinto's abenteursiche Reise. Jene, 1868.

zes vizinhos. Ao norte, nas serras, moravam os indomaveis Rasbultos.

Tendo os principes mahometanos d'estes Estados tentado pela força das armas afastar das suas costas os Portuguezes, estes estabeleceram relações de amizade com varios grandes reinos indús do interior. A alliança com o de Bisnagar não tardou em se tornar summamente importante. Este Estado, que tinha o nome da sua capital, hoje destruida, contava o rajah de Kanará entre seus vassallos. Barbosa dá a este reino o nome de Narsinga. Diz que ao norte do rio Aliga era elle limitado pelo Dekhan, e que

37 Lacher : Relation de la province du Japon, du Malabar, de la Cochinchine, de l'Ile de Ceylon et de plusieurs iles de l'Orient. Escrite en portugais par le P. F. Cardim. Tournay, 1645.

38 Linchtfield : The first book of the discoverie and conquest of the East-Indies by Lopes de Castanheda. London, 1582.

39 Lorenzo : Relazioni varie cavate de una traduzione dell'Originale Portoghese del Nilo, y perche il Nilo inondi e metta sotto le campagne d'Egitto nei giorni del maggior caldo d'Europa. Florença, 1693.

dominava no Tanjaur e no Travancor. Barros parece comprehender n'este reino todas as provincias meridionaes da peninsula aquêm do Ganges.

Os Portuguezes só começaram a frequentar a costa de Coromandel depois de terem descoberto Malaca e as ilhas das especiarias. Em 1518 chegaram a Bengala sob o commando de João da Silveira. Pelo mesmo tempo el-rei D. Manuel deu ordem para procurarem o tumulo

40 Maldonado: Historia oriental de las peregrinaciones de Fernàn Mendes Pinto. Madrid, 1620. Ibid. 1627. Ibid. 1628. Valencia, 1645.
41 Martini: Histoire Universelle de la Chine. Traduite en françois d'Alvares Semedo, portugais. Lyon, 1667.
42 M. D. C.: Histoire de la conquête de la Floride, par les Espagnols, sous Ferdinand de Soto. Ecrite en portugais par un Gentil-homme de la ville d'Elvas. Paris, 1675.
43 Meneses: Los cinco libros de la tercera decada de Barros. Madrid, 1628.
44 Morelet: Journal du voyage de Vasco da Gama en 1497. Lyon, 1864.
45 Ogilvy: History of China by Magalhains. London, 1688.
46 Padilla: Verdadera historia y admirable successo del

de S. Thomé em Meliapor. Nenhum dos historiadores portuguezes faz menção dos antigos reinos ou provincias de Maraova, Kanjaur e Karnatic; mas fazem-n'a d'um grande numero de cidades, entre as quaes Tutucorin, Negapatão, Tranquebar, Pondichery, Palicate e Musilipatão, que ainda existem.

A costa de Coromandel era abastecida com arroz do Malabar. Muitas vezes nem um gotta d'agua chovia n'estas regiões, o que era causa

segundo cerco de Diu, compuesta por Geronimo Corte Real. Alcalá de Henares, 1597.

47 Pigafetta: Relatione delle reame di Congo, di Odoardo Lopes. Roma, 1591.

48 Ramusio: Viaggio di Giovan Leone e le navigatione di Alvisi da Cadamosto; di Pietro di Cintra; di un piloto portoghese e di Vasco di Gama. Venezia, 1837.

49 Rosso: Vita Joannis de Castro ab Hyacintho Freire de Andrada lusitano sermone descripta. Romae, 1727. Ibid. 1752.

50 Sandoval: Historia de la vida del P. Francisco Xavier y de lo que en India Oriental hizieron los demas religiosos de la Compañia de Jesus. Compuesta en lengua portuguesa por el P. Juan de Lucena. Sevilla, 1619.

d'uma fome tão horrorosa que até os paes vendiam seus filhos por dois ou tres pequenos dinheiros de prata, chamados *fanans*. Estes miseros eram depois transportados como escravos para os outros logares do Indostão. Na parte septentrional da costa de Coromandel estava o reino d'Orixa, hoje provincia do Indostão inglez: alli se encontravam varias cidades commerciaes florecentissimas, das quaes a maior parte ainda existem. Quando João da Silveira

51 Scheus: Relazione della grande monarchia della Cina, por Semedo. Roma, 1643.
52 Selves: Historia de las cosas de Etiopia, del estado y potencia del Preste Juan, segun que fue testigo Francisco Alvares. Amberes, 1557. Toledo, 1588.
Historia de la conquista de la India por los portugueses compuesta por Hernan Lopes de Castanheda. Anvers, 1554.
53 Smith: Narratives of the career of Hernando de Soto in the conquest of Florida as told by a Knight of Elvas. New-York, 1866.
54 Soltau: Geschichte der Eutdeckungen und Eroberungen der Portugiesen in Orient vom jahr 1415 bis 1539 nach Anleitung der Asia der João de Barros. Brunschweigh, 1821, — 5 vol.
55 I. Stanley: The tree voyages of Vasco da Gama, and

chegou ao porto de Chittagong ou Chatigam, na Bengala, foi recebido com grande frieza, e pouco chegou a conhecer d'este jardim da India. Chittagong tinha relações com todos os portuguezes da India. Ao tempo da chegada dos Portuguezes, remettiam d'alli para a Persia um grande numero de eunuchos, que se vendiam a cem e a duzentos ducados.

Fabricavam-se em Bengala tecidos d'algodão da maior finura: e d'alli se exportava tambem

his vice royalty, from the Lendas da India of Gaspar Correa. London, 1869.

II. A description of the coast of East Africa and Malabar, in the beginning of the XVI century, by Duarte Barbosa. London, 1866. «As noções que se encontram n'esta obra são tão importantes, como cheias d'interesse. A marcha da narração é inteiramente parallela á dos *Lusiadas* de fórma que se pode alli ver a base historica da obra de Camões.» (Vivien de Saint-Martin: Année Géographique de 1867, pag. 555).

56 Steelsio: Alvares Franc: Historia de las cosas de Ethiopia. Anvers, 1557. Saragoça, 1561. Toledo, 1588.

57 Stevens: I The History of Portugal from the first ages of the World to the late great revolutions un-

muito assucar, gengibre, e seda. Depois da chegada dos Portuguezes o commercio de Chittagong decresceu rapidamente por não poderem os Arabes remetter com segurança os productos de Bengala para Malaca e Cambaya.

Não tardaram em ser visitadas pelos conquistadores portuguezes as ilhas vizinhas da India. Francisco d'Almeida construiu um forte nas Ankedivas com o fim d'interceptar os navios mouros, que n'aquelle sitio se reuniam, desde

der king John in the year MDCXL. Written in Spanish by Emanuel de Faria y Sousa. London, 1698.
II. Portuguese Asia translated from Manoel de Faria y Sousa. London, 1695—3 vol.
58 Szembeck: Traduziu para polaco a obra do P. Antonio d'Andrade intitulada—Novo descobrimento do Grão Cathayo ou dos reinos de Thibet. Cracovia, 1628.
59 Temporal: Histoire de l'Ethiopie d'Alvarez. Paris, 1830.
60 Ternoux: Histoire de la Province de Santa Cruz par Pero de Magalhães Gandavo. Paris, 1837.
61 Thevenot: Histoire générale de l'Ethiope par le P. Balthasar Telles. Paris, 1675.
62 Torre: La Asia de Joan de Barros.

que os Portuguezes se tinham assenhoreado de Cochim e de Calecut, e a costa de Malabar era um formigueiro de corsarios christãos.

Em 1512 Simão d'Andrade foi arrojado ás Maldivas, que dentro em pouco se tornaram famosas pelos seus cocos. Eram estas já frequentadas, e os marinheiros iam á procura d'enxarcias que se fabricavam com as fibras dos cocos, e de buzios que serviam de dinheiro miudo em Bengala e Siam. Só os Portuguezes extrahiam

---

63 Trigant: De Christiana expeditione. Opus Benti de Goes. Romae, 1617.

64 Tylvius: Liber de rebus gestis Joannis II Lusitaniae regis. Hagae, 1712.

65 I. Ulloa: Asia del S. Giovanni di Barros. Venetia, 1562.
II. Historie dell'India Orientali distinta in libri VII composti dal Sig. Fernando Lopes di Castagneda. Venetia, 1578.

66 Wyche: Short relation of the river Nile translated out of a portuguese manuscript. London, 1669.

67 Wyche: The life of D. John de Castro by Jacintho Freire d'Andrada. London, 1664.

68 Abtruck ains lateinischen Sandbriefes an Babstliche, Heyligkeit von kunigliker Wurde zu Portugall von d'eroberte Stadt Malacha. Augsburg, 1513. (Carta

annualmente de dois a tres quintaes d'estas conchinhas, que levaram para Guiné, Congo e Benin.

Desde 1506 tinham visitado Ceylão. Almeida pretendeu expulsar d'aqui os Mouros, que levavam a canella para Aden e Ormuz, e que d'esta ilha se serviam como de logar de refresco para os seus navios carregados d'especiarias, vindos de Malaca, e das Moluccas, e encaminhando-se para os golphos da Persia e da Arabia.

---

do rei de Portugal a S. Santidade sobre a tomada de Malaca).

69 Alcaforado: Relation historique de la découverte de l'ile de Madère, traduit du portugais. Paris, 1671.
The first discovery of the Island of Madeira. London, 1675.

70 Almada: Gesta proxime per Portugalenses in India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris ab Emanuele Portugaliae rege ad Episcopum portuensem cardinalem missa. Noribergae, 1507.

71 I Historicale description de l'Ethiopie contenant vraie relation des terres et pays du grand empereur Prete Jean, l'assiette de ses royaumes et provinces, leurs coutumes, lois, religion, écrite en portugais par Francisco Alvares. Plus une lettre d'Andre Corsal

Ensinaram os Portuguezes aos insulares o uso das armas de fogo, bem como o fabrico das peças d'artilheria e d'outras armas. A fortaleza, que construiram em Columbo, residencia do rei dos Chingalezes, foi o seu primeiro estabelecimento n'esta ilha.

Dentro em pouco todos os reis vizinhos foram obrigados a pagar-lhes um tributo annual em canella, em anneis cravejados de perolas e rubins, e em elephantes.

Florentin écrite de Cochin aux Indes en 1515 touchant ses voyages. Anvers, 1558. Ibid. 1588.

II. Histoire générale du royaume d'Ethiopie. Paris, 1674.

III Geschiche von Ethiopien. Eisleben, 1566. Ibid. 1571

IV Kurtze und wahrhaftige Ec. Francfurt, 1562.

V Historia de las cosas de Ethiopia, en la qual se cuenta mui copiosamente el estado y potencia de emperador della (que es el que muchos han pensado ser el preste Juan) con otras infinitas particularidades, asi de la religion de aquelles gentes, como de sus ceremonias, segun que de todo elle fue testigo de vista Alvares capitan del rey de Portugal. Saragoça, 1566.

Á esperança de encontrar em Malaca ou nas ilhas vizinhas a patria das especiarias, attrahiu para alli a Lopes de Sequeira em 1509; mas só em 1511 fizeram um estabelecimento fixo, depois da tomada de Malaca por Albuquerque. Tinha esta cidade sido fundada, havia uns duzentos e cincoenta annos, em logar da de Singapura, nomeada já pelo seu commercio. Era capital d'um reino independente, que se tinha separado do de Siam: seu posto era o mercado

72 A. Mendez: Relation de l'Ethiopie touchant la conversion des âmes depuis 1619. Lille, 1643.

73 Andrade (P. Antonio).
I Grand Cathay ou royaumes de Thibet naguêres decouvert. Gand, 1627.
II Relation de la nouvelle du grand Cathay, ou bien du royaume de Thibet par—. Pont à Mousson, 1628.

74 I Barreto: Relazione delle missione e Christianitá in provincia Malabarica. Roma, 1645.
II Relations des missions du Malabar. Tournay, 1645.

75 Cardim: Relazione della Provincia del Giapone. Roma, 1643. Ibid. 1645.

76 Castanheda: D'Indiaensche Historic der Portugeezen onder de Regeeringe van vyf Portugeesche Koningen; of anders het vervolg der historie van Don

principal para as mercadorias e para as especiarias. Encontravam-se alli negociantes da Arabia e da Persia, e para aquelle sitio se encaminhavam do Malabar, de Bengala, de Sião, de Java, da China, das Moluccas e das Philippinas.

A conquista d'uma tal cidade tornou os Portuguezes senhores do commercio das especiarias, e lhes franqueou todo o archipelago indiano, bem como a peninsula alêm do Ganges. Acha-

---

Emanuel, Koning van Portugael, sedert het jaer 1521. Tot op het jaer 1610. Beschreven door Kastagnede en andere Historyschrijvers. Tot Rotterdam, 1670.

77 Coelii (Gaspar): Jüngste Zeitung sus der weitberuhunien Ec. (Ultimas noticias da ilha do Japão e relação do que os Jesuitas alli obraram para conversão dos pagãos em 1582, bem como do estabelecimento d'uma nova Christandade). Dillingen, 1586. Vertida para latim, na mesma cidade e anno.

78 Copia di una lettera del Re di Portugallo Emanuel mandata al re de Castella del viaggio e successo dall'India. Milano, 1505.

79 De rebus a hispanis, lusitanis, aragonicis, indicis et aethiopis Damaniani a Goes, Hyeronimi Pauli,

ram que o reino de Siam se compunha de outros nove, dos quaes Barros nos conservou os nomes. Sua capital chamava-se India, e seus portos mais frequentados pelos extrangeiros eram Tenessarim e Queda. O rei de Pegú, o mais poderoso dos seus vizinhos, já tomava o titulo de «senhor do elephante branco.» Martaban era o logar mais commercial do Pegú. Além das outras mercadorias das Indias, encontravam-se n'aquelle logar gomma-lacca, porcelana e aromas. Os ou-

---

Hyeronimi Blanci, Jacobi Tevii opera. Coloniae Agrippinae, 1602.

80 Epistola potentissimi ac invictissimi Emmanuelis regis Portugaliae et Algarbiorum ad Leonem X Pontif. Max. de victoriis habitis in India et Malacca. Argentorati, 1513. Romae, 1513. Viennae Austriae, 1513.

81 Etiopische Relation oder Berich was sich in dem Königreich so sonst Prester Johannes land genent wird, anno 1604, zugetranyen aus portugiesischen Exemplar verteutsch. Cöln, 1611.

82 Froes: Relation concernant l'accroissement de la foy Chrestienne aux Indes Orientales ès années 1596 et 1597. Lyon, 1602.

83 I Damiano di Goes: Avisi delle cose fatte da Porto-

tros reinos d'esta peninsula, como os de Birman, Araka, Ava, Camboja, Ciampa, e Cochinchina, até então ignorados dos Europeus, foram sahindo da obscuridade á medida que os Portuguezes iam progredindo nas suas incursões victoriosas.

Penetraram estes infatigaveis conquistadores na China em 1516. Fernão Peres, tendo sahido de Malaca, aportou a Cantão, ou, mais exactamente, á ilha de Fernão, afastada umas tres

ghese nell'India scritti in lingua latina de—, e tradotti in toscano. Venezia, 1593.

II Glaubhaftige Zeitung und Bericht. (Noticias criveis e relação da guerra entre o rei de Portugal e o rei dos Turcos na India aquêm do Ganges, que acaba de ter logar, e redigida em latim). Augsburg, 1540.

84 Antonio Galvam: Discoveries (the) of the Word from their first original unto the year of our Lord 1555 by —, governor of Ternate. Corrected, quoted and published in english by Richard Hakluyt, 1601. Now reprinted with the original portuguese text and edited by Vice Admiral Bethune. London, 1862.

85 Pero de Magalhães Gondavo: Histoire de la province de Sancta Cruz que nous nommons ordinairement le Bresil. Paris, 1837.

milhas d'esta cidade. Já os Chinezes tinham concebido tantas desconfianças dos extrangeiros, que já lhes não permittiam a entrada no seu paiz por terra, e os obrigavam a depôr suas mercadorias na ilha de Fernão antes de as poderem levar a Cantão, e não quizeram conceder aos Portuguezes a liberdade d'andarem pela cidade.

Ficaram os Portuguezes surprehendidos com a extensão immensa da China. No dizer d'estes

86 Govea: Histoire orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique en la reduction des anciens chrestiens dits de S.t Thomas avec la messe des anciens chrestiens en l'evêché d'Angamale aux Indes Occidentales. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609.

87 Rélation des grandes guerres et victoires obtenues par le roi perse Cha Abbas contre les empereurs de Turquie Mahomet et Achmet, ensuite du voyage de quelques religieux envoyés en Perse par le Roy de Portugal. Traduction du portugais. Rouen, 1646.

87 Le grand Cathay ou royaume de Tibet naguères descouvert. Gand, 1612.

88 Relation historique d'Abissinie, traduite du portugais. Paris, 1728.

89 Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum

prolongava-se 31 graus para o norte. As cartas geographicas feitas n'este imperio, e que chegaram então a Portugal, deram conhecimento da grande muralha, que separa a China da Tartaria. Á sua chegada este imperio compunha-se de differentes reinos, aos quaes Barros dá os nomes seguintes: Cantão, Fequiem, Chequeam, Nanquim, e Quincii, que jaziam ao longo da costa; mais longe, os de Quinchen, Junna, Quancii, Saluam, Fuquam, Cansii, Xiansii, Ho-

nascentium apud Indos historia. Auctore Garcia ab Horto. Antuerpiae, 1567. Ibid. 1574. Ibid. 1582. Lugduni, 1584. Ibid. 1593. Ibid. 1642.

Due libri dell'istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell'Indie Orientali, pertenenti al uso de la medicina. Venezia, 1582.

Histoire des drogues, espisceries et de certains medicamens simples qui naissent es Indes et en Amerique. Lyon, 1619.

90 Historia de la India de João de Barros, Castanheda, Damião de Goes, etc. Valladolid, 1603.

91 Historia del descobrimiento y conquista della India por los portugueses, compuesta por Hernan Lopes de Castañeda en language portuguesa e traduzida nuevamente en romance castellano. Anvers, 1554.

nan, e Sancii. Alguns d'estes nomes quasi que nem ares dão das provincias actuaes.

A China contava duzentas e quarenta e quatro cidades de primeira ordem. Havia seculos que a imprensa trabalhava na China, e apenas então acabava de nascer na Europa.

Um embaixador chegou até Pekin, mas não foi admittido á audiencia do imperador. As pessoas importantes de Cantão mandaram dizer para a côrte que os Portuguezes eram espiões,

---

92 Irving: The conquest of Florida under Hernando Soto a portuguese. London, 1850.

93 Legge del serenissimo e molto potente Re di Portugallo overo la Tratta del Pepe Drogherie e Mercantie dell'Indie del suo grande Regno. Fiorenza, 1571.

94 Lerius: Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur nunc latinitate donata et variis figuris illustrata. Genova, 1594.

95 Lettre du Roy de Portugal à notre saint pere le pape de la conversion de quatre royaumes Indiens à la saincte foi chrestienne et du recouvrement du royaume d'Abexin. Paris. 1546.

96 Libro del infante D. Pedro de Portugal que anduvo las quatro partidas del mundo. Çaragoça, 1570. Barcelona, 1595.

que vinham para examinar o paiz. Faltavam ellas á verdade? A conquista de Malaca devia fazer com que os mandarins receassem uma affronta egual para a China.

O embaixador, obrigado a voltar para o Cantão, alli morreu n'um carcere, bem como as pessoas da sua comitiva. O odio dos Chinezes aos Portuguezes estava ainda tão acirrado em 1542, que sóbre as portas de Cantão se liam estas palavras escriptas em lettras douradas: — «Não

97 Relation de l'empire des Abyssins et des sources du Nil avec de remarques. Composé en portugais par le P. Jeronyme Lobo. Paris, 1674.

98 Father Lobo: Voyage to Abyssinia. London, 1809.

99 Lopes: Beschryving van het coningrycke Congo. Amsterdam, 1658.

100 Lopes Eduardo: Relatione del reame di Congo et delle circonvicini contrade. Roma, 1591...

101 Magaillans: Nouvelle description de la Chine contenant la description des particularités les plus considerables de ce grand empire. Paris, 1688.

102 Gabriel de Mattos: Lettre annuelle du Japon. Douay, 1606.

103 Madnelles: Rélation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. d'Almeida, marquis de Castel-Nuovo et capitaine general des Indes. Paris, 1749.

se deixam entrar aqui nem se consentem os homens que usam de barba comprida e teem olhos grandes.»

Desde 1511 que os navegantes portuguezes percorreram todo o archipelago oriental das Indias.

Depois da sua primeira viagem, Sumatra foi examinada com mais exactidão do que se tinha feito até áquelle tempo. Barros apresenta os nomes de vinte e nove reinos malayos que

104 D. Affonso Mendes: Litterae aethiopicae scriptae ab ipsomet Patriarcha Aethiopiae. Mechliniae, 1628. Lille, 1633.

105 Van Abyssen of't Land van Prest Jan. Leyden, 1707.

106 Histoire de Portugal contenant les entreprises, navigations et gestes memorables des Portugallois sous Emanuel premier traduite du latin. 1581, em logar d'impressão.

107 I Pimenta: Sendschreiben von dem glückselingen Fortgang der Christenheit in den orientalischen Indien. Constanz, 1602.

II Lettres ecrites de Goa en 1599. Venezia, 1601. Ibid. 1602.

III De felici statu et progressu rei Christianae in India Orientali epistola ad Claudiun Aquavivam. Constantiae, 1603.

n'aquella ilha existiam, não contando os que, situados nas serras do sertão, nenhumas relações tinham com os Portuguezes. Exportavam d'esta ilha as mesmas mercadorias que ainda hoje a fazem importante para o commercio: — estanho, pimenta, pau sandalo, e camphora. Esta ultima droga era alli muito melhor do que na China.

Chegaram em 1513 a Bornéo. Mas esta ilha tão espaçosa ficou menos conhecida do que as outras; e tudo quanto se poude dizer então foi

108 Pimentel: Pilot of Brazil, or a description of the coast of Brazil. London, 1809.

109 Fernão Mendes Pinto: Merkwürdige reizen von—. Amsterdam, por Henrique e Dietrich, 1671. Ibid. 1650, 3 vol. Ibid. 1653.

Voyages et aventures. Paris, 1663. London, 1663. Madrid, 1664. L'heureux voyageur, etc. Amsterdam, 1700. Em resumo, na obra «Les vicissitudes de la fortune».

110 Heitor Pinto: Imagen de la vida christiana. Medina del Campo, 1579. Alcalá de Henares, 1580.

111 Jerome Lobo: Relation historique d'Abyssinie. Paris, 1728.

112 Ribeiro: History of Ceylon. Ceylon, 1847.

que produzia tambem camphora. Só em 1530 recebeu dos Portuguezes o nome de «Bornéo.» Magalhães tinha-lhe dado o nome de «Bunné.»

Desde 1513 frequentaram muito Java. No emtanto Barros diz que não foi visitada a costa meridional, cujos habitantes quasi que não tinham relações com os do norte. Produzia esta ilha arroz com abundancia, pimenta e outros generos. A cidade de Japara era a residencia d'um principe poderoso; mas o reino de Jocatia era o mais consideravel da ilha.

---

113 Albuquerque: Desc Machteghe em grot stat Aden, etc. Anvers, 1513.

114 Summario delle cose successe à don Giovan de Castro, governor delle state della India. Roma, 1549.

115 Croze: Courte Relation de l'ambassade du patriarche D. Jean Bermudes. Vem na obra de Croze, intitulada—Histoire du Christianisme d'Ethiopie et d'Armenie.

116 Fr. Estevão da Cruz: Discurso sobre a vida do apostolo S. Pedro, em lingua brahmane-maratha. Goa, 1634.

117 Lettres du Japon. Paris, 1578.

118 Histoire du bienheureux Jean de Brito. Paris, 1583.

E basta: não é possivel ser mais extenso.

O numero immenso das ilhas situadas ao sudoeste da Asia tinha maravilhado o Tito Livio dos Portuguezes; viu elle já n'ellas uma *quinta parte do mundo*, aquella a que havemos dado o nome de «Oceania». Couto, seu continuador, abrange todas as ilhas além de Java e de Bornéo em cinco grupos differentes.

Ao primeiro grupo pertencem as Moluccas ou Ternate, Motir, Fidor, Makian e Batchian, descobertas primeiramente pelos Portuguezes, a

---

Carta do Papa ao Rei de Portugal pedindo-lhe tome parte na guerra contra os Turcos (1)

Havendo Francisco, rei da França, tractado comnosco diligentemente por meio de cartas para que annuissemos que viesse á nossa presença; e, como houvessemos considerado no animo benevolo d'elle muitas cousas justas para comnosco e para com toda a republica, as quaes faziam com que tivessemos esperanças de que, se elle se houvesse approximado de nós, a nossa entrevista com certeza havia de produzir alguma cousa de bom para utilidade commum, de bom grado lhe permitti que viesse á minha presença em Bolonha.

(1) Bembi Petri: Epistolarum Leonis Decimi Pont. Max. nomine scriptarum libri XVI. Lugduni, apud haeredes Simonis Vicentii. Pag. 262. É edição do seculo XVI.

quem os Arabes as tiraram, e das quaes os Portuguezes, commandados por Antonio d'Abreu, se apossaram em 1511. Dava-se o nome de Moluccas, ou *ilhas das especiarias*, a um maior numero d'ilhas.

O segundo archipelago abrangia Giiolo, Mortay, e algumas outras ilhas habitadas por selvagens, bem como a de Celebes ou Macassar, a qual Garcia Henriques quiz examinar em 1525, por ser famosa pelas suas minas d'oiro,

---

Havendo elle portanto chegado a Bolonha no dia terceiro dos idos de Dezembro, de tal modo patenteou verdadeiramente todos os dotes proprios d'um rei bom e pio, e respeitador da republica e de nós, que nenhuma cousa ficou desejada nem por mim nem por alguns de meus irmãos cardeaes, os quaes estavam quasi todos commigo. Porêm nas entrevistas e conferencias mais intimas comnosco, tendo eu mais diligentemente perscutado o animo e tenções d'elle, reconheci que todos seus projectos e tenções eram admiravelmente assentadas e dirigidas para a defesa, protecção e amplificação da Republica Christan.

Ao mesmo, porêm, ainda conheci bom, e, segundo a epocha o permitte, tambem prudente, e dotado de magnanimo e varonil espirito: e o conheci outrosim facil em sobreestar em todos seus cuidados, desejos, esperanças e tentativas, com tanto que se emprehendesse aquella

mas os habitantes oppuzeram-se a que elle desembarcasse; todavia os Portuguezes não tardaram em construir n'aquelle sitio um baluarte, e alli fundaram alguns estabelecimentos.

O terceiro grupo continha a grande ilha de Mindanao, e a de Soloo, e algumas das Philippinas meridionaes (entre outras, Mascate). Barros não conhecia tão bem as que jaziam ao norte, talvez por pertencerem aos Hespanhoes. Comtudo faz menção da de Luçon, referindo-se

guerra tão pia, tão justa, e, na realidade, tão necessaria contra os Turcos, não por palavras e cartas, como por muitas vezes antes, mas com obras e com acções, com unanime consenso e conspiração.

As quaes cousas como eu visse, e como estivesse senhor de seu coração, o qual quasi se apalpa com a mão, pois na realidade é bom, isto é, d'um genio franco, liberal, dobrando em primeiro logar os joelhos no chão dei muitas graças a Deus Optimo, Maximo, o qual deu um tal filho a mim, seu vigario no mundo, ao qual eu contemplava como enviado do Céo a um tão grande rei com tanta virtude, no começo de tão grandes cousas, em que tinha de se empenhar, n'uma tal edade, com tantas riquezas, tão prompto a tomar parte n'uma tal expedição, tão intimo e tão unido comnosco.

Em seguida quiz remetter-te estas lettras, não só para

ao anno de 1511. Entre os povos remotos, que vinham commerciar a Malaca, nomeia os Chinezes, os habitantes das ilhas Lieu-Khieu, e os de Luçon. É, portanto, este nome mais antigo do que se crê geralmente.

O quarto archipelago era formado pelas ilhas de Banda, Amboino, e varias outras mui pequenas na sua vizinhança, como Ay, Banda, Neira e Rom. As duas maiores foram descobertas em 1511 por Antonio d'Abreu.

---

todas as cousas te patentear, as quaes não duvidei que te hajam de ser agradabilissimas á vista da tua religião, piedade, muitas despezas, singular perseverança, incrivel trabalho, e pelas viagens e guerras novas, desusadas, não se tendo ouvido que houvessem outras sido emprehendidas antes: mas tambem para te rogar e supplicar com o maximo empenho, visto estares vendo quasi montado em nossos pescoços ao aguerrido e bellicosissimo rei dos Turcos, que te prepares para uma tal guerra, de modo que, postos de parte quaesquer outros projectos, em nada mais pense senão n'isto de que te falei, o que na verdade mais que nenhuma outra cousa deve ser pensado, emprehendido e posto em execução. Deposito, por conseguinte, esperanças n'aquelle mesmo, cuja causa defendemos, de que, se á nossa e identica vontade do rei de França associares tambem com animo prazenteiro e

Os Portuguezes pouco frequentaram o quinto archipelago, porque os habitantes, pobres e ferozes, evitavam qualquer commercio com os extrangeiros. Eram tão negros como os Cafres da Africa, não conhecendo nenhum metal, e servindo-se de dentes aguçados de peixes para furarem a madeira: a si mesmos davam o nome de *Papus* ou *Papuas* (isto é—«negros»). Havia entre elles alguns individuos de côr branca, que não podiam supportar a claridade do dia. Estas

---

grande a tua vontade, tua prudencia, auctoridade e forças, ha de acontecer que, aquillo que todos os outros reis por muitos seculos difficilmente ousariam desejar, nós isso consigamos dentro em pouco com facilidade, e sobretudo com grande gloria para ti e para a Republica Christan. Pois nenhum dos outros reis e principes christãos haverá, comtanto que seja verdadeiramente christão, que, ao ver-nos unidos e animados não se prepare para, quanto em suas forças couber, ser benemerito do nome «Christão» n'uma causa e empresa communs. Eis porque acerca de todas estas cousas falamos com teu embaixador.

Prepara-te, pois, sob o auspicio e nome de Deus, para emprehenderes uma facção e feito tão preclaro: e põe ao serviço de Deus, que tão grandes reinos te deu, as forças d'esses mesmos reinos, com o fim de que pos-

particularidades só podem convir á Nova Guiné, e ás ilhas vizinhas, ainda hoje habitadas por povos inteiramente similhantes. Foi tambem isto que fez com que nos mappas se désse á costa do nordeste da Nova Guiné o nome de «terra dos Papuas.»

Apezar de terem sido estes paizes o termo das descobertas dos Portuguezes para léste, suspeitaram elles que ainda havia outras ilhas

---

samos rehaver aquelles logares e terras perdidos tão vergonhosamente pelos nossos antepassados, logares e terras verdadeiramente santos, nos quaes elle mesmo quiz nascer e viver entre os mortaes, e finalmente, pela nossa salvação, padecer a morte. De modo que tu, que te mostrate grato a elle, ampliando tanto os limites nos ultimos confins e terras desconhecidas por aqui e por alli, por tua virtude, sem recorrer a alliados nem a coadjutores alguns, tu mesmo no meio da Europa, grato recuperando conjunctamente comnosco a Asia, possas á tua propria e antiga gloria associar tambem o cumulo da commum gloria, sejas entre todos egualmente o mais grato e o mais accumulado de verdadeira e solida gloria. Escripta a 19 das Kalendas de Janeiro de 1515. Anno terceiro. Em Bolonha.

Uma das mais notaveis glorias dos Portuguezes é a con-

mais alêm, e suppuzeram que deveriam jazer ao longo d'uma grande terra meridional que se extendia até ao estreito de Magalhães.

Seria aqui o logar de demonstrarmos que os Portuguezes visitaram com certeza as costas da Australia ou Nova Hollanda, antes do anno de 1540, mas que as consideravam como uma parte do grande continente austral, cuja existencia se admittia em conformidade com Ptolomeu.

---

servação (a despeito de tantas catastrophes e infortunios que temos padecido durante perto de quatro seculos) do nosso idioma, mais ou menos corrompido, nas regiões orientaes! Goa, em quanto a movimento litterario, é a quarta cidade (a primeira é Lisboa; a segunda, Porto; e a terceira, Coimbra) dos dominios portuguezes. É mui numerosa a publicação de livros n'esta cidade. Pondo de parte porêm este movimento litterario que qualquer pode examinar nos jornaes daquella cidade, que em Portugal não são raros, falarei primeiramente dos livros em portuguez corrupto ou asiatico, e depois das muitas palavras portuguezas que ficaram em uso nos diversos paizes asiaticos. O assumpto dava para um livro de vastas dimensões, mas serei breve, pois já não possuimos aquellas cinco mil leguas de costa pelas quaes se extendeu o dominio portuguez, segundo diz Grognard na sua *Couronne de Portugal* impressa em Turim no anno de 1682.

Apezar dos obstaculos, que estorvavam os Portuguezes na visita da China, percorreram elles o mar que banha as costas d'ella. Peres foi o primeiro que aportou ao Cantão, descobriu em 1518 as ilhas de Lieu-Khieu, abundantes d'ouro, e cujos habitantes navegavam até Malaca.

Em 1542, Antonio da Motta, que procurava, apezar das prohibições, penetrar na China, foi arrojado pela tempestade ás costas do Japão,

PORTUGUEZ DE COCHIM

Dialogo

Hoje tem hum bautizada, criança de Acha Nicolo. Vossê tem convidado?

Por mim ja convidá.

Vossê lo vai?

Vamos olha, talvez eu lo vai.

Vi, Sinhor, nos tudo podi vai, e junto podi sai.

Quem he padrinho de criança e madrinho?

Acha Man com mulher.

Quiora he bautizado?

Achi Padri meste vi de cidade: lo fica sinco ora.

Assim acabou bautizado.

Folga muito, sinhor padrinho e madrinho, folga muito.

ao qual seus habitantes davam o nome de *Nipongi.* Eram mais brancos do que os Chins, e tinham, assim como elles, olhos pequenos e mui pouca barba. Receberam aos extrangeiros com maneiras amigaveis, e pagaram-lhes suas mercadorias com dinheiro. Esta descoberta foi dentro em pouco proseguida com ardor, principalmente pelos Jesuitas, que, apresentando-se a acompanharem para aquelle imperio os mercadores, n'elle estabeleceram missões, propaga-

---

Acha Nicolo e outro mas familia.

Faze mecê passa dentro: vamos nos toma hum copi de cha?

Sem Sinhor, neste chuiva bem bom.

Faze mecê tamá bibinca, tama papada.

Este he bunito bom.

Cant'oro já tem agora.

Eu te lembre qui jatem oit'ore passado.

Acha Nicolo, da liberdade por nos: ja he tardi.

Espero Sinhor, niquas fica pressada.

Antes neste escura por nos. Dá liberdade nesta hora, ja tardi por nos de cantar hum cantigo.

Sem, Sinhor, em tudo prazer.

Então antes de principiar, vambos nós mulhá garganto.

Com tudo prazer.

Acha Peni, faze favor principiar.

ram por toda a parte a religião christan, publicaram varias descripções do paiz, e mandaram imprimir a historia de suas aventuras.

Taes foram os resultados do projecto formado pelo principe Henrique: pois era o espirito d'este grande homem que, animando os Gamas e os Albuquerques, os havia conduzido das extremidades occidentaes da Europa até aos logares, onde o immenso Oceano oriental parece ter n'um milhar d'ilhas retalhado a vasta mole

---

CANTIGA

Com sangui de proprio veas,
Bella noite escreveu,
Com poucas lettras, jamais que diga
Eu hei de amar até morré.
Eu ha de amar a ti,
Tu ha de amar a mi,
Eu ha de amar até morre.

*

PORTUGUEZ DE DIU

1.º

Papagai verd
Com bico du lacre

da Africa. Nada tinha podido detêl-os, — nem a extensão das costas aridas e selvaticas, que havia sido mistér percorrer, nem o exemplo horroroso de mais d'uma frota naufragada. Tinham passado alêm d'esse formidavel promontorio, onde a musa de Camões viu o genio do Oceano, do alto d'um throno de nuvens encolerizado, agitar seu sceptro chammejante, que levantava as ondas, e desencadeava as tempestades. Tinham dispersado esses numerosos exercitos

---

Levai este cart
Aquell ingrata.

CÔRO

Oh! baby cur-cu-ry
Pentiá cabel pela manh ced.

2.º

Amarai chendó grand
Com ping du azeite.
Se não tem azeite,
Bastá sangue do meu peite.

3.º

Noibo com noibinh,
Galinh com pentinh,

d'Arabes bellicosos, defendendo contra um punhado de extrangeiros, sua fé, seus thesouros, e suas vidas, debaixo da direcção de principes illustres e valentes capitães. Tudo havia cedido á coragem d'um pequeno povo europeu. Todas as costas asiaticas e africanas enviavam seus tributos a Lisboa. Mas a temeridade do rei Sebastião cançou porfim a fortuna, e a potencia portugueza encontrou seu tumulo nas planicies cruentas d'Alcacer-Quibir. Definhando sob o

---

Baix de janell
Ja trucá annel.

4.º

Debaix du ramad
Ja nasceu luvar,
Lá vê su noibo
De chapé armad.

5.º

Cumem arec betle,
Não cuspi nu chão,
Cuspi nu me peit,
Regai mé coração

jugo hespanhol, viu Portugal seu magnificio imperio asiatico e africano perecer e reduzir-se successivamente a algumas feitorias. A sêde de oiro, que tinha inspirado aos chefes das colonias portuguezas um procedimento tyrannico; a revolta das nações orientaes; as aggressões dos Hollandezes; e as discordias intestinaes; tudo concorreu para tornar inuteis os prodigios de valor, com os quaes o grande Castro e alguns outros procuraram defender as conquis tas da Asia.»

6.º

Raminh, raminh,
Pegá na mão,
Se querê amor,
Largá nu chão.

Côro

Oh! vê manhã,
Oh! vê manhã;
Rê manhã,
Com vidrinh
Mandá panhá.

IV

Tal é o bello quadro que das descobertas portuguezas faz o celebre Malte-Brun, em cuja Geographia é mui digna da attenção dos nossos a leitura do volume primeiro na parte que attribue a Portugal a descoberta da Oceania.

Mas o dinamarquez Malte-Brun não se en-

Vouruvalh du manhã,
Oh! Boiá! Oh! Boiá!
Oh! Boiá, que é de leit!
Não va leit,
Não va leit.

Vacc fugi oiteir.
Dol, bábá, dol,
Bábá querê col.
Ninim, bábá, ninim,
Bábá, piquinim.

Amblá — indó
Amblá — indó,
Bábá porque chor?
Mamã, papá, querê bábá,
A mã butá fór.

contra isolado quando se trata de taes assumptos; e innumeras são as descripções que de nossas glorias fazem centenares d'escriptores extrangeiros, entre os quaes se contam notabilidades de primeira ordem.

Nossos maiores não podiam tambem deixar de encarar assumptos taes. E na realidade cumpriram seu dever. Nossa litteratura é riquissima em livros tanto em prosa como em verso, tanto em portuguez e hespanhol como em latim, que,

---

PORTUGUEZ DE CEYLÃO

PARABOLA DO FILHO PRODIGO.

Per hum certo homem tinha dous filhos.

E o mais moço delles ja falla per o pai, Pai, dá par mim o quinhão, a fazenda que par mi te compete. E elle ja reparti per otros seus bens.

E não muitos dias despois o filho mais moço ajuntando tudo ja parti per huma terra longe, e ali ja desperdiçó sua fazendo vivendo dissolutamente......

Já dissémos que são mui numerosas as publicações estampadas em Goa.

Mas em muitas outras povoações se imprimem trabalhos em lingua portugueza. Por exemplo:

1 Mensageiro Bombaquense. Bombaim, 1831.

verdadeiras glorias litterarias, tratam mui por miudo dos gloriosos feitos de nossos paes em suas conquistas e navegações.

E que o leitor nos permitta à transcripção de dois suberbos quadros feitos por dois escriptores portuguezes, quadros que podemos pôr a par do que fez o dinamarquez Malte-Brun.

Seja o primeiro o do celebre Jacintho Freire d'Andrade:

«Elles navegam d'aquella parte de Africa,

---

2 Investigador Portuguez. Bombaim, 1855.

3 Compendio elementar de Geographia. traduzido do inglez por J. F. Ed. Gouvea. Bombaim, 1866.

4 Prelecção recitada no Gremio Lusitano por Adriano Heitor de Britto. Bombaim, 1874.

5 Gouvea: Leitura para as Escolas. Bombaim, 1872. 81 pag.

6 Sebastião Antonio de Carvalho: Uma communicação sobre o estudo da Historia Natural. Bombaim.

7 Manual do Cidadão portuguez. Bombaim. 1838. 159 pag.

8 Anglo-Portuguez. Periodico. Bombaim. 1861.

9 Filosofia: Logica, Metaphysica, etc.. por Edme Ponelle. Traduzido por João Candido de Deus e Silva. Bombaim. Typ. portug. do Progresso. Compendio N.º 2. 1838. 8.º de 151 pag.

que corre do Cabo de Boa Esperança ate ás portas do estreito do Mar Roxo, dominando por aquella parte Moçambique, Sofala, Quiloa e Mombaça,—e discorrendo o cabo de Guardafú, olhando para as gargantas do Mar Roxo, Adem, Xael, Herit, Caxem. Temem suas armadas as cidades de Dofar, e Norbete no cabo de Fartaque, e logo Curia, Muria, Rozalgate. Aqui fica a cidade de Ormuz; alli a ilha de Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão

---

10 Gazetta de Goa. 1821.
11 Impulso ás Lettras. Periodico Litterario. Hongkong.
12 O mez de Junho consagrado á devoção do SS. Coração de Jesus. Hongkong. 29 pag.
13 Novena especial em honra da Immaculada Conceição de Maria. Hongkong, 1857. 25 pag.
14 Novena de S. Francisco Xávier. Shangae. Typ. de Carvalho. 18 pag.
15 O Aquilão. Jornal. 1867. Shangae.
16 Admoestação aos Christãos da Egreja Romana. Calcutta, 1785. 25 pag.
17 Arte de conciliar os affectos das mulheres a seus maridos. Trad. de Vicente José Ferreira. Calcuttá, 1797. 8.º de IV-87 pag.

Ja em 1835 em Damão se publicava um periodico intitulado—«O Portuguez em Damão».

dão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoreiam Goa, assento de seus governadores, e logo o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor e Manganor: e logo aquella parte principal do Malabar, que aquentam suas frotas, onde está o reino de Cananor, e n'elle Catecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com não menos suberba assombram o imperio de Calecut com seus portos de Pandarane, Coulate, Charé, Capocate, Parangale, Tanor, Pa-

O numero, porêm, das obras dadas á estampa em Goa é mui avultado. E por isso mencionaremos tão sómente algumas:

I Querobino Francisco da Gloria Furtado: O Moço Instruido. Typ. da India Portugueza. 1866. 8.º grande de 384 pag.

II Leis de Manu, vertidas do francez por José de Vasconcellos Guedes de Carvalho. Imprensa Nacional. 1859. 108 pag.

III D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa: Collecção das pastoraes e provisões. Imprensa Nacional. 1871. 8.º grande de x-145 pag.

IV Nova organização dos serviços da India Portugueza. Impresso nas typ. do Ultramar (em Margão) e da India Portugueza (em Orlim). 1883. 16 e mais 23 pag

nane, Balcançor e Chatua. Nos reinos de Cananor e de Cochim quasi dominam com absoluto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, e Dolorá, Birsujão, Travancor. Alcança o respeito de suas armas até o famoso cabo Comorim, defronte do qual está a illustre ilha de Ceylão, onde carregam as naus de differentes drogas. Não perdoam á enseada de Bengala ou seio do Ganges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, Chercapale, Tutucuri, Cale-

---

V Cathecismo Historico da Religião Christãa. Imprensa Nacional. 8.º pequeno de 71 pag.

VI João de Mello de Sampaio: Dominico Cimarosa. Trad. do francez. Imprensa Nacional. 1867.

Em Moçambique tambem existe typographia, e temos presente o Almanach Popular para 1869, com 109 pag.

Em New-York tambem fazem lindissimas edições d'obras escriptas em portuguez. Uma Historia Biblica, e a Cartilha com estampas, publicadas pela Sociedade de Tratados Americana, são verdadeiros primores.

Muitissimas outras obras ha estampadas em New-York. Citaremos:

I Do futuro dos povos Catholicos. Trad. pelo dr. Miguel Vieira Ferreira. 1876.

II Breve Cathecismo da Doutrina Christãa. 1867.

Cumpre, porêm, voltar ao ponto principal, ao qual nos

caré, Beadala, Canhamorra. Correm Negapatão, Nahor, Triminipatão, Tragumbar, Colorão, Calapate, Sadrapatão. Amedrontam com a multidão e grandeza de seus baixeis Biznagá, e a costa brava de Orixa, e toda aquella distancia que ha de Segopora até Oristão e as boccas do Ganges. Atravessam o cabo de Negraes, Arracão, e Pegú, com tantas e tão maravilhosas ilhas. Passam por Vagatu e Martavão, Tagala e Favaz, Tanaçari, Sungur, Tairão, Quedá,

---

propuzémos, que é — o estado da lingua portugueza nas regiões orientaes.

N'algumas partes acha-se o nosso idioma tão adulterado, que já nem sequer está submettido ás regras da grammatica, o que se vê na obra seguinte:

Cantigas por adoração publico em lingua portuguesa de Ceylon. Terceira vez imprimido. Columbo : impressado na Officina Wesleyana, 1823.

1.º

O pera hum mil linguas
Louvores per canta
De meu grande Rey, Deos
E sua gloria.

Solungor, navegando até sua Malaca, cabeça de todo aquelle archipelago. E logo, dobrando o cabo de Sincapura, ancoram nos portos dos reinos de Siam, Camboja, Champá e Cochinchina. E, passando aos reinos da China, se atreveram a olhar aquelle tão recatado imperio, que nunca soffreu a communicação de gentes extrangeiras: alli fundaram a celebre cidade de Macau, por onde persuadem aos Chinas os mysterios de sua crença, fazendo juntamente do commercio á re-

---

2.º

Jesus, Senhor mi ajuda
Em todo o mundo,
Per o declara teu amor,
E nome glorioso.

3.º

Jesus, nome dulcissimo,
Tristeza que tira
Per peccadors precioso
Tem paz, amor, vida.

4.º

As cadias de peccado
Que todos te mara

ligião escada. D'aqui se divertem para as innumeraveis ilhas do Japão, visitando Tava, Timor, Bornéo, Malucco, Lequios; de sorte que as vélas portuguezas com incansavel navegação rodeiam a mór parte do mundo em distancia de mais de nove mil leguas: que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna!...»

Não é menos bella, nem menos patriotica, a outra descripção que de nossas navegações faz

---

Com Jesus vos tem quebrado
Nos todos per livra.

5.º

Com a palavra de Jesus,
Os mortos te irgue
E coraçóes dos cançados
Com fé tem bem livre.

6.º

Ouvi: Ó Vos quem tem surdo,
Ó vos spiritual!
Louvai, Ó vos quem tem mudo
Com voz celestial.

o P. Manuel Godinho na sua *Viagem da India por terra para Portugal no anno de 1663*.

«O Estado ou Imperio Lusitano-Indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo com seus extendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas rique-

---

7.º

Olhaj a Elle vos naçãos,
Olhai o Salvador!
Com confiando coração
Buscai seu favor.

8.º

Olhai o santo Cordeiro,
Matado por todos;
Todos os peccados do mundo
Trazido per a cruz...

Ha muitas obras escriptas n'esta linguagem. Por exemplo:

zas, no presente está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se pode duvidar se foi aquelle Estado mais pequeno no principio do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi e agora é o Estado da India, deve considerál-o nas quatro edades do homem, pueril, juvenil, varonil, e de velhice.

«Todas estas quatro edades acharemos com a mesma propriedade no Estado da India, ao qual,

---

I A forma da oração publica, e administração dos Sacramentos conforme ao uso da Igreja d'Inglaterra. Traduzido por o missão em linguagem portuguez de Ceylon. Impressado na Officina Wesleyano. 1824.

II O Psalterio ou Psalmos de David. Como apontado a ler nas Igrejas. Traduzido em lingua portuguez de Ceylon, e publicado por a Sociedade Biblica de Colombo.

PORTUGUEZ DE CEYLÃO	PORTUGUEZ DO P. FERREIRA D'ALMEIDA
I	I
Bemdito tem [1] aquel homé quem nunca marcha no	Bemaventurado o varão que não anda no conselho

[1] N'esta linguagem ao verbo «Ter» dão a significação de «Ser».

se não dermos tantos annos, daremos similhantes feitos e progressos.

«Foi sua primeira edade no feliz reinado d'elrei D. Manuel, porque no segundo anno de seu governo nasceu pára nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama. Desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei, se contam vinte e quatro annos que teve de menino o Estado da India. Ao primeiro abrir d'olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo

conselho dos malvados, nem nunca impe no caminho dos peccadores nem nunca santa na cadeira dos zombadores.	dos impios, nem está no caminho dos peccadores, nem se assenta no assento dos zombadores.
2	2
Mas sua alegria tem na lei de Jehovah, e em sua lei elle te medita dia e noite.	Antes tem seu prazer na Ley de Jehovah, e em sua Ley medita de dia e de noite.
3	3
E elle lo 'ser assi como hum albri, que tem plantado perto os rios das aguas: que dá seu fruito em direito	Porque será como a arvore, prantada junto a ribeiro de agoas, que dá seu fruito a seu tempo, e suas folhas

até o Ganges, toda a de Ethiopia, Arabia, Persia com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios. Sómente brincar não soube, porque em todas as guerras que n'aquelles principios teve, não pelejavam os Portuguezes a brincar. Seus jogos eram tirar reis e pôr reis, depondo os inconfidentes e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a falar e a mandar. As palavras, que

tempo, e tambem sua fo- lha nada murcha, e que seja elle te faze, lo pera. | não cahem: e tudo quanto fizer, prosperará.

4 [illegible] | 4 Assi não são os impios: mas como a palha que o vento espalha.

5 [illegible] | 5 Pelo que os impios subsistirão nem os peccadores no ajuntamento dos justos.

dizia, eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas naus, porque a fortuna tinha trocado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés, era sua. Com estar n'aquelle tempo o Estado na primeira puericia, não deu uma só quéda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios, que matou : seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou

6	6
Porque JEHOVAH te conheće o caminho dos justos: e o caminho dos malvados lo perece.	Porque JEHOVAH conhece o caminho dos justos: porêm o caminho dos impios perecerá.

E ha um grande numero, de taes Biblias, e de partes da Biblia.

Por exemplo:

Evangelho, fórma de Santo Matteos. Columbo, 1819.
Genesis, Exodo, e parte do Levitico. Columbo, 1832.
Pentateuco. Columbo, 1833.
Novo Testamento. Columbo, 1833. Ibid. 1853.

a Portugal. Finalmente aquelle Estado só no nome e na edade foi menino. E descendo ao particular: em tempo d'el-rei D. Manuel se tomou Goa e Malaca aos Mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Cranganor e Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os reis de Ormuz, de Tidore, de Ceylão, das Maldivas, de

Evangelho de S. João em portuguez de Ceylão.	Em portuguez do P. Antonio Pereira de Figueiredo. Chelsea, 1821.
Ne o começo tinha a palavra, e a palavra tinha com Deos, e Deos tinha a palavra. O mesmo tinha ne o começo com Deos.	No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deos, e o Verbo era Deos. Elle estava no principio com Deos.
2	2
Todas cousas tinha feito de elle; e sem tem com elle nunca fica feita nenhum cousa que tinha feita. Ne elle tinha vida, e a vida tinha o lume da gente.	Todas as cousas foram feitas per elle: e nada do que foi feito, foi feito sem elle.

Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco. Houve formosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos do mundo. Não ficou nação em toda a India que os Portuguezes não levassem deante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia, da Turquia, concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que venci-

3	3
E o lume te luzi, e o escuridão nunca entende de aquel.	E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não o comprehenderam.

«O portuguez que se fala em Malaca (diz Alfred Russell Wallace na sua obra — *L'Archipel Malaisien*—1870) é realmente um phenomeno philologico singular. Os verbos pela maior parte perderam suas inflexões; e a mesma fórma serve para todos os modos, tempos, numeros, e pessoas. *Eu vai* serve tanto para exprimir *eu vou*, *eu fui*, como *eu irei*. Os adjectivos acham-se tambem despojados de suas terminações femininas, de modo que a lingua tornou-se d'uma simplicidade assombrosa. Se eu accrescentar que n'ella se introduziram palavras malaias,

dos pelos Portuguezes fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do Estado da India!

«Os annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o Estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas, e logares nas terras, que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel, a cidade de S. Thomé

---

conceber-se-ha quanto ella deve ser difficil para os que até então nunca ouviram falar mais do que o puro lusitano.»

Mas, assim como o portuguez asiatico foi tomar palavras malaias, tambem os Malaios as tomaram para o idioma d'elles; e não foram estas mui poucas, segundo se vê no *Dictionarium Malaico-Latinum* dirigido por David Haex, e dado á estampa em Roma, no anno de 1631. As palavras nossas que os Malaios tornaram do portuguez, foram entre outras (ao todo, 143): *barba*, *rede*, *coitado*, *torto*, *rua*, *alfinete*, *fidalgo*, *levantar*, etc. etc.

Tambem bastantes extrangeiros se teem servido da lingua de Camões na composição de suas obras, taes como: Joaon Vigier, francez; Ricardo Ducket, irlandez; Urcullu, hespanhol: Antonio Honorati, Rondina, etc., italianos; Platão Waxel, russo; Diezzi, austriaco; Manouchi, ve-

ou Meliapor, a de Negapatão, e a de Jafanapatão, cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o Estado. Na ilha de Ceylão, as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa, e Triquimalé. Na costa do norte, as cidades de Baçaim e Damão,—com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale, no Malavar, e a de Macau na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e eram estas no anno tantas como os dias. Em terra e mar ven-

---

neziano, o qual escreveu em portuguez a «Historia dos Imperadores do Mogol» obra que depois foi vertida para francez pelo P. Catrou, e publicada em Paris no anno de 1705.

Nos «Annaes do Extremo Oriente», em 1881, tambem apparece um artigo interessante sobre o uso da lingua portugueza na India franceza e na Malasia.

Fomos grandes! E bastante nos deixaram ainda nossos antepassados, para nos erguermos, e exclamarmos que temos como honra o sermos Portuguezes.

Em 1885, dois padres francezes, pouco depois de chegarem da França, foram vêr a quinta da Penha-Verde, e, depois de terem mui por miudo contemplado as recordações do grande D. João de Castro, dirigiram-se a uma capella desta quinta, e n'ella rezaram por alma deste

cemos por vezes ao Çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur, rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao Hidalcão, aos reis de Malucco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore e Bachão, fóra outros muitos que, por menos conhecidos, deixo de nomeál-os. E, para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, Castelhanos e Turcos sentiram o rigor de nosso ferro, e o favor da fortuna que nos as-

---

grande escriptor, guerreiro, vice-rei da India, pasmoso modelo da probidade e da honradez! [1]

E não teria Esmenard razão para no canto v do seu poema—*La Navigation*—cantar d'est'arte?

«Rien ne peut arrêter dans leurs projets nouveaux.
«Ces Portugais ardens qui volent sur les eaux.
«Oh! Combien de héros guidèrent leur audace!
«Que de faits immortels ont signalé leur trace!»

[1] «Todos sabem que aquelle heroe, depois das suas expedições da Asia. tão gloriosa para a monarchia portugueza, e tão conhecidas e respeitadas na opinião de todas as nações, se retirou para Cintra, onde projectou e fez executar não só aquelles bellos jardins, mas tudo o que se encontra em Penha-Verde, que, por tantos titulos assaz conhecidos, inspira ao observador sisudo e experimentado motivos de meditação e sentimentos de respeito.» (*Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*—Paris, 1818—vol. I. pag. 42).

sistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Malucco. Os reis que até então puzeram toda a sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes como o Hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Ujantana, o de Aden, o de Caxem, de Dofar, da Sunda, e o Çamorim. Eguaes progressos se faziam na conversão das almas que nas armas. Receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimilarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tanor e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda edade do Estado da India, e por isso lhe podemos chamar adolescencia.

«Chegou a edade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou n'ella desde o anno de 1561 até ao de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal, conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique, e D. Philippe. Já n'este tempo o Estado attendia mais a se conservar que a conquistar; comtudo fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle

reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor, e Onor, a de Sirião no Pegú, os fortes de Sena e Tete, nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente, e defendeu-se o Estado no sitio geral, que a todo o Estado puzeram seus inimigos com seus poderosissimos exercitos. O Hidalcão desceu sobre Goa, o Izamaluco sobre Chaul, o Çamorim sobre Chale, o Achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor da nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de não prevalecer contra um Estado, que ao mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas.

«Não contente o Estado em se defender, tratou de se vingar do Cunhale, que, tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degollado em Goa; — nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o Estado; o d'Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino; tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do

mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, acceitando outros por vassallos d'esta corôa, como de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassallagem a El-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de paes e avós. N'esta edade do Estado da India acham os antigos que foi a sua flôr d'annos,—porque, opprimidos ou compostos nossos inimigos, gosava o Estado de todos os bens que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam, com grandissimos interesses, que nos tiravam os Mouros como d'antes, porque já lhes tinhamos tomado os passos de sua navegação assim com fortalezas em terra, como principalmente com armadas no mar das Maldivas, de Meca, e d'Arabia. Pagavam os reis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do Estado; os Portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares do valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata. Da China traziam ouro, sedas, e almiscar; das Moluccas, o cravo; da Sunda, a

massa e noz; de Bengala, toda a sorte de roupas preciosissimas; do Pegú, os estimados rubis; de Ceylão, a canella; de Mussulipatão, os diamantes; de Manar, as perolas e aljofares; do Achem, o benjoim; das Maldivas, o ambar; de Jafanapatão, os elephantes; de Cochim os angelins, tecas, e courama; de todo o Malabar, a pimenta e gengibre; de Canará, os mantimentos; de Solor, o seu pau; de Bornéo, a camphora; de Maduré, o salitre; de Cambaya, o anil, o lacar e roupas de contracto; as baetilhas, de Chaul; o incenso, de Caxem; os cavallos, da Arabia; as alcatifas, da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre, de Socotorá; ouro de Sofala; marfim, ebano, e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu, e Malaca, grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das naus que por alli passavam. E, emfim, não havia cousa de estima por todo o Oriente que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do Estado. Os seus viso-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.»

Não é, porêm, menos bello o quadro que nos apresenta o nosso João de Lucena na *Vida de S. Francisco Xavier:*

«Com muita razão (veja-se liv. I cap. XIII) promettia o governador Martim Affonso de Sousa ao padre mestre Francisco outras terras e gentes em tudo avantajadas ás que achára em Socotorá. Porque são ellas tantas e tão varias nas regiões orientaes, que, se aqui as houvessemos sómente de referir, seria necessario entrar n'outra historia mais larga e mais alheia do que escrevemos. Mas eu só irei pela costa do mar discorrendo e apontando em grosso algumas.

«Sahindo, pois, da mesma ilha Socotorá, ficam na Africa, a que ella jaz encostada, as terras do Abexim, que nós vulgarmente chamamos Preste João, e os antigos Ethiopia sobre Egypto, cujos confins da parte do levante entestam no Mar Roxo, começando na paragem da cidade Cuaquem mais septentrional, e acabando, da banda do sul, quasi nas portas do estreito, pelas quaes não é necessario que ora entremos. Mas passando-nos logo d'ellas ás do Sino Persico, a

terra que se comprehende entre estas duas grandes enseadas do mar Oceano é a parte da Arabia, chamada Felix, e a mais fertil e povoada de toda ella. Dez leguas da qual, e tres da costa da Persia, já um pouco para dentro da garganta do estreito, está Gerum, uma pequena ilha, e n'ella a cidade de Ormuz, cabeça d'um antigo reino do mesmo nome, tão populosa, rica e abastada per trato e commercio, que a chamam seus naturaes pedra preciosa encastoada no annel do mundo. D'Ormuz corre a costa de Carmania sujeita á Persia per espaço de duzentas leguas até Diul, cidade situada na primeira foz do rio Indo,— que, alêm de lhe dar o nome, faz com seu curso um dos quatro lados da terra o que propriamente chamamos India, cuja figura, como pareceu a outros antes de nós, d'alguma maneira se pode representar na lisonja: onde, dos dois cantos mais distantes, um está da parte do norte, entre as fontes do Indo e do Gange no monte Imao tão juntas entre si, como as do Mondego e Zezere na nossa serra da Estrella; o outro, que responde da parte do sul, faz o illustre cabo Comori,— ficando a linha, que

corta do alto a baixo de quatrocentas leguas pouco mais ou menos; e os outros dois cantos, que ao contrario se respondem de levante a poente per distancia de trezentas leguas, fazem as boccas dos mesmos rios com as terras da costa, que da ponta do cabo se vai até ellas per uma e outra banda alargando e subindo. Está esta grande Mesopotamia, a que os naturaes chamam Indostão, repartida em muitos reinos e estados, como são, proseguindo o caminho que trouxemos até á primeira foz do Indo, o reino de Guzarate, ou de Cambaya, em cuja costa teem os Portuguezes as cidades de Diu, Damão, Baçaim; o reino Decan, onde temos Chaul; e d'ahi a sessenta legoas contra o cabo (já na terra de Canará) está Goa, a quem se segue Onor, Baticala, e outros logares sujeitos ao rei de Bisnagá, que sendo mui poderoso em terras per dentro do sertão, até ir participar do outro mar de levante, que corre do cabo Comori para dentro, entra tambem aqui com um pequeno maritimo. Apoz este vai a provincia chamada Malabar, e n'ella os reinos de Cananor, Calecut, Cranganor, Cochim, Porcá, Coulam, Travan-

cor, que fenece na ponta do cabo em altura de sete graus e dois terços. Na volta do qual começa outra vez a costa a subir para o norte até á foz do rio Gange, d'onde fazendo um grande arco, a que chamamos enseada de Bengala, torna a descer contra o sul até outro insigne cabo, e o mais austral de todo Oriente per nome Singapura, onde está a cidade de Malaca, em distancia de dois graus e meio da linha equinocial. Defronte do cabo Comori, nos fica a ilha de Ceylão, e junto a este de Singapura jaz a de Samatra, de tal maneira que assim parece as apartou a ambas o mar da terra firme, como fez (segundo se escreve) a Sicilia de Italia. Cada uma das quaes ilhas está dividida em diversos reinos e Estados mui ricos; mas muitos mais são em numero e grandeza os que tem repartida entre si a costa da terra firme, que cérca de cabo a cabo o golfão e enseada de Bengala. Porque, dobrando o de Comorim, as primeiras duzentas leguas pertencem ao reino de Narsinga ou Bisnagá, todas povoadas de muitos logares e cidades, entre as quaes está, na provincia de Coromandel, Meliapor, que nos reedifi-

cámos, e per honra do sagrado Apostolo chamámos S. Thomé. Segue-se apoz Narsinga, Orixa, e depois os grandes reinos de Bengala, Pegú e Sião, que, alêm de penetrarem e se extenderem muito pela terra dentro, todos veem beber á costa, tomando d'ella grandes espaços.

«Passado o estreito de Singapura, e deixando já atraz a Samatra, e a Malaca (onde Ptolomeu situou a Aurea Chersoneso), vão os reinos de Camboja, Champa, Cochinchina, e adeante d'estes entra a região da China dividida em quinze provincias, cada uma das quaes se pode bem chamar um grande reino.

«As ilhas lançadas per todo este verdadeiro archipelago, nem contar se podem facilmente. Mas, deixando as primeiras á provincia indostan, ao oriente de Samatra vão as Javas, Timor, Bornéo, Banda, Moluccas, Celebes, Macassar, Sunda, Lequios, Japões, e outras sem conto...»

Tal era o theatro, immenso, pelo qual S. Francisco Xavier e seus filhos espirituaes tinham de levar e levaram com effeito seus trabalhos apostolicos. E, se os Portuguezes ao fazerem taes quadros se enchem do enthusiasmo,

este enthusiasmo tem um tal condão que até penetra e se infiltra nos corações dos escriptores extrangeiros, exceptuando porêm alguma *arraia miuda*, falta d'instrucção e ás vezes de senso commum.

O distincto escriptor francez Edgar Quinet é na realidade um dos maiores admiradores dos nossos compatriotas.

«No dia seguinte (diz elle na sua interessante obra *Mes Vacances en Espagne*), depois de termos perdido a terra de vista durante quasí toda a viagem, entravamos no Tejo. O rio estava agitado por uma forte ventania do norte. As collinas, arredondando-se ao longe, formam uma immensa concha, onde a cidade se ostenta em espiraes de madreperola até sobre os pincaros. Eu procurava com os olhos alguma parede negra contemporanea de Camões. Enxerguei pela proa do navio um velho monumento, cuja impressão se confundirá sempre para mim com a de Portugal. Imaginae no Tejo uma velha cidadella, cujas torres gothicas são sustentadas sobre gigantescos hippopotamos de granito, alguns nadando á flor d'agua, e outros revolvendo-se nas

areias. Via esta velha fortaleza no rio caminhar pelo mar dentro. Dos focinhos de pedra batidos pelas ondas sahia um como mugido de um povo amphibio. Eu representava na imaginação a fortaleza embandeirada, levada ao longe pelos cardumes marinhos atravez dos estreitos, dos oceanos de Vasco da Gama, de Magalhães, e de Albuquerque; e os Lusiadas naufragando appareciam no alto das ameias, que alternadamente se abaixavam e levantavam com o bramido das vagas, misturado com o troar das torres ao anoitecer.

«Quando os antigos mareantes, depois de terem conquistado mundos, entravam no seu paiz, desembarcavam em frente do atrio do Mosteiro de Belem. Era a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portugal, no dizer de João de Barros.

«Corri para este sitio, unico na terra; e alli vi um monumento d'uma sublimidade tão nova, tão original, que todo o pensar do povo portuguez me pareceu alli encerrado.

«Não tivesse o terremoto deixado nenhumas outras ruinas, este monumento falaria só por si,

a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra. No sitio do Tejo, em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, n'esta *praia de lagrimas*, (como lhe chama João de Barros), que presenciou tantas sensações de susto, d'esperança e de dôr, tantas partidas, abraços e adeuses que se julgavam eternos, e regressos triumphantes, mandou o rei D. Manuel erigir um templo. Sua architectura é gothica; mas o caracteristico do genio é ter n'aquelle sitio entrelaçado todos os caracteres da vida do mar,— cabos de pedra que ligam os pilares gothicos uns nos outros, altos mastros de mesena que sustentam as ogivas, os florões, as abobadas, emquanto a véla da humanidade é infunada, no seculo XVI, debaixo da viração do céo.

« É ainda a casa de Deus da edade-media, mas apparelhada como um navio sahindo a foz. Se entrardes no interior do claustro, já os fructos e as plantas dos continentes recentemente revelados, os cocos e os ananazes, são colhidos e suspensos nos baixos relevos. O espirito aventureiro, os perigos, a sciencia, e os descobrimentos, pa-

tenteiam-se n'aquellas paredes mais do que em nenhumas outras. É a impressão d'esse momento inexprimivel d'enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro, entoam de joelhos o *Gloria in excelsis*, amainando as vélas em frente das terras desconhecidas. Aqui sereias gothicas nadam n'um mar d'alabastro: acolá macacos trepadores do Ganges se balanceiam nos cabos da nave da egreja de S. Pedro. Os periquitos do Brazil esvoaçam em torno da cruz do Golgotha. Lagrimas correm sobre os brazões. Ajuntae mappas-mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados d'abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de cordas enroladas que amarram as columnas e os pilares, — e conhecereis, na mais insignificante miudeza, uma egreja maritima, a barca empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que, no meio das angustias do homem, singra pacificamente, ficando os ventos para traz, sobre oceanos ainda não visitados. Elephantes de marmore sustentam triumphalmente a urna funebre do rei Manuel, que presidiu á descoberta

da India; outros mortos jazem perto d'aquella urna. Dirieis vós serem os pilotos adormecidos debaixo da abobada abatida entre as duas pontes.»

«O valor portuguez (diz Alphonse Rabbe na sua *Historia de Portugal*) brilhou com um vivo clarão na India, e foi coroado por numerosas conquistas, conquistas mais gloriosas que as dos Hespanhoes na America por serem mais disputadas, mais uteis á Europa por deterem a inundação do poder mussulmano. Não foi ao terror de armas desconhecidas, ao medo supersticioso inspirado por seus corseis, que os Portuguezes deveram seus triumphos. Tiveram pelo contrario d'arcar contra povos, que conheciam o uso das armas de fogo, contra os Mamelukos havidos como a primeira cavallaria do mundo. Seu valor indomavel e sua disciplina triumpharam de todos os obstaculos. Estes atrevidos aventureiros reinaram como senhores absolutos sobre regiões que lhes prodigalizavam todos os thesouros do luxo oriental. Julga-se facilmente que effeito devia produzir sobre a imaginação dos Portuguezes a narração

de suas expedições longiquas e das ricas conquistas que d'ellas eram o premio. Que emulação se devia levantar entre elles para irem procurar uma parte de gloria e de riquezas nas vastas possessões, que o valor de seus compatriotas acabava de conquistar na Africa, Asia, e America septentrional!

«Os primeiros conquistadores da India não pareceram unicamente estimulados por aquella sêde d'ouro, que gera quasi sempre a sêde de sangue. Foram rigorosos para com os povos, que, querendo conservar ou rehaver sua independencia, apenas lhes pareciam vassalos rebeldes. Porêm não foram barbaros, e a justiça temperou muitas vezes sua severidade. Cousa rara! Os proconsules enviados de Lisboa para governar aquelles paizes subjugados, mostraram algumas vezes eminentes virtudes, e taes foram os Almeidas e os Albuquerques. Quando depois da morte d'estes illustres chefes a avareza e a effeminação, apoderando-se dos Portuguezes, augmentaram sua crueldade na proporção que lhes tiravam sua coragem, alguns historiadores referem que os Indios opprimidos invocavam

chorando a lembrança d'aquelles grandes homens, e lhes pediam justiça contra os excessos de seus indignos successores. N'uma epocha mais recente, e n'um seculo mais illustrado, soffreu a India o jugo de nossos conquistadores. Horriveis crueldades assolaram seu solo, mas nenhum nome se apresentou ao reconhecimento dos Indios, nenhuma recordação de justiça e de humanidade se associou aos estragos da ultima conquista. Não houve Albuquerques nem Almeidas entre os novos conquistadores da India.»

«A descoberta da India [1] faz honra á Humanidade. Deve-se collocar este successo na ordem das epochas famosas.

«Começaram os Portuguezes suas viagens maritimas n'um tempo em que as Mathematicas, a Astronomia, e todas as sciencias relativas á navegação, estavam envolvidas em trevas. Um principe digno de governar o universo ousou conceber uma empresa, que os espiritos pusillanimes de seu tempo não deixaram de accusar de temeraria. É assim que os grandes homens,

[1] Ussieux: *Histoire abregée de la Découverte et de la Conquête des Indes par les Portugais.* Bouillon, 1770.

os unicos que podem formar vastos projectos, terão sempre ou que triumphar da imbecilidade do vulgo, ou que arrostar com os maus calculos dos politicos, para conseguir plena execução de seus projectos.» [1]

V

Voltaire tambem nos exaltou. E suas palavras soam da fórma seguinte em o nosso idioma:

«... Eram então os bellos dias de Portugal, e o tempo marcado para a gloria d'esta nação.

«Manuel, resolvido a seguir o projecto, frustrado tantas vezes, de abrir um caminho para as Indias Orientaes pelo Oceano, mandou partir em 1497 Vasco da Gama com uma esquadra para esta famosa empresa considerada como temeraria e impraticavel por ser nova. Gama e

[1] Em additamento á nota que vai n'este livro a pag. 68 e seguintes, faremos aqui uma observação.

Quem desejar ver quão grande é o numero das obras escriptas em lingua portugueza nas regiões orientaes, consulte em Evora os volumes do Catalogo dos livros doados á Bibliotheca d'aquella cidade por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

os que tiveram o arrojo d'embarcarem com elle, passavam por uns insensatos, que se sacrificavam ao prazer do coração. Tudo era gritaria na cidade contra o rei: Lisboa inteira viu partir, com indignação e lagrimas, aquelles aventureiros, e chorou-os como mortos. Todavia a empresa teve prospero resultado, e foi o primeiro alicerce do commercio que a Europa faz actualmente com as Indias pelo Oceano.

«Os Portuguezes sahiam da obscuridade; e, apezar de toda a ignorancia d'aquelles tempos, começavam a merecer então uma gloria tão duravel como o Universo, pela mudança do commercio do mundo, que foi dentro em pouco o fructo das descobertas d'elles. Foi esta a primeira das nações modernas que navegou pelo Oceano Atlantico. Sómente a si deveu a passagem do Cabo da Boa Esperança, ao passo que os Hespanhoes deveram a extrangeiros a descoberta da America. Foi, porêm, a um só homem, ao Infante D. Henrique, que os Portuguezes deveram a grande empresa, contra a qual elles murmuravam ao principio.

«Os Portuguezes, que sósinhos tiveram a

gloria de afugentarem para longe os terminos da terra, passaram o equador e descobriram o reino do Congo; viu-se então un céo novo, e novas estrellas. Os Europeus observaram então péla primeira vez o polo austral, e as quatro estrellas que d'elle ficam proximas. Depois o rei D. Manuel mandou uma pequena frota de quatro navios dobrar o Cabo da Boa Esperança, commandada por Vasco da Gama, nome que se tornou immortal. Foi esta a viagem que mudou o commercio do mundo antigo: ella afugentou de Veneza a origem das riquezas d'esta cidade.

«Affonso d'Albuquerque e varios outros famosos capitães portuguezes, em pequeno numero, combateram successivamente os reis de Calecut, de Ormuz, de Sião, e derrotaram a esquadra do Egypto. Os Venezianos, tão interessados com o Egypto em opporem-se aos progressos de Portugal, tinham proposto ao sultão o córte do isthmo de Suez á custa d'elles, abrindo um canal que juntasse o Nilo ao Mar Vermelho. Teriam por este meio conservado o imperio das Indias; mas as difficuldades fizeram abortar este grande projecto, — ao passo que Albuquerque

tomava a cidade de Goa, áquem do Ganges, Malaca na Aurea Chersoneso, Aden na entrada do Mar Vermelho, e se apoderava finalmente de Ormuz no Golpho Persico.

«Dentro em pouco os Portuguezes estabeleceram-se em todas as costas da ilha de Ceylão. Tiveram feitorias em Bengala, negociaram até Sião, fundaram a cidade de Macau. A Ethiopia oriental e as costas do Mar Vermelho foram frequentadas por seus navios. Por elles foram descobertas e conquistadas as Moluccas. As negociações e os combates contribuiram para estes novos estabelecimentos: foi mistér fazer o commercio com as mãos armadas.

«Os Portuguezes em menos de cincoenta annos, tendo descoberto cinco mil leguas de costa, foram os arbitros do commercio pelo Oceano Atlantico e Mar Ethiopico. Tinham em 1540 estabelecimentos consideraveis desde as Moluccas até ao Golpho Persico n'uma extensão de sessenta graus de longitude. Tudo o que a natureza produz de util, raro e agradavel, foi por elles trazido para a Europa por um preço muito menor do que Veneza o podia apresentar. Era frequen-

tado o caminho do Tejo ao Ganges; e Sião e Portugal eram alliados. [1]

«Estabelecidos como ricos commerciantes e reis nas costas da India e na peninsula do Ganges, passaram finalmente ás Ilhas do Japão. Francisco Xavier, homem d'um zelo infatigavel e corajoso, para alli foi prégar. Todo aquelle grande paiz esteve a ponto de ser um reino christão, e talvez um reino portuguez! Nunca os Portuguezes tiveram um commercio mais lucrativo

[1] A asserção de Voltaire é verdadeira. Houve outrora relações as mais intimas entre aquelle imperio e o nosso paiz. E são numerosas as obras que tratam de taes assumptos.

Em 1787, reinando D. Maria I, offereceu esta rainha soccorro d'armas e soldados ao governo de Sião, para ajudar na guerra que lhe faziam os Birmans, ao que o rei se mostrou muito grato, querendo desde logo ceder-nos terreno para estabelecermos nova feitoria, edificarmos egrejas, etc. Mas tão boas disposições foram desaproveitadas; e só em 1825 o zeloso governador da India, conde do Rio Pardo, mandou um consul para Bangkok, capital do reino, munido de presentes e de poderes para fazer um tractado de commercio. Foi mui bem acolhido, conseguiu terreno para edificar habitações, e que para guardar o consulado e feitoria houvesse um destaca-

do que com estes povos, dos quaes, segundo dizem, os Hollandezes tiravam mais tarde annualmente trezentas toneladas d'ouro!

«Antes d'aquelles tempos, as nossas nações occidentaes não conheciam da Ethiopia mais do que tão sómente o nome. Foi no reinado do famoso João II, rei de Portugal, que Francisco Alvares penetrou n'aquelles vastos paizes, que jazem entre o tropico e a linha equinoxial. Francisco Alvares foi o primeiro que ensinou a po-

---

mento de quatro soldados e um sargento, que effectivamente por algum tempo se mandou de Macau, rendido de tres em tres annos. Quanto, porêm, ao tractado, nada se fez, parece que por incapacidade do dito consul, que residiu em Bangkok até 1833; foi então demittido. E em 1852. estava alli encarregado das mesmas funcções o macaense Marcellino d'Araujo Rosa, quando o rei Mongkut subiu ao throno.

Nas pomposas festas, que houve em Bangkok, por aquella occasião, muito figurou o nosso consul, unico representante extrangeiro até então admittido. Na sala do throno via-se no lugar mais nobre o retrato da rainha de Portugal, a quem o rei Mongkut tratava por irman. N'estas solemnidades houve salvas de 21 tiros por um corpo d'artilheiros, que ainda se denomina *Artilheria Portugueza*.

sição das nascentes do Nilo, e a causa das nascentes regulares d'aquelle rio: duas cousas desconhecidas de toda a antiguidade, e mesmo dos Egypcios. Bermudes pretende que nas fronteiras do paiz de Damut, entre a Abyssinia e os paizes vizinhos das nascentes do Nilo, ha um pequeno paiz no qual os dois terços da terra são de ouro. Eis o que os Portuguezes procuravam, e o que não encontraram; eis o principio de todas essas viagens; os patriarchados,

---

Por fallecimento do consul Rosa, foi nomeado outro macaense — Antonio Frederico Moor.

(Carlos José Caldeira: *Archivo Pittoresco* — vol. I. pag. 322).

*

Ainda hoje se conserva na capital de Sião um bairro portuguez, e é alli falada a nossa lingua com tal conceito, que ao tractado de commercio feito entre os Estados Unidos da America e o rei de Sião em 20 de Março de 1833, apezar de ser escripto em inglez e siamez, se lhe juntou uma traducção em portuguez para *testemunho do seu conteudo*, segundo refere mgr. de Pallegoix, bispo de Sião.

Ainda mais: a intendencia e protecção dos interesses da população christan de Bangkok, capital de Sião, tem

missões, econversões, não passaram de um pretexto.

«É ás descobertas dos Portuguezes no mundo antigo que devemos o novo. Nós pronunciamos ainda com admiração respeitosa o nome dos Argonautas, que fizeram cem vezes menos do que os marinheiros de Gama e d'Albuquerque. Quantos altares se teriam erigido em honra d'um grego que tivesse descoberto a America!

---

estado sempre confiada a portuguezes alli nascidos e alliados por matrimonio a familias siamezas, como é actualmente o illustre mandarim Paschoal Ribeiro d'Albergaria, general d'artilheria do exercito de Sião, com o titulo de «Pya Visset.» M. Henri Mouhat, naturalista francez, falando d'este nosso provecto cidadão, diz: *Ce magistrat a dans les veines du sang portugais de la bonne epoque, et il le revèle par ses traits et par son caractère.*

No Relatorio da missão extraordinaria de Portugal a Sião, em 1859, de que foi encarregado o conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, depois visconde da Praia Grande, lê-se o seguinte:

«O general de artilheria Paschoal Ribeiro d'Albergaria é um dos descendentes dos antigos Portuguezes, como ha muitos em Sião. É homem de mais de sessenta annos d'edade e de mui agradaveis maneiras: fala o portuguez mui intelligivel, e escreve-o soffrivelmente. Estes

«Quando os Portuguezes chegaram ás Moluccas, ficaram espantados de encontrarem alli os Hespanhoes, e não podiam perceber como alli tivessem chegado pelo mar oriental quando todos os navios de Portugal não podiam vir senão do Occidente.

«Não suspeitavam que os Hespanhoes tivessem navegado uma parte da circumferencia do globo. Foi necessario uma nova geographia para terminar a questão dos Hespanhoes com os Por-

---

descendentes de Portuguezes são em tudo siamezes, menos na religião, porque seguem a *christan.*» (ARCHIVO PITTORESCO de 1863, pag. 344).

«Residem actualmente no districto consular de Sião 32 subditos portuguezes, dos quaes 12 são solteiros, 15 casados e 5 viuvos. Quanto a profissões—8 são logistas: 5 interpretes: 3 escreventes: 6 maritimos: 2 negociantes: 1 secretario do consulado: 2 proprietarios: 4 taverneiros: 1 sem modo de vida. Residencias: 1 em Supen: 1 em Sam-Sen: 1 em Petrio: 1 em Bangknarg: e os mais em Bangkok. Estes 32 subditos teem 57 pessoas de familia.» (DIARIO ILLUSTRADO: de 15 de dezembro de 1875).

Tambem encontramos muitas noticias na obra intitulada *Mémoires du Comte de Forbin.* (Marseille, 1781 — 2 volumes.)

tuguezes, e para reformar a sentença que a côrte de Roma tinha dado sobre suas pretenções e sobre os limites de suas descobertas.»

Quando os Hespanhoes invadiam à mais rica parte do novo mundo, os Portuguezes, sobrecarregados com os thesouros do antigo, desprezavam o Brazil, que descobriram em 1500, mas ao qual não procuravam.

Os Portuguezes eram senhores do commercio

Em 1685 mandou o rei de França uma apparatosa embaixada ao de Sião. O abbade de Choisy, que d'ella fazia parte, escreveu um livro (*Journal du voyage de Siam*—Trevoux, 1741) onde apparecem muitas noticias ácerca dos Portuguezes n'aquelle tão remoto paiz.

Estava então um chinez, por nome D. Gregorio Lopes, designado para bispo e vigario geral, e ia ser sagrado por mr. d'Argolis.

Foram ao encontro da embaixada franceza dois mandarins; e um d'elles, aquelle que commandava as tropas, era portuguez.

O abbade de Choisy mostra-se zangado por causa dos Portuguezes. Foram estes os unicos extrangeiros que não quizeram ir cumprimentar o embaixador francez, não obstante ter-lhes o rei de Sião mandado que fossem apresentar suas felicitações a este embaixador (pag. 245.)

Deram um banquete á embaixada, e n'elle apparece-

em Surrate, e os povos do Grão-Mogol recebiam d'elles todos os generos precisos das ilhas; e, quando Filippe II se apossou de Portugal, achou-se senhor ao mesmo tempo das principaes riquezas de ambos os mundos, sem ter tomado a menor parte em sua descoberta.

Em quanto á Persia, o porto d'Ormuz já lhe não pertencia. Os Portuguezes tinham-se apossado d'elle em 1507. Uma pequena nação européa dominava no Golpho Persico, e fechava o

---

ram guisados á japoneza e á portugueza. Aos primeiros achou o abbade bons; e aos ultimos, detestaveis. Mas o caso era que ao padre lhe custava a roer o procedimento dos Portuguezes, os quaes de mais a mais instavam com o rei para que deitasse d'aquelle paiz para fóra os padres francezes que n'elle residiam.

O embaixador de Portugal, que no anno antecedente fôra a Sião. sentára-se na presença do rei n'um tapete: o de França, porêm, levava comsigo da Europa uma cadeira d'ouro, e n'ella se sentára. D'isto gostou muito o abbade, que chegou a dizer:—O nome de Luiz o Grande faz em todo o paiz chuva e bom tempo!

Mal sabia o abbade que seculo e meio mais tarde nem sequer as cinzas respeitariam de tão notavel rei!

Note, porêm, o leitor as seguintes palavras do abbade. E vá notando que os extrangeiros ás vezes tambem nos

commercio maritimo a toda a Persia. Tornou-se indispensavel que o grande Schah-Abbas, apezar d'omnipotente, recorresse aos Inglezes para d'alli deitar fóra os Portuguezes.

O zelo manifesto (diz Quien de Neufville na sua «Historia de Portugal») da abolição do paganismo e da propagação da fé, dava todos os dias novo esplendor á reputação de D. Manuel nas côrtes extrangeiras. Como Segismundo I, rei da Polonia, tivesse as mesmas intenções que elle,

---

não poupam: «Mr. Constance m'a fait voir bien de jolies choses qu'il veut envoyer en France, et dans quelques jours nous irons dans les magasins du roi choisir ce qu'il aura de plus beau. S'il prend mes avis, et qu'il tombe sous ma main de gros vases d'or, je ne les laisserai pas échapper: cela vaut bien des paravents et du bois d'aigle!»

No dia 1 de Novembro, Constancio, natural de Cephalonia, que, depois de ter sido marinheiro por muitos annos, se estabelecêra como negociante em Sião, foi pedir ao embaixador francez que fosse a sua casa, pois dava n'esse dia uma funcção em honra do rei de Portugal, e tambem só convidou para ella aos Portuguezes que se tinham resolvido a ir visitar o embaixador de França.

Começou o festejo por um grande fogo de vistas no *Campo dos Portuguezes*. Este fogo muito agradou ao ab-

fazia educar a joven nobreza de seu reino no exercicio das armas para a fazer marchar um dia a expedições tão gloriosas. Tres d'estes jovens polacos que desejavam com paixão ver o

---

bade, o qual diz: *Que n'este genero são os Portuguezes muito habeis*. Bebeu-se em primeiro logar á saude do rei de Portugal: e os navios francezes, inglezes, e hollandezes, deram uma salva.

No dia 3 de novembro um siamez por nome Antonio Pinto sustentou no palacio do embaixador *Theses de Theologia* dedicadas ao rei de França. Não se podia responder—*«avec plus de capacité.»*

No dia 8 de Novembro, celebrou-se o casamento d'um francez, empregado na Companhia franceza, com a filha d'um portuguez, capitão de navios. O francez era mr. Coche, e o portuguez João d'Abreu, grande amigo dos missionarios, aos quaes transportou por varias vezes á Turquia e á Cochinchina. Constancio era o encarregado de fornecer os presentes para se mandarem ao rei de França e para se distribuirem pelo embaixador. E eram tantos, que o abbade disse em bom portuguez:—*Basta!*

Ora este abbade (que tambem teve presentes, e ficou contente) tinha-se durante a viagem applicado ao estudo do portuguez. Diz-nos até o dia em que o começou a apprender, e mandou comprar um *Fernão Mendes Pinto* em portuguez para estudar por elle. O comprador, porêm, enganou-se, e mandou-lhe um em hespanhol, cousa com que o abbade muito embirrou, pois via seu dinhei-

rei, e fazerem para esse fim uma viagem a Portugal, aqui vieram, e conheceram com effeito pessoalmente aquillo que tinham ouvido pela voz publica. D. Manuel honrou-os com a ordem

---

rinho ir por agua abaixo. Mas, para se indemnizar até certo ponto, resolveu-se a não falar senão em portuguez com a tripulação do navio pelo espaço de oito dias. Conheceu então que o sr. Fernão Mendes Pinto não era aquelle mentiroso de que lhe tinham falado, e diz: «*Est mon ancien ami, qui a remonté sur sa bête, car on a verifié la plupart de ce qu'il dit.*»

Em carta de 3o d'Abril mostra-se o padre muito contente por falar o nosso idioma. E n'outra de 5 de Maio nos informa de que os outros missionarios, que estavam a bordo, o iam tambem apprendendo. Em 18 de Maio diz-nos que, para mais se exercitar, emprehendêra verter para francez a *Historia da Ethiopia* por fr. João dos Santos—«onde ha cousas muito curiosas e desconhecidas».

Em carta de 22 de Maio mostra-se muito zangado: tem d'ir apprender o siamez, e o tempo faz-lhe falta para se aperfeiçoar no portuguez. E o abbade tinha razão para se zangar, pois o conhecimento do nosso idioma se lhe tornava indispensavel. No dia 5 de Maio fôra visitar o governador hollandez do Cabo da Boa Esperança, e este governador só lhe falou em portuguez.

Em carta de 11 de Julho mostra-se todo fanfarrão, e faz alarde de vocabulos portuguezes. Em summa, n'um

de cavallaria, que lhes conferiu por suas proprias mãos, e fez-lhes donativos accommodados á sua edade.

Ainda que a nação portugueza se sustentou gloriosamente por seculos, (diz Lafitau na «His-

---

grande numero de cartas vai-nos sempre dando noticias dos progressos que vai fazendo, e serve-se de palavras do nosso idioma. Em 19 de julho, diz: Que ha de vir a saber perfeitamente.

A capital de Sião chama-se Sciajuthaia: foram os Portuguezes que lhe puzeram o nome de Sião.

(ABBÉ CHOYSI: *Voyage*, pag. 307).

Algum tempo depois da retirada do abbade houve uma revolta em Bangkok. Tinha Constancio (que em Sião era uma especie de Marquez de Pombal) mandado fazer um forte, com o fim d'entregar o governo d'elle, bem como o das tropas, a um francez alli recem-chegado, o qual mais tarde se tornou celebre com o nome de Conde de Forbin. As tropas portuguezas, que então n'aquella cidade se achavam só em numero de 80 peças, induzidas por um padre, revoltaram-se por julgarem uma vergonha o terem d'obedecer d'ahi em deante a um francez. Esta revolta, porém, pouco durou, e as cousas tornaram a entrar no antigo estado. (*Memoires du Comte de Forbin, Chef d'Escadre*—vol. 1, pag. 145. Marseille, 1781). Passado pouco tempo teve o conde de Forbin de servir-se dos nossos n'uma lucta contra os Macassares.

toria das descobertas e conquistas dos Portuguezes em o Novo Mundo»), nada comtudo a torna mais recommendavel do que os feitos praticados n'estes ultimos tempos no tocante a suas descobertas e conquistas. Ha nada mais illustre do

---

Na obra do P. Orleans intitulada—*Histoire de M. Constance, premier ministre du roi de Siam, et de la dernière révolution de cet Etat* (Lyon, 1754)—a cada passo se fala dos Portuguezes.

Constantino Phaulkon era grego natural de Cephalonia, e seguia a religião anglicana. Doutrinado pelos Jesuitas fez-se catholico, e quiz em Sião favorecer os Christãos e os interesses da França. Uma revolução, porêm, arrebentou; o rei foi morto, Constantino teve a mesma sorte, e os christãos foram horrorosamente perseguidos.

O Christianismo fizera grandes progressos em Sião. E e as creanças tinham sido ensinadas por seus parentes a dizerem em portuguez, quando fossem aconselhadas a mudar de religião:—*Corta cabeça:* isto é—que antes lhes cortassem a cabeça, do que os aconselhassem a mudar de religião (pag. 225).

Em 1685 mandou Luiz XIV (*Voyage du P. Tachard*) alguns jesuitas a Sião. Apenas chegaram a Malaca, «sentiram uma alegria interior ao verem aquelles logares regados com os suores de S. Francisco Xavier e a se encontrarem n'aquelles mares tão formosos por suas navegações e viagens.

que ter levado nossa religião até ás extremidades da terra, e o ter feito com que uma infinidade de nações mergulhadas nas trevas do mahometismo ou idolatria abrisse os olhos á luz? Ha

---

O jesuita portuguez, P. Soares, de 70 annos d'edade, dos quaes tinha passado mais de trinta nas Indias, não poude acolher na sua casa, por ser acanhada e velha, os jesuitas francezes.

O padre francez Espagnac falava mui bem a lingua portugueza.

Forbin declarou a Luiz XIV, quando lhe deu informações ácerca d'este paiz que o numero dos portuguezes alli era assaz consideravel.

Forbin tinha ás suas ordens um major portuguez.

Uma das obras em que melhor vemos quão numerosos eram os portuguezes em Sião, é a «Viagem do mandarim siamez Occum Chamnan,» a qual se encontra no vol. VI. da «Collecção de Viagens» por La Harpe (Paris, 1780).

A primeira vez que o nosso grande historiador João de Barros fala de Sião é no cap. I. do liv. II. da 1.ª Decada, dizendo: que o grande rio chamado Menão, *mãe d'aguas*, corre pelo meio d'um tal reino.

«Os Portuguezes estabeleceram em Sião, ha alguns annos, uma colonia de septecentas a oitocentas fami-

nada mais famoso que ter levado a todos os povos da Europa a facilidade de commercio de que hoje estão gosando, abrindo-lhes um caminho até então desconhecido para reunir no seio

---

lias. (*Histoire Naturelle et Politique du Royaume de Siam.* — Paris, 1688).

O rei de Sião, Mongkut, fallecido em 1868, falava a lingua portugueza.

Em 1883 esteve em Lisboa uma embaixada siameza com o fim de celebrar um tractado de commercio com Portugal.

*

«Não faltou quem escrevesse que em 1484 Affonso Sanches que navegava das Canarias para a Madeira, levado pela violencia d'um temporal, arribára ás costas da ilha de S. Domingos, d'onde com trabalho voltou á Terceira, conservando sómente quatro homens da sua tripulação. Este navegante morreu dos resultados da sua viagem, e as suas memorias e apontamentos sobre aquella derrota pararam nas mãos do celebre Christovão Colombo.

«Se isto assim foi, a terra que cobriu os ossos d'aquelle honrado portuguez, sepultou com elle por então o conhecimento d'este facto, e roubou á sua patria e aos seus concidadãos a satisfacção e a gloria que lhes resultaria de terem mostrado no descobrimento da America a mesma

d'elles os thesouros e riquezas dos paizes mais longiquos?

Mesmo que nós fiquemos pouco assombrados com estas vantagens, devemos reconhecer que

---

actividade, o mesmo valor, e os mesmos conhecimentos com que já meio seculo antes, reinando el-rei D. João I, debaixo da direcção do infante D. Henrique, seu filho, tinham reconhecido muitos povos da costa d'Africa e assombrado todos os da Europa.

«Seja, porêm, o que fôr da verdade d'este facto, que não pertence a um portuguez contradizer, quando se acha referido por escriptores extrangeiros, é bem sabido que Christovão Colombo, escondendo talvez os trabalhos alheios, veio a Portugal propôr a el-rei D. João II, por meio de novos descobrimentos, uma derrota mais breve para as Indias Orientaes. Razões politicas, bem ou mal entendidas, persuadiram o rei e os do conselho a rejeitar como não fundada a proposta de Colombo, e negaram aos Portuguezes terem parte na gloria d'este navegante, cujo projecto foi acolhido por Fernando de Castella.

«Mas, se por aquelles motivos perdemos a occasião de descobrir a America, e se não fomos os primeiros que por aquella derrota deparámos então com um continente desconhecido, fomos muito antes e de proposito desafiar e vencer o Cabo das Tormentas, e mostrar á Europa que para fazer o commercio da Asia era escusado tributar vassalagem ao monopolio e á industria dos Arabes.

lhe devemos nosso reconhecimento por nol-as ter grangeado, especialmente se attendermos a que são o fructo de duzentos annos de trabalho e de fadigas immensas.

«A construcção a que procedêra o infante D. Henrique de cartas hydrographicas até então desconhecidas, a invenção de instrumentos, e entre elles a applicação do astrolabio, os trabalhos de Joseph e de Rodrigo, cosmographos d'el-rei D. João II, os do insigne mathematico Pedro Nunes, e as observações e as viagens de seu discipulo Martim Affonso de Sousa, e de outros muito distinctos navegantes, tendo dado aos Portuguezes, primeiro que a todas as outras nações, a gloria de levarem a navegação a um ponto de melhoramento a que nunca tinha chegado, deu-lhes com ella, alêm da honra de primeiros descobridores, a de fixarem para sempre a epocha da Geographia Moderna.

«O desenvolvimento que teve o espirito humano n'esta epocha feliz da Restauração das Lettras influiu especialmente sobre a Geographia. Desde então todas as difficuldades desappareceram na presença de espiritos esclarecidos pelos conhecimentos e invenções uteis, e inflammadas pelo amor constante da gloria. O mar, que a Providencia parecia ter destinado para cortar as relações mutuas entre os habitantes das terras, foi precisamente o instrumento mais poderoso de sua communicação; e os paizes, dos quaes poderia dizer-se que a natureza tinha com maior cuidado escondido, foram reconhecidos

Durante este longo periodo de tempo vê-se esta nação, no decurso de uma historia continuada e sempre interessante, vencer os obstaculos mais invenciveis, por meio d'uma pacien-

---

e ligados por nós indissoluveis de interesse e de commercio.

«O espirito luminoso do seculo, apoderando-se successivamente de todas as nações, nem as terras, nem os mares puderam pôr diques ao seu progresso. Pedro de Cintra chega ás costas de Guiné; Bartholomeu Dias adeanta-se até ao Cabo das Tormentas; Pedro de Covilhan, visitando pelo Egypto a costa de Zanzibar, apprende entre os Arabes que a longa navegação á roda d'Africa não era impossivel. E logo depois d'elles Vasco da Gama completa uma empresa com que os antigos pretenderam sem probabilidade honrar os viajantes phenicios, e vai fundear em Calecut o primeiro navio que subjugou os mares verdes e encapellados do Oriente.

«Desde essa epocha os Portuguezes visitam a Abyssinia, descobrem as Moluccas, as Maldivas, Celebes, Bengala, o Japão, e a China. Christovão Colombo e Americo Vespucio acham a America; Magalhães emprehende corajosamente a primeira viagem á roda do mundo; Cortez entra no Mexico, Pizarro no Peru, Almagro no Chili; os Hollandezes descobrem Bornéo; os Inglezes encontram no Mar Branco o meio vantajoso de estabelecer com Archangel o commercio da sua industria: mais tarde Hudson, Bougainville, o celebre Cook e o infeliz La Pé-

cia e coragem a toda a prova; apresentar grandes homens em todos os generos, com manifesta superioridade, apezar do seu pequeno numero, em toda a parte, onde se apresentam; consolidar

---

rouse, deixam á Geographia a herança preciosa de tão longos como uteis e gloriosos trabalhos.

«Emquanto estes homens incansaveis enriqueciam a sciencia com os fructos das suas viagens, Copernico produzia o seu systema do mundo, Galileu explicava o movimento da Terra, Ortelius dava á luz os seus correctos trabalhos, Mercator inventava a projecção das cartas rèduzidas, Picard achava a primeira medida exacta d'um grau de meridiano da Terra, Newton publicava a sua edição da Geographia geral de Verenius; Bouguer, Godin, La Condamine no Peru, Clairault, Maupertuis, Le Monnier na Laponia, trabalhavam por medir dois arcos do meridiano, afim de determinarem por este meio o achatamento dos polos; Borda concorria poderosamente para aperfeiçoar as observações, e mais tarde Delambre e Méchain concluiam gloriosamente os importantes trabalhos de La Condamine e de Clairault; Danville trabalhava sobre a construcção de cartas geographicas; e Buache Buschinn, Mentelle, Pinkerton, e muitos outros, introduziam a critica, a exacção, e o gosto na Geographia. D'este modo o interesse das Potencias da Europa, as observações de tantos viajantes, o concurso de tantos sabios deram-lhe a mais alta importancia, e dispuzeram-na para formar um corpo interessantissimo de sciencia.

sua reputação e seu dominio sobre a ruina dos imperios; forçar d'alguma sorte a fortuna para que os auxilie sempre por meio de prosperos resultados.

«São infelizmente assaz conhecidos os motivos que nos privaram da gloria de acompanharmos, do meiado do seculo XVI em deante, as outras nações da Europa no progresso das sciencias: nenhuma das que actualmente existem começou mais cedo do que a portugueza a bem merecer da Geographia, e nenhuma lhe levaria a mão em adeantar os seus conhecimentos sobre ella, se por desgraça causas manifestas e invenciveis não tivessem obstado ao progresso da sua litteratura.

«Comtudo, não faltaram ainda assim mesmo portuguezes que tomassem empresas geographicas. Tinha sido uma nação de descobridores; e, sendo por isso um deposito abundantissimo de observações sobre costumes, ritos, situação, trafego, e importancia de todos os povos desde as costas occidentaes da Africa até ao Japão, esta abundancia não podia deixar de trasbordar e apparecer nos escriptos dos sabios, apesar do encolhimento em que muitos d'elles já então jaziam.» (*Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* — Paris, 1819 — vol. III, pag. 94.)

Mas, se as relações dos Portuguezes com os Siamezes são abundantes, e dão assumpto para uma obra razoavel, nada tem isso para admirar, pois foram os nossos os primeiros povos que descobriram aquelle longiquo paiz, d'elle deram noticia á Europa, e n'elle se estabeleceram

Deve isto ainda parecer mais digno d'admiração ao considerarmos que Portugal é um reino muito pequeno e encerrado em limites muito estreitos, e que por isso não era natural presu-

---

de modo tal que ainda hoje os Portuguezes alli residentes podem fornecer assumpto para algumas paginas. E o palacio consular portuguez, terminado em 1875, é a unica residencia consular que Portugal possue alli e a que possa chamar sua, pois a mandou construir.

Mas muito mais surprehendente é que ninguem ainda entre nós haja escripto relativamente ás relações entre Portugal e a Grecia, embora seja tambem assumpto que pode dar em resultado um bom livro in-8.º

GRECIA MODERNA

Como o Sultão Selim II se determinou a emprehender a tomada da Ilha de Chypre

... Nos primeiros annos do seu reinado (diz Alexandre de Blanchet no seu livro *La Grèce depuis la conquête Romaine*, pag. 74.) Selim, embaraçado pela guerra da Hungria, e por uma revolta dos arabes do Iemen, foi obrigado a adiar a execução de seus projectos contra a ilha de Chypre. Mas, logo que a tranquillidade foi restabelecida no Oriente e no Occidente de seu imperio, pensou seriamente em romper com Veneza, e em extender seu imperio á custa das potencias christans do Mediterraneo. Tinha Selim concedido toda sua confiança a um judeu por-

mir que pudesse encontrar em si mesmo tantos recursos, formar tão vastas empresas, abranger uma tão grande extensão de paizes, arcar com tão grandes despezas, subjugar tão diversos povos, e pôr em acção um tão grande numero d'individuos capazes de fazerem que, com tão grande gloria, tivessem seus projectos tão bom exito.

---

tuguez por nome D. Miguel (*Miguer*, diz o texto) ou Joseph Nassy. Este homem que se tinha feito christão, e que depois tinha passado para a religião judaica, havia-se tornado agradavel a Selim antes de sua elevação ao throno, pelos seus emprestimos de dinheiro e pela sua condescendencia para com todos os vicios do joven principe, para quem procurava os melhores vinhos do Levante, e principalmente da ilha de Chypre. Pouco escrupuloso no tocante aos preceitos do Coran, tinha Selim uma tendencia decidida para a embriaguez, e deixou-se facilmente persuadir pelas conversas do seu favorito com o fim de preparar a conquista da ilha que produzia aquelles deliciosos vinhos de que elle tanto gostava. Certo dia, na effusão produzida pelas copiosas libações do vinho de Chypre, Selim voltando-se para o judeu que se tinha tornado seu favorito e companheiro de seus prazeres exclamou:—«Na verdade, se meus desejos se cumprirem, tu has de vir a ser rei de Chypre.»

Estas palavras, proferidas no meio da embriaguez, encheram Joseph Nassy de esperanças tão ambiciosas, que

Apenas Portugal tocou seus limites naturaes (diz Augusto Bouchot na sua *Historia de Portugal*, publicada sob a direcção de Duruy), repelliu os infieis, confundiu o orgulho castelhano, e fundou uma constituição interior. Não quer contentar-se tão sómente com o ser livre. Falta-lhe immediatamente o ar nos seus estreitos limites; e impaciente de derramar fóra do paiz

---

mandou suspender na sua casa as armas de Chypre com esta inscripção: «José, Rei de Chypre.»

Quando Selim subiu ao throno, accumulou de beneficios a seu favorito. Deu-lhe o titulo de duque de Naxos e das doze principaes cidades, que foram tiradas á dynastia veneziana que as possuia havia tres seculos.

Era um principio de desavença com Veneza: todavia a guerra só rebentou definitivamente depois do restabelecimento da paz da Hungria e no Iemen, e, quando Joseph Nassy, que se não esquecia do seu reino de Chypre, conseguiu por suas intrigas vencer a opposição do grão-visir, e por suas condescendencias despertar as paixões do sultão Selim.

Tendo o judeu attrahido a seus interesses o mufti Ebusuend, este publicou um fetwa que declarava a guerra aos infieis legitima e necessaria. O incendio do arsenal de Veneza, lançado talvez pelos commissarios de Nassy, a 13 de Septembro de 1569, deu ainda mais força e ardor

sua actividade, sua coragem, e seu zelo, eil-o que se apressa em levar á Africa a guerra que de lá tinha vindo tantas vezes. D'ahi todos esses prodigios, que illustraram o seculo seguinte, as fecundas meditações do infante D. Henrique, todas as costas d'Africa reconhecidas, a America descoberta como uma recompensa magnifica conferida pelo acaso á audacia dos Portuguezes, o grande Oceano impunemente atra-

---

ao partido que em Constantinopla queria a guerra com esta potencia.

Selim mandou pedir aos Venezianos a cedencia da ilha de Chypre; mas, sendo recusada, a expedição ficou definitivamente resolvida.

A esta noticia espalhou-se o susto por toda a Christandade. Não era sómente o dominio veneziano e todas as praias christans do Mediterraneo que se sentiam ameaçadas pela invasão ottomana. O papa Pio V chama ás armas a Europa.

Fazem-se negociações; apressam-se; incommodam-se sem poderem chegar a um accordo e lançarem mão d'expedientes promptos e energicos. Veneza, tremendo por si propria, põe em estado de defesa suas possessões na terra firme e esquece se de mandar para Chypre as tropas necessarias com o fim de guardarem as fortificações de Savorniani.

vessado, as Indias descobertas, a Asia avassalada, mudado todo o commercio do mundo, e o homem entrando finalmente na posse de toda a sua residencia! Que repentina revolução e que nação poderosa, levou jámais ao cabo empresa mais importante? O grande Affonso d'Albuquerque, depois d'innumeras difficuldades, apoderase de Malaca. O grande capitão manda informar el-rei D. Manuel. E este por meio de cartas e

---

Todavia os Turcos, muito mais activos do que os Christãos, e todos unanimes sob um mesmo commandante, preparavam em Rhodes e em Negroponto um armamento formidavel. Lala-Mustapha foi nomeado seraskier das tropas de desembarque, e Piali-Pacha commandante da frota, que se dividia em tres esquadras, e abrangia ao todo trezentos e sessenta baixeis.

No primeiro de Julho de 1570 ancorou a frota dos Turcos na enseada de Limassol, perto da antiga Amathonte, e operou seu desembarque, sem obstaculo, graças á incuria e á incapacidade do provedor Nicolo Dandolo, que prohibiu a Heitor Baglioni, commandante da infanteria que se oppuzesse a este desembarque. N'um conselho de guerra reunido na aldeia d'Aschia, na Messarea, onde o descuido do provedor e a incapacidade presumpçosa do conde de Rocas, general de cavallaria, se reuniram para repellirem os conselhos de Baglioni, decidiu-se que não

do embaixador portuguez João de Faria informa o Papa.

O Papa manda de prompto fazer uma solemne procissão pela victoria obtida pelos nossos. E Camillo Porcio (anno de 1513) recita um discurso laudativo em honra dos conquistadores da India: [1]

«Se em algum tempo, Beatisimo Padre, teve o povo Christão razão de dar graças ao Senhor, e ter em muito esforço e valentia sua,

se pensaria senão na defesa de Nicosia e de Famagusta, sem se importarem com o restante da ilha, cujo mau clima, calores excessivos, e doenças, haviam d'afugentar dentro em pouco os inimigos. Foi por causa destas vans razões que deixaram desembarcar os Turcos tranquillamente na ilha como se fôra n'uma terra pertencente ao imperio d'estes. O forte de Leftari, na vizinhança de Limassol, tinha-se rendido á primeira intimação, e o seraskier Mustapha tinha poupado a vida e os bens dos habitantes com o fim d'attrahir por esta fingida moderação as outras cidades a fazerem uma prompta submissão. Porem os Venezianos obstaram ao contagio do exemplo, tomando tremenda vingança da traição de Leftari: sur-

[1] *Commentarios d'Affonso d'Albuquerque*, pag. 405. Lisboa, 1576.

por cousa esforçadamente commettida e felicemente acabada, — este anno é para isso o mais commodo ensejo, que até agora houve, em o qual o Senhor Deus, pela muita misericordia que de seu povo houve, lhe quiz accrescentar prazeres com prazeres novos, e prosperidades com contentamentos novos e communs; porque, alêm de pôr Vossa Santidade este anno na majestade do throno pontificial, mais por universal proveito da Christandade que por par-

---

prehenderam o logar durante a noite, assassinaram a maior parte dos habitantes, e arrastaram as mulheres e as creanças para as serras.

Pareciam necessarios taes rigores, pois um grande numero de Gregos por causa do odio aos Latinos, a arraia-miuda por causa do seo odio aos grandes, viam sem inquietação, e com uma especie de bom grado, a tentativa dos Turcos, que tinham de os livrar de seus senhores actuaes.

Cêrco e tomada de Nicosia (1570). — Pelo meiado do mez de Julho, havendo desembarcado a artilharia grossa, o seraskier convocou um conselho de guerra no qual fez com que se decidisse começarem as operações pelo cêrco de Nicosia, d'encontro ao parecer do capitão Piali-Pacha, o qual pretendia em primeiro logar cercar Famagusta com o fim de dar á frota occasião para se assignalar. Em

ticular algum de sua pessoa, pois fez Vossa Santidade com isso unico refugio e remedio para cousas quasi perdidas, e ardendo todo o mundo em guerras, para que com mais alegria fosse festejada sua nova eleição. N'este mesmo tempo deu ao muito poderoso e muito felice e invictissimo rei D. Manuel de Portugal tantas e taes victorias e triumphos de seus inimigos, que facilmente se pode crer pelejar o Senhor por nós,—e d'esta insigne batalha, que em seu no-

---

consequencia desta decisão Mustapha-Pachá, depois de ter assolado todo o paiz baixo, appareceu em frente das muralhas de Nicosia com um exercito de perto de cem mil homens. Dividiu a infanteria regular em septe corpos, compostos de septe mil homens cada um, e lhes marcou seu ponto para o ataque. Cada um dos corpos tinha uma bateria de septe canhões. A guarnição de Nicosia constava de dez mil homens, a saber: mil e quinhentos italianos; mil gentis-homens com seus creados; dois mil e quinhentos milicianos livres; tres mil venezianos da terra firme; duzentos e cincoenta albanezes; e mil nobres de Nicosia. Dandolo, Rocas e o capitão Palaiso, tinham se fechado na praça. Durante as septe semanas que durou o sitio, Piali-Pacha conservou-se em cruzeiro com a frota nas aguas de Rhodes para fechar a passagem ás esquadras que os Christãos tinham posto no mar. Os sitiados

me se deu, haver-nos dado signal para d'aqui por deante termos confiança que nos dará victorias assignaladas, se quizermos usar d'esforço naturalmente nosso, tão nomeado e temido entre gentes barbaras. Porventura haverá alguem que possa cuidar serem obras de mãos de homens as novamente feitas pelos Portuguezes na India, tendo por capitão o esforçado Albuquerque? Tantas e tão ricas e fortes cidades entradas por força de armas? Tão varias nações

---

de Nicosia defenderam-se com bravura, e repelliram dois ataques com valentia: mas n'um terceiro assalto, travado no dia da Assumpção, perderam alguns de seus melhores capitães. No fim do mez d'Agosto, havendo Piali regressado do seu cruzeiro, o seraskier mandou reforçar seu exercito com vinte mil soldados e marinheiros da frota, e ordenou um assalto geral.

Este ultimo assalto tinha sido fixado para 9 de Septembro de 1570. Os bastiões de Podocataro, Costanza, e Tripoli, foram tomados antes de nascer o sol; suas guarnições retiraram-se em desordem para o interior da praça, aonde os Turcos se arrojaram com impetuosidade. Em vão os habitantes, largando suas armas, imploravam em altos brados a piedade dos vencedores: os Turcos os degollavam inexoravelmente. Todavia o provedor, o arcebispo, e os outros magistrados, occupavam ainda o pala-

vencidas? Tantos povos sujeitos em batalha? E (com desegual numero de gente) sempre ficando vencedores em todas as cousas a que puzeram peito, e com isso fizeram tributarios a muitos reis, sujeitos com armas portuguezas! E os a que não chegou o perigo da guerra, por de todo estarem seguros d'elle, vieram ou mandaram por seus embaixadores com muita instancia pedir paz e alliança. E, por esta razão, é a nobreza d'estas victorias maior e mais excel-

---

cio do governador: seis canhões foram apontados contra o edificio, — e o seraskier enviou aos sitiados um frade para os intimar a renderem-se, e lhes prometteu as vidas salvas.

Ja tinham deposto as armas, quando, no regresso do frade, os Turcos furiosos com a resistencia d'aquellas, penetraram no palacio e mataram a todos. Por toda a parte se apresentavam á vista scenas de horror e de mortandade. Para se livrarem da vergonha com que estavam ameaçadas, algumas mulheres se precipitaram do alto dos telhados; outras assassinaram suas filhas com sua propria mão. Uma d'ellas apunhalou sua filha exclamando— «Não, tu não saciarás como escrava as infames paixões dos Turcos—» e depois matou-se a si propria. Vinte mil pessoas foram immoladas ao furor sanguinario do vencedor, e dois mil jovens tanto d'um como d'outro sexo

lente por não serem nomeadas pelo estrago e mortandade que se em os inimigos fez sómente, mas pelo esforço notavel portuguez, com que foram ganhadas, a que assi Deus favoreceu, que victorias presentes puzessem em esquecimento as passadas, de maneira que sempre os despojos de uma alcançassem os da outra, e com ellas ficassem vencidos tantos reis, e alliados todos os demais que não quizeram experimentar a valentia portugueza.

---

foram levados para o captiveiro. Durante oito dias esteve a cidade entregue á ferocidade do soldado: mas a acção heroica d'uma mulher grega ou veneziana privou o vencedor do principal fructo de sua conquista. Dominada pelo desejo da vingança, lançou ella fogo á galeota do grão vizir Mohammed-Pachá e a outros dois navios, os quaes carregados com os despojos mais preciosos em ouro, prata, peças, e meninas das primeiras familias, esperavam no porto o momento de se fazerem de véla. A explosão da polvora fez saltar o navio do grão vizir, e o fogo consummiu aos outros dois: mil jovens escravas pereceram nas chammas, e alguns marinheiros tão sómente conseguiram salvar-se.

Finalmente restabelece-se a serenidade. O seraskier foi no dia 15 de Septembro ouvir a oração na Egreja de Santa Sophia, convertida em mesquita; e tres dias depois

«Pelo que, Beatissimo Padre (assim como tudo o mais), faz Vossa Santidade isto com muita prudencia e christão zelo, que, por uma victoria como esta (que não sei se se pode desejar maior) que em tão felices tempos Nosso Senhor quiz dar ao Christianissimo Rei D. Manuel, manda que se façam solemnes procissões, e pessoalmente as acompanha, para que sejam dadas graças ao Senhor e a todos os Santos por uma tamanha mercê como esta.

---

encaminhou-se para defronte das muralhas de Famagusta, deixando em Nicosia a Musaffer-Pacha com um corpo de dois mil homens.

Todavia as galés de Hespanha (anno 1571), de Veneza, e do Papa, começavam a reunir-se; e os Venezianos empregavam todos seus esforços para arrastarem seus alliados á defesa da ilha de Chypre.

O boato da tomada de Nicosia lançou o desalento e a desharmonia na esquadra confederada; e, apezar das instancias de Zano (o almirante veneziano) Colonna (almirante da Santa Sé) e o almirante hespanhol Doria recusaram ir procurar a frota de Piali-Pachá nas aguas de Chypre, e conservaram-se em estação na ilha de Candia. Sómente doze galés venezianas, commandadas por Marco Antonio Quirini, conseguiram desembarcar em Famagusta um soccorro de mil e seiscentos homens e

«Porque não é esta victoria havida de um povo bellicoso, ou de uma cidade forte e bem defendida, mas d'aquella grande e nomeada India, em a qual depois de sujeitos por armas portuguezas os riquissimos reinos de Goa e Ormuz, e feitos seus tributarios de maneira que da mão do valoroso capitão Affonso d'Albuquerque, em nome d'El-Rei de Portugal seu senhor, acceitassem os reinos aquelles que os houvessem de governar: agora em fim de tantas

---

algumas munições. Estas mesmas galés metteram a pique alguns navios turcos, e se apoderaram d'aquelle que levava de Constantinopla o soldo para as tropas.

Tornou o Sultão a culpa d'estes revezes successivos aos beys de Chio e de Rhodes, que tinham sido deixados de guarda em estação defronte da ilha. O primeiro teve a cabeça cortada; e o segundo foi privado do seu farol, notavel distinctivo dos beys do mar.

O inverno tinha retardado as operações do sitio. A frota dos Ottomanos havia voltado para Constantinopla; mas na primavera de 1571 reappareceu na ilha de Chypre; e o cêrco de Famagusta, que até então não tinha passado d'um bloqueio, foi proseguido com vigor.

A defesa de Famagusta tinha sido muito melhor dirigida do que o fôra a de Nicosia. O heroico Marco Antonio Bragadino era o capitão-mór da cidade e da forta-

victorias, assim por mar como por terra, está vencido aquelle fertilissimo e riquissimo reino de Malaca, a quem os antigos por sua muita riqueza chamaram *de ouro*, querendo com este nome (que a nenhuma outra terra se deu) mostrar a grandeza de suas muitas riquezas, e não sómente na victoria d'estes reinos havida se interessa a grandeza d'elles, mas (o que não é pouco proveito para nossos tempos) que barbaros, a quem d'antes a fama nossa não chegava,

leza: tinha ás suas ordens seu irmão João André. Hector Baglioni era capitão general; e João Antonio Quirini, intendente. Puzeram fóra todas as boccas inuteis, e apenas ficaram na cidade septe mil homens (metade italianos, e metade gregos) capazes de pegarem em armas. As fortificações de Famagusta não estavam em bom estado; seus defensores foram indignamente desamparados pelos Estados christãos do Occidente: mas a coragem de Bragadino, e o ardor que este communicou a toda a sua guarnição, conservou em receios aos turcos, e tornou gloriosos os ultimos momentos da dominação christan na ilha de Chypre.

A trincheira aberta no curso do mez d'Abril estava completamente terminada no meiado de Maio, sem que houvesse sido possivel aos sitiados porem-lhe embaraço· N'uma extensão de mais de tres milhas, Mustaphá tinha

agora o perigo d'elles faz temor áquelles, para cujas terras se abriram caminhos, de que até agora não tinhamos conhecimento algum. Abriu-se-nos pelo reino de Ormuz caminho, para a casa santa de Jerusalem (terra em que o Salvador nasceu) poder ser tornada a ganhar, e tirada das mãos d'aquelles infieis que tyrannica e indevidamente a possuem, em cujos corações tem entrado temor, que lhe faz arrecear o perigo de seus similhantes. Nas quaes cousas todas não

mandado praticar, algumas vezes atravez da rocha, um caminho largo e tão profundo, que um homem a cavallo podia percorrêl-o sem ser observado: na parte trazeira d'este fôsso, tinham construido dez fortes, d'onde partia um fogo continuo, que obstava ás sortidas da guarnição. As muralhas, as torres e os bastiões fulminados por cinco baterias compostas de septenta e quatro peças, entre as quaes davam na vista quatro d'um calibre extraordinario, taes como as que os Turcos tinham por costume empregar nos seus grandes cercos em Constantinopla, em Scutari, em Belgrado e em Rhodes, e ás quaes os historiadores christãos umas vezes dão o nome de *hepoles*, outras, de *basiliscos*. Do lado dos sitiados era o fogo dirigido pelo general d'artilheria Martinengo, o qual promettia sustentar n'estas circumstancias a honra d'um nome já illustrado no cêrco de Rhodes.

sei a qual mais gabe, se o zelo e felicidade do muito poderoso Rei D. Manuel, o qual com tanto trabalho e despezas suas quiz extender o nome Christão a tão apartadas provincias e alheias gentes de nosso commercio, para que, d'onde a lei de Christo não era d'antes ouvida, ahi puzessse a bandeira de sua santa Cruz, ou o esforço, saber, e valentia d'animos portuguezes, que, com ousadia nunca vista e com desejo intimo de accrescentar a religião christan, hajam

---

Depois de ter crivado com balas os bastiões de Famagusta, tentaram os Turcos o escalamento d'esta povoação: mas a guarnição os repelliu. Todavia não poude obstar esta a que se alojassem nos fossos d'onde foi impossivel removel-os. Tanto d'uma parte como da outra trabalhavam activamente em aprofundar a mina ou em a contraminar. Mas os esforços dos sitiados eram inuteis. Os trabalhos subterraneos do inimigo avançavam sempre; e a 21 de Junho a mina arrebentou, derribando um enorme lanço de muro. Immediatamente os sitiadores se arrojam por cima dos entulhos com a esperança de se apossarem da praça: mas este assalto não teve melhor exito do que o precedente: o inimigo foi repellido depois d'um combate de cinco horas, no qual padeceu grandes perdas, e durante o qual se viram algumas mulheres combaterem valentemente ao lado de seus maridos. Mas,

passado a tão diversos climas de sua natureza, aonde lhe era necessario pelejar não sómente com crueis e despiedados inimigos, mas com a mesma fome, sêde, frios e calmas insoffriveis; e com ella mesma desprezassem todos os trabalhos que sobrevir pudessem por cumprir com a obrigação que de mandado de seu rei com animo contente acceitaram.

«E em estas cousas verá facilmente a grandeza das mercês do Senhor quem olhar com quão

---

fôsse qual fôsse a coragem dos sitiados e as vantagens que obtinham sobre os Turcos, enfraqueciam todos os dias não podendo reparar os prejuizos nem renovar suas munições, ao passo que o exercito de Mustapha era sufficientemente numeroso e abundantemente provído de tudo. A 29 de Junho uma outra mina fez explosão: um novo assalto foi dado por meio da brecha que ella tinha aberto,—e, depois d'uma peleja furiosa e cruenta que durou ainda por seis horas, Mustapha viu-se obrigado a dar signal de retirada.

No corrente mez de Julho outros assaltos foram tentados, mas sem melhor exito. O seraskier começava a desesperar de poder tomar a praça, e já pensava com susto no castigo que o esperava no caso de voltar vencido.

Não cessava de animar com suas palavras e rigores, o zelo de seus soldados, que elle mandava morrer aos mi-

pouca gente toda a India se ganhou; pois, não havendo na armada toda tres mil homens portuguezes, sobre tantos reinos d'ella tomados por força de armas, tantos reis espantados do nome Portuguez, virem humildes pedir paz, e, aos que a não quizeram tomar, acceitarem por força leis da mão de seus vencedores,—e alguns, a que o Senhor quiz alumiar, se bautizassem e acceitassem a fé christan, de maneira que em tão remotas terras se achassem Christãos com Christãos;

---

lhares debaixo das muralhas inexpugnaveis de Famagusta.

Todavia Bragadino, Baglioni, Tiepoli, e seus companheiros, ostentavam um heroismo—que a Historia ha de lançar em rosto a Veneza e aos outros Estados não o terem coadjuvado. Estavam alojados nas trincheiras com o fim de estarem promptos em todas as occasiões e de nunca perderem de vista os defensores.

Visitavam continuamente todos os postos. Todos os officiaes tomavam por ponto de honra imital-os, e se a praça houvesse sido abastecida, o exercito dos Ottomanos ter-se-hia inutilmente consumido sob as muralhas dos Gregos. Mas a explosão das minas, o fogo d'artilheria dos Turcos, a mortandade dos assaltos, tinham singularmente diminuido o numero dos bravos defensores de Famagusta A penuria de viveres e de munições, á qual estavam redu-

e por remate d'estas victorias com o mesmo numero de gente e menos ainda, por ser necessario sustentar com parte d'ella em guarnição os reinos ganhados, vemos Malaca tomada, seu rei vencido e afugentado, com muito pequena parte de seu exercito que o seguir poude, por a maior ser morta a ferro, e ficar uma tão nobre cidade, cabeça de um tão rico reino, em poder dos Christãos. Esta, Beatissimo Padre, é aquella Aurea Chersoneso, que está no cabo

---

zidos, devia dentro em pouco fazer-lhes cahir as armas das mãos. Não se encontravam na cidade nem vinho, nem legumes, nem carne de qualquer especie. Achavam-se reduzidos a comerem cavallos, burros, cães e gatos. Os burguezes supplicavam a Bragadino que capitulasse, mas este recusou fazel-o em quanto lhe restaram munições para combater. A 29 de Julho repelliu um sexto e ultimo assalto, no qual, em pé sobre a brecha, matou alguns inimigos com sua propria mão, e elle mesmo recuperou uma bandeira veneziana arrancada a Nicosia. Mas n'este ultimo combate tinham os sitiados exgottado todos os seus fornecimentos. Apenas lhe restavam septe barris de polvora. A guarnição, ameaçada com um septimo assalto, teve de se resignar a uma capitulação, que se tornou indispensavel, e a bandeira branca foi hasteada na fortaleza.

d'aquella grande enseada, em que o rio Ganges descarrega suas aguas no mar, tão nomeada pela sua muita riqueza, que, assim pelas muitas e mui ricas mercadorias que se a ella de differentes partes trazem, como pelas não menos ricas que d'ella se levam, é tida pela mais nobre escala de toda a India, e com razão, porque nenhuma cousa ha das que na vida se podem desejar, de que não haja n'ella grandissima abastança. Tinha Malaca um rei mouro em seita,

---

No dia 1 d'Agosto de 1571, depois da troca de refens de parte a parte, foi a capitulação assignada com as condições seguintes: a guarnição devia sahir com suas armas e bagagens, cinco peças d'artilheria, os tres cavallos de seus principaes chefes, e ser transportada immediatamente a Candia. Os habitantes estavam livres para deixarem a cidade, e levarem tudo quanto lhes pertencia. Os que ficassem não deviam ser incommodados tanto nos seus bens como pessoas. Mustapha teve o cuidado de não pôr duvidas em nenhum d'estes artigos: temia muito que os Christãos tomassem uma resolução desesperada; e não queria comprometter por um novo combate e novos sacrificios uma victoria d'ahi por deante segura. Mandou immediatamente alguns navios para os os quaes a guarnição começou a embarcar para ser transportada a Candia. Affectava mostrar muita estima para

rico em thesouros, poderoso em armada de mar, — e grandissimo inimigo do nome Christão, especialmente de Portuguezes, porque quasi dois annos antes quizera matar á traição um capitão nobre portuguez, que a seu porto chegára. E havendo o excellente capitão Affonso d'Albuquerque (nome bem merecido por seus illustres feitos), que então em nome do muito poderoso Rei D. Manuel governava a India, posto em paz

---

com seus corajosos adversarios, recebia com cortezia todos quantos lhe eram apresentados, e lhes remetteu algumas provisões de toda a especie. Nada, porêm, havia de sinceridade em todas suas caricias; e o perfido mussulmano, que não podia perdoar aos bravos defensores de Famagusta todas as inquietações que lhe tinham causado, meditava contra elles a mais atroz vingança.

Mustapha immediatamente depois da capitulação da cidade tinha-a evacuado; e a guarnição fôra embarcada em navios turcos, não esperando mais, para se fazer de véla, do que pela ultima entrevista de Bragadino com o seraskier.

A 5 d'Agosto Bragadino enviou ao campo ottomano Henrique Martinengo, sobrinho do general d'artilheria d'este nome, para prevenir o seraskier de que teria a honra de lhe apresentar n'essa mesma tarde as chaves da cidade.

e segurança os outros reinos e fortalezas d'elles, que n'ella áquem do Ganges, a que os Portuguezes chamam cabo do Comorim para dentro, tinha ganhado, determinou tomar vingança da traição que o rei de Malaca a Portuguezes fizera, e em satisfacção d'isso tomar-lhe o reino, — e, chegado com bom tempo a Malaca, se poz em ordem para combater a cidade, assim por mar como por terra. O rei d'ella que nunca tal cousa receára, vendo-se menos apercebido do que havia

---

Mustapha respondeu a esta mensagem com todas as apparencias de cortezia, e mandou dizer a Bragadino que teria uma grande satisfacção em travar conhecimento com os bravos defensores de Famagusta. Tres horas antes de se pôr o sol, encaminhou-se Bragadino para o campo ottomano com Baglioni, Luiz Martinengo, Antonio Quirini, varios outros officiaes e uma escolta de quarenta homens. Ia a cavallo á frente do cortejo, com o seu vestuario de magistrado veneziano (isto é, vestido com sua tunica de purpura), indo uma pessoa com um guarda-sol vermelho para cobrir a cabeça d'este magistrado, o que era um dos signaes da sua dignidade. Foi recebido com muitas attenções. O pachá conversou por alguns instantes com elle e com as pessoas da sua comitiva acêrca das occorrencias do cêrco. Porêm estas enganadoras demonstrações cessaram quasi immediatamente. Perguntou-lhes

mistér para sua defensa, quiz usar de manha, e, mandando recado de paz ao animoso vingador da traição feita a Portuguezes, Affonso d'Albuquerque, começou com dilações a largar a conclusão do negocio da paz que tratava fingidamente, e a entretel-o continuando em fortalecer-se; e, sendo estas cautelas sentidas pelos Portuguezes, se puzeram em ordem para combater a cidade, e, embarcando-se em embarcações pequenas, com animoso peito pojaram em terra, e, com a artilheria que levavam, começaram a des-

o seraskier que segurança podiam elles dar que abonassem o livre regresso dos navios encarregados de transportarem a guarnição a Candia; e, ao responder Bragadino que a capitulação nada tinha estipulado a tal respeito, exigiu que lhe deixassem como refens o joven Antonio Quirini.

Bragadino respondeu com energia, e com mais indignação do que era permittido á sua posição.

Não estando já resolvido a dissimular, o seraskier rompeu em imprecações contra o commandante e todos os venezianos, accusando-os de terem mandado degolar cincoenta peregrinos mussulmanos, a despeito da inviolabilidade d'estes, afiançada por uma capitulação. Bragadino, que deveria antes procurar justificar-se de taes homicidios, nem por isso deixou de continuar menos a recusar

viar os Mouros para que mais sem perigo pudessem entrar a cidade. Vendo-se o rei n'este trabalho, e que o chegavam a estado de lhe ser necessario defender-se por armas, e que já o não podia fazer com enganos, ordena a defensa com os seus por suas estancias, e elle sobre um elephante andando entre elles, esforçando-os e dizendo-lhes que não quizessem faltar á sua patria e áquelle ultimo Estado. Já os Portuguezes com uma animosa alegria se chegavam ao muro, e a artilheria da banda do mar dispa-

---

com coragem e com palavras pouco commedidas os refens pedidos.

Passou Mustapha das injurias aos factos, mandou apertar um garrote a Baglioni, Martinengo, Quirini, e Bragadino; e ordenou que os levassem assim de rastos para fóra da sua tenda. Os tres primeiros foram immediatamente assassinados.

Bragadino, testimunha de sua morte, estava reservado para mais longos tormentos. Actualmente contentaram-se com lhe cortarem o nariz e as orelhas. Sómente seis dias depois, uma sexta-feira, foi consummado seu horroroso supplicio.

Assentado n'um banco, com uma corôa a seus pés, foi içado sobre a verga da galé do bey de Rhodes, depois mergulhado na agua, porque, no dizer d'um historiador

rava, quando os da cidade começaram de enfraquecer, e, deixadas suas estancias (que pouco tempo sustentaram), começaram de fugir; seguindo-os os Portuguezes com esforçados corações, e entrando em seu alcance dentro na cidade, chegaram ao meio d'ella, aonde, em uma ponte que sobre um rio (por onde entram navios), que pelo meio da cidade corre, estava, tinha o rei feito sua defensa, e posto a força de sua gente, e, fortalecendo mais esta estan-

---

ottomano, assim tinha tratado alguns dos prisioneiros turcos.

Depois suspenderam-lhe do pescoço dois cestos cheios de terra, os quaes teve de levar para os dois bastiões com o fim de se aproveitarem na sua reconstrucção: e, todas as vezes que passava por deante do seraskier, era obrigado a prostrar-se. Finalmente levado para a praça em frente do Palacio da Senhoria, foi amarrado ao poste, no qual os prisioneiros turcos padeciam ordinariamente a pena de flagellação, e depois extendido no chão e esfolado vivo,—«attendendo a que (diz o general ottomano) aquelle que fez correr sangue mussulmano, deve derramar o seu».

O seraskier e o algoz, dirigindo-se ao heroico paciente, lhe gritavam ao mesmo tempo: — «Onde está então o teu Christo? Porque não vem elle soccorrer-te?»

cia, recolheu n'ella os que fugiam; e por o rio se não poder passar a vau pelos Portuguezes se fez forte na ponte. Alli se azedou mais a peleja: todavia os Portuguezes favorecidos da esperança, e os inimigos cortados do medo das armas portuguezas, tão rijamente apertaram com os infieis, que, não estimando as armas d'elles, nem seus elephantes com castellos de frecheiros, nem a difficuldade do vau, com ferro abriram caminho por meio dos inimigos, dos

---

Sem que deixasse escapar um só queixume, Bragadino recitou o *Miserere* no meio de suas horrorosas torturas. E,—pronunciando o undecimo versiculo «Concedei-me, Senhor, um coração puro»,—falleceu.

Não contente com o supplicio ignominioso e horrivel que tinha feito padecer a Bragadino, o seraskier mandou, na sua ferocidade selvagem, que o corpo do heroe fôsse esquartejado, e seus quatro membros expostos nas quatro grandes baterias, e que sua pelle fôsse cheia de feno, com o fim de ser levada irrisoriamente em cima d'uma vacca pelo campo e pela cidade. Foram em seguida estes nobres despojos dependurados na verga d'uma galera, e depositados n'uma caixa com as quatro cabeças de Bragadino, Baglioni, Martinengo e Quirini, para serem enviadas ao Sultão. Foi em Constantinopla a pelle de Bragadino exposta na prisão dos escravos christãos. Al-

quaes uns se mettiam com desesperação pelas armas portuguezas, outros se deitavam ao rio para se salvar; finalmente em cabo de poucas horas fugiram todos e o rei com elles, indo ferido. Foi entrada a cidade e saqueada, muitos inimigos mortos; foi n'ella achada muita quantidade de ouro e prata; acharam-se n'ella muitos apparelhos e munições de guerra, entre as quaes foram duas mil peças d'artilheria; foram tomados septe elephantes costumados á guerra

---

guns annos depois, foi resgatada por seu irmão e seus filhos, mettida dentro d'um sepulcro de marmore, e depositada na Egreja de S. João e de S. Paulo,—ao passo que suas ossadas, recolhidas com um cuidado religioso depois de seus supplicios, foram enterradas na Egreja de S. Gregorio».

Eis quaes eram os Turcos e a maneira como tratavam aos Christãos,—o que deve ser tomado em consideração por aquelles que se entregam á leitura de nossas descobertas maritimas, e que por isso sabem quão grandes serviços foram prestados pelos nossos, que muito contribuiram para que a Europa fôsse salva de cahir sob o barbaro e despotico poder dos Turcos e Mouros, que de tantas e tantas regiões se apossaram!

Pelo que diz respeito, porêm, ao judeu portuguez D. Miguel ou Joseph Nasser, ficou a vêr navios. Não con-

com seus castellos e encaixados d'elles tecidos de ouro, e muito ricamente guarnecidos, de maneira que, não sómente os homens, mas os brutos d'aquelle reino, ficaram obedecendo ao Imperio Portuguez.

«Oh bom Deus! oh Senhor poderoso! Vosso é o poder! Vosso é o esforço! a vossa mão direita nos alevantou. Porque? Como poude uma tão forte cidade ser entrada e um tão poderoso rei ser lançado d'ella, se vós não dereis vossa

---

seguiu o governo do reino de Chypre, cujos rendimentos foram destinados para a manutenção do grão-vizir.

Mas, se o judeu portuguez não chegou a ser o rei de Chypre, nem por isso deixam os nossos compatriotas d'encontrar recordações portuguezas em Nicocia.

No reinado d'El-Rei D. Sebastião, Fr. Pantaleão d'Aveiro dirigindo-se para a Terra Santa passou por Nicocia, e ficou admirado ao vêr na Egreja conventual de S. Francisco d'esta cidade um tumulo sumptuoso e magnifico com as armas de Portugal. Mostraram-lhe tambem os frades um panno de pulpito e outros egualmente de serviço da Egreja, em que havia as mesmas armas. Era este o tumulo de D. João, filho do Duque de Coimbra, a quem mataram na batalha d'Alfarrobeira.

Tendo D. João acompanhado sua irman D. Beatriz á côrte de Borgonha, onde então era duqueza sua tia

ajuda e favor? Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome, dae gloria. Vós quebrastes as forças dos inimigos. Vós fizestes os povos sujeitos a nós, e os puzestes debaixo de nossos pés. Vós mandastes vossas settas e os desbaratastes, com vossos relampagos os espantastes; vós fostes o capitão, vós o conselheiro; vós puzestes o medo em nossos inimigos, vós os fizestes fugir. Não para nós, Senhor, não para nós, mas para gloria do vosso nome.

D. Isabel, veio a casar com Carlota, herdeira presumptiva do reino de Chypre. Reinava então n'esta ilha Jono III, o qual de sua primeira mulher houvera aquella unica filha. Casára, porêm, Jono em segundas nupcias côm Helena Paleologo, grega do Peloponeso, e deixava-se por ella governar, mas tambem esta era governada pela ama, e a ama por um filho. Ousou este ter inveja de D. João, e d'aqui se originaram grandes dissensões. D. João morreu, e foi voz constante e unanime que de veneno.— Quem desejar mais esclarecimentos a tal respeito consulte:—*Panorama*, de 1841; Fr. Pantaleão d'Aveiro, *Peregrinação á Terra Santa*; *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.*

E que direi eu de Malta, cujo nome ainda hoje é grego?

«Entrando em La Valletta (diz José Joaquim Lopes de Lima no *Jornal da viagem de Gôa para Lisboa*, pag.

«Mas... para que me detenho tanto na tomada de Malaca? pois não é menos o que depois d'ella tomada se fez de suas ruinas! D'ella e de suas mesquitas se fez logo fortaleza assaz forte para freio d'aquella inquieta gente, e lhe foram dados governadores cada anno, debaixo de cujo governo vivessem, e leis com que fôssem sustentados em justiça: e depois d'isto foram assentadas pazes com muitos reis vizinhos seus, que foram os reis de Pegú, Saomatra, Pedir,

63) pela porta real, nos dirigimos a ouvir Missa na majestosa Egreja de S. João, vasto e riquissimo templo, todo de marmore de differentes côres. Coube-me a sorte de ajoelhar, sobre uma campa, perto da porta; e, fitando os olhos no escudo d'armas, vi em um dos quarteirões as armas de Portugal. Eram de um bailio Pinto de Carvalho, e de roda jaziam outros compatriotas, sobre cujas ossadas cobertas de pompa elevei o coração a Deus n'esta terra extrangeira.

«Acabada a Missa, fômos visitar as capellas. Entrei logo na de Portugal. Quando m'a não indicassem as armas reaes d'El-Rei D. Manuel esculpidas no interior da arcada, bastavam para me guiar os dois tumulos de Manuel Pinto da Fonseca e de Antonio Manuel de Vilhena: o primeiro, de marmore branco com uma Fama, e um rico retrato em mosaico do energico grão-mestre Pinto;

Pacé, Jaós, e finalmente até os ultimos orientaes Chinas, tão nomeados pela mercancia.

«E, — por não faltar aos Portuguezes occasião d'empregar suas forças, e extender com ellas o imperio com ellas ganhado, — partido o illustre capitão Affonso d'Albuquerque de Malaca, tornando a Goa, que direi da victoria que houve? Que não parece victoria, mas uma disposição divina que assim o quiz: porque, — tendo este illustre capitão a ilha e reino de Goa ganhado por força

o segundo, de bronze e marmore negro, sustentado por dois leões de bronze, e em cima, do mesmo metal, o busto do mesmo grão-mestre Vilhena. Estes dois nomes se acham aliás esculpidos em muitos dos frontispicios das melhores e mais uteis fundações de Malta».

«Se se considerar (lê-se a pag. 27 do *Panorama* de 1839) que a França conservava na religião tres linguas, que eram as de França, Provença e Auvergne, não será para admirar que a maior parte dos grão-mestres tivessem sahido d'aquella nação. Assim contamos quatro portuguezes occupando aquella soberana dignidade, que todos no catalogo dos grão-mestres conservam nome honroso, que são: D. Affonso de Portugal (filho natural de El-Rei D. Affonso Henriques), que abdicou, e veio morrer em Portugal em 1207 segundo os melhores auctores, e jaz em Santarem, na Egreja de S. João; D. Luiz Men-

os Portuguezes que na fortaleza ficaram, os quaes, cercados de tão poderoso inimigo, se viram em grande aperto e necessidade.

«E querendo assi o Senhor Deus, estando elles n'este trabalho, appareceu a armada que com tão insigne victoria vinha de Malaca, com cuja vinda foi tamanho o medo dos inimigos que, sem esperar que se desembarcassem os Portuguezes, se foram com a maior pressa que puderam.

---

culos da Ordem, os priorados, bailiados, e commendas eram communs indifferentemente a todos os cavalleiros, ao passo que taes dignidades foram depois inherentes a cada lingua ou a cada nação particular. Mais tarde o numero das linguas subiu a oito com a creação das de Castella e de Portugal. Porêm depois do scisma de Henrique VIII a suppressão da lingua d'Inglaterra fez com que descessem ao numero de septe. Vide:—VERTOT, *Histoire de l'Ordre de Malte* (Amsterdam, 1764); e JOSÉ ANASTACIO DE FIGUEIREDO, *Nova Historia de Malta* (3 vol. in fol.).

Mas não se limitam só a isto as recordações portuguezas dos nossos na patria de Sophocles, Homero, Thucydides e Demosthenes. Nem mesmo a isto se deveriam limitar as recordações dos nossos, cuja historia tantos pontos de similhança apresenta quando confrontada com a da Grecia. Tanto este paiz como a Grecia eram

«Lê-se d'aquelle grande Alexandre, principe da Macedonia, que, chegando ás partes da India, e combatendo um logar forte e bem defendido de seus moradores, teve em tanto, e pareceu tamanha cousa, haver tomado aquelle logar, que começaram os seus soldados a dizer que era mais esforçado que Hercules. Sendo isto assim, que triumphos, que honras soberanas se devem a El-Rei D. Manuel, que tem vassalos por cuja mão e esforço não sómente venceu por armas

---

pequenos na Europa, mas immensos na Asia. Ambos luctaram com vantagem contra os inimigos da independencia patria. Ambos succumbiram e foram reduzidos á escravidão. Os nossos, porêm, n'este ponto, foram mais felizes do que os Gregos. Ambos apresentaram litteratura até certo ponto original, embora a grega seja mais rica do que a nossa. Mas em todo o caso possuimos obras poeticas e descriptivas de remotissimas regiões, com tantas bellezas, que ou em vernaculo ou vertidas para outros idiomas hão de passar á mais remota posteridade.

D. João, filho do Infante D. Pedro (d'Alfarrobeira), intitulava-se Rei de Chypre. Assim o diz Ruy de Pina na *Chronica de D. Duarte*, cap. CXXVII (*Ineditos da Academia*).

O celebre escriptor Paw falando da degeneração dos

uma cidade da India, mas a mesma India (dos —Romanos não vista, dos Godos não sabida, e dos famosos Sesostris, rei de Egypto, Cyro, Semiramis, em vão per muitas vezes combatida) quasi andou rodeando, com continuação de suas victorias.

«Augusto Cesar, com ser monarcha, houve por grande felicidade sua, entre as mais, ser visitado dos reis da India com presentes e mandar-lhe por seus embaixadores pedir amizade.

Gregos diz o seguinte a pag. 111 do 1.º vol. da sua obra *Recherches Philosophiques sur les Grecs* (Berlin, 1788):

«Em Portugal e na Hespanha notou-se até mesmo que as familias nobres são constantemente as mais estupidas. E, se houvessem feito observações similhantes ácerca d'outros paizes, haveriam talvez obtido os mesmos resultados. Sem falarmos das consequencias d'uma educação viciosa, que não queremos confundir absolutamente com as causas physicas, podemos facilmente explicar o que se observa na Hespanha e em Portugal por causas mui simples. Supponhamos que n'um pequeno paiz isolado existem cincoenta fidalgos imbecis, e que sómente se casam n'estas familias, e nunca fóra d'estas. N'este caso a fraqueza do paiz se transmittirá de tal modo aos filhos, que o Estado nada de bom poderá esperar da posteridade d'uma raça similhante. Ella ha-de até mesmo

«Quem poderá contar bem os grandes serviços que pelos reis da India foram mandados ao invictissimo Rei D. Manuel, as pareas que lhe pagam, as amizades que lhe requereram, finalmente a vassalagem que quasi todos aceitaram per mão e esforço d'este illustre capitão? porque, alêm dos que por força de armas tinha feito tributarios, não ficou rei da India, de quem não fôsse servido com serviços de infinito preço: do rei de Cambaya, do poderoso rei de Nar-

---

dar todos os ares d'esses arbustos que nunca foram enxertados, e cuja seiva tão sómente poderá ser melhorada com a infusão d'uma seiva extranha.»

«Quando em 1453 os Turcos tomaram Constantinopla, o Papa Calixto III, acceso na dôr da perdição d'aquella cidade e torrão, mandou a Portugal um mensageiro, e D. Affonso V acceitou o emprego de fazer guerra aos Turcos com 12 mil homens por um anno á sua custa. Não se realizou porêm esta ida, principalmente porque D. Affonso V soube que o rei de Fez tencionava cahir sobre Ceuta durante a ausencia d'El-Rei.» (Ruy de Pina: *Chronica de D. Affonso V*—cap. CXXXV).

Em 5 de Julho de 1715 sahiu de Lisboa em direcção

singa, que sabida a victoria de Malaca mandou por seus embaixadores um copo d'ouro e uma espada d'ouro com um rubi no punho de grandissimo preço, e lhe mandou pedir que d'elle e de seu reino se servisse. Mas...para que me detenho em contar de ouro e pedraria e cousas que infieis lhe mandaram? Passo-me ao que mais vale. Aquelle Preste João, senhor de toda a Ethiopia, que está debaixo do Egypto, por o ter por amigo, não lhe mandou ouro nem pe-

---

a Corfu uma luzida esquadra contra os Turcos commandada pelo Conde de Rio Grande. Não encontrou os Turcos, mas encontrou-os no anno immediato. E no dia 6 de Novembro entrou a nossa esquadra triumphante no porto de Lisboa.

«O que sey he dizer Estrabo que os Portuguezes, moradores nas comarcas d'entre Douro e Minho e outras visinhas a ellas, e em particular as que ficam junto á corrente do rio Douro, como pela maior parte trazião sua origem dos gregos.» (Fr. Bernardo de Britto: *Monarchia Lusitana*, liv. V. cap. I).

Não havia por aquelle tempo o minimo conhecimento da lingua grega. E até mesmo estava ella tão desacreditada que, no anno em que Francisco I fundou uma ca-

draria, mas mandou-lhe o que em muito mais estima elle tinha, e elle estimou muito mais, que foi uma boa parte do lenho da Vera Cruz, e lhe mandou dizer que com razão lhe mandava aquella parte da verdadeira Cruz em que foramos remidos: pois elle levantára per forças d'armas, tão longe da sua patria, a bandeira da Santa Cruz.

«Escrevem os historiadores que Demetrio, filho d'Antigono, successor que foi de Alexandre, no senhorio de Macedonia, por ser muito

---

deira d'este idioma no Collegio de França, um frade gritava do pulpito com um santo enthusiasmo: Acharam, meus irmãos, uma nova lingua chamada «Grego», contra a qual é mistér que nos precavamos com cuidado, porque produz ella todas as heresias.

É Pouqueville que nos narra este caso a pag. 310 do vol. IV da sua *Voyage en Grèce*.

E o mesmo auctor exclama:

«E no emtanto era a lingua dos primeiros padres da Egreja, o idioma harmonioso de S. João Chrysostomo, que ousavam anathematizar d'esta maneira!»

Todavia mesmo no grego moderno se reconhece a belleza do grego antigo, pois Edmond About (e assim é) affirma «que o grego moderno só differe do antigo por uma serie de barbarismos, cuja chave se encontra

industrioso no tomar cidades, lhe chamaram *Poliorcetes*, que em lingua grega significa—«tomador de cidades». Que nome daremos logo ao excellente capitão Affonso d'Albuquerque, pois taes cidades tomou, taes reinos venceu, tantos exercitos desbaratou? Que felicidade ahi que se possa comparar com a de um rei, senhor de tal vassalo? Que per força de armas destruiu Calicut, fortissimo reino. Fez o rei de Narsinga, tão poderoso com todos seus vasallos e riqueza

---

com facilidade» (Vid. *La Grèce Contemporaine*, pag. 12. —Paris, 1880.)

Este mesmo auctor no seu interessantissimo livro acêrca da Grecia moderna nos diz que no bazar d'Athenas contavam a historia d'um capitão de marinha mercante, o qual teria causado assombro ao proprio manhoso Ulysses.

Nascêra este capitão em Lisboa, e entregára-se á vida do mar. Em certa terra vendêra seu carregamento e conjunctamente o navio. Seus marinheiros, porêm, perguntaram-lhe:—Como nos conduzirás tu á nossa terra? Promettestes nos que nos havias de largar no Pyreu!

—Socegae, acudiu o capitão. Eu me encarrego de tudo. Dentro em pouco estareis de caminho para lá. Mas, emquanto estamos esperando, quereis fazer commigo uma pequena viagem? Vendi o navio, mas ficou-me a lancha.

de reinos e copia d'elephantes, vir pedir pazes a seu Rei. Fez o rei de Cambaya acceitar paz. Restituiu em seus reinos, depois de per armas vencidos, aos reis de Cochim e Cananor. Livrou de grande sujeição aos Christãos que viviam na India. Ganhou o reino d'Ormuz; o reino de Goa; o reino e ilha de Ceylão. Finalmente que não contente com tantas victorias, mandou-o o poderoso Rei D. Manuel fazer guerra ao Grão Soldão do Egypto, passando o Mar Roxo.

O comprador deixou-me um pequeno mastro que ainda está bom; e uma véla que não está rasgada. Offereço-vos, pois, um passeio.

Os marinheiros embarcaram sem desconfiança. Conduziu-os, sem nada terem que fazer, a Gibraltar; transportou os para Marselha, onde devia, segundo dissera, arranjar-lhes uma embarcação: de Marselha levou-os a Toulon, e d'aqui a Genova. No fim de seis mezes a lancha entrava triumphante no Pyreu! (Vid. EDMOND ABOUT: *La Grèce Contemporaine*, pag. 146).

*

Os desposorios, ceremonia religiosa, teem um caracter quasi tão sagrado como o casamento. Em certos logares, (em Missolonghi, por exemplo) a desposada goza de to-

«E, porque não haja parte a que suas victorias não cheguem, em Africa tomou a nobre cidade de Çafim: as quaes victorias e felicissimos successos do invictissimo Rei D. Manuel, quanto mais são dignos de louvor e honra, tanto nós somos mais merecedores do odio da gente,—porque nenhuma outra cousa trabalha, senão accrescentar pelo mundo a fé de Christo; nós, deixada tão justa e commum causa, todos estamos embaraçados em vingar particulares injurias! Elle peleja com imigos infieis, nós uns com

---

dos os privilegios do marido. Espera-se, para celebrar a união, que ella prometta seus primeiros fructos. Se o futuro, depois de ter celebrado conscienciosamente os desposorios, fugisse do sacramento, sua recusa custar-lhe-hia a vida. Contam a historia d'um desposado que fugiu na vespera do casamento em um navio portuguez; foi, porêm, apunhalado em Lisboa.

Pelos annos de 1852, na Sexta-feira Santa, prohibiu o governo grego ao povo o divertimento da queima d'um judeu em effigie. O povo, para se indemnisar da perda da folgança d'um divertimento orthodoxo, saqueou a casa d'um judeu portuguez. Este judeu, porêm, estava debaixo da protecção da Inglaterra, e por isso lord Palmerston exigiu uma indemnisação a favor do dito judeu. A Grecia, entretanto, recusou tenazmente pagar uma

outros. Elle ganha para si novos reinos e provincias. Nós por negligencia nossa perdemos o nosso, e havemos de perder cada vez mais; nem ouvimos ao Senhor, que cada dia nos chama e brada que acordemos. Olhae, senhores, por vossa fé, quantas e quam graves perdas tem recebido a Religião Christan, de sessenta annos a esta parte. São por ventura cousas que possam esquecer, nem lembrar-nos sem muita dôr? Que é de Constantinopla? Que é de Negroponto?

---

tal indemnisação, como assevera E. About a pag. 302 da obra aqui citada.

Segundo vemos no «Diccionario de Grego moderno» por Dehèque, dão os Gregos no seu idioma os seguintes nomes a estas terras:

Portugal:	*Portugallia.*
Lisboa:	*Lisbonna.*
Cabo da Boa Esperança:	*Akroterion tes Elpidos.*
Brazil:	*Bresil.*
Japão:	*Iaponia.*
Ceylão:	*Keulan.*

A uma laranja chamam *Portucallea*; e a uma laranjada, *Portucallada.* Em summa (segundo vêmos no «Dicciona-

Que é de Lepanto? Que é de Modon? Que é de Durazzo? Que é das outras cidades, que com grande deshonra nossa estão em poder dos Turcos? Que esperamos, senão que nos tomem dormindo, e descuidados nos destruam, e desapercebidos nos matem? Já entram por Ungria: já fazem guerra em Esclavonia: já navegam livremente todo o mar: já querem Italia.

«Ora, pois, Beatissimo Padre, pois viestes a este logar como estrella de salvação em tamanha tormenta, tomae este cuidado; concertae es-

---

rio Francez-Grego» por Laas d'Aguen), tudo quanto é relativo á laranja tem como radical a palavra PORTOCAL. Uma laranja—*Ena Portugalli* (em rigor—«um Portugal»). Assim o encontramos nos «Dialogos Grego-Francezes» compostos por Michael Daphner, e impressos em Athenas no anno de 1874.

Vêmos tambem na obra já citada—*A Grecia Contemporanea*, composta por Edmundo About (Paris, 1880)—que a mendicidade na Grecia é exactamente a mendicidade em Portugal, e os trabalhos manuaes das mulheres em Portugal os mesmos que os trabalhos manuaes das mulheres da Grecia (Vid. pag. 377 e 380)

Guys na sua *Viagem Litteraria da Grecia* (Paris, 1783—vol. III. pag. 59) tambem se não esqueceu de falar em Portugal, pois nos diz: «O grão-vizir Raguil Pachá tinha-se

tas discordias dos Principes Christãos; apagae de todo esta desaventurada guerra que entre elles ha, que nenhum bom successo pode ter; apartae todas as imizades; para que, amigos todos, as armas que uns contra outros apparelhavam, todas juntas vão buscar o commum inimigo; para que vencidos elles, e cobrando nós a Casa Sancta, juntamente com El-Rei D. Manuel que manda doze mil homens em companhia do Duque de Bragança, seu sobrinho, passar a Africa, ficando nós vencedores, alevantemos ao Senhor um trophéo da victoria, que das gentes

---

tornado tão necessario a seu amo Mustaphá III, como o Conde d'Oeiras ao Rei de Portugal.»

Os Portuguezes n'outro tempo entregaram-se com ardor ao estudo do grego, do que é prova a «Memoria sobre o estudo da lingua grega em Portugal desde o estabebelecimento da monarchia até ao reinado de D. José» composta por fr. Fortunato de S. Boaventura.

No 1.º vol. das obras d'Erasmo impressas em Leyde, apparecem dois epitaphios gregos feitos a este philosopho pelo portuguez Diogo Pereira.

Hoje difficilmente se encontrará em Portugal pessoa que n'um tal idioma possa escrever duas ou tres linhas sem fazer com que até as proprias pedras se riam.

barbaras nos deu, e sejam confundidos os que adoram idolos, e confiam em seus deuses vãos, e conheçam o nome do Senhor, e saibam que elle é só o poderoso em toda a terra. *Amen.*»

VI

E com effeito eram por aquelles tempos os Turcos o terror do mundo christão; mas os nos-

---

D. Jayme, filho do Infante D. Pedro (o da Alfarrobeira), foi bispo de Paphos, em Chypre.

Fr. Luiz de Souza (no cap. XVII do liv. VI da *Historia de S. Domingos*) dá noticia das reliquias mandadas para Portugal por um imperador da Grecia, (e no cap. XIX do livro VI) dá tambem noticia das palavras gregas existentes no templo da Batalha.

D. Fernando II de Portugal recusou a corôa da Grecia que lhe foi offerecida.

sos tinham andado de modo que o escriptor francez Raynal exclama:

«Sem a descoberta de Vasco da Gama, a luz da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«Os Turcos iam substituir essas nações ferozes que das extremidades da terra vieram substituir os Romanos, para se tornarem como estes o flagello do genero humano; e nossas barbaras instituições teriam sido substituidas por um

---

No vol. X das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* encontram-se as palavras gregas da authentica das Reliquias do Mosteiro da Batalha.

Na Sé Velha de Coimbra ainda hoje existe o tumulo de D. Betaça.

Veio esta dama para Portugal no anno de 1282 (Fr. Francisco Brandão,—*Monarchia Lusitana*, liv. XVI, cap. 35) na companhia da Rainha Santa Isabel. Esta D. Betaça pertencia á familia d'um imperador grego. Em Portugal casou com Martim Eannes em 1285. Depois de casada, viveu em Lisboa na freguezia de S. Thiago. Parece que D. Betaça não teve filhos de seu marido, que falleceu em 1295, e deixou por isso toda sua fortuna á Sé de Coimbra, sob condição de ter jazigo n'aquella Sé.—A respeito

jugo ainda mais pezado. Este resultado era inevitavel, se os ferozes vencedores do Egypto não tivessem sido repellidos pelos Portuguezes nas differentes expedições tentadas por aquelles nas Indias. As riquezas da Asia lhes asseguravam as da Europa.

«Senhores de todo o commercio do globo, teriam tido necessariamente a mais formidavel marinha que em tempo algum se viu no mundo. Que obstaculos teriam podido conter a este

---

d'esta princeza veja-se o que disse o Marquez d'Abrantes na conferencia na Academia de Historia no dia 31 de Julho de 1721. (*Memorias da Academia de Historia*, vol. 1.)

Lamenta Edmundo About (a pag. 109 da *Grecia Contemporanea*) que tivesse aquelle paiz ainda tão sómente umas trinta leguas d'estrada. Pois n'aquelle tempo Portugal tinha apenas cinco leguas d'estrada, que era a de Lisboa a Cintra e nem mais um palmo.

D João, Duque de Coimbra, filho do Infante D. Pedro (morto na Alfarrobeira), em virtude do casamento que contrahiu, intitulava-se Regente do Reino de Chypre.

povo, que era conquistador por indole de sua religião e de sua politica?

«Se nos devemos assombrar do numero das victorias dos Portuguezes e da rapidez de suas conquistas, que direito não teem á nossa admiração seus homens intrepidos? Tinha-se visto até então um povo com tão pouco poder fazer tão grandes cousas?

«Não havia quarenta mil portuguezes em armas; e comtudo faziam tremer o Imperio de Mar-

---

(Vide D. Antonio Caetano de Sousa: *Historia Genealogica*, vol. II, pag. 88).

Mas, assim como outr'ora não se poderia falar em Gregos sem que, como idéa associada, viesse ao espirito logo a lembrança dos Persas, inimigos incessantes e figadaes dos Gregos, agora tambem não virá mui fóra de proposito, visto termos deixado de falar dos Gregos, irmos dizer alguma cousa do que os nossos praticaram na Persia.

E com effeito, ainda mesmo durante o dominio dos Hespanhoes em Portugal, quando já estavamos bem outros do que tinhamos sido meio seculo antes, os nossos percorriam aquella região, o que se comprova com a leitura da obra intitulada: *L'ambassade de D. Garcias de Silva Figueroa en Perse contenant la politique de ce grand empire, les moeurs du roy Schah Abbas, et une relation exacte de tous les lieux de Perse et des Indes, où cet*

rocos, todos os barbaros da Africa, os Mamelukos, os Arabes, o Oriente inteiro desde a ilha de Ormuz até á China. Eram um contra cem; e atacavam tropas, que muitas vezes com armas eguaes disputavam seus bens e sua vida até ao ultimo arranco. Que homens deviam então ser os Portuguezes? Que machinismo extraordinario tinha formado d'elles um povo de heroes?...» (*Histoire Philosophique et Politique des etablissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*—vol. 1).

---

ambassadeur a resté l'espace de huit années qu'il y a demeuré (*Trad. de l'espagnol*—Paris, 1667).

A causa da viagem de Figueroa á Persia foi a seguinte:

O reino d'Ormuz consistia na ilha d'este nome (onde estava a capital), n'algumas ilhas vizinhas que tambem jazem no Golpho Persico, e em alguns logares na terra firme. O rei d'este pequeno Estado tinha-se posto sob a protecção dos Portuguezes, de sorte que elle apenas tinha os rendimentos, e estes na realidade possuiam a propriedade, havendo construido um baluarte em Ormuz, e alguns fortes nos pontos mais importantes. Ora Schah Abbas, Rei da Persia, depois de conquistar o reino de Lara, lançou tambem suas vistas para o de Ormuz.

Porêm não queria romper tão cedo com os Hespanhoes por se achar então em guerra com os Turcos. Por isso

Os Portuguezes (diz Villemain no seo *Curso de Litteratura*) deviam possuir em grau extraordinario o talento descriptivo. O paiz o inspirava, e as expedições longiquas tambem o desenvolviam. Deixavam as margens do Tejo para irem percorrer as florestas de Ceylão, o littoral de Moçambique, e a peninsula do Ganges. Em as narrações de seus historiadores scintillam todos os thesouros, todas as maravilhas d'aquellas ricas regiões.

---

este principe, o mais manhoso que houve no mundo, andava a entreter o Rei de Hespanha, para o que lhe tinha enviado Robert Schirley, inglez de nação, mas casado na sua côrte com uma de suas parentas. Serviu-se d'este homem para prometter e assegurar ao Rei de Hespanha que desejava estabelecer o commercio das sedas em Ormuz com os Hespanhoes, com exclusão de todos os outros povos, convidando-o a enviar-lhe um embaixador para concluirem o tractado.

Foi, portanto, escolhido Figueroa para este fim. Partiu de Hespanha em 1614 e pelos fins de Outubro do mesmo anno chegou a Goa.

Principia d'aqui por deante a narração.

Em Goa não lhe correram bem as cousas. Os Portuguezes estavam *furiosamente* invejosos por se ter enviado um fidalgo castelhano ás suas Indias, e o vice-rei Jero-

Os Portuguezes (diz Ussieux na sua *Historia da Descoberta e Conquista das Indias*) começaram suas viagens maritimas n'um tempo em que a mathematica, a astronomia, e todas as sciencias relativas á navegação, estavam involtas em trevas. Vamos, porêm, vêr isto mais por miudo.

Os Portuguezes desviaram tambem, por causa das suas descobertas maritimas, o commercio que por via da Italia se fazia com algumas regiões asiaticas, e o desenvolveram d'um modo

---

nymo d'Azevedo o considerava como um homem que podia ser o censor e o syndico do seu procedimento, de modo que illudiu sempre suas requisições, e o reteve alli perto de tres annos. No entanto o Rei da Persia tinha-se já apoderado em 1614 de Comerão na terra firme, a tres leguas de Ormuz, e das ilhas de Bachavem e de Queixome, aquella muito rica por causa da pesca das perolas, e esta porque abastecia Ormuz de agua doce e de refrescos. Como Figueroa julgava que a reputação de seu principe estava muito enfraquecida para com o Rei da Persia, tinha já perdido o desejo de continuar sua viagem; todavia, tendo recebido de Hespanha uma ordem expressa, resolveu-se a cumpril-a apezar do Conselho das Indias não lhe ter fornecido nem dinheiro nem embarcações.

Embarcando, pois, n'um pequeno navio mercante, per-

espantoso, e o encaminharam para o estado em elle se encontra na actualidade.

Os Portuguezes com suas descobertas salvaram a Europa da omnipotencia e barbaridade dos Turcos,—e eis por que o triumpho em Roma feito em honra d'El-Rei D. Manuel, e narrado minuciosamente por muitos escriptores, foi uma justissima homenagem rendida a um monarcha, que muito trabalhou por ampliar as descobertas maritimas, e encher de gloria o nome por-

---

tencente a um negociante de Baçaim, sahiu de Goa a 17 de Março de 1617; e, depois d'uma navegação de cinco semanas, chegou a Ormuz.

A 12 d'Outubro de 1617 metteu-se n'uma galé para a costa do reino de Lara, e desembarcou no porto de Bandel. Foi recebido mui honrosamente por aquelle que alli era governador em nome do Rei da Persia, e forneceu-lhe conselhos para transportar sua equipagem.

Sahiu de Bandel a 20 d'Abril, e, caminhando ao largo da costa do mar, em dois dias chegou á pequena povoação de Cabrestan; em seis á de Lara, capital da Caramania deserta; em tres a Guin, primeira cidade da Persia, propriamente dita; e em seis a Schira, antigamente Cyropolis. Aqui residiu quatro mezes á espera das ordens do rei Schah Abbas, que estava na Hircania, e que não tinha grande pressa de o ver. D'aqui sahiu a 5 d'Abril de

tuguez. D. Manuel e D. João V foram os dois monarchas que mais trabalharam para a gloria do seu paiz.

E com effeito... que comparação podem ter os conhecimentos geographicos dos antigos com os dos modernos? Dos antigos que nem sequer no tempo do maximo esplendor do Imperio Romano conheciam toda a Europa! que não acreditavam na existencia dos antipodas! e nem sequer acreditavam que a pessoa que se engolphas-

1618, e treze dias depois chegou a Ispahan. N'esta cidade esperou as ordens de Schah Abbas até 18 de Maio, em que se poz a caminho para Casbin, tendo recebido ordens para a continuação de sua viagem. Passou pela cidade de Cæxem que é a primeira da Média; e a 14 de Junho chegou a Casbin, onde, dois dias depois, foi recebido em audiencia.

Depois de dois dias de residencia n'aquella povoação, voltou para Ispahan pelo mesmo caminho pelo qual viera. Aqui passou todo o resto do anno, achando-se Schah Abbas com seu exercito na guerra contra os Turcos, e depois ainda o inverno e a primavera do anno seguinte, porque este rei desejou que o embaixador o esperasse alli.

Finalmente o Rei veiu a Ispahan no principio dos grandes calores, e deu ao embaixador toda a audiencia que

se no Mar Tenebroso pudesse d'elle regressar! E isto ainda no reinado d'El-Rei D. Affonso V de Portugal!

E como é celebre aquelle caso que nos conta o bohemio Barão de Rormital na sua viagem feita nos annos de 1465 a 1467, escripta em latim, e impressa em Stuttargd (reimpressa no anno de 1844)!

«Está escripto nos annaes d'elles (diz o Barão) que um dos reis de Portugal mandára cons-

---

este quiz. Não podia desejar d'este rei um melhor acolhimento, e conversas mais obsequiosas e familiares. Mas no tocante aos dois pedidos que lhe fez a restituição das praças do reino d'Ormuz, e a não admissão dos Inglezes e d'outros extrangeiros a commerciarem na Persia, recusou-os, a ponto de pedir o embaixador licença para se retirar; e, depois de longas peregrinações chegou a S. Sebastião (na Hespanha) em Agosto de 1624. Residiu, portanto, fóra do seu paiz dez annos completos.

N'esta narração vemos a tomada d'Ormuz aos Portuguezes com todas as peripecias d'este acontecimento memoravel.

Segundo diz Figueroa, as causas d'uma tão grande perda foram: o orgulho e a ignorancia do Conselho das Indias Orientaes, que, loucamente, emprehendeu guerra contra Schah Abbas; a vaidade dos vice-reis orgulhosos

truir navios, e os enchêra de todas as cousas necessarias, e puzera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar por quatro annos navegassem até o mais longe possivel, e lhes mandára escrever o que vissem, os paizes desertos aos quaes chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem.

«Estes, portanto, segundo nos foi contado, havendo sulcado o mar pelo espaço de dois an-

---

com sua grandeza, e com a adulação dos frades; a covardia dos habitantes; e a confusão de seus capitães e gente de guerra.

*

Eis um extracto tirado do prefacio d'esta obra, pela qual se conhece a epocha da jornada, n'um tempo em que o imperio portuguez na India se estava diariamente dilacerando.

Toda esta viagem é muito interessante, principalmente no tocante á Persia d'aquelle tempo.

A 15 d'Abril de 1617, em viagem para a Persia, ao despontar do dia descobriu Figueroa na costa da Arabia certas rochas chamadas *Palleiros*, nome que os marinheiros portuguezes lhes tinham posto, e pelo qual eram conhecidas entre os navegantes.

nos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, aportaram a uma ilha.

«Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes não se atreveram comtudo a tirar nada. Por cima d'estas casas existiam hortas e vinhas.

«Sahindo d'ellas, demoraram-se na ilha perto

A 17 do mesmo mez, apezar de navegar perto da costa, não appareciam barcos com refrescos, dos quaes refrescos havia grande necessidade. Mas, embora aquelles logares, chamados Calayate, Tehede e Curiate, fizessem parte do reino d'Ormuz, bem como todos os outros d'esta mesma costa da Arabia até ao Cabo de Moncadão, comtudo algum tempo antes tinham-se subtrahido á obediencia d'este Estado, com grande prejuizo para os Portuguezes.

A 20 d'Abril chegou Figueroa a Mascate. Quiz ir a terra para ouvir Missa.

Encontrou o embaixador ao sahir da barca do governador do Castello, que se chamava João de Quadros, acompanhado de dois habitantes portuguezes, e de grande numero de Arabes e de Mouros, que tinham ido a bordo com o fim de reconhecerem os que desembarca-

de tres horas, consultando sobre o que deviam fazer:— se deveriam trazer d'alli alguma cousa ou não.

«Um d'elles disse: — Meu parecer é que não tiremos d'aqui seja o que fôr, pois é incerto o que d'isso poderá resultar.

«Tendo pois tornado a embarcar, depois de terem outra vez navegado por bastante tempo, viram ao longe o mar erguer-se em grandes escarcéus, como montanhas, as quaes pareciam chegar até ás nuvens. Por isso grande pavor

---

vam. Os Portuguezes, com o prior e os frades de Santo Agostinho que tinham chegado para receberem o embaixador, o acompanharam até á egreja parochial, onde fez sua oração. D'alli dirigiu-se ao Convento dos Frades Gracianos, o qual tinha uma mui bella egreja, construida havia alguns annos. A casa do governador era bem mediocre, mas a cidade muito bem fortificada Os portuguezes d'aquella cidade negociavam para Ormuz, Cinde, costa da Arabia e da Persia.

O embaixador demorou-se aqui alguns dias por causa do mau tempo. Passou pela ilha da Victoria,—pequeno rochedo, coberto d'alguma areia, mas muito celebre por causa da victoria que proximo d'aquelle sitio obtivera sobre os Turcos, havia mais de cincoenta annos, D. Fernando de Noronha, filho do vice-rei D. Antonio de

se apoderou de todos, como se estivesse chegado o ultimo dia do Juizo. Eis porque todos os tres navios pararam.

«E, consultando uns com os outros, diziam os embarcados: — Já vemos até onde chegámos: o poder divino se nos manifestou. Tomemos, pois, conselho sobre o que é melhor fazer-se: engolpharmo-nos n'aquelle rugido das ondas, ou retroceder?

«Então alguns disseram: — Como sería ava-

Noronha, combate naval em que os Turcos perderam nove galés.

Depois de horrorosas calmarias, chegou no dia 29 de Abril o embaixador a Ormuz. Principiou por avistar a ponta de terra, em que estava a ermida de Nossa Senhora da Esperança e a de Nossa Senhora da Penha. Ás cinco horas da tarde lançou ferro em frente da ermida de Santa Luzia. Viu-se immediatamente chegar a bordo o intendente das finanças Miguel de Sousa Pimentel, trazendo no seu barco o prior e alguns religiosos gracianos, os quaes vinham pedir ao embaixador que se fôsse alojar no convento. Appareceu tambem D. Luiz da Gama trazendo sua chalupa, na qual o embaixador embarcou.

Compunha-se aquella cidade então de duas mil quinhentos e tres casas, algumas de grande altura. A maior parte dos habitantes eram mouros arabes, falando o

liada a nossa retirada? Que cousas ou que prodigios contaremos ao nosso Rei, que nos enviou para explorar? Examinemos antes que rugido das ondas seja esse.

«Mandaram por conseguinte que dois navios o fôssem explorar, e que o terceiro permanecesse no logar em que estavam, dizendo:—Vamos nós observar aquellas ondas. Vós, porêm, ficae aqui. Se ao quarto ou quinto dia não tivermos vindo ter comvosco, tende por certo que morremos.

---

persa, alguns christãos e indios da provincia de Cambaya, todos estes em numero superior a quarenta mil, comprando mercadorias aos Portuguezes, e indo vendêl-as na Persia e na Arabia. Os Portuguezes, moradores em Ormuz, formavam umas duzentas familias, não mencionando as dos soldados casados; viviam todas do negocio que faziam na Persia, e com a cidade de Bassorá.

Segue-se n'esta obra a descripção da cidade portugueza de Ormuz, descripção que corre desde pag. 30 até 48. E n'esta mesma obra, de pag. 13 até 23, se descreve tambem a nossa cidade de Mascate na costa da Arabia.

No dia 12 d'Outubro sahiu o embaixador de Ormuz na galera «S. Francisco», que estava muito bem armada com bom numero de soldados e boa artilharia. Pouco depois chegou o embaixador a Bandel, em cujas proximi-

«Porêm os homens da terceira embarcação, tendo esperado pela vinda dos outros até ao dia decimo-sexto, ignorando o que lhes teria acontecido, voltaram com grande susto, no fim de dois annos para Lisboa.

«Havendo entrado no porto, sahiram-lhes ao encontro os moradores d'elle, perguntando-lhes quem eram, e de que paiz vinham.

«Respondiam elles serem os a quem o Rei tinha enviado para explorarem os confins dos

---

dades estavam as ruinas do forte de Comorão, que os Portuguezes tinham perdido havia tres annos, com grande desaire, não tanto d'aquelles que o defendiam, como d'aquelles que os podiam soccorrer e não o fizeram.

Depois d'uma demoradissima peregrinação chegou finalmente o embaixador a Ispahan, capital da Persia. E vejamos agora o que nos diz em relação aos Portuguezes, residentes em tão remota cidade.

D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Goa, tendo enviado, havia uns vinte annos, fr. Antonio de Gouvêa (depois bispo de Cyrene) a Schah Abbas com um presente mui consideravel, para lhe pedir permittisse que alguns religiosos de sua ordem, que era a de Santo Agostinho, pu-

mares, e para descreverem os prodigios que por lá tivessem observado.

«Então diziam alguns: — Caros amigos, tambem nós estavamos presentes, quando o Rei mandou aquelles navios; porêm não mandou para alli homens da mesma fórma de corpo que vós, porque, apezar de serdes rapazes de vinte e seis annos, estais todos brancos.

«Era isto um grande milagre de Deus, porque estes tinham parentes na cidade, e nos arrabal-

---

dessem residir na Persia, obteve licença para um tal fim, e até mesmo para construir uma pequena egreja na cidade de Ispahan.

Desde aquelle tempo até 1618 houve sempre convento de gracianos na capital da Persia, embora contendo um pequeno numero de religiosos, com muita satisfacção dos Portuguezes, que iam alli de Ormuz com suas mercadorias, e de outros negociantes extrangeiros, que tinham a commodidade de poderem alli ouvir Missa.

Passado algum tempo, ao boato que por a Europa corria, e particularmente em Roma, de que Schah Abbas, apesar d'infiel, mostrava não ter aversão aos Christãos, mas antes os tolerava por aquelles sitios, o Papa Clemente VIII querendo lançar mão d'um tal ensejo, e fazer propagar a Religião Catholica por meio d'um maior numero de pregadores, enviou para alli fr. Thaddeu de

des d'ella, e comtudo não eram reconhecidos por nenhum d'elles, pois estavam tão alvos que pareciam arvores cobertas de neve no tempo do inverno.

«Sendo taes cousas participadas ao Rei de Portugal, admirava-se muito este de haverem elles envelhecido tão depressa, não tendo andado por mar mais que dois annos, e dizia: — Tudo na verdade dizem provavel e verosimil, tanto a respeito de terem sido enviados, como ácerca de tudo o mais. Porêm pode ser que, tendo encon-

---

Santo Eliseu, religioso carmelita descalço, com cartas para aquelle rei, nas quaes o exhortava a não ficar sómente n'aquillo, mas a continuar a favorecer os Christãos da Europa, offerecendo-lhe o favor dos reis christãos, e fazendo-lhe esperar que estes fariam uma poderosa diversão, emquanto elle estivesse em guerra com os Turcos, que era a cousa do mundo que Schah Abbas mais desejava.

Poz-se a caminho fr. Thaddeu com alguns outros religiosos da mesma Ordem por Allemanha, Polonia, Moscovia, e Tartaria, até á cidade d'Astrakan. E, tendo entrado na Persia pela cidade de Derbente, foi recebido do rei com os mesmos caminhos que fizera aos frades agostinhos, mandando lhe dar um terreno e uma casa, onde encontraram com que accommodar-se para alli fazerem

trado os navios, matassem os nossos. Sejam, pois, interrogados ácerca das ordens que de nós receberam, pois lhes mandámos que, depois de levantarem ancora de Stella Obscura, a quaesquer ilhas ou desertos que chegassem, ou quaesquer perigos pelos quaes passassem no mar, tudo isso escrevessem e annotassem, e para tal fim lhes démos trinta e seis escreventes, doze para cada navio.

«Sendo chamados á presença do Rei, este lhes

---

uma egrejinha, acompanhada d'um mosteiro para seu alojamento.

Alêm d'estas recordações portuguezas, encontrou o embaixador ainda outras:—eram as peças que tinham defendido Comoran, e que, tomadas pelos Persas, agora estavam ornando o castello d'Ispahan.

Viu-se o embaixador obrigado a conservar-se todo o inverno de 1619, e uma parte do verão, n'aquella côrte sem poder avisar o Rei de Hespanha da tenção que Schah Abbas formára d'ir tirar Ormuz aos Portuguezes, visto haver feito as pazes com os Turcos, e a não pedir soccorro de dinheiro, porque não o podia esperar de Ormuz, vista a má situação, em que se achava esta praça.

Tambem a difficuldade d'enviar e de receber cartas diariamente se augmentava por causa dos cuidados extraordinarios que D. Luiz da Gama, governador d'Ormuz,

diz então : — Caros amigos, porque se dá o caso, que, tendo nós enviado tres navios, apenas um voltou?

«Responderam elles:

«—Clementissimo Rei, tudo relataremos com verdade á tua Majestade.

«Havendo recebido doze escreventes para cadanavio, com o fim d'escreverem tudo quanto vissemos no mar, e tendo levantado ferro, sulcámos os mares por quinze dias inteiros, dentro do qual tempo, como julgamos, passámos seis

---

tinha d'impedir a passagem dos correios. Alguns dos frades agostinhos. que residiam em Ispahan, faziam outro tanto, empregando-se n'isto com tanto ardor que se tornava impossivel comprehender as despezas que faziam para sustentarem em Bagdad e em Aleppo algumas pessoas para espiarem, e a quem pagavam generosamente, assim como aos portuguezes que passavam das Indias para Hespanha fazendo caminho pela Persia, a quem o embaixador encarregava de seus despachos por não achar pessoa na qual pudesse depositar maior confiança. E, apezar de parecer que para elles nenhum proveito havia n'isto, empregando-se com tanto cuidado em interceptar as cartas, pois que o embaixador não dizia n'ellas senão o que elles deviam escrever, e o que deviam fazer, é todavia impossivel de acreditar o dinheiro que n'isso em-

mil leguas, pois não fomos retardados por embaraço ou impedimento algum, e tivemos ventos os mais de servir. Em seguida, pouco mais ou menos seis mezes depois da nossa sahida, chegámos a sitios de mar tenebrosos e obscuros, passados os quaes, no espaço de duas semanas, chegámos a uma certa ilha que tinha de largura a extensão de tres milhas. N'ella desembarcámos, e a fomos visitar por tres horas. Encontrámos alli casas elegantes debaixo

pregavam com tanta paixão, e com tão grande obstinação, sem considerarem o mal que faziam aos negocios de S. M. nem a afronta feita a toda a nação, que por isso ficava toda desacreditada, mesmo entre os Persas, pois isto fazia-se á vista de todos os europeus que residiam em Ispahan, Bagdad e Aleppo.

É necessario tambem acreditar que se não teria feito isto nem tão publica, nem tão descaradamente, se essas pessoas não fossem empregadas e altamente remuneradas por Hespanha, por isso que os auctores d'esta velhacada não se occultavam, mas d'isso até se gabavam, como se houvessem prestado um serviço assignalado ao Rei. Mas a base d'este negocio foi lançada sobre as cousas, que passaram na côrte, logo que o Conselho d'Estado deu ao embaixador os despachos para esta viagem, pois em Portugal não se queria que ella se fizesse. O mesmo

da terra, riquissimas em ouro e prata, mas sem habitadores, das quaes nada trouxemos.

«Ao vermos aquillo, reunimo-nos e dissémos: —Já encontrámos grandes e inauditas riquezas; porêm, se d'ellas tirarmos alguma cousa, ignoramos o que depois nos acontecerá.

«Alguns dos nossos diziam então:—Nosso parecer é que d'aqui não tiremos cousa alguma, e que antes a toda a pressa nos embarquemos para assim evitarmos algum perigo.

---

se pode dizer dos frades gracianos que habitam nas Indias, em Ormuz e na Persia, os quaes muito abertamente se declararam contra o embaixador, desacreditando tudo quanto podia conciliar respeito sobre sua pessoa, ou contribuir para fazer com que tivesse bom resultado a negociação para a qual o Rei o tinha mandado á Persia.

Desde o principio de Septembro tinha o embaixador enviado a Farabat, onde se achava a côrte n'aquelle tempo, fr. Melchior dos Anjos com uma carta do Rei, que o Conselho de Portugal tinha remettido por terra a respeito da proposta, que Roberto Schirley alli tinha feito não só relativamente ao contracto da seda, como pelo que dizia respeito a uma esquadra que o Rei de Hespanha devia enviar contra os Turcos no Mar Vermelho. E o Conselho de Portugal tinha ordenado que fr. Melchior se encarregasse d'este negocio, para o não entre-

«E, embarcando, nos afastámos d'aquella ilha, sem experimentarmos adversidade alguma.

«Sahindo nós d'alli, e sulcando o mar por longo tempo, chegámos ás mesmas trevas. Havendo alli parado, consultavamos se deveriamos engolphar-nos n'ellas ou retroceder. Diziam alguns que se não devia tornar para traz, pois não era para tal fim que tinhamos sido enviados pelo Rei, mas sim para observarmos até onde era permittido ir, e o que encontrassemos.

gar ao embaixador. E, embora soubesse este ultimo que esta viagem seria completamente inutil, porque, quando viu o Rei da Persia em Casbin, lhe recusou positivamente a restituição de Baharen, que é o forte de Comoran, com a ilha de Queixome, não quiz comtudo que lhe pudessem lançar em rosto o ter desprezado este negocio, apezar de saber que isto ainda contribuia para arruinar mais a reputação dos negocios do Rei, a qual estava já tão abatida.

E com effeito fr. Melchior foi tão mal recebido que o proprio Schah Abbas não lhe quiz falar. Mas contentou-se com lhe mandar dizer pelo secretario: «Que, em resposta á carta que lhe trouxera, dizia que nenhuma precisão tinha d'uma esquadra no Mar Vermelho, nem do contracto da seda, pois tinha feito a paz com o Turco, e estava resolvido a remetter toda a seda do seu reino para

«Foi, portanto, resolvido animosamente introduzirmo-nos por aquelle negrume dentro.

«Entrando, pois, n'elle, navegámos alli por algum tempo até que chegámos a mar patente e claro.

«Como o tivessemos achado, vimos n'elle a algumas milhas erguerem-se enormes vagas, cujos pincaros pareciam tocar o céo, e ellas retumbavam com tão grande fragor e mugido que nós todos consternados com grande pavor julgavamos estar chegado o dia do Juizo.

Aleppo e Constantinopla; e que de todas suas conquistas não restituiria uma pollegada de terra».

Com esta resposta grosseira, se bem que nenhuma outra havia a esperar, viu-se fr. Melchior obrigado a retirar-se.

Este frade era aquelle, de quem mais se serviam para interceptar as cartas; e fez, sem duvida, os preparativos para ir pessoalmente levar esta resposta á Hespanha. onde o embaixador já tinha feito entender que nenhuma coisa havia para esperar d'aquelle rei por meio d'embaixadas, pois, alêm d'outros enfados que diariamente mostrava, custava-lhe muito a soffrer que os ministros da corôa de Portugal emprehendessem tratar com elle, e, quando se tornava necessario falar do Rei Catholico, não lhe davam o tratamento de Rei de Hespanha, mas sim de Rei de Por-

«Aconselhavamo-nos então uns com os outros: — se nos haviamos d'engolphar por aquellas ondas, ou se porventura seria melhor voltarmos para traz?

«Havendo-nos interrogado reciprocamente a tal respeito, os que estavam nas duas outras embarcações nos disseram: — Conservae-vos aqui com o terceiro navio, e nós nos aproximaremos para de mais perto observarmos o que seja aquillo. Esperae até ao dia quarto: se até então não houvermos regressado, tende por certo que estaremos mortos.

---

tugal, o que praticavam em todas as occasiões que se offerecia falar d'elle. Por isso é que o Bispo de Cyrene se quizilava muito fortemente contra Luiz Pereira, e contra este fr. Melchior, censurando-os,— pois, quando elles falavam de S. Majestade, procediam da mesma fórma, — e dizendo-lhes encolerizado: «Porque dais vós o tratamento de Rei de Portugal ao Rei de Hespanha, e tratais com tão grande desprezo um tão poderoso monarcha para procurardes tornál-o um reisinho?»

O proprio soberano o disse ao embaixador estando em Casbin, e não poude deixar em silencio o que pensava, dizendo que se admirava de que o Rei consentisse que lhe fizessem esta offensa á sua reputação tratando-o os Portuguezes de tal maneira.

«Nós, porêm, tendo por elles esperado n'aquelle logar pelo espaço de dezeseis dias, como não tornassem, com medo não ousámos navegar mais alêm; antes nos fizemos de véla para traz, para Lisboa d'onde tinhamos ido.»

Tambem não deixam de ser muito interessantes as paginas que n'este auctor se deparam ácerca do trafico da escravatura:

O que o Rei da Persia dizia era a pura verdade, pois a realidade é que os Portuguezes teem tanta aversão á monarchia hespanhola, que de modo nenhum querem que se lhes chame «Hespanhoes», ou que os tratem como taes.

O embaixador achou-se durante as ceremonias da Semana Santa com toda sua familia, e com alguns negociantes portuguezes e venezianos no officio que se celebrava nos dois conventos da Graça e do Carmo, onde tambem se encontraram em grande numero Armenios, Syrios, Georgianos, e, entre outros, dois jovens inglezes, que, apezar de calvinistas, não deixavam d'ir todos os dias ouvir Missa, e até se confessavam com um frade.

Chegou, finalmente o Rei á sua capital, depois d'uma bem longa ausencia, e elle mesmo familiarmente se dirigiu a casa do embaixador para conferenciar com elle;

«Em Braga encontrámos o Rei de Portugal, que honrosamente recebeu ao sr. Leão de Rozmital e a toda a sua comitiva, que trouxera cartas para o Rei, d'uma irman carnal do mesmo rei, mulher do Imperador, escriptas por sua propria mão.

«Conservámo-nos n'esta cidade oito dias. E, quando estavamos para sahir d'ella, indo-nos despedir do Rei, este conversou com o senhor mui attenciosamente:—«Sei que tu és da mais

---

e, quando se lhe apresentou uma carta do Rei de Hespanha, entregou-a a fr. João Thaddeu para lh'a traduzir por saber a lingua persa.

Mas, em quanto a concessões, tudo foi tempo perdido. Passado muito, quando o embaixador queria uma resposta decisiva para se retirar para o seu paiz, Schah Abbas encontrando-se com elle, e mostrando-lhe do outro lado o embaixador do Rei de Lahor lhe disse:

—«Vêdes vós aquelle homem? Se me não entregar espontaneamente a cidade de Candahar, eu mesmo a irei tomar á força, e me apoderarei de quanto encontrar por aquelles sitios. Pois não quero que meus filhos (aos quaes tambem mostrou com a mão) me possam um dia lançar em rosto o ter eu permittido que se arrancasse á corôa da Persia uma só pollegada de terra d'aquella que annexei á força d'armas.»

elevada nobreza, e por isso te rogo que para honra nossa e do nosso reino nos peças alguma cousa que te agrade, e nós havemos de satisfazer a teus desejos».

«Ouvidas palavras taes, o senhor dava grandes agradecimentos ao Rei, e pedia-lhe que, á vista da honra e da benevolencia com que era tratado, lhe désse dois pretos.

«O irmão do Rei, que estava presente, ao ouvir um tal pedido, soltava estrepitosas garga-

---

E não tendo dado resposta alguma ao pedido que se lhe fazia de não deixar que os Inglezes negociassem no seu paiz, pediu o embaixador licença para se retirar, e sahiu effectivamente de Ispahan no dia 25 d'Agosto de 1619.

A 4 de Septembro encontrou o embaixador um soldado de Ormuz, por nome João Carvalho Mascarenhas, que se dirigiá para Ispahan com despachos do Rei de Hespanha para Schah Abbas, pois que na Europa ainda ignoravam áquelle tempo que o Rei da Persia se tinha recusado a annuir ao mais pequeno pedido, como já se viu.

No dia 18 d'Outubro embarcou o embaixador em Bandel na galera, da qual era capitão André de Coelho, com destino a Ormuz, aonde chegou no dia seguinte, sendo recebido por Antonio Barreto da Silva, auditor geral das Indias, e pelo vigario geral.

lhadas, e dizia-lhe: — «Amigo, pede cousas mais importantes e decentes do que esses pretos. Mas, como só pedes isso, rogo-te que accrescentes a esse um outro presente meu, que é um macaco. Talvez que no teu paiz não tenhas nem pretos nem bugios».

«O senhor disse que na verdade eram raros.

«A isto replicou o Duque:—«Ha grande abundancia d'essas cousas. Este rei, meu irmão, possue tres cidades na Africa, para a qual região

---

N'esta cidade esperava o embaixador encontrar navio para n'elle se embarcar para Goa: porêm, não o tendo achado, e estando Ormuz ameaçada de vir a ser cercada por Schah Abbas com auxilio dos Inglezes, como effectivamente foi, teve de se demorar n'ella por largos mezes, e de ser testemunha da confusão, desleixo, e inepcia, que alli reinava,—motivo pelo qual, pouco tempo depois, os inimigos a empolgaram tão facilmente.

Embarcou o embaixador no dia 5 d'Abril de 1620 n'um pequeno patacho, que por aquelles dias chegára a Ormuz, vindo de Cochim.

No dia 6 encontrou dois navios de Goa, um dos quaes trazia o novo governador de Ormuz, D. Francisco de Sousa.

Em Dezembro, sahia da barra de Goa, a caravela *Nossa Senhora da Nazareth*, — caravela que o embai-

costuma mandar annualmente um exercito. E nenhuma expedição, por pequena que seja, volta tão leve que não traga perto de cem mil pretos ou mais, de toda a edade e sexo. E todos são vendidos á maneira de carneiros. Pois está em costume reunirem-se homens de outros paizes, e virem comprál-os aqui, e em cuja venda o rei colhe maiores lucros, do que em todos os tributos do seu reino, pois o mais pequeno preto é vendido por doze ou treze moedas d'ouro (*au-*

---

xador tinha mandado fretar, para n'ella passar á Europa.

A 23 de Janeiro do anno seguinte chegou o embaixador a Moçambique, onde quiz tomar informações ácêrca dos navios, que tinham alli chegado de Portugal. Disseram-lhe terem alli aportado o navio almirante, e o *Santo Amaro*, mas que se tinham feito de véla para Mombaça.

Havendo partido de Moçambique em direcção a Portugal, depois d'uma longa viagem, acossado pelos temporaes e ventos contrarios, viu-se obrigado a retroceder para esta mesma cidade, aonde alguns dias depois chegaram tambem duas galeotas e um patacho vindos de Goa. D'aqui tornou a sahir a 14 de Março.

Por erro, porêm, do piloto, teve o navio d'arribar a Goa no dia 28 de Maio, em cuja barra encontrou um pa-

reis nummis), e, sendo de mais edade, por muito maior preço. E é costume, quando alguem alcança um preto robusto e proprio para o trabalho, ter cuidado de o mandar baptizar, e não o ceder senão no caso de o dar de presente a algum amigo. Porêm, emquanto não estiver doutrinado para o baptismo, tem permissão de o vender por aquillo que quizer».

---

tacho, que levava a D. Francisco Manuel para Chaul, onde ia ser governador.

Pelo fim de Septembro chegou a Goa um galeão, o qual deu a nova que D. Affonso de Noronha fôra nomeado vice-rei das Indias, e que tinha embarcado n'uma esquadra composta de 5 navios e de 6 galeões.

Os Portuguezes tinham levado a mal a ida d'um hespanhol como embaixador á Persia, e agora procuravam embaraçar-lhe o regresso á Europa, motivo por que lhe não consentiram embarcar n'um dos dois navios que em Março de 1622 sahiram de Goa para Portugal.

Logo no principio de Março chegou uma fusta de Ormuz, participando a perda d'aquella cidade.

Poucos dias depois, entrou um patacho de Cinde com parte da guarnição que se poude salvar.

A 22 d'Agosto deu entrada o navio *S. Thomaz*, e por este se soube que a esquadra do vice-rei se tinha feito na volta de Portugal.

VII

Muita gente pensa que por estes remotos tempos (isto é, no reinado d'El-Rei D. Affonso V) a erudição classica estava completamente desconhecida em Portugal, e que foi mistér aguardar o reinado d'El-Rei D. Manuel para n'este reino se travar conhecimento com Cicero ou Tito Livio, com Aristoteles ou Platão.

Purissimo engano! Nada mais vulgar do que toparmos passagens dos antigos Gregos ou Ro-

---

Alguns dias depois, chegou d'este ultimo paiz o galeão *Trindade*.

No fim de Septembro entrou um patacho de Moçambique com naufragos d'um navio portuguez.

No fim de Dezembro appareceu o vice-rei com dois patachos.

Nos primeiros dias d'Outubro chegou de Lisboa um galeão com D. Filippe de Mascarenhas. Passados poucos dias, chegou tambem uma galeota de Moçambique.

Apezar das mil difficuldades, que lhe oppunham, embarcou finalmente o embaixador em o navio *S. Thomaz*, e a 1 de Fevereiro velejou para Portugal.

Apezar d'estarmos já na maxima decadencia n'estas re-

manos em livros escriptos n'estes tempos de D. João I, D. Duarte, ou D. Affonso V.

O chronista Ruy de Pina tinha vasta erudição. No cap. CXXIII da *Chronica d'El-Rei D. Duarte* fala da batalha de Pharsalia e da de Cannas. E n'outros logares ainda nos fala do Capitolio, de Furio Camillo, de Socrates e de Aristoteles. Na *Chronica do Infante D. Pedro* cap. LXXIX fala de Valerio Maximo. Na carta d'El-Rei D. Affonso V ao chronista Azurara, a

---

giões, o movimento maritimo era ainda como o leitor acaba de vêr.

Mas n'aquelles tempos appareciam os Portuguezes por toda a parte, e por toda a parte deixavam vestigios da sua existencia.

A respeito da Persia e dos nossos, veja-se o Prefacio do *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos* por Antonio Galvão (Lisboa, 1731).

Em 1835 encontraram Mauricio Tarnisier e Edmundo Combes vestigios do dominio portuguez na Abyssinia, e d'elles fizeram a descripção no Boletim da Sociedade Geographica de Paris no anno de 1837. Alguns annos depois, o viajante Guilherme Lejean na Abyssinia passou o rio Maghtech por uma ponte, de bellissima construcção, feita pelos Portuguezes, ponte que elle descreve na sua *Voyage en Abyssinie.*

qual apparece no vol. III dos *Ineditos da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, são citados nada menos que os seguintes auctores—Homero, Tito Livio, Quinto Curcio, Cesar, Lucano,—e fala-se de Alexandre e d'Achilles.

O mesmo D. Affonso V ao ler uma carta que lhe remetteu D. Duarte de Menezes ácerca das cousas d'Africa, exclamou:—«Certamente, assi como alguns authores escrevem que Philippo

---

Alfred Russell Wallace (na sua obra—*L'Archipel Malaisien*) diz-nos:

«Os indigenas da cidade d'Amboino, capital das Moluccas formam uma população indolente, variada, meio civilizada, que tira sua origem dos Papus de Ceram, dos Portuguezes e dos Malaios, com alguma mistura de Hollandezes ou de Chinezes. O elemento portuguez é o predominante nos christãos-velhos, como o indicam as feições, vestuario e emprego de algumas palavras portuguezas, que elles misturam com o malaio. seu idioma habitual. Sua linguagem contém poucas palavras hollandezas, apezar de ouvirem falar esta lingua ha mais de duzentos e cincoenta annos. Os nomes de passaros, de arvores, e de varios outros objectos. são evidentemente portuguezes.» [1]

[1] Acêrca das nossas missões em Ceylão, veja-se: — Sebastião do Rego: *Vida do veneravel padre José Vaz* Lisboa. 1745). É obra importante.

escrevia a Aristoteles, que non somente folgava de lhe Deos dar filho, mas ainda porque lho dera no seo tempo!»

Ruy de Pina, porêm, mostra um certo prazer, um certo desvanecimento, ao citar os auctores antigos. Alardeia, na realidade, vasta erudição. Fala-nos em Tito Livio; no barqueiro do lago infernal; em Vegecio; em Valerio Maximo; em Demetrio Phalereu... Era quasi um erudito do seculo XVI.

Que admira então que os Portuguezes escrevessem um numero extraordinario de livros descriptivos dos paizes trilhados pelos nossos, e compuzessem tambem um numero extraordinario de livros ácêrca das linguas orientaes?

E vamos ás provas, que são as que constam dos seguintes documentos:

1 Fr. Manuel das Chagas: Diccionario Chinez para seu uso na missão da China na cidade de Cantão. 1725.
2 P. João Froes. Escreveu muito ácêrca da lingua chineza, e de taes escriptos fazem menção Augustin e Alois de Backer na (Bibliothèque des Ecrivains de la Compagnie de Jésus (vol. IV, pag. 246).
3 D. Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, nomeado

Azurara tambem lhe não fica atraz; fala-nos do philosopho Ipodonio, de Tito Livio...

Lido porêm o *Leal Conselheiro* de D. Duarte, poder-se-ha até mesmo affirmar: — Que a erudição n'aquelles tempos em Portugal era muito mais vulgar do que fôra para esperar d'uma epocha em que as armas tinham mais cultores do que as lettras!

Quem ignora que o Infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira) traduziu do latim em vernaculo o li-

---

Bispo de Nankin, traduziu para chinez uns livrinhos devotos que tinha composto, pondo-lhes o nome de «Optativo do SS. Nome de Jesus»; e «Conjunctivo do Nobilissimo Nome de Jesus» etc. (Vid. Fr. Jeronymo de Belem: Chronica Seraphica—vol. II, pag. 387.

4 João da Rocha. Compoz um livro com o nome de *Thian tchu ching riang lio choue*, — isto é «Explicação abbreviada da Santa Imagem do Senhor do Céo». (Vid. Klaproth, n.º 54, 2.ª parte).

5 Ignacio da Costa: Sobre o peccado original.
Declaração do Symbolo.
Da SS. Trindade.
Da Velhice.

Tudo isto é em chinez. (Vid. Bibliothèque des Écrivains de la Compagnie de Jésus — vol. III).

vro *De Officiis* de Cicero, e o *Res Militaris* de Vegecio Renato?

Ao commercio tambem alguma cousa se entregavam. E por estes tempos eram os Italianos, e principalmente os Genovezes, os que ao transporte das mercadorias para as regiões orientaes para a Europa se dedicavam.

Os antigos (diz o nosso famoso Duarte Galvão), desesperados de trazerem as mercadorias pelo Mar Roxo e rio Nilo, abriram outro cami-

---

6 Simão da Cunha: Demonstração Evangelica. Id.

7 Manoel Dias: *Thian wen lio* (Breve explicação do Céo). Cantão, 1820.

8 P. Alvarez Semedo. Quando morreu, estava trabalhando em dois diccionarios: um, chinez-portuguez; e o outro, portuguez-chinez.

9 Joaquim Affonso Gonçalves, membro da Real Sociedade Asiatica:

Grammatica latina ad usum sinensium juvenum. Macau, 1828.

Arte china. Macau, 1829.

Diccionario portuguez-china. Macau, 1831.

Diccionario china-portuguez. Macau, 1833.

Vocabularium latino-sinicum. Macau, 1837.

Lexicon manuale latino-sinicum. Macau, 1839.

Lexicon magnum latino-sinicum. Macau, 1841.

nho, ainda que muito mais comprido e custoso, porque as traziam pelo rio Indo acima; e, desembarcadas as passavam por terra e Portas Peraponezas á provincia de Bactriana, e embarcavam no rio Oxo, que se mette no Mar Caspio, e iam a um porto do rio Ram, que se chama Sicatrum, e, por este rio acima (que agora se diz Volga) segundo parece, as levavam á cidade de Nonegardia, que é agora do Grão-Duque de Moscovia, e está da parte do Norte em 57 graus de

---

10 João Rodrigues Girão: Arte da lingua japôa. Nangasaki, 1604. Macau, 1624.

11 Academia celebrada pelos religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Convento de Jesus em Lisboa no dia da inauguração da Estatua Equestre. N'este livro, alêm de composições n'outros idiomas, apparecem tambem algumas em arabe e hebraico.

12 Lexicon latinum japonicum lusitanicum.

13 Antonio Baptista Abrantes: Instituições da lingua arabica. Lisboa, 1774.

14 Antonio Vieira Transtagano:

Advertencia sobre algumas passagens do Alcorão. Dublin, 1779.

Brevis, clara, facilis, ac jocunda non solum arabicam linguam sed etiam hodiernam persidem, cui tota

altura, e atravessavam por terra a provincia de Sarmacia ao rio Tanais, que a divide da Europa, onde embarcavam, e por elle abaixo as levavam á lagoa Meotas, e cidade de Cafa (que antigamente se dizia Theodosia), e, por ser de Genovezes, vinham por ellas ás suas galeaças. E dizem que durou este trato até ao tempo do Commodita imperador Armenio, que mandou este caminho ao rio Carius, no fim do qual desembarcavam e atravessavam o reino da Hi-

---

fere arabica intermixta est, addiscendi methodus. Dublini, 1789.

15 Francisco de Tavora: Grammatica hebraica. Coimbra, 1566. (Vid. Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. VII, pag. 47).

16 Custodio José d'Oliveira: Diagnose typographica dos caracteres gregos, hebraicos, e arabes.

17 David ben Isaac: Diccionario de quatorze linguas, entre as quaes — chaldeia, syriaca, arabica, persiana e turca, com a exposição e correspondencia das vozes talmudicas e rabbinicas.

18 Filippe Nery Pires: Grammatica da lingua maratha. Goa.

19 Fr. Francisco de S. Luiz: Glossario das palavras portuguezas derivadas de linguas orientaes. Lisboa.

beria (que se diz agora Jorgiana), e tornavam a embarcar no rio Facis, e por elle iam ao Mar de Latana e cidade de Trepezonda, que está em quarenta e tantos graus, onde vinham por estas mercadorias as naus da Europa e Africa. E dizem ainda que Nicana determinava, ou tinha já levado a effeito, abrir mais de cento e vinte leguas de terra que ha d'este Mar Caspio ao Euxino, para que pudessem ir e vir por agua as especiarias, drogas, e outras mercadorias, que

---

20 Fr. Francisco da Paz: Grammatica hebraica. Lisboa, 1773. Ha ainda outra edição.
21 Grammatica da lingua concani no dialecto do norte, escripta por um missionario portuguez do seculo XVII.
22 P. Thomaz Estevão: Grammatica da lingua concani. Rachol, 1640. Nova Goa, 1857.
23 Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: Ensaio historico da lingua concani. Nova Goa, 1858.
24 D. João da Encarnação: Grammatica linguae sanctae. Conimbricae, 1789.
25 Grammatica Indostana. Roma, 1778.
26 Grammatica marastica que se pratica nos reinos de Nizamaxá e Idalxá. Lisboa, 1805.
27 João de Pedrosa: Soliloquios divinos, em lingua brahmane.

por aqui então caminhavam, se o não matára Tholomeu Carauno, por onde não executou seu generoso pensamento. Assi que perdido este caminho, pelas guerras do Grão-Turco, a industria humana abriu logo outro a estas mercadorias e a outras que traziam da ilha de Samatra, cidade de Malaca, e ilha de Java,—a enseada de Bengala,—e pelo rio Ganges acima as levavam á cidade de Agra, d'onde atravessavam por terra a outra que está no rio Indo, que se chama

---

28 João de Sousa:
   Vestigios da lingua arabica em Portugal. Lisboa, 1789. Ibid. 1830.
   Grammatica arabica. Lisboa, 1795.
   Documentos arabicos da Torre do Tombo. Lisboa, 1790.

29 Fr. Antonio Baptista Abrantes: Instituições da lingua arabica. Lisboa, 1774.

30 Fr. José de Santo-Antonio Moura:
   Historia dos soberanos mahometanos das primeiras quatro dynastias que reinaram na Mauritania, escripta em arabe por Abu Mohammed Assaleh. Lisboa, 1828.
   Viagem do arabe Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben Batuta. Lisboa, 1840-1855 — 2 vol. Etc. Etc.

Baçar, d'onde iam pelo sertão dentro á cidade de Cabor, a principal dos Mogores. E d'ahi á grão cidade de Samarcante, que está na provincia da Bactriana; e juntos os mercadores da India, Persia e Turquia, que traziam brocados, velludos, chamalotes, escarlatas, alcatifas, feltros e outros pannos de lan, que iam gastando até o Cathayo e grão provincia da China, d'onde traziam ouro, prata, pedraria, aljofre, seda, almiscar, camphora, aguila, sandalos e muito rhuibarbo, e outras cousas que cá tinham valia.

---

31 Manuel da Assumpção: Vocabulario do idioma bengala-portuguez e portuguez-bengala. Lisboa, 1743.

32 Diccionario portuguez-concani, composto por um missionario italiano. Nova Goa, 1868.

33 Antão de Proença: Vocabulario tamulico. Ambalacata, na India Oriental. Roma, 1679. Parece que ha outra edição de 1792.

34 Miguel Vicente d'Abreu. Publicou varias obras mysticas em lingua concani. Nova Goa.

35 Mosseh Ben Gidhon: Grammatica hebraica. Hamburgo, 1633.

36 Mosseh Raphael de Aguilar: Epitome de grammatica hebraica. Amsterdam, 1661.

37 Vicente da Nazareth: Cathecismo em lingua tamul. Lisboa, 1554.

Depois d'isto, diz que levaram estas mercadorias, drogas e especiarias, em naus pelo Mar Indico ao estreito d'Ormuz, e rios Eufrates e Tigre, e as desembarcavam na cidade de Bassorá, que está em trinta e um graus ao norte. D'ahi iam por terra ás cidades d'Aleppo, Damasco, Baruth (que está da mesma banda em trinta e cinco graus), d'onde as vinham tomar as galés de Veneza, que traziam romeiros á Casa-Santa.

No entanto Cesar Cantu na sua bella *Historia*

---

38 Vocabulario da lingua do Japão. Nangasaki, 1603. Vertido para hespanhol. (Manilha, 1630).

39 D. Heliodoro de Paiva: Novo Diccionario das linguas grega e hebraica. Coimbra, 1532.

40 Antonio de Araujo: Cathecismo da lingua brazilica. Lisboa, 1618. Ibid. 1686.

41 Bernardo Nantes: Cathecismo indico da lingua kariri dos Indios do Brazil. Lisboa, 1709.

42 Diccionario portuguez braziliano. Lisboa, 1795.

43 José d'Anchieta: Arte da grammatica mais usada na costa do Brazil. Coimbra, 1595. Foi reimpressa na Allemanha.

44 Luiz Figueira: Grammatica da lingua brazileira. Lisboa, 1687.

45 Luiz Vicencio Mamiani: Grammatica da lingua brazilica da nação kariri. Lisboa, 1699.

Universal, baseado em escriptores fidedignos, explica, muito melhor do que nosso Galvão, o estado do commercio n'aquelles tempos.

O motor principal das expedições e das descobertas era o commercio, cuja historia fórma a ligação entre os tempos antigos e os modernos, e nos esclarece a respeito de muitos acontecimentos politicos: elle explica tambem o engrandecimento ou a decadencia de certas nações e as mudanças operadas no seu caracter, mu-

46 Antonio do Couto: Cathecismo em portuguez, latim e angolano. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa, 1643; 2.ª edição, Lisboa, 1661; 3.ª (vertido para latim), Lisboa, 1784.

47 Antonio Fernandes: Flagello dos mentirosos, em lingua abyssinia. Goa, 1642.

48 Bernardo Maria Cannecatim:

Diccionario da lingua bunda ou angolense. Lisboa, 1804.

Collecção de observações sobre a lingua bunda ou angolense. 1805.

Doutrina christãa composta na lingua do reino do Congo. Lisboa, 1624.

49 Pedro Dias: Arte da lingua d'Angola. Lisboa, 1697.

50 Antonio do Couto: O gentio d'Angola instruido nas

danças,—que, apezar de ambiciosas e inquietas, as tornavam pacificas e industriosas.

Nos primeiros tempos historicos era á India que iam buscar o algodão, os diamantes, as especiarias, as madeiras preciosas, e os tecidos finos, e era da Arabia que se tiravam os perfumes, o marfim, e as perolas, transportado tudo isso depois pelas caravanas ás capitaes dos grandes reinos, ou aos portos mais frequentados. Cedo se apprendeu a navegar no mar e nos rios; esta

---

cousas da fé. Lisboa, 1624. Em portuguez e an-
lense.

51 João Pedrosa: Soliloquios diversos. Goa, no Col-
gio de S. Paulo, 1660;—128 folhas. É uma obr..
P. Bernardo Villegas, traduzida em industani. ;
Grammaire Hindoustani por Garcy de Tassin

52 Cartilha da doutrina christan, por Marcos Jorge
duzida em lingua congueza. Lisboa. Foi re
pressa em Roma por Fr. Jacintho Bruscia
Vetralles, em 4 columnas: 1.ª congueza, 2.ª
tugueza, 3.ª latina, 4.ª italiana.

53 Balthasar Gago: Tractado em que se mostra c
mente a grande differença que ha entre a l
Christo e a do Japão. É escripto em lingua j
neza.

54 P. Miguel d'Almeida, da Companhia de Jesus:

fizeram o poder da Mesopotamia, e aquelle enriqueceu os paizes das costas (como a Phenicia, a Arabia, e finalmente todo o littoral do Mediterraneo). As numerosas colonias fundadas pelos Gregos e pelos Carthaginezes facilitaram as communicações entre os diversos paizes, e activaram a troca dos productos. Vimos tambem que os antigos, attrahidos pelo engodo das mercadorias, levavam as suas viagens muito mais longe do que se poderia esperar da imperfeição dos seus

dim de pastores, composto em lingua brahmane. Goa, 1658.

55 P. Thomaz Estevão:
Arte da lingua canarim. Rachol, 1640.
Doutrina Christã em brahmane. Rachol.
Discurso sobre a vinda de J. Christo ao mundo. Rachol, 1616; 2.ª ed. Goa, 1640; 3.ª ed. Goa, 1654.
Paixão de Jesus Christo, edição accrescentada por Paschoal Gomes de Faria. Goa, 1722.

56 Diogo Ribeiro: Explicação da Doutrina Christan. Rachol, 1632 (lingua concani).

57 P. Antonio de Saldanha: Tractado dos milagres de Santo Antonio. Rachol, 1655.

58 P. Theotonio José: Compendio da Doutrina Christan em lingua brahmane. Lisboa, 1758.

59 Duarte da Silva, coadjutor que S. Francisco Xavier

instrumentos nauticos. Durante a épocha imperial Roma era o mercado aonde affluiam em maior quantidade os aromas e perfumes para uso dos deuses e dos ricos, as especiarias, as perolas e as pedrarias, os tecidos preciosos e as tapeçarias da Asia, e finalmente os escravos de todas as regiões do mundo.

A decadencia de Roma deu vida a Constantinopla. Esta grande capital, dominando por um lado o Archipelago e por outro o Ponto Euxino,

---

enviou a Goa, foi o primeiro jesuita que compoz uma grammatica e um diccionario japonez. (Vid. AUGUSTIN ET ALOIS DE BACKER : Bibliothèque des Écrivains de la Compagnie de Jesus, vol. II, pag. 610. — Liège, 1854).

60 Filippe Nery Pires: Grammatica maratha explicada em lingua portugueza. Bombaim, 1864.

61 Manual de devoções em lingua concani. Bombaim, 1848.

61 A Grammatica Latina do nosso P. Manuel Alvares foi publicada na cidade d'Amacusa no anno de 1603, vertida para japonez, com o fim de por ella ser a lingua latina ensinada n'aquella cidade.

62 Quando o governo francez quiz introduzir na França o ensino da lingua japoneza, examinou os compendios que d'este idioma existiam impressos. A

que tem deante si a Asia e por detraz a Europa, parece destinada a ser a metropole do commercio do mundo. Quando ella se tornou a séde do Imperio, recebeu pelo Egypto as mercadorias do Oriente, indo os Byzantinos buscál-as á India. Embarcavam em Aila, davam a volta da Africa, chegavam a Taprobana, Calliana e Malea; nas costas da Persia compravam cavallos e tecidos de seda. Esta vinha da China; mas os Persas não permittiam aos

nenhum d'estes foi o parecer favoravel; mas sim ao d'um portuguez que ainda se conservava inedito.

Mandou então o governo Francez estampar o referido manuscripto, e foi dado á luz debaixo do titulo seguinte:

«Élémens de la Grammaire Japonaise par le P. Rodrigues: traduits du portugais sur le manuscript de la Bibliothèque du Roi, et soigneusement collectionnés avec la Grammaire publiée par le même auteur à Nagasaki en 1604, par M. C. Landresse, membre de la Societé Asiatique: précédés d'une explication des Syllabaires Japonais, et de deux planches contenant les signes de ces syllabaires par M. Abel Remusat. Ouvrage publié par la Societé Asiatique. Paris: A la Librairie Orientale.

outros povos que a fôssem comprar aos Seres, que provavelmente habitavam o Thibet. As caravanas que se dirigiam para estes paizes, subiam de Bactra até aos Comedas, junto das origens do Jaxarte, e depois até Tocksend; e pelas emboccaduras do Conghez, tendo atravessado o Kahsgar, chegavam em septe mezes á capital dos Seres. Este povo fugia dos extrangeiros; esperava os compradores, e, sem proferir uma palavra, trocava pelo dinheiro da Europa a sua

---

Em Bassorá houve (e ainda existiam em 1640) dois conventos de frades portuguezes (um de gracianos, e outro de carmelitas). Assim o assevera D. Thomaz Caetano do Bem, a pag. 112 do 1.º vol. das Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal.

Os Portuguezes tambem apresentaram trabalhos importantissimos ácêrca da lingua e escriptores gregos.

(Vid. Schoell: *Histoire de la Litterature Grecque Profane* -- Paris, 1824 — 6 volumes).

Tinha pois motivo o nosso afamado chronista Fr. Francisco Brandão para exclamar: «Quanto foram pontuaes obreiros os Portuguezes, está bem patente aos olhos do mundo, a quem elles, com seus descobrimentos e conquistas em toda a redondeza do orbe, deram perfeito conhecimento d'elle mesmo; d'onde veiu dizer La-

seda, a sua lan, e o *malabathum*. Os Sogdienses, que no seculo V habitavam a Bucharia, em vão solicitavam atravessar a Persia para levarem a seda aos Gregos, os quaes se convervavam tributarios dos Persas, até que se dedicaram á creação dos bichos de seda.

O Peloponeso cobriu-se de plantações de amoreiras, e d'aqui lhe veio o nome de *Morea*. Estabeleceram-se fabricas em todo o Imperio, com o fim de fazer cessar, ou pelo menos, diminuir

---

guna no Commentario sobre Dioscorides que se não devia menos aos Portuguezes por descobrir novos climas e mundos, que a Ptolomeu pelos haver descripto e delineado nas tábuas geographicas.» (FR. FRANCISCO BRANDÃO: *Monarchia Lusitania*, liv. XIX, cap. V).

*

«Los antiguos no ossaron caminar tan adelante, como los modernos, porque como navegaban con remos, iban costeando siempre la tierra, y no usando de la aguja no se engolfavan en alta mar: sus maiores navegaciones fueron en el Mediterraneo, y no passavan de Gibraltar, á quien llamavan termino del universo. Lo que se escrive de las viages de Ulises y de Hercules, puede causar risa à nuestros marineros, pues en el del primero se gastan

as exportações. Os Venezianos em 1088, havendo submettido a ilha d'Arbo nas costas da Dalmacia, impuzeram-lhe um tributo annual de algumas libras de seda ou (na sua falta) de outras tantas libras de ouro puro. Esta industria desenvolveu-se quando Rogerio de Sicilia introduziu as amoreiras e os bichos de seda na Italia, onde se tornaram, juntamente com o fabrico da lan, uma das principaes fontes da riqueza publica.

---

seis ó siete dias, y el del segundo se puede hazer en menos de un mes. El honor de la navigacion corrió de unas naciones en otras. Començó de los Egipcios, passó á los Tirios, y depues á los Cartaginenses... Los ultimos han sido los Españóles, Portuguezes y Castellanos, que descubrieron mares ultra los mares. Uno solo de sus baxeles rodeó toda la tierra y el Oceano.» (BASILIO VAREN DE SOTO: *Adiciones a la Historia de las Guerras Civiles de Francia de Enrico Caterius Davila*—Amberes, 1686 — pag. 21).

«Um pequeno povo da Europa Christan inesperadamente levou seus baixeis alêm dos Mares Atlanticos, conquistou reinos nas margens do Ganges; e no orgulho e deslumbramento de taes descobertas, um poeta foi en-

O Imperio do Oriente é o primeiro cujas relações com a China são conhecidas de modo positivo. Cosmas Indicopleustes affirma que os navegadores do Golpho Persico chegavam até á China atravez de mil perigos, e que os Chinezes frequentavam os portos da India e do Golpho Persico; mas, muito antes ainda, dizem-nos os historiadores chinezes que os navios da sua nação aportavam ao Japão, ao Kamtchatka e á California, onde compravam pelles que levavam aos Indios, os quaes as tornavam a vender aos

---

contrado que as cantou. Vasco da Gama e as praias de Melinde serão celebradas por Camões. Assim nasce a poesia epica, mais rara ainda do que essa bonina que durante um seculo só corôa uma vez a extremidade do aloes.» (VILLEMAIN: *Cours de Litterature Française*—Liège, 1840 — pag. 66).

«EIS porque a Eneida, copia admiravel da arte grega nos primeiros livros, é um monumento indigena, uma epopéa nacional nos ultimos. Sómente um alardear de erudição se mistura com a inspiração do poeta: procurou e descobriu antiguidades, antes do que canta involuntariamente tradições. Eis porque mesmo na parte mais epica da sua obra é menos verdadeiro do que Homero, do que Dante, ou mesmo do que Luiz de Camões.» (Id. pag. 67).

mercadores do Occidente. Alexandria tinha o monopolio do commercio d'Africa; mas os Persas, emulos perseverantes do Imperio do Oriente abarcavam todo o commercio do Golpho Persico.

O resultado da primeira erupção dos Arabes, tornados mahometanos, só podia ser a ruina do commercio; mas depois entregaram-se a elle por toda a parte aonde levaram o seu dominio. Além das antigas vias, foram, no Oriente, da Persia

---

«Os Franccezes faziam torneios emquanto os Portuguezes e os Hespanhoes descobriam e conquistavam novos mundos tanto ao oriente como ao occidente do Novo Mundo.» (VOLTAIRE: *L'Esprit de l'Encyclopedie*—tom. v, pag. 7).

«Temos vinte Historias do Estabelecimento dos Portuguezes na India: mas nenhuma nos faz conhecer os diversos governos d'estes paizes, suas religiões, antiguidades. os brahmanes, os discipulos de João, os guebros, e os banianos.» (Id. pag. 371).

«Este tempo é o da maior actividade externa dos homens: é um tempo de viagens, de expedições, de descobertas, de invenções de todos os generos. É o tempo das grandes viagens dos Portuguezes ao longo da costa

até á Bukharia, ao lago Aral, e ao Mar Caspio; e, alêm d'este mar, até ao paiz dos Bulgaros e dos Slavos. No fim do seculo IX e no começo do X, o commercio dos productos do Norte se fazia principalmente na Grande Bukharia, onde tinha por intermediarios os Bulgaros do Volga, e por agentes secundarios os Russos, que d'uma parte recebiam os generos dos Bulgaros e dos Khazares, e da outra os do paiz do Baltico.

Uma outra estrada atravessava a Persia e a

---

africana, e da descoberta da passagem do Cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama.» (GUIZOT: *Histoire de la Civilisation en Europe.* — 11.e leçon).

«Foram os Portuguezes os primeiros a entrarem no brilhante caminho das descobertas maritimas.» (PRESCOTT: *History of Ferdinand and Isabel*).

E PESCHEL accrescenta: «Que nenhum povo pela sua situação estava para a solução d'este problema em circumstancias mais propicias do que os Portuguezes.»

«Antes de chegarmos ao verdadeiro, no que diz respeito ás viagens e descobertas, foi mistér passar pelas transformações do falso. Eis porque vemos, em primeiro

Mesopotamia, dirigindo-se para o Caucaso e para o Mar Negro, cujos portos communicavam com o Mediterraneo.

Os Arabes iam até á China passando pelo Kabul, pelo Thibet, e pelo deserto, ou por Samarcanda e pelo paiz de Kahsgar. Havia em Canfu (Cantão) tão grande numero de Arabes que o governo chinez permittiu-lhes que tivessem um cadi especial. As mercadorias da China e da India passavam-lhes pelas mãos, e Bassorá

logar, a rainha Semiramis que sobe pelo Indo com o fim de conquistar as Indias; mais tarde, Ptolomeu Philadelpho, que envia ao Oriente Megasthenes e Dionysio. D'estas duas expedições, porêm, apenas restam lendas fabulosas, e portanto privadas d'interesse.

«Dois seculos depois, quando as Ilhas Britannicas se converteram em colonias gaulezas, e Veneza em rainha do Mediterraneo, apparece um intrepido viajante marselhez, Pytheas. Até ao tempo d'este, não passava a navegação d'uma simples cabotagem que, sem perder de vista a costa, nunca sahia do Mediterraneo. Pytheas foi o primeiro que ousou transpôr as Columnas de Hercules (isto é—o Estreito de Gibraltar): navegando ao longo das costas da Hesperia e das da Gallia, dobra os cabos tão assustadores da Armorica, affronta as tempestades da Mancha, transpõe o Passo de Calais, segue sem a per-

era o seu principal emporio; d'aqui enviavam-n'as para Tebris pelo Tigre e pela Persia; depois pela Armenia para Tana (Azof) no Mar Negro. As caravanas iam de Bagdad ou de Tauris para Damasco, Aleppo, Tyro e Antiochia: outras expediam-n'as para o Mar Caspio e paizes vizinhos, hoje pertencentes á Russia. Recebiam alli, em troca das suas mercadorias, trigo, lans, couro, peixe, metaes, escravos e pelles. Exporta-

---

der de vista a costa oriental da Inglaterra, e depois, sem mais soccorro do que sua audacia, engolpha-se no alto mar, e chega ás costas da Teutonia e da Scandinavia, e em seguida até ao Baltico, apoz haver transposto o Sund. Desde uma tal epocha data a prosperidade commercial de Marselha.

«Ha, longe d'essa pilotagem rotineira para a navegação sábia, nascida da descoberta da bussola, alguns progressos d'astronomia, a invenção das cartas maritimas. Graças a esta triplice conquista da intelligencia, Christovão Colombo dota o velho continente com um mundo novo. Vasco da Gama, dobrando o Cabo da Boa Esperança, abre á Europa o caminho das Indias pelo Oceano.

«Todavia, estes dois grandes homens não grangearam no mesmo grau os testimunhos de reconhecimento merecido pelo seu genio. O primeiro, que tinha depositado

vam o ouro e o marfim da Africa que no interior percorriam até ao Niger.

As mercadorias da China meridional, da India, e da Arabia, eram levadas por mar ás emboccaduras do Indo, ao grande mercado de Cambaya no Guzerate. Depois de subirem o Indo até ao ponto onde deixa de ser navegavel, eram transportadas a Kabul ou a Ghazna; e finalmente chegavam ao Mar Caspio por Kandahar, Bukharia, e pelo Djihun. Quando os Tartaros desviaram este rio para o lago Aral, então as

confiança na probidade d'um rei (D. João II de Portugal), sabe com indignação que um tal principe desleal enviou uma caravella para lhe roubar sua descoberta. Colombo não tem menos de que se queixar da ingratidão de Fernando V e de Isabel a *Catholica*, os quaes vendo seus resultados superiores a todas as esperanças, recusam o cumprimento das brilhantes promessas que lhe fizeram! É mais feliz o Gama: seu regresso a Portugal é celebrado com festejos publicos; o Rei D. Manuel o accumula de favores; e Camões o canta na sua *Lusiada!*

«Seja, porêm, como fôr, os Genovezes, Catalães, Inglezes, Francezes, e principalmente os Portuguezes, tinham já (cumpre que se diga) feito importantes descobertas geographicas, com meios ainda bem imperfeitos. Deviamos-lhes as Canarias, a Moscovia, Porto Santo, a costa

mercadorias eram levadas por terra até ao Mar Caspio, ou á grande estrada central que passa ao meio-dia d'este mar, ou tambem pelo norte do Volga, d'onde tomavam a direcção do Norte.

D'antes, juntavam as mercadorias na foz do Tigre ou na do Euphrates; e d'ahi as expediam para Bassorá e Tebris, ou as faziam subir o Tigre, e as mandavam depois para Trebizonda, no Mar Negro, ou para Ajaccio, no Mediterraneo. Os navios chinezes vinham até Malaca e Sumatra para trocarem por drogas, por aloes,

---

de Guiné, a Madeira, o Cabo Branco, as ilhas d'Arguim, Angra de Cintra, Cabo Verde, Senegal, as ilhas dos Açores, Congo, as ilhas Angedivas, o Cabo das Tormentas ou Cabo da Boa Esperança: ao que accrescentou Colombo depois as Antilhas, a Jamaica, e as costas da America.

«Por aquelles tempos começava a despontar o espirito de colonização. Francezes e Dieppenses estabeleciam-se na costa de Guiné; e João de Bethencourt, gentil-homem normando, fazia a conquista das Canarias, cuja realeza lhe conferia Henrique III de Castella. Até então, com effeito, os Dieppenses tinham parado nas suas navegações ás costas de Marrocos: mas animados pela experiencia, seduzidos com o engodo do ganho, tentam novas descobertas, e avançam gradualmente até á costa de Malagueta, onde fundam a colonia de Petit-Dièppe. Uma

e por outros productos indigenas, as sedas e a pedra hume, o rhuibarbo e varias obras de marcenaria. A ilha de Ceylão era o ponto mais importante da costa occidental da India; e os reis do paiz, satisfeitos com os direitos que cobravam, permittiam aos Arabes, aos Africanos, aos Indios, aos Malaios e aos Chinezes, que commerciassem livremente sem distincção de nacionalidade ou de religião. Estes diversos povos iam alli buscar a areca, as drogas medicinaes, o in-

---

concordata, feita entre os negociantes de Dièppe e os de Rouen, regulava o commercio de Guiné.

«Parece, pois, certo que a honra da descoberta das costas e das ilhas alêm do trigessimo grau pertence com justo titulo á França [1]. Os Portuguezes seguiram provavelmente as pégadas dos navegadores dieppenses, e teem prestado tão sómente um unico serviço — o haverem desvendado um mysterio que uma corporação mercantil tinha interesse em occultar.

«Depois de Christovão Colombo, que descobriu mil e quinhentas leguas de novas terras, e Vasco da Gama que alargou o mundo, — a navegação continuou sua marcha progressiva, aproveitando-se do aperfeiçoamento das sciencias e das artes, ás quaes foi buscar um util auxilio;

[1] Esta opinião é muito discutivel, e devem-se consultar a tal respeito as obras do nosso Visconde de Santarem.

censo, a raiz do chaya para tingir algodão com côr-de-laranja, o oleo e o assucar de palmeira, o gengibre, o tamarinho, a lacca, o anil, a pimenta, a camphora, as perolas, os diamantes e outras pedrarias, o marfim, a madeira de sandalo e de sapão, os brocados de ouro e de prata, e os tecidos d'algodão.

Os Byzantinos, excluidos então dos portos arabes, resolveram-se, afim de satisfazer á imperiosa necessidade dos productos da India, a

---

a colonização das terras remotas e o commercio ultramarino seguiram um movimento parallelo. Data com effeito do seculo XV a regeneração das sciencias que engrandeceram o dominio dos conhecimentos humanos, e fizeram progredir a civilização.

«No seculo XVI o gosto das aventuras, aggregado ao espirito de conquistar, anima os navegadores hespanhoes e portuguezes. A linha equinoxial é passada; o rio Amazonas é descoberto, bem como a ilha da Conceição, a ilha de Santa Helena, o golpho de Honduras e de Yucatan, Sumatra e Malaca, Porto Rico, as ilhas de Sunda, as Moluccas, a Florida, o Mar do Sul, o Peru, o Rio de Janeiro, o Cabo de Santa Maria, o Rio da Prata, as ilhas Maldivas, S. João d'Ulloa, o estreito de Magalhães, as ilhas Filippinas, a bahia de Fonseca, a Nova França, o Paraguay, as Bermudas, Nova Guiné, California, a ilha

fazerem uma longa viagem, subindo até Kiew, na Russia, cidade que os escriptores do Norte dizem ser a rival de Constantinopla, e onde se fazia importante commercio de pelles. Por intermedio dos Bulgaros recebiam-se, em troca d'ellas, os generos da India e da China, que, apezar d'um caminho longo e difficil, e não obstante o enorme pezo dos direitos, chegavam a Constantinopla em quantidade sufficiente para abastecer todo o Occidente.

d'Orleans, o Chili, o reino de Marata, o Japão, o paiz de Quivira, as ilhas de Salomão, o estreito de Forbisher, a ilha dos Megarefes, o estreito de Jakman, o estreito de Davis, as ilhas Marquezas e a ilha de Santa Cruz.

«D. Pedro faz um tratado de commercio com os reis de Cochim e de Cananor: feitorias alli são estabelecidas por Vasco da Gama que descobriu as Indias. Tratados de commercio são celebrados com os reis de Achem, Pedir, e Pacem, na ilha de Sumatra. O filho de Christovão Colombo envia para Cuba uma colonia, a qual funda Havana. Fernão d'Andrada e seus companheiros são expulsos de Cantão, e obteem tão sómente auctorização para ficarem n'uma ilha vizinha, onde fundam Macau. Fernão Cortez conquista o Mexico e as provincias vizinhas até ao Mar do Sul. O estabelecimento dos Hespanhoes em Tidore fez rebentar a guerra com os Portu-

A Europa (diz Cesar Cantu) fôra assolada pelas invasões dos Barbaros, e depois retalhada pelo feudalismo, que, fazendo do proprietario do campo limitrophe um extrangeiro, embaraçava as communicações,—e não permittia que houvesse confiança, a alma do commercio.

Todavia o commercio não afrouxou. Os Papas protegeram-n'o, e Carlos Magno tentou organizál-o. Os povos do Norte entregavam-se ao trafico. Desde esta epocha os mercadores fre-

guezes de Ternate. Narvaes, havendo sahido de Hespanha para fazer descobertas, com quinhentos de seus companheiros, morre de fome e de fadiga ao atravessar por terra a Florida. Tres sómente d'estes desgraçados chegam á Nova Hespanha. Pizarro funda uma colonia em S. Miguel, faz a conquista do Perú, e funda Lima. Magalhães é o primeiro que circumnavega o mundo. Jacques Cartier, sahindo de Saint-Malo, chega a Santa Catharina, entra no rio de S. Lourenço, e commerceia em todas as costas. Uma colonia é fundada em Buenos-Ayres. Uma expedição é enviada pelos Portuguezes em perseguição d'um corsario guzarate: são expulsos das ilhas Likaio. Jacques Cartier, na sua terceira viagem, conduz o Conde de Roberval, vice-rei do Canadá, que estabelece uma primeira colonia nas proximidades do porto de Santa Cruz e de Quebec, onde constróe um forte, faz

quentavam regularmente os mercados de Troso na Esthonia, de Berghen na Noruega, de Sleswig na Jutlandia, de Halerick, de Odensea, de Roskild nas ilhas de Dinamarca, de Land e Helsingburgo na Scania, e de Sigtun na Suecia, onde estabeleciam communicações com Permia glacial por um lado, e com os paizes sericicolas por outro.

As Cruzadas começaram a fazer considerar a Europa como uma só nação, reuniram os ho-

---

commercio de pelles e de perolas com os selvagens. Lodonnière passa ás Antilhas, d'ahi á Florida, onde constróe um forte sobre o rio de May. Goa é atacada pelo Rei de Decan, e defendida pelos Portuguezes...» (Van Tenac: *Histoire Générale de la Marine*—Paris—Vol. 1, pag. 10).

«Parece-me que, sem adulação, se pode affirmar que Portugal é o domicilio da piedade, o paiz do engenho, a patria do valor, e o solo nativo da generosidade: porque os Portuguezes são doceis para o que é bom, advertidos, agudos, espirituosos, intrepidos, ageis, garbosos, e d'uma grande propensão genial para cultivarem todas as boas artes que podem servir de adorno. Qualquer exercicio decente que demande coragem, presença de espirito,

mens para empresas communs, e approximaram-n'os do paiz que produzia os generos preciosos; mas augmentavam os interesses, os privilegios, e as occasiões de ganho ás cidades maritimas, cujas especulações se faziam ao abrigo do estandarte da Cruz. Depois, á medida que as nações se constituiam, declinou o feudalismo, e as communas adquiriram, a liberdade que dá a indispensavel coragem para tentar empresas e introduzir melhoramentos.

---

agilidade, e presteza, é mui do genio da nação portugueza.

«Em summa, por mais que a Geographia resuma este reino, por mais que as serranias o cinjam, e tambem os mares que o apertam, sabe todavia extender venturosamente suas inclitas armas nas mais remotas e incognitas provincias do mundo inteiro, onde é venerado como senhor. E isto á similhança d'um rio caudaloso que aperta em estreita margem immenso fundo. Deixa talvez que a mãe esteja descuidada, e, enganando margens e diques, ainda que a mãe natural seja Portugal, sabe tambem escapar-se de repente, e entregando-se a Deus e á ventura, sem determinação fixa a respeito do paiz aonde se deve encaminhar, extende-se de repente com a mais laboriosa vigilancia, e dextra e notoria mestria, a descobrir os climas mais extranhos, remotos e incognitos, e escondidas

A Europa podia então considerar-se, emquanto ao commercio, dividida em duas zonas: uma que abrangia o Mediterraneo, e outra o Baltico, o Mar de Allemanha, e o Oceano Atlantico. Comprehende-se na primeira zona a Italia, a Provença, o Languedoc, Catalunha e Valencia; na outra os Paizes-Baixos, as costas da França, da Allemanha, da Scandinavia, e os condados maritimos da Inglaterra. Os primeiros d'estes paizes negociavam com o Meio-dia

regiões, não por terra firme, mas sulcando mares inconstantes e não conhecidos, e ainda não navegados, sem que bastassem a reprimir seu honorifico, orgulhoso, e constante espirito, a immensa multidão dos inaccessiveis e terribilissimos escolhos, nem as formidaveis contingencias mais perigosas; antes, como se tiveram algum papel de algum anjo de um novo descobrimento, firmado por sua mão, referendado por outro anjo descobridor, seu secretario, proseguiam como dextros e peritissimos aereonautas por uma tão desabrida e espinhosa viajem, como quem deita sortes para a rifa de uma preciosissima joia, que, se sai, sai, se não sai, não sai. E, como a fortuna,—com a mesma ligeireza com que faz girar o eixo da sua roda para as desgraças, a guia tambem para a felicidade,—favoreceu-a a divina misericordia com a singularissima e não esperada dita de engolphar-se nas correntes mais impe-

e com o Levante; os outros, com o Norte e com os portos do Mar Glacial.

Os Genovezes e os Venezianos tornaram-se pouco a pouco os principaes, se não os unicos, agentes do commercio da Europa com a India. Quando as conquistas mahometanas e as guerras religiosas successivas não permittiram o caminho para alli pelo Egypto, foram pela Syria e pelo Mar Negro.

Attribue-se ao doge André Dandolo, o histo-

---

tuosas até introduzir-se no Mar Atlantico, Ethiopico, e Oceano Indico; e, depois de haver ganhado insignes victorias sem que lhes pudessem resistir nações tão barbaras, submetteram com invencivel valor e presteza as margens de todo o Oriente até á China com as ilhas immediatas sem que bastassem para os deter as interpostas e formidaveis serranias de aguas, nem a fereza de tão barbaras e idolatradas nações.» (D. JOSEPH BAGUER—*Discurso Gratulario*—Lisboa, 1764).

*

«Lo hasta aqui expresado no es mas que un tosco extracto, ó un mal formado specimen, que mi embotada pluma tiene hecho del inimitable valor, y profundissima ciencia de la Nacion Lusitana: no me detengo mas, por-

riador, a gloria de ter feito com que seus compatriotas pudessem de novo ir ao Egypto, mandando uma embaixada ao Soldão por occasião de umas pendencias que se levantaram entre elle e os Tartaros, e que foram apaziguadas pelo doge.

Francisco Balducci Pegolotti descreve-nos a viagem que faziam então os Venezianos para irem de Tana até Cathay, onde tinham de deixar crescer a barba, e de procurar bons inter-

---

que ya sabe el mundo lo que es el Reino de Portugal, y lo sabe tan de allà, que, quando el mundo andava a la escuela, aprendió a leer por las glorias de este Reino; y assi la historia de Portugal es la historia del mundo universal, ó, por decirlo mas bien, la historia del mundo universal es la historia de Portugal; porque no havrá Imperio, no havrá Reino, no havrá Provincia en todo lo descubierto, en cuyas glorias no anden mesclados los Portugueses, como dicen que anda la sal elementar en todos los mixtos.» (IDEM: *Ibidem*, pag. 261).

«A conquista dos mares e terras do Oriente merece maiores louvores que os que lhe pudera dar a lingua de Marco Tullio, principe da eloquencia romana: mas, por

pretes, assim como criados que soubessem o tartaro. Um negociante levava comsigo ordinariamente, tanto em numerario, como em generos, vinte e cinco mil ducados de oiro ; a despeza da jornada até Pekin, comprehendendo os salarios dos homens de trabalho, não excedia trezentos ou trezentos e cincoenta ducados.

Os Venezianos iam ao Norte buscar o canhamo, a madeira para construcções, cabos, pêz, sebo, cera e pelles, que exportavam para a pequena Tartaria.

---

satisfazer a vossos desejos, mostrarei na empresa d'esta historia minha pobreza de palavras. Indignado o espantoso e immenso Oceano, por muitos mil annos não consentia que lhe descobrissem os homens suas carreiras, reclamando com bravas tormentas, e pés de furiosos ventos, e dando, a muitos nobres e valentes, preciosas sepulturas no profundo de suas temerosas aguas. Mas emfim por varios casos com singular fortuna triumpharam d'elle os Portuguezes.

«Tentou Trajano ir á India pelo rio Tigre; mas reparou, encontrado das ondas suberbas do Mar Indico, que havia de soffrer o imperio da bem fortunada Lusitania, e não o da potentissima Roma.

«Foram Portuguezes a Calecut pedir commercio e contratação, offerecendo para isso ricas mercadorias: e,

Veneza e Genova fizeram para este fim muitos tratados no seculo XIII com os successores de Otkai e de Gengis-khan, que tinham conquistado a Russia, a Polonia, a Hungria e a Moldavia. Caffa e Tana eram os dois mercados d'este commercio. Genova, Veneza, Florença e outras cidades, tinham feitorias em Tana.

Os Genovezes, havendo obtido auctorização para residirem em Caffa, acabaram por ficar sendo os mais fortes, e por dominarem. Caffa

---

porque lhes negaram o que o direito das gentes lhes concedia, por instrucção dos Mouros contratadores, armaram suas mãos direitas e invenciveis contra elles, e, onde lhes impediram a prégação do Evangelho, a introduziram apezar dos infieis.

«Triumpharam das aguas do Mar Atlantico, Ethiopico. Arabico, Persico, Indico, Taprobanico, e Boreal: e das drogas, perolas, diamantes, elephantes e rhinocerontes do Oriente, e dos tigres ou reimões de Malaca.

«Revelaram aos sabios da terra muitos segredos da natureza, que jaziam escondidos no profundo, e, como diz o proverbio, no poço de Democrito, ignorados de excellentes philosophos.

«Chegaram despregando bandeiras, tomando cidades, sujeitando reinos, aonde nunca o victorioso Alexandre, nem o afamado Hercules (cujas façanhas os antigos tanto

era para elles a chave do primeiro itinerario. Excluiram do Mar Negro os Venezianos obtendo a cedencia de Pera, arrabalde de Constantinopla. Tornando-se bastante poderosos n'esta colonia a ponto d'algumas vezes assustarem os Imperadores, governavam-se sob auctoridade de um *podestá* especial vindo de Genova, de um conselho de vinte e quatro membros, e de outro composto de seis sabios. Quando Constantinopla cahiu em poder dos Turcos, desap-

---

admiraram) puderam chegar. Acharam novas estrellas, navegaram mares e climas incognitos, descobriram a ignorancia dos geographos antigos, que o mundo tinha por mestres de verdades occultas.

«Tomaram o direito a costas, diminuiram e accrescentaram graus, emendaram alturas, e, sem mais lettras especulativas que as que se praticam em o convez de um navio, gastaram o louvor a muitos, que em celebres universidades haviam gastado seu tempo.

«Reprovaram as tábuas de Ptolomeu, porque, caso que fôsse varão doutissimo, não sondou aquelles mares, nem andou por aquellas regiões.

«Descobriram o sepulcro e o martyrio do Apostolo S. Thomé, e ensinaram aos medicos da nossa Europa que cousa era aloe de Cacotorá, que dista do estreito de Mecca cento e vinte e oito leguas; e que era o ambar,

pareceu a sua auctoridade, e a florescente colonia de Galata só poude sustentar-se á custa de grandes humilhações.

Os Venezianos estabeleceram-se principalmente em Alexandria, outro porto muito favoravel onde os generos chegavam por meio de curto trajecto terrestre entre o Golpho Arabico e o Nilo. Um canal que desemboccava n'este rio, facilitava as communicações de Alexandria com o Mar Vermelho e com o Cairo.

Todos os annos as caravanas levavam do in-

---

anacardo, benjoim, o calamo aromatico, a arvore canfora, o cardamomo, cannafistula, cannela, cravo de Molucco, gingibre, linaloes, e a maça do Malayo, e o rheubarbo da China, e o sandalo vermelho e branco, áquem e alêm do Ganges.

«Ouso affirmar que não ha nação, na terra conhecida, a quem tanto se deva como a Portuguezes; e quem d'elles souber outras muitas cousas que deixo, confessará que seus louvores ficaram muito áquem, e que disse menos do que pudéra dizer.

«As victorias que os Portuguezes alcançaram dos Turcos na India Oriental, se tomarmos o voto da razão humana, attribuir-se-hão a desatino.

«Pois os nossos nunca foram eguaes d'elles em numero, forças e apparato de guerra,— como não foram os biso-

terior d'Africa para o Egypto gommas, dentes de elephante, papagaios, pennas d'abestruz, oiro em pó, e até mesmo traziam negros. D'alli partiam duas caravanas: uma para as cidades santas da Arabia (o que permittia vantajosas permutações), outra para o monte Sinai. Muitos europeus juntavam-se ás caravanas para atravessarem o Egypto; mas os negociantes que entravam em Alexandria eram motivo de grande desconfiança. Tiravam aos navios as vélas e os lemes, e registavam-lhes os nomes. Os Ma-

---

nhos de Pompeio Magno, eguaes aos veteranos de Julio Cesar, exercitados nas Gallias dez annos.

«Espanta-se o mundo, e tem inveja á nossa ferocidade, quando vê que puzemos o Oriente todo debaixo de nossas leis e imperio; e mettemos suas riquezas pela barra do delicioso Tejo, e descobrimos o nascimento do Nilo, disputado com contumaz e suberba porfia de engenhos humanos (*) e as causas verdadeiras, por que o Mar Arabico é *Roxo*, cousa de que os antigos falaram varia e fabulosamente.

«Desde que El-Rei D. João, primeiro d'este nome, sendo já velho, conquistou Seyta (a maior e mais fortalecida

(*) Os Portuguezes chegaram a estar persuadidos de que o tinham descoberto, mas estavam enganados. As nascentes do Nilo só foram descobertas em nossos dias.

melukos, cujo unico rendimento consistia nos impostos pagos pelo commercio extrangeiro, favoreciam-n'os; e por seu lado os Venezianos, sem se amedrontarem com as bullas papaes, que lhes prohibiam quaesquer relações com os Mahometanos, tratavam-n'os o melhor possivel, — mas, quando havia qualquer questão entre elles, apresentavam-se logo nas costas com forças ameaçadoras.

Os Italianos faziam o commercio com a Africa, assim como os Marselhezes e os Barcelone-

---

cidade de toda a Mauritania, sita na praia do estreito de Gibraltar), tiveram os nossos occasião para mais extender a potencia de suas armas, e mostrar na grandeza e difficuldade de suas empresas a fortaleza de seus peitos animosos.

«E assim o Infante D. Henrique, filho do dito Rei D. João (cujo espirito generoso e esforçado resplandeceu muito na tomada de Seyta) determinou proseguir mais ao longe esta alta pretenção. Com este desenho e proposito fez armadas, que correram as praias d'Africa, e os mares contra o Mar Austral. Com esta industria acabou que pela ousadia de valentissimos homens Portugal se apoderasse de boa parte da Ethiopia, de Africa, e de muitas ilhas do Oceano Atlantico e Ethiopico.

«A elle se deve o descobrimento das seis ilhas Fortuna-

zes. O Rei de Tunis cedeu aos Pisanos a ilha de Tabarca, onde se pescava o coral; — e egualmente se estabeleceram relações commerciaes com o Imperador de Marrocos.

Os Venezianos tinham tambem obtido grandes privilegios dos Armenios, porque, tendo reconquistado a sua liberdade no tempo das Cruzadas, procuraram a alliança dos Europeus. Só os Venezianos podiam levar-lhes os camelões e trazerem o pêlo das cabras d'Angora. Gozavam

---

das, celebradas dos antigos escriptores, que são as Canarias (como Plinio diz, referindo-se a Juba).

«E, posto que não falte quem diga que se chamam assim, da abundancia das cannas d'assucar que ha n'ellas, todavia Plinio diz, que uma d'ellas se chamava Canaria, da multidão de grandes cães, que n'ella se criavam.

«O que disse Mela da fertilidade d'estas ilhas é fabula.

«Não falo em cousas que o vulgo sabe, nem na ilha da Madeira, princeza das ilhas do Mar Occidental, nem na Terceira, e outras muitas.

«Para mais commoda expedição d'estes negocios residia o Infante em o Algarve, na villa de Sagres, que dista uma legua do Cabo de S. Vicente, d'onde partiam as frotas a abrir caminho contra as regiões orientaes.

«Tinha sabido aquillo que escreveu Pomponio Mela: Nos tempos de nossos avós um chamado Jathyco, rei de

isenção de direitos, tinham magistrados proprios, e desfructavam completa franquia para as suas mercadorias, que, vindas da Taurida e da Persia, atravessavam o paiz.

Trebizonda aproveitava este transito para se povoar de innumeras colonias, que faziam o commercio das especiarias.

Constantinopla estava melhor situada para tirar proveito de taes circumstancias; mas o seu enfraquecimento a obrigava a entregar aos Ita-

---

Alexandria, sahindo pelo Mar Roxo ou Arabico, navegou até Calis. O mesmo dissera Plinio, Solino, Marciano, Artemidoro, e Xenophonte Lampsaceno, que a carreira para a India pelo Oceano foi sabida e navegada antigamente desde as Columnas de Hercules.

«E mais: que em tempo de Caio Cesar se viram no Mar Roxo pedaços de navios de Hespanha, que fizeram naufragio, estando lá o mesmo Cesar.

«Herodoto poz em memoria que os Gregos foram de parecer que o Mar Atlantico se continuava com o Mar Roxo ou Arabico.

«Em outro lugar disse que os Gregos moradores no Ponto Euxino tinham isto por cousa certa e experimentada.

«Conta mais, segundo antigos annaes do Egypto, que Necko, seu rei, mandou certos Phenices navegar do Mar

lianos os fructos das fadigas e os lucros do seu commercio. A conquista d'esta cidade pelos Latinos parecia dever animar o littoral do Levante por meio do estabelecimento de colonias européas, o que teria imprimido novo impulso á civilização, e incalculavel augmento ao commercio; mas os reinos latinos pouco duraram. Ter-se-hia podido acreditar que as conquistas turcas dariam em resultado ficarem expulsos do Levante os Europeus e interrompidas as anti-

Roxo, e correram todo o Mar Meridional, e, passado o Estreito de Hercules, depois de dois annos tornaram ao Egypto.

«Tambem affirmam os Gregos, que, no tempo de Herxes, um Sataspes dobrou o Cabo da Boa Esperança, d'onde se tornou enfadado da longa navegação ás Columnas de Hercules, pelas quaes havia sahido ao Mar Atlantico, e assim veio ter ao Egypto.

«Finalmente Strabo testifica por auctoridade de Aristonico, grammatico do seu tempo, que Menelau navegou de Cadiz até á India.

«Como quer que seja, tenho por muito certo que, se algum antigo começou ou consumou esta monstruosa navegação, que nunca outra vez a tentou.

«Sós os Portuguezes incansaveis, esporeados de seus ousados e ferozes animos, ou constrangidos da maldita

gas communicações com o Oriente; mas os principes mussulmanos estabelecidos ao longo da costa septentrional e oriental da Africa, assim como nos golphos Arabico e Persico, esses é que não tinham feito causa commum com seus irmãos da Syria, e por consequencia não alimentavam o odio contra os Christãos. Os effeitos das Cruzadas não foram destruidos pelo mau exito que ellas tiveram.

O doge Thomaz Mocenigo calculava que Ve-

---

fome do ouro oriental, facilitaram e frequentaram a carreira d'esta immensa peregrinação. Não viu o Infante D. Henrique, em sua vida, o effeito de seus ardentes desejos, antecipado da morte, no anno do nascimento de Christo, de mil quatrocentos e setenta, sendo elle de setenta e sete annos. E,—ainda que os nossos em sua terra sejam como plantas novas,—fóra d'ella, no proseguimento d'esta conquista, se tornaram em arvores tão grossas, que não houve força bastante a lhe dobrar as pontas.

«Depois fez muito sobre esta empresa El-Rei D. João II, e insistiu n'este negocio dispendendo magnificamente seu thesouro, com tão grande successo, que penetraram os Portuguezes a maior parte da Ethiopia, e chegaram com suas armadas aonde se não esperava poderem chegar. Passaram o circulo equinoxial, e perderam de vista o nosso norte, e descobriram outras estrellas contrarias

neza tinha sempre em circulação dez milhões de sequins (isto é: — tres mil navios de cem e de duzentas toneladas, tripulados por dezesete mil marinheiros; trezentos navios do Estado com oito mil homens d'equipagem; e quarenta e cinco galeras tripuladas por onze mil). Além dos navios pertencentes a particulares, e occupados no transporte das mercadorias, a Republica mandava todos os annos vinte ou trinta *galeras de trafico*, de mil a duas mil toneladas, levando cada uma o seu carregamento no valor de cem

a elle, pelas quaes se começaram a governar. E emfim, com porfiado esforço de seus animos valorosos, indignando-se contra elles os mares altos e temerosos, dobraram aquelle Cabo, o maior que nas terras se viu. Onde foram combatidos com tão extranhas tempestades e tormentas, que perderam muitas vezes a esperança da vida, e portanto lhe chamaram o Cabo das Tormentas: e o Rei, tendo este descobrimento por feliz prognostico da entrada da India. poz-lhe o nome de Boa Esperança.

«Por morte d'este rei glorioso, ficaram estes cuidados e pretenções em herança ao bem afortunado e christianissimo Rei D. Manuel. E, caso que muitos lhe dissuadiam continuar esta porfia, não deixou de a proseguir, que as grandes esperanças são andar em companhia dos animos altos e generosos.

mil ducados. Navegava uma esquadra para o Mar Negro, outra para a Syria, e a terceira para o Egypto. A quarta, mais importante, carregada d'assucar em Syracusa, dirigia-se para a Africa com o fim d'aproveitar as feiras de Tripoli, da ilha de Gerbi, de Tunis, de Argel, de Oran e de Tanger, afim de o trocar pelos productos do paiz, como trigo, marfim, escravos, e oiro em pó; passando depois o estreito de Gibraltar, fornecia Marrocos de ferro, cobre, ar-

«No coração d'este rei ferveu sempre tal zelo da honra de Christo e amplificação da sua fé, que, não perdoando a muitos gastos de sua fazenda, nem á morte de seus naturaes, fez adorar o precioso sangue de Christo aonde d'antes o dos brutos animaes se sacrificava: e isto tão longe de seus reinos e senhorios quão perto elle está do Paraiso, que por esta empresa mereceu.

«No seu tempo, em Guiné e toda a costa de Ethiopia, os negros, que então viviam nas cavernas da terra ao modo de brutos animaes, sem policia humana, sem lei, sem figura de justiça, sem direito humano nem divino, levantaram templos a Christo, em que é louvado seu nome, e altares, em que se offerece cada dia seu corpo e sangue santissimo.

«Então os advenas de Tyro e o povo dos Ethiopios começaram a conhecer o verdadeiro Deus. Passo pelas

mas e diversos utensilios; em seguida costeava tambem Portugal e a Hespanha, onde comprava, nos portos d'Almeria, Malaga e Valencia, lans, seda e trigo; e, continuando ao longo das costas da França, aportava a Bruges, Antuerpia e Londres, e levava finalmente á Liga Hanseatica os productos asiaticos em troca de lans, pelles e outros generos do Norte.

D'este modo a marinha do Estado secundava as operações mercantis afim d'auxiliar os que

---

victorias de Rumes e pelos tributos que poderosos reis do Oriente lhe começaram a pagar, de que a corôa d'estes Reinos recebe não pequenos proveitos; e por outros muitos triumphos que em prosa e verso andam espalhados pelo mundo, não só pelos nossos historicos e oradores, mas tambem pelos extrangeiros.

«Basta que suas forças e armas bem afortunadas venceram muitas vezes os Turcos, tão desacostumados a ser vencidos (como se viu no cêrco de Diu, e no destroço de suas galés no estreito de Ormuz), e os levaram até os fins do Estreito de Arabico, onde teem seus navios varados sem ousarem levantar as vélas que elle com suas grossas armadas tantas vezes amainou.

«Não se fale jámais nas Columnas de Hercules postas á nossa vista, cuidando elle que as punha no cabo e fim do mundo. As quaes El-Rei D. Manuel riscou da memo-

não podiam armar navios por conta propria, tendo ao mesmo tempo meio d'exercitar as suas tripulações.

Napoles exportava variados productos para Constantinopla, para as cidades do Mar Negro, e para Marselha. Trani era um grande emporio de generos asiaticos; Gaeta commerciava com a Barbaria; e a Sicilia traficava com a Catalunha e com a Hespanha oriental. Marselha viu no tempo das Cruzadas augmentar a sua

ria dos homens com outras mais altas e bemaventuradas que arrancou nos ultimos fins do Oriente, aos homens mais proveitosas do que foram as de Hercules.

«O invencivel ardor dos Portuguezes nas armas foi sempre tal, que mais trabalho deram aos capitães em os reger e temperar que em os animar e incitar. E ride-vos dos arnezes de Milão e das espadas mouriscas e persicas, tão custosas, e das artilharias que o diabo inventou para destruição da geração humana.

«Muito havia que dizer, mas é tempo de abreviar. O Vasco da Gama, animosissimo, offereceu seu nobre peito a infinitos perigos do mar e da terra, despediu de si o amor da vida por obedecer a seu Rei e á sua patria. Foi venturoso e ditoso em seus trabalhos, domador do suberbo Oceano, e conquistador do Imperio Oriental. Prevaleceu contra o promontorio incognito de Boa Espe-

importancia, porque era no seu porto que os piedosos guerreiros fretavam os navios e embarcavam.

O Imperador Balduino II permittiu aos Marselhezes em 1127 que fundassem um estabelecimento especial em Jerusalem. Em 1190 possuia a cidade de Marselha navios em numero sufficiente para transportarem á Terra Santa todo o exercito de Ricardo, *Coração de Leão*. A parte, porêm, que tomou nas hostilidades de

---

rança, bombardeando as cndas furiosas que comiam os seus, rendendo-as como se temeram o estrondo da artilharia e a força do seu braço. E porfim triumphando da fortuna, dos mares tempestuosos, fixou as insignias de nossa fé sobre as correntes dos rios caudalosissimos Indo e Ganges.

«Pelo descobrimento do Brazil, que fez o Cabral, se pode entender como Deus, com as nossas navegações, proveu de remedio a muitas nações de gentios, desemparadas do presidio da Santa Religião, e carecidas de humanidade. Quanta foi a benignidade do clemente Senhor em levar Portuguezes a esta paragem, se mostra pela barbaria e cegueira em que jazia, e pela luz do Evangelho que desfeitas as trevas de seus erros receberam. Beneficio divino, cuja memoria ha muitos annos que com animo grato estão celebrando. Esta terra é conjunta

Carlos d'Anjou contra o Aragão fez immenso mal ao seu poder no Mediterraneo.

A costa africana do Mediterraneo era explorada pelos Barbarescos que excluiam os Europeus do interior da Africa, atravez da qual levavam as suas caravanas até alêm do Cabo Não, na Nigricia, e a Tombúctu.

Se quizermos saber em que consistia principalmente o commercio do Mediterraneo, veremos que as especiarias formavam um dos seus ramos principaes, sobretudo a pimenta, tão in-

---

com a do Perú, muito fertil. Tão sadia que quasi todos seus vizinhos morrem de velhice, por a natureza os desamparar, e não por alguma enfermidade lhes abreviar a vida. Seneca Tragico parece que sonhou com o descobrimento d'esta nova terra oriental.

«Virá (diz) tempo, ainda que tarde, em que o Oceano se deixará navegar, e se descobrirão largas terras e novos mundos pela arte de navegação (cujo inventor foi Typhis), e então não será Thule (ilha do Oceano) a ultima das terras alêm da qual está o Brazil. Estes são os Antipodes verdadeiros ou Antichtones, isto é, que estão defronte de nós por baixo da terra que habitamos sem prejuizo da opinião dos antigos que Mela seguiu, e Marco Tullio, e outros classicos auctores. Os quaes, repartindo esta nossa parte do descoberto desde o Oriente

dispensavel n'aquella epocha, como o assucar dois seculos depois. As cidades menos importantes tinham armazens para ella; e em algumas os direitos, que este genero pagava, suppriam a falta de quaesquer outros. Os senhores de Basiléa concediam em 1299 licença para a venda do pão mediante a retribuição d'uma libra de pimenta por anno. A cannela, o cravo, a curcuma ou açafrão da India, o gengibre, as cubebas, o aniz, as folhas de louro, o cardamomo e a noz muscada, eram agradaveis estimulantes para

para o Occidente em cinco zonas, ou singulos, dizem que as ultimas, por frias, não se podem habitar, nem a do meio por muito quente. E tiveram para si que entre nós que habitamos a parte boreal, e os moradores naturaes d'aquellas regiões que habitam a austral, entre-corria o Oceano nunca navegado de parte a parte. Esta parece que foi a causa por que Lactancio e Santo Agostinho negaram haver Antipodes.

«Porque, presupponde que da nossa região boreal não havia passagem para a austral, era-lhe necessario dizer que os Austraes não eram filhos de Adão. Tanto pode ás vezes a auctoridade de auctores de grande conta, e em tantas angustias mette um intendimento, e tanta molestia lhe faz, que o obriga a conceder desatinos. Mas de ser a equinoxial habitavel, e a austral descoberta e con-

os sentidos, não falando nas flores d'alfazema colhidas na Italia. A pedra hume, necessaria para a tinturaria, vinha da Caramania e das ricas minas de Phocea, pertencentes aos Genovezes, porque aş minas da Europa não foram descobertas antes do seculo xv. A grande *galanga*, cuja raiz é para os habitantes de Malabar alimento, tempero e remedio, depois de reduzida a farinha, que se mistura com o assucar de coco, proporciona uma especie de coscorão que tinha grande consumo principal-

quistada, consta por navegações de nossa memoria e da antiga.

«Quem converteu á Religião Christan a Ethiopia de Congo senão Portugal? Quem primeiro dos extrangeiros atravessou as aguas do seu Zaire, fundo e rebatado, derivadas das fontes do Nilo? Quem ensinou ao seu Rei D. Affonso fazer publicos sermões da justiça e piedade christan, da severidade do extremo juizo, dos premios da vida sempiterna, da doutrina de Christo, e dos exemplos de homens santissimos?

«E não cuide ninguem que falta prudencia ás gentes que os Portuguezes illustraram com sua prégação, porque tambem são bellicosos e todos os homens inclinados ás armas de seu natural são outrosi prudentes, e amadores da sapiencia, como foram Romanos e Macedonios.

mente em França. Accrescente-se a isto a palha de Mecca (*andropogon schœnantus*) a escammonéa, a gomma-gutta, o galbano, o *laserpitium*, a sarmentaria, o aloes, a myrrha, a camphora do Japão, o rhuibarbo da Siberia meridional, e mais ainda o senne, a cannafistula, o bardeguar, a galha das folhas do espinheiro, o sargaço de Creta, d'onde se extrai o labdano, o oleo de sésamo, a gomma d'astragalo, a sanda-

---

e por isso eram as fortalezas consagradas á deusa Pallas, porque com sciencia e valentia se sustentam.

«Mas essa conquista foi occasião de uma grande desventura, qual é a multidão immensa d'escravos que se trouxeram a este reino por falta de conselho e consideração, porque, não tendo elle mantimentos bastantes para os naturaes, admittiu extrangeiros, com que se deu occasião a se não poderem agora sustentar uns e outros. havendo no Reino gente bastante para o trabalho d'elle, Quanto mais que, por não haver quem se sirva de escravos, vivem toda sua vida ociosos e se perdem, uns vivendo mal e outros mendigando, porque não teem outra vida. Antigamente, antes que esta canalha viesse ao Reino, havendo tanta gente portugueza como agora, nenhuma mendigava, antes seguia pela maior parte a virtude, porque com isso achava agasalho. Os pobres viviam com os ricos, e os ricos os sustentavam, e todos tinham

raca d'Africa, a almecega, a gomma arabica, e o sangue-de-drago das Canarias.

Exportavam-se tambem os fructos da Italia, Hespanha, e Grecia, o azeite, o vinho, o arroz; este ultimo genero era vendido pelos tendeiros ou especieiros (como denominavam aos que vendiam generos no Levante). O café era desconhecido, e o consumo do assucar era pequeno.

A seda,—tão rara, quando cahiu o Imperio Romano,—vulgarizou-se quando nos confins da Europa se começou a cuidar da criação dos bichos

---

remedio para a vida. Tudo isto se perdeu com esta gente vir ao Reino.

«E o peor é que muita d'ella se traz captiva fraudulentamente. E se movidos de caridade christan pretendem os reis fazêl-os christãos, nas suas terras os mandem ensinar, lá lhes mandem prégar, lá os mandem baptizar, sem pretenção alguma de interesse proprio, e trato pouco licito.

«Agora, n'esta nossa edade, entram os Christãos na batalha com a Cruz nos peitos e com as almas captivas de suas depravadas affeições e acompanhados de más mulheres, e fumando pela bocca blasphemias. Para Scipião Emiliano conquistar Numancia, repurgou primeiro o exercito de duas mil mulheres mundanas: e, sendo nós Christãos baptizados no sangue de Jesus Christo, não

de seda, e depois na Hespanha, onde os Arabes enriqueceram com afamadas manufacturas Lisboa, Almeria e Granada. Quando Constantinopla foi conquistada, desinvolveram os Venezianos a producção da seda, com cujo monopolio ficaram, em virtude dos tratados feitos com os principes da Achaia.

As manufacturas de seda fizeram a grandeza de Lucca até ao momento, em que a tyrannia de Castruccio trouxe em resultado a ruina d'essa

---

acudimos por sua honra.» (D. Fr. Amador Arraiz: *Dialogos* — Coimbra, 1604).

*

Com effeito a desmoralização em Portugal no reinado de El-Rei D. Manuel era extraordinaria, — e nada o confirma melhor do que as obras do nosso famoso Gil Vicente.

Vejamos, por exemplo, na scena 1.ª da *Comedia de Rubena*:

Benita: Bien vi yo enorabuena
Que las risas de Rubena
Nesto habian de parar.
Tanto burlar y reir,
Y tanto ir y venir

industria. Novecentas familias então expulsas do paiz,—trinta e uma compostas de operarios, que trabalhavam em seda,—refugiaram-se em Veneza. N'esta cidade descobriu-se o modo de fiar o ouro e a prata.

Em Bolonha guardava-se com zelo o segredo dos seus engenhos de fiar a seda; e procurava-se na Italia imitar os estofos e as alcatifas, que vinham de Mossul, Baldac e Damasco. Esta industria prosperava de tal modo

---

El ojo al clérigo nuevo,
Húbola de bendecir.
Y ella quiérelo encubrir,
Estando ya al rabo el huevo.
Rubena: No te entiendo.
Benita: Voy resando.
Rubena: O dulce Virgen gloriosa
A ti pido suspirando,
Que te pases deste bando
De Rubena desdichosa:
Tu, que tuviste encubierto
Aquel divino secreto,
Encubre mi triste suerte;
No mires mi desconcierto;
Que, sin ti, hago concierto
Con la muerte.

que não chegavam as sedas da Italia para o consumo, — e era mistér ir procurál-as a outros paizes, mesmo até ao Levante.

As pelles, insignias distinctivas dos cavalleiros e d'alguns dignitarios civis, tinham tanto valor como a seda. As ordinarias vinham da Suecia e da Noruega; e as melhores, da Russia. Eram preparadas em Magdeburgo, Brunswick, Bruges, e Strasburgo, assim como em Veneza, Bolonha, e Florença, d'onde se exportavam em grande quantidade para o Oriente.

(*Vem huma parteira e diz:*)

Parteira: Bento he o Sancto Spiríto,
Bento he o San Miguel,
Bento he o Padre, bento he o Filho,
Benta he a Virgem do Lorito,
E o anjo San Gabriel.
E vós, donzella,
Que fazedes, minha estrella?

Rubena: Estoy mucho afatigada.

Parteira: Não hajades vós aquella:
Bem vejo que estais pejada.
Isto he cousa natural,
E muito acontecedeira.
Se nunca fôra outra tal,
Disseramos que era mal

Fabricavam-se armas em Strasburgo, e em Magdeburgo; mas em maior escala nas cidades de Bruxellas, Malines e Bruges, que, pelo Rheno, e pelo Meno, as levavam para o Danubio, e expediam para a Grecia. Veneza, Barcelona, e Milão, tambem tinham fabricas d'armas acreditadas.

Tendo os paizes longiquos moedas differentes, as vendas e as compras fizeram-se muitas vezes a pezo d'ouro e de prata (isto é, ao marco dividido em 24 quilates), sobretudo para os

---

Por serdes vós a primeira.
Somos eira de cangrejos;
Ha hi homens tão sobejos,
Que, má trama que lhes nasça,
Con enganos, con despejos,
Lá buscão má ora ensejos
Pera elles tomarem caça.
Reira de morte apertada
Lhes salte nas ilhargadas;
C........ esforricada,
Que não saião da privada
A enganar as coitadas.
Rubena: Madre, oyís?
Parteira: Doem-vos a vós os quadris?

pagamentos a dinheiro. Como cada paiz tinha a sua moeda, a confusão do nome, do cunho, e do valor, augmentava todos os dias,—e considerava-se como um ramo de sciencia financeira, falsificar e alterar as moedas. Eis porque os negociantes, quando não effectuavam permutações compensadas, levavam comsigo metaes preciosos em barra, ou então, antes do seu regresso, compravam metaes com o numerario que tinham recebido.

Rubena: Mas, en veniendo Benita,
Haced que bendecís.
(*Chega Benita, e diz:*)
Benita: Señora, como os sentís?
Rubena: De muy gran tormento aflita.
(*Faz a parteira que a benze*)
Parteira: Estava Sancta Anna ó pé do loureiro:
Veio o Anjo por messageiro.
Vae-te á porta do ouro,
Acharás teo parceiro;
Tira a roca, e abraça-o primeiro.
Vae Joaquim apoz o carneiro;
E naquella hora em que Deus verdadeiro
Concebeo Anna em limpo celleiro;
A Santa Maria rézão o salteiro,
Que ja o quebranto cahio no ribeiro.

Os cambistas, cuja maioria era de Lombardos, Florentinos ou Sennenses, resolveram obviar a este inconveniente, e ás fraudes demasiadamente faceis que se praticavam nas moedas desconhecidas. Para este fim estabeleceram nas principaes cidades banqueiros ou *campsores*, que recebiam sommas de dinheiro em deposito, e as desembolsavam á proporção que as recebiam á ordem do depositante, ou então mandavam-n'as pagar a este pelos seus corres-

---

Benita: Y como ora es quebranto
Que está metido en la madre.
Busquemos el brizo entanto,
Y algo para la comadre.
Ea dice, bendicidera,
Puede ser mayor cegueira,
Que querer nadie encubrir
El cielo con la juera?
Parteira: Hui! que diz a chocalheira,
Que não faz senão grunhir?
Benita: Que quiera Dios que aproveche
Esa cura que haceis:
Veo yo correr la leche.
Rubena: Qué veis?
Benita: No veo adó me eche,
Y son las horas que veis.

pondentes nos paizes para onde se transportava.

Difficuldades de toda a especie para a transmissão effectiva do dinheiro deram origem ás lettras de cambio. Algumas não tinham direcção particular, como se praticava especialmente no Levante; outras levavam uma ordem de pagamente a nomeada pessoa. Mais tarde, porêm, tornaram-se valores negociaveis. Querem que os Judeus tenham feito uso d'estas lettras

---

Parteira: Ide-vos, minha donzella,
Trazede-me encenso e macella,
E a nêvoda.
Benita: Demo he.
Parteira: E tres onças de canella.
Benita: Ansí vivas tu y ella,
Como yo acá porné el pie. (*Vai-se*).
Parteira: Mostrade ca, filha amiga,
Verei em que pontos 'stais.
Mui alta está a criancinha;
Não p....... tão asinha:
Asinha vos vós agastais.
Rubena: Oh cuitada dolorida,
En que extremo está mi vida!
Parteira: Mordei neste maçapão;
Esforçae, rosa florída.

desde 1183 com o fim de subtrahirem suas riquezas occultas á avidez do fisco. Mas Cesar Cantu assevera que de taes lettras sómente se acha exemplo em 1246, quando Innocencio IV mandou vinte e cinco mil marcos de prata ao anti-cesar Henrique Raspon, somma que lhe foi contada em Franckfort por uma casa de Veneza.

Em 1253 Henrique III d'Inglaterra auctorizou alguns italianos, seus credores, a embolsarem-

---

Eu venida e vós p.....:
Kyrieleisão, Christeleisão.
Dizei tres vezes passinho:
«*O verbo caro fato he:*».
Dou-vos a San Sadorninho.
Saia ca o cordeirinho,
O cóneguinho da Sé.
E como a dor apertar,
Puxar pera campear.
Va-se o tempo á maresia,
Que o vento he de soprar;
E não vos ha de lembrar
Vergonha nem cortezia.
Ora sus, minha santinha,
Que se chega a vossa hora.
Empuxae, minha pombinha,

se por meio de lettras sobre os bispos. O valor d'estas lettras elevava-se a cento e cincoenta mil quinhentos e quarenta marcos, e o legado do Papa velou pelo exacto pagamento d'ellas. Depois pensaram os negociantes em saldar suas contas sem intervenção dos banqueiros, mediante lettras, cujo primeiro exemplo é d'uma casa de Milão em 1326 sobre uma casa de Lucca a cinco mezes de data.

E veredes quão asinha
Sai o cordeirinho fóra.
Dae de mão ao pousadeiro,
Leixae ir o escudeiro;
Que, como o vento he de baxo,
Logo a chuva he no terreiro,
E o Tejo faz lameiro
Nas leziras do Cartaxo.
Leda está Sancta Maria
Sobre o craro luar
Em cadeira d'alegria:
Dizei-lhe hũa *Ave Maria*,
Emquanto eu vou m.....
....
....

Depois na scena 2.ª da mesma *Comedia de Rubena*, depara-se-nos o seguinte dialogo:

VIII

Os Portuguezes já no reinado d'El-Rei D. Affonso IV eram senhores d'uma frota importante.

Segundo nos diz Van Tenac na sua notavel obra *Histoire Générale de la Marine* (vol. I, pag.

Feiticeira: Levantar má ora em pé!
S'eu torno o meu alguidar,
Far-vos-hei eu rebentar,
Como *nilo temporé!*
Dous de vós me vão furtar
Alli a par da Trindade
Hum berço que deu hum frade
A Joanna de Aguiar.
E s'este se não achar,
Ide á Branca da Romeira,
E olhae detraz da esteira,
E vereis hi hum estar:
Ou ide vós pelo rasto
Desses ministros e curas,
Que todos tem criaturas,
Louvores a Deos, a basto.
....
....

319 — Paris), quando este monarcha pretendeu ir buscar uma princeza aragoneza para sua esposa, tinha mandado pôr de verga d'alto seis galés, das quaes cinco estavam carregadas de presentes e brindes os mais preciosos. Aquella em que a princeza vinha embarcada, estava ornada com tudo quanto a arte e a galanteria tem de mais requintado. Um gosto delicado tinha presidido ao menor atavio, — e, quando ella a todo o panno entrou pela barra do Tejo, recor-

---

Caroto: Hum berço tem hũa mogueira
Na Rua de Calca-frades
Manceba de dous abbades.
Draguinho: Melhor terá a linheira.
Legião: Está hũa lavrandeira
Lá no bairro sobre Alfama,
Que mais p........ dama
Não ha hi mais p.........
....
....
Feiticeira: Nisso estais? má c........
Que vos pique
(*Vão e fica a feiticeira cantando á menina*):
«Ru, ru, menina, ru, ru,
Mourão as velhas, e fiques tu
Co'a tranca no c..»

daram-se de Cleopatra sulcando o Cydrio, e fazendo sua entrada triumphal no porto de Tarso.

No anno seguinte (diz ainda o mesmo escriptor) trinta navios armados e outras tantas galeras se fizeram ao mar, e foram assolar as costas da Andaluzia.

Teriam até mesmo levado mais longe os horrores da guerra, se o inverno e o tempo desabrido não os houvessem obrigado a reentrar no porto, do qual tinham sahido. Seguidos na sua

Tal é a linguagem empregada n'esta celebre comedia que se representou em o anno de 1521, na presença da côrte e do proprio Principe, a quem mais tarde chamaram D. João III, Rei de Portugal.

As comedias de Gil Vicente são mina preciosissima para d'ella extrahirmos o minerio necessario no intuito de conhecermos a moralidade d'aquella epocha.

Parece que frades, padres, e freiras, estavam por essa epocha n'uma relaxação espantosa.

Ainda na scena 2.ª da supra-citada *Comedia de Rubena*, veem os Espiritos com o berço e com a ama, e estabelece-se o seguinte dialogo:

Draguinho : Que vos parece, noss'ama?
Este berço fomos furtar

retirada pela frota de Castella, foram os Portuguezes atacados, e perderam um navio carregado de dinheiro, destinado para o pagamento das tropa.

Esta perda (diz o citado escriptor, a pag. 320) teve como consequencia a paz entre D. Fernando e D. Henrique; mas a paz não foi de longa duração. Todavia a marinha portugueza diariamente adquiria novas forças. D. João I poz de verga d'alto uma frota de trinta embarcações de transporte, e de sessenta e sete galés, e d'um

---

Ao Paço do Lumear,
Que foi dado a hũa dama
De frei... quero-me calar.

Feiticeira: Dizei-m'o á puridade.
Draguinho: Quereis saber? he hum frade,
Hum frei Vasco de Palmella;
Hum que tinha Madanella
Colchoeira na Trindade.

Parece que as freiras se entregavam muito á leitura dos romances, pois uma beata na scena 3.ª d'este mesmo auto diz:

Depois as horas dos finados
Que vos haveis de matar:
E aprendereis a cantar

grande numero de barcos, que se apoderaram de Ceuta, assim como tambem se apossaram d'uma frota hespanhola de trinta e cinco embarcações que voltavam da Guiné carregadas d'ouro e de ricas mercadorias.

N'isto enganava-se o auctor da *Historia geral da Marinha*,—pois, pelos escriptos dos nossos sabemos que D. João I navegava para Ceuta com uma armada de 220 vasos de guerra e transporte (a saber: 33 naus, 59 galeras, e va-

---

Responsos desesperados,
Com que os vão sepultar.
E depois disto passar
Ler-vos-hei *Carcel d'amor*,
E *Peregrino amador*.

. . . .
. . . .

Vós em tanto, rosa bella,
Criae bem esse carão,
E ponde-vos em feição,
Que quem vos vir á janella
Cegue logo o coração.

É tambem esta mesma beata quem, mais adeante, assim diz:

A salvação eu me fundo
Na freira não ser segura,

rios galeões, caravelas, e outros baixeis de diversas grandezas).

Em 1458, El-Rei D. Affonso com uma armada de mais de 200 baixeis foi conquistar Alcacer, — pelo que, tomou depois o titulo de — *Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta e de Alcacer em Africa.*

Este mesmo rei foi em 1471 á conquista d'Arzilla, levando mais de trezentos vasos de todos os portes, e cêrca de 30:000 homens de guerra e de marinhagem.

E em 1494 aos 7 de Junho foi assignado o tratado de Tordesilhas entre El-Rei de Portugal

---

Porque está sempre em ventura
Este segredo profundo
Emquanto lhe a vida dura.

Aqui temos agora uma passagem que se encontra no *Auto da Mofina Mendes*:

Se filhos haver não podes,
Nem filhas por teus pecados,
Cria desses engeitados,
Filhos de clerigos pobres.

No mesmo auto se depara tambem o trecho seguinte:

e os Reis Catholicos,—pelo qual se ajustou que, contando 370 leguas desde as ilhas de Cabo Verde para o occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos polos da Terra e dividisse o globo em dois hemisphericos, ficaria o occidental pertencendo a Castella, e o oriental aos Portuguezes.

Em 1495 falleceu El-Rei D. João II de Portugal, um dos nossos mais celebres monarchas, e o que maiores serviços prestou ao nosso paiz no tocante a descobertas maritimas. «Legou (diz um escriptor extrangeiro) á sua nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções

---

E á gente religiosa
Manda-lhes vélas bispaes;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grosa.

Vejamos agora est'outro dialogo no *Auto Pastoril Portuguez* do mesmo Gil Vicente:

Catherina: E que te dixe depois?
Margarida: Que deixasse andar os bois,
E que me fosse ao logar.

heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.»

IX

Tudo nos leva a crer (diz Jouannin, no seu livro — *Turquia*) que, quando, nos primeiros annos do seculo VII de Christo, Mahomet concebeu os projectos de reforma religiosa, suas

---

E fosse ao nosso cura, e digo
Que vi a Virgem Maria,
E que ella lhe promettia
De lhe dar hum bom castigo,
Que horas nunca lhe rezou,
Nem della soes se acordou.

Fernando: Houveras-lhe de dizer
Que não lhe escapa mulher.

Inez: Ó demo que eu o dou!
Eu vos direi: he elle tal
Que a filha de Janaffonso
Foi-lhe pedir hum responso,
E elle fallava-lhe em al.

Affonso: Alguns d'elles vão per hi,
E na estremadela assi
Não lhes fica moça boa.

Joanne: Bom machado na corôa,

vistas não se extendiam alêm dos limites da antiga Arabia. Queria que a terra dos patriarchas e dos prophetas deixasse de ser dilacerada pelos odios religiosos de cem tribus — christans, judias, e até mesmo pagans, — e que a sua cidade natal fosse purificada do culto vergonhoso dos idolos, cujas estatuas manchavam o primeiro templo consagrado á adoração do verdadeiro Deus por Abrahão, pae commum dos filhos d'Ismael e dos Israelitas.

Que ficasse logo alli!
. . . .
. . . .

Affonso: Mas he valente minhoto
Qu'apanha as frangas mui bem.
. . . .
. . . .
. . . .

Joanne: Que varão!
Como lh'ellas vem a pêllo,
Nenhũas lhe escaparão.
. . . .
. . . .
Vão-se earamá casar
E não andar de soticapa.
Juro a Deus, s'eu fôra papa,
Eu lhes seccara o cantar.

Com o decorrer, porêm, dos tempos, os successores de Mahomet, não tendo mais que pudessem conquistar na Peninsula, sahiram para fóra de seus limites que se tinham tornado muito acanhados, e a audacia dos Mussulmanos não recuou em frente de dois grandes inimigos, com os quaes ousaram arcar sem hesitação. Viram-n'os, pois, com effeito, atacar ao mesmo tempo não só o successor de Constantino, mas tambem o ultimo dos Sassanides.

---

*

O descobrimento da Terra Nova é geralmente attribuido a Sebastião Cabotto, genovez (ou veneziano, como outros pretendem), enviado em 1497 por Henrique VII, d'Inglaterra, e auxiliado por alguns negociantes inglezes afim d'explorar os mares do Norte, e achar por ahi passagem para a India. A prioridade d'este descobrimento não é muito facil de decidir.

Segundo a auctoridade de Ramusio, que é de pezo na materia, Cabotto fizera a sua viagem no verão de 1496: reinava então El-Rei D. Manuel.

Se dermos, porêm, credito ao P. Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, já um fidalgo da casa do Infante D. Fernando, João Vaz Côrte-Real, e Alvaro Martins Homem (que ambos depois foram donatarios da Ilha Terceira),

Mal tinham passado uma duzia d'annos depois que Mahomet, obrigado a abandonar Mecca, se havia refugiado em Medina com um punhado de homens dedicados, no intuito d'escapar á vingança de Coreichites, — e eis o Islamismo tornado tão poderoso, que já se arroja sobre a Chaldêa e sobre a Syria. Em 635 o kalifa Abu-Bekr recebeu as chaves de Damasco. Tres annos depois, Jerusalem, submetteu-se á capitulação concedida por Omar. E o acto

---

em tempo d'El-Rei D. Affonso V tinham percorrido aquelles mares e descoberto a Terra do Bacalhau.

Conjectura-se que esta viagem teria logar pelos annos de 1463. Vê-se, portanto, que esta gloria é reivindicada a favor dos Portuguezes.

É, porêm, incontestavel que em 1500 Gaspar Côrte-Real, filho de João Vaz, visitou e examinou aquella região, impoz nomes portuguezes a muitas paragens, alguns dos quaes ainda permanecem, como o de *Terra de Labrador*, *Bahia da Conceição*, etc.; e trouxe comsigo 57 indigenas. As noticias d'esta expedição se acham em os nossos historiadores Galvão, Goes, e bispo Osorio. O proprio Ramusio assevera que fôra Gaspar o primeiro que commettêra o ousado feito de abrir caminho para a India pelos gêlos do polo arctico ou septentrional.

Portanto, ainda que fôsse Cabotto o primeiro a correr

que consagrou (diz Jouannin) a submissão da «cidade santa», serviu de modelo, e tambem hoje serve de base, para todas as transacções das potencias mussulmanas com os povos que, convertendo-se em subditos dos Turcos (*raïas*), querem conservar sua religião mediante um tributo. Ao referido auctor parece que o procedimento d'Omar para com o patriarcha de Jerusalem, fielmente seguido por seus successores, fôra uma das mais possantes causas para a submissão

---

aquelles mares em 1496 ou 1497, e não houvesse viagem anterior de João Vaz, a utilidade do descobrimento, e o direito de possessão derivam da expedição do segundo Côrte-Real, porque não consta que o Cabotto desembarcasse em paragem alguma da costa, como diz o escriptor Mr. de Blosseville.

Gaspar Côrte-Real, preoccupado com o seu primitivo projecto, fez nova tentativa em 1501, porêm não voltou: egual sorte teve seu irmão Miguel Côrte-Real, que em 1502 partiu a procurál-o; e infructuosas foram as diligencias de Vasco Eannes, a quem El-Rei D. Manuel não consentiu seguisse seus irmãos, para haver novas dos dois navegadores, voltando sem as terem obtido os navios mandados a este intento. Dataram, porêm, d'estas expedições as nossas pescarias do bacalhau, que tanto prosperaram, como se vê d'um alvará d'El-Rei D. Manuel, e

das povoações christans, entre as quaes os scismas e as heresias tinham dado nascimento a tantas discordias, e suscitado tantas desgraças.

Mahomet (diz ainda o mesmo auctor) tinha prescripto que propagassem o Islamismo por meio da espada; o Koran o proclamava sem cessar: mas só os Arabes deviam ser obrigados a abraçál-o, ou a renunciarem á vida. E as tribus, que o novo propheta chamava tão violentamente á salvação, á adoração de Deus unico, essas

---

d'aqui proveio á Terra Nova a denominação de Terra dos Corte-Reaes.

*

O tabaco era usado em Portugal e em Hespanha muitos annos antes de o introduzirem em França. João Nicot, embaixador de Francisco I na côrte d'ElRei D. Sebastião, levou a França esta planta em 1560, e a apresentou a Catherina de Medicis e ao Grão-Prior.

Aquella princeza e este fidalgo lhe deram cada um d'elles o seu nome, para a fazer da moda, ou porque n'ella achassem alguma virtude particular, ou para se tornarem mais celebres, introduzindo uma cousa nova n'aquelle paiz, e, por isso, ora lhe chamavam «a herva da Rainha», ora «a herva do *Grão-Prior*», — o que não obstou a que lhe ficasse o nome de *nicociana*, que lhe

tribus, orgulhosas de sua santa origem e da primogenitura do seu pae Ismael, não quizeram de modo algum que um só arabe, que fôsse, se mantivesse extranho a esta crença nacional, — tanto o filho d'Abdullah tinha penetrado profundamente a alma dos seus sectarios de que o Islam era a religião que o proprio Deus tinha prescripto a Adão, quando lhe entregou o condão da prophecia, e o creou primeiro pontifice da verdadeira fé.

---

haviam posto por gratidão algumas outras pessoas, a quem João Nicot a déra.

*

A reputação dos Portuguezes na India ainda era mui grande no principio do seculo XVII. Equebar, imperador mogol que reinava em 1602, e que tinha feito grandes conquistas no Indostão desejava sobremaneira assenhorear-se de Gôa.

Falando uma vez com os cortezãos ácêrca de conquistas, disse que, em se vendo senhor do Decan, sujeitaria o Idalcão, e viria tomar Gôa. Um soldado portuguez, que havia fugido de nossas possessões para elle, e que acertou andar na sua côrte, lhe pediu então licença para fálar. Deu-lh'a, e o portuguez lhe disse em lingua persa : — «Senhor : V. A. fala muito seguro ; e isso que diz, cha-

Foi principalmente nos dois primeiros seculos da Hegira que a obra da propaganda obteve prosperidades inauditas; e este periodo repleto de grandes acontecimentos, consolidando o Islamismo como religião e como potencia temporal, apresenta um conjuncto de factos e de resultados, aos quaes difficilmente diligenciariamos encontrar outros similhantes nos annaes do mundo.

Não tinha findado ainda o terço do primeiro

---

mam na minha terra fazer a conta sem a hospeda. Se V. A. tem os Portuguezes em tanta reputação, como diz que os tomará tanto a seu salvo, porque, ainda que fôssem gallinhas, haviam-n'ò de picar?»

Respondeu a isto o Mogol: — «Eu não quero vir com elles ás mãos, mas quero-os tomar á fome.»

Ao que tornou o soldado: — «Senhor: V. A. está concertado com os Portuguezes, porque elles tambem dizem que o hão de tomar á sêde.»

(Guerreiro: *Relação das Missões de 1601*).

*

Para que se faça uma idéa do tratamento e apparato da Familia Real Portugueza por aquelles tempos, eis a lista dos officiaes e creados da casa do Infante D. Luiz, filho d'El-Rei D. Manuel:

seculo, e já o Imperio dos Persas não existia: o ultimo dos vinte e cinco Sassanides, o infeliz Yezdedjird tinha perecido no rio, antigo limite do Iran e do Turan; mas, por esta vez, o Oxus não conteve os vencedores. Tinham elles penetrado até Kabul desde o anno de 664, e as cruentas discussões dos Ommiades e de seus rivaes não obstaram por modo algum aos pro-

---

Capellães e moços da capella	47
Fidalgos-cavalleiros que serviam os principaes cargos da casa	27
Fidalgos-escudeiros	12
Moços-fidalgos	22
Cavalleiros-fidalgos	22
Cavalleiros	80
Escudeiros-fidalgos	32
Escudeiros	46
Medicos e cirurgiões	7
Monteiro, de cavallo	1
Moços da camara	213
Porteiros da camara	8
Reposteiros	26
Trombetas	8
Moços de monte	9
Moços d'estribeira	36
Somma	596

gressos das armas musulmanas na Transaxana e alêm do Indo.

Não haviam sido menos felizes na Syria, no Egypto, ao norte d'Africa, e até mesmo para os lados de Byzancio. Os historiadores arabes fazem mençãò de duas expedições: as de 652 e de 659 que foram levadas até ás muralhas de Constantinopla. Em 668 foi esta cidade sitiada, e em 672, e ainda o foi outra vez passados al-

Transporte	596
Cozinheiros	5
Homens de copa	2
Moço da fazenda	1
Homem do thesouro	1
Homens da mantieria	6
Homens do armador-mór	2
Homens do guarda-reporte	2
Varredeiros	6
Moços da caça	5
Armeiros	6
Regueifeira	1
Lavandeira	1
Crysteleira	1
Varredeira	1
Somma	636

O que nos parece bem pouco é uma lavandeira só!!!

guns annos. Desde 679, as costas do Atlantico, em frente das ilhas Afortunadas tinham recebido o Islamismo; Chypre recebeu o em 659; a ilha de Creta, em 653; Rhodes, em 667; a Sicilia em 701; a Sardenha e a Corsega em 706; —e as ilhas Baleares haviam sido assoladas e submettidas pelos ajudantes dos khalifas de Damasco, que se tinham tornado senhores omnipotentes do Mediterraneo.

A rapida conquista de Hespanha, conquista

---

*

No tempo d'El-Rei D. Manuel foi que a marinha portugueza chegou ao seu auge d'esplendor.

«No anno de 1501 determinou El-Rei D. Manuel passar pessoalmente á Africa, — para o que, ajuntou uma armada de 400 vélas. Não teve, porêm, effeito esta expedição, porque n'esse mesmo tempo ameaçavam os Turcos os dominios dos Venezianos na Grecia com uma poderosa armada ; e esta Republica e o Papa imploraram o soccorro d'El-Rei de Portugal, que promptamente lhes mandou uma esquadra de 30 navios de guerra, escolhidos dos melhores de toda a armada, guarnecidos com 3:500 soldados, commandada pelo Conde de Tarouca, a qual sahiu de Lisboa a 15 de Junho.

«Com elle sahiu de conserva outra esquadra debaixo de seu commando, para, de caminho, tentar a tomada de

que os Mouros nunca puderam consummar inteiramente, abriu um novo caminho á insaciavel avidez e ao ardente fanatismo dos Musulmanos.

Penetraram, dentro em pouco, alêm dos Pyrenéos; e, quando os esforços de Carlos Martel lhes foram á mão mesmo no centro das Gallias, conseguio elle sem duvida obstar a que avançassem alêm das margens do Loire, mas não a que assolassem por largo tempo o Languedoc

---

Mazalquibir, o que não teve logar, voltando a esquadra auxiliar, seguindo a primeira a sua derrota.

«No de 1508 se formou outra esquadra de 50 vélas, cujo commando foi confiado a D. João de Menezes, com 400 homens de cavallo e 2:000 de gente de ordenança, a primeira que se viu em Portugal. Desaferrou de Lisboa a 26 de Julho, com destino de adeantar as conquistas d'Africa.

«No anno de 1513 determinou El-Rei fazer a conquista d'Azamor; e em quatro mezes e meio fez preparar uma armada de mais de 400 embarcações entre navios de guerra e de transporte, nos quaes embarcaram, alêm da marinha necessaria, 2:200 homens de cavallo, e 15:000 de pé, pagos á custa d'El-Rei, — e bem assim mais 550 de cavallo, e 4:000 infantes, alistados pelo Duque de Bragança, D. Jayme, a quem foi confiado o commando su-

e a Provença, terras muitissimo expostas a suas invasões. Viram-n'os até mesmo manter-se em Narbonna, Carcassona, Perpignan, e nos paizes situados entre Cavennes e o mar. Vieram comtudo, a ser d'aqui expulsos, sem embargo da sua resistencia; e suas tentativas posteriores nenhum outro exito tiveram que não fôsse o da pilhagem e da assolação d'estas bellas provincias.

Os khalifas Ommiades em Damasco e na Hes-

---

premo da armada e do exercito, com que se fez de véla, de Lisboa, a 17 de Agosto; e não só conseguiu o fim a que era destinado, mas tambem tomou posse das cidades de Tite e Almedina, que os Mouros abandonaram.

«Em 13 de Junho de 1515 sahiu do mesmo porto de Lisboa outra armada de mais de duzentos navios, commandados por D. Antonio de Noronha, com o titulo de capitão-general, destinada a construir uma fortaleza em Mamora, á qual armada se juntaram ainda outras embarcações do Algarve, no Cabo de Santa Maria. Foi mallograda, porêm, esta expedição, naufragando na retirada mais de cem navios.

«Não foi egualmente bem succedido outro armamento de 70 navios de guerra e transportes confiado a Diogo Lopes de Sequeira, em Junho de 1517, com o fim de tomar Targa.

panha, [1] os Abbassides em Bagdad e no Cairo, os Fathimitas da Mauritania e da Africa, ao passo que consolidavam o Islamismo nas vastas regiões que obedeciam a seu poder espiritual, viram-n'o muitas vezes compromettido e enfrafraquecido por causa de pretenções rivaes aos direitos e ao titulo d'Emirul-Mumenin *(Commandante* ou *principe dos verdadeiros crentes.)*

Alêm d'isto, depois do grande Harun-Réchid e de seus dois successores (Emin e Mamun),

«O ultimo armamento que El-Rei D. Manuel mandou preparar foi uma formosa armada de dez naus, 2 galeões, 4 galés reaes, 1 fusta e 1 transporte, para transportar á Italia a infanta D. Brites, desposada com o Duque de Saboya, da qual nomeou general a D. Martinho de Castello Branco, Conde de Villa Nova de Portimão. E se fez de véla em 9 d'Agosto de 1521. N'esta esquadra ia de capitania a nau *Santa Catherina*, de 800 toneladas, feita na India.

«No seu reinado houve sempre tres esquadras empregadas em fazer guerra aos piratas e corsarios que infestavam o commercio : — uma, chamada «do Estreito», cruzava nas costas do Algarve e da Barbaria, e compunha-se

[1] Jouannin : — *Turquie* (na collecção de *L'Univers*) pag. 5.

alguns generaes e governadores de provincia se metamorphosearam em chefes de dynastia, e obtiveram por vontade ou por força a investidura d'essas provincias que se tornaram quasi independentes da auctoridade dos khalifas; e foi particularmente no quarto e no quinto seculo da Hegira que seu poder temporal recebeu graves e profundos córtes.

D'ahi a pouco surgiram conquistadores de raça turca e mongol, cuja apparição foi seguida

---

ordinariamente de fustas e caravellas; outra, de maiores embarcações, corria as costas do norte de Portugal; e a terceira, que depois se augmentou, cruzava nos Açores.

«Os navios de guerra eram construidos em dois arsenaes, que havia na capital, e bem assim no Porto, e em S. Martinho. Os de commercio faziam-se nos estaleiros particulares d'estes mesmos portos, e nos de Aveiro, Vianna, e Algarve. A experiencia das viagens anteriores tinha ensinado a melhor construcção d'uns e outros: não nos faltavam madeiras nas mattas do Reino. Foram favorecidas em varias partes as sementeiras do canhamo, que não eram insignificantes, pois havia feitores em Santarem, Coimbra, e Moncorvo, e d'elle se fabricavam amarras de qualidade superior ás de todas as outras nações. Creou-se em Lisboa uma Fabrica Real de polvora. Estabeleceram-se outras particularidades d'armas brancas e de

de medonhas catastrophes, durante as quaes arrancaram aos fracos logar-tenentes de Mahomet o que ainda lhes não tinha sido possivel arrancar.

Quando, no fim do seculo XI da era christan, Roma, muitas vezes ameaçada em suas proprias muralhas pelos Sarracenos, concebeu o projecto de passar a guerra para os Estados d'estes, e chamou os Cruzados para o livramento do tumulo de Jesu-Christo, não encontra-

fogo, de toda a qualidade, em varias terras — e uma por conta da fazenda real na ribeira de Barcarena, em que trabalhavam, com engenhos movidos por agua, mestres que vieram da Biscaya. Toda a artilharia de bronze (unica que n'aquelles tempos se usava a bordo dos navios) era construida nas fundições reaes e particulares do Reino. Os arsenaes do exercito e da marinha estavam tão bem providos de tudo, e era tal a copia das embarcações em Portugal, que, quando El-Rei foi a Tavira no anno de 1508, com animo de passar em pessoa em soccorro d'Arzilla, reuniu em cinco dias um exercito de vinte mil homens, e os navios sufficientes para os transportar á Africa.

«Na India tomaram incremento as nossas forças maritimas no governo do grande Affonso d'Albuquerque, — posto que já antes o vice-rei D. Francisco d'Almeida, ti-

ram, á frente dos Musulmanos que foram combater, capitães verdadeiramente arabes. Luctaram com principes turcos ou kurdos, pois todo o Oriente se tinha levantado unanime contra os males que receava, em vista dos perigos que ameaçavam o Islamismo, e toda a massa dos infieis se converteu n'um só povo.

Comtudo a anarchia, que se seguiu á carnificina do ultimo dos Ommiades na Hespanha (1038), e o esphacelamento do Imperio Mourisco

---

vesse em Dezembro de 1508 preparado uma armada de 20 vélas, das quaes 6 eram naus grossas, 6 navios redondos, 5 caravellas latinas, 2 galés e 1 bergantim, com que foi encontrar o turco Mir-Hocem no caminho de Diu, conseguindo d'elle completa victoria. Com 21 embarcações deu o mesmo inclito Albuquerque a primeira vez sobre Goa, e com 23 na segunda, em que a tomou, e n'ella constituiu a séde do Imperio Portuguez, lá n'esses longiquos paizes do Oriente.

Pouco mais cresceram por alli as nossas forças de mar durante o reinado de D. Manuel. Era de 37 vélas, sendo 10 naus grossas, a armada com que desaferrou de Goa, com derrota ao Mar Roxo, em 1516, o governador Lopo Soares d'Albergaria, deixando guarnecidos com sufficiente numero d'embarcações os portos que já então senhoreavamos, e seguras as communicações entre elles com boas

em vinte principados rivaes, sempre ás bulhas uns com os outros, e com os velhos Christãos favoreceram as tentativas dos descendentes de Pelagio: e, quando o ardor das Cruzadas á Terra Santa foi afrouxando entre os povos da França, da Inglaterra e da Germania, enfraquecidos por causa de suas expedições ultramarinas, os combates entre as duas religiões continuaram na Hespanha com a mesma furia e obstinação.

armadas que incutissem respeito aos principes do paiz, que espreitavam occasião de nos destruir inteiramente. Contava 24 embarcações a outra, com que o governador Diogo Lopes de Sequeira aboccou o estreito do Mar Roxo, em 1520, levando na guarnição mais de 3:000 homens em que entravam 1:800 Portuguezes.»

(Vid.: — *O Panorama*, vol. IV, pag. 91.)

Se calcularmos o que custaram a Portugal as armadas, compostas pela maior parte de naus e galeões, levando a bordo, além de todos os petrechos maritimos, soldados de terra com munições e armas, no valor de 50 contos cada embarcação, o que é um calculo muito diminuto, custou-nos o dominio da India, durante um seculo, — 36.850:000$000 réis,—sem contarmos as vidas de muitos milhares de homens que pereceram n'estas conquistas longiquas. Qual outra nação contribuiu assim para o engrandecimento da moderna Europa?

Assim, por uma especie de compensação, — quando os destinos dos Mouros da Andaluzia e de Granada [1] se cumpriam, lançando a estes para alêm do estreito de Gibraltar, e reenviando-os para as terras d'Africa, sua primeira patria, — o fundador da dynastia, chamada para derribar e substituir o Imperio Greco-Romano, preparava terriveis vingadores a seus correligionarios hespanhoes. O Islamismo retemperado com um novo vigor ameaçára pelo espaço

*

A descoberta da India não agradava ao povo que contra ella murmurava alto e bom som. Outro rei, que não fôsse D. Manuel, teria desistido de levar ao cabo uma tal empresa em que se perdiam immensas vidas e capitaes. ... Mas D. Manuel, não se importando com o murmurar do povo, encheu Portugal de gloria e de riquezas.

No vol. VI do *Panorama* (vol. I da serie 2.ª) encontra-se (a pag. 162), assignado por *J. da C. N. C.*, um longo e bom artigo, do qual transcrevemos os seguintes excerptos:

«Já então (refere-se o auctor ao reinado de D. João II) não faltavam incentivos para trilhar o caminho das aventuras maritimas: o assucar, as madeiras preciosas, as

[1] Jouannin: *Turquie*, pag. 6.

de dois seculos e meio o resto da Christandade.

Os Turcos, similhantes a torrentes assoladoras, transbordavam de todas as partes, e procuravam climas mais amenos e fecundos para saciarem sua selvatica avareza, e a ambição de fazerem com que tudo vergasse sob seu pezo. Em 1396, emquanto o Sultão Baiezid mandava apertar o cêrco de Constantinopla, cahia Thessalonica em poder dos sectarios do Alco-

---

pescarias, o marfim e o ouro, já podiam açaimar as ralhações dos Portuguezes, dos partidistas do elemento da terra. Pois não foi assim : e quando D. Manuel, successor de seu primo na corôa, enfeudando a tarefa do descobrimento pela recepção da esphera, apromptou decidido a armada de Vasco da Gama, novos borborinhos, novas machinas de censuras, de exprobações, e vituperios do vulgo, comdemnaram a empresa nova. Sá de Miranda, Barros, e Manuel de Faria e Sousa, nos conservaram o testemunho d'esta impressão popular, — e elles mesmos porventura que até certo ponto a desposaram, apezar de seus enthusiasmos patrioticos pela gloria nacional, maiormente os dois ultimos.

«O que porêm, melhor que ninguem, confirmou este facto, foi o cantor dos *Lusiadas*, o immortal Camões.

«Este homem de tão extraordinario saber foi tão exacto

rão. Sigismundo, Rei da Hungria, assustado manda embaixadores ao Sultão para lhe perguntar com que direito se apoderava da Bulgaria; e o Sultão, orgulhoso, não respondendo sequer uma palavra, contenta-se com mostrar aos missionarios os trophéus feitos com os arcos e frechas arrancados aos vencidos. E dentro em pouco os Christãos padecem uma notavel derrota, sendo ainda decapitados no fim da batalha uns dez mil vencidos. E o Conde de

em tudo o que refere d'acontecimentos historicos, quanto livre e fecundo nas creações poeticas, com que soube embellezál-os.

«Aquella violenta philippica do *velho de aspecto venerândo* que no Canto IV do Poema introduziu, cobrindo de pragas e abominações os atrevimentos maritimos, ao desaferrar do Tejo a frota do Gama, não é menos do que o parecer e argumentação do povo, a quem o extranho e aventuroso da empresa fazia presagiar estragos e ruinas sem compensação de proveito, o que setenta annos antes havia já sido o parecer e modo de pensar dos prudentes e desconfiados das expedições do Infante D. Henrique. Estes censores de temperamento fleugmatico ou melancholico haviam contado os desastres, as mortes, os naufragios das expedições africanas desde o tempo d'El-Rei D. Duarte, e os das outras dos descobrimentos da

Nevers é mandado embora com estas palavras do chefe dos Musulmanos: «Absolvo-te do teu juramento de nunca mais pegares em armas contra mim, pois em nada tu me podes ser mais agradavel, do que oppondo-me todas as forças da Christandade, e preparando-me assim novos triumphos.»

Depois o Sultão Baiezid invade a Styria e a Hungria, apodera-se d'algumas praças fortes, submette os Valachios, obriga o Imperador João

---

costa occidental d'Africa até aos tempos d'El-Rei D. João II, e parecia-lhes que assaz era feito para ganho de honra e fama. Devia, pois, naturalmente irritál-os o novo arrojo tentado de penetrar até ao Oriente, repetindo novos infortunios e despezas novas:

> «A que novos desastres determinas
> «De levar estes reinos e esta gente?
> «Que perigos, que mortes lhe destinas,
> «Debaixo d'algum nome preeminente?
> «Que promessas de reinos, e de minas
> «D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
> «Que famas lhe prometterás? Que historias?
> «Que triumphos? que palmas? que victorias?»

«João de Barros, citado por Manuel de Faria e Sousa,

Paleologo a pagar um tributo annual de dez mil escudos d'ouro, e a deixar construir na capital um *djami* e um *mehkémé* (palacios para administração da justiça), onde exerceriam as funcções de seu cargo um *iman* (padre) e um *kadi* (juiz).

Prazenteiro por haver estabelecido o Islamismo no meio dos Christãos do Oriente, prosegue o Sultão no caminho de suas victorias e

---

no commentario a este logar de Camões, expressamente diz que o Reino em geral abominava tal expedição.

«E o segundo escreveu:— que, se não fôsse a plantação da Religião, tudo era perda, porque com as expedições e conquistas se perderam *muitas culturas*, que nos sustentavam, voltando-se a gente para aquelles interesses que pareciam menos custosos, e porfim nos achámos sem elles e sem ellas, e por cima com os *costumes corrompidos*, costumados ao luxo asiatico, alterada a *modestia e parcimonia antigas*.

«Pelo mesmo caminho, e pelo mesmo tom resoou a lyra horacica de Sá de Miranda, quando fez ouvir seus presentimentos e vaticinios:

«Não me temo de Castella
«Onde guerra inda não sôa:
«Mas temo-me de Lisboa

conquistas. Kanghri, antiga residencia dos reis da Paphlagonia; Diwrighi, fundada por Pompeu, sob o nome de Nicopolis; Derendé; Behesni, perto de Mes'asch (antiga Mariscum); Matia (outr'ora Mytilene), patria do Cid dos Arabes (o bravo Sid-Albattal); finalmente a fortaleza de Kumakh, não longe do Euphrates: rendem-se a Timurtach,—ao passo que Baiezid-Ildirim, cahindo como um raio sobre a Grecia, se apoderava das cidades de Iehî-chehir (Larissa), Tirhala

---

«Que ao cheiro d'esta cannela
«O Reino se despovôa.
«Ouves, Viriato, o estrago
«Que cá vai nos teus costumes?
«Os leitos, mesas, e os lumes,
«Tudo cheira: eu oleos trago;
«Veem outros, trazem perfumes.

«E n'outra parte, ainda mais explicito:

«D'estes mimos indianos
«Hei grão medo a Portugal,
«Que lhe hão de fazer os damnos
«Que Capua fez a Annibál.»

Aqui vemos consignados os inconvenientes gravissimos das conquistas asiaticas que, sobre a alteração dos

(antiga Trieca), Domenika (outr'ora Domacia) Badradjik (Hypata), Pharsalia, Zeitun, e varias outras.

Entretanto metteu-se de permeio a lucta entre os Tartaros e os Turcos.

Algum tempo porêm depois, Muça marchou contra Sigismundo, Rei da Hungria, a quem derrotou n'uma batalha. Apoderou-se d'algumas cidades, e mandou ao Imperador Grego,

---

costumes corrompidos pelas riquezas de luxo asiatico, trouxeram o deperecimento da lavoura, e a diminuição dos braços uteis :

> «Por quem se despovôe o Reino antigo,
> «Se enfraqueça, e se vá deitando ao longe.»
> «(*Camões*—Canto IV, est. 101).»

Deve-se, pois, em grande parte á vontade inquebrantavel d'El-Rei D. Manuel a descoberta da India.

*

«...Mas, ainda que os Gentios não olhavam a este fim, mas lançavam as raizes de suas obras em busca da falsa gloria, comtudo de tal maneira se enfunavam nas vans esperanças d'ella, que, movidos de uma desesperada e honrosa determinação, se abraçavam com a morte, fazendo façanhas espantosas. Mas pera que é es-

Ibrahim, filho d'Ali-Pachá, para reclamar um tributo.

Os Turcos, achavam-se então livres d'algumas perturbações civis que tinham obstado a que elles com mais perseverança continuassem nas suas conquistas a propagação do Islamismo. E quando o Sultão Mohammed foi elevado ao throno, foi cumprimentado pelos embaixadores do Imperador da Grecia, pelos dos principes da Servia, da Moldavia, da Valachia, de Janina, de Lacedemonia e da Achaia.

---

pantar das antigas, pois vemos as que em nossos tempos teem feito os modernos?

«Quem duvidar dos notaveis feitos dos passados, ponha os olhos nas miraculosas façanhas dos presentes, e, com a vista das modernas, desfará a roda do pouco credito que teem as antigas. Dize-me: as que fizeram na India os Portuguezes, não mostram claramente quão pouco estimavam a vida, e como tinham por gloriosa a morte em serviço de Christo, e em honra de seu Rei, e de sua patria?

«Aquelle espantoso D. Vasco da Gama, Conde Almirante, não fez elle cousas, em cuja comparação as grandezas antigas parecem pouquidade?

«Elle passou muito abaixo da linha equinocial e torrida zona, e atravessou o Mar Oceano, Atlantico, Ara-

Em 1416 o Sultão Mohammed submetteu ao tributo varios principes christãos.

Seu successor, o Sultão Murad, com o fim de se vingar d'alguns aggravos, marcha para Constantinopla á frente de vinte mil homens. Os Turcos porêm retiraram-se quando isto era menos d'esperar, o que os Christãos attribuiram á milagrosa apparição da Virgem Maria. Mas pouco tempo depois, um tractado celebrado com o Imperador de Constantinopla, João, que tinha

bico, Persico, Indico: e achou outro novo céo, e novas estrellas, e regiões incognitas e inauditas, e descobriu outro mundo, e desceu ao Sul, alêm do espantoso Cabo da Boa Esperança, e tornou a virar, e atravessar a torrida zona, e passou por onde os antigos cuidaram que não havia passagem, e descobriu as Indias Orientaes, e rompeu os bravos e indomitos mares, e subjugou as medonhas e terriveis ondas, e domou os monstruosos peixes marinhos, e conquistou terras riquissimas e distantissimas, e houve grandes batalhas, em que per muitas vezes se viu abraçado com a morte, e alcançou illustres victorias, em que, com seu esforçado e invencivel animo, fez reis tributarios a seu Rei, e levantou a Cruz de Christo por signal e trophéu de seus espirituaes e temporaes triumphos, e levou a fé de Nosso Senhor do Occidente ao Oriente, e chegou onde nunca os exercitos do

succedido a Manuel, assegurava ao Sultão a posse d'um grande numero de cidades nas margens do Mar Negro e da Strania, e ainda por cima um tributo annual de trinta mil ducados. E algum tempo depois o novo Principe da Servia, por nome Brankowitch, vê-se obrigado a pagar á Porta um tributo de cincoenta mil ducados, a interromper todas as suas relações com a Hungria, e a incorporar suas tropas nas do Sultão.

---

grande Alexandre, nem nenhuns dos antigos, chegaram, e eclipsou a fama dos passados, e espantou os presentes, e deixou de si fama perpetua para os futuros.

«Parece-te que, quando se aventurava a tamanhas cousas, que temia a morte, pera deixar de fazer o que devia?

«Se a elle assi temêra, nunca elle tão altas empresas comettêra, nem com ellas com tanta gloria sahíra.

«E per derradeiro, depois d'ir tres vezes á India, lá morreu, sem vir gosar do descansado galardão, que por seus trabalhos merecia, onde tambem morreram ás lançadas dois seus filhos, excellentes capitães, imitando o animoso esforço e singular virtude de seu pae, como cousa sua hereditaria.

«Que te direi das maravilhosas e abalisadas extranhezas, grande e invencivel animo, illustres e sobrenaturaes

Thessalonica veio tambem a cahir em poder dos Ottomanos, e fez depois parte do imperio d'estes com o nome de Selanik: as suas egrejas gregas ficaram convertidas como o tinham sido muitas outras, em mesquitas.

Em 1431 a cidade de Janina abriu suas portas, sob condição de que seus habitantes conservariam os privilegios. Mas os emissarios, enviados pelo Sultão Murad para tomarem posse da cidade, violaram o tractado, mandaram ar-

victorias d'aquelle, antre os fortes sapientissimo, antre os sabios fortissimo capitão, Duarte Pacheco, espelho de todos os capitães do mundo?

«Quem poderia contar as proezas, cavallarias, e gloriosas victorias de D. Francisco d'Almeida, e d'aquelle Affonso d'Albuquerque, áquem do qual ficam todolos Gregos e Romanos, — cuja morte os Mouros e Gentios não podiam crêr, mas diziam que não morrêra, senão que o mandára Deus chamar, porque tinha necessidade d'elle no Céo para fazer alguma guerra?

«Que palavras ha hi com que se possam explicar as grandezas de D. Henrique de Menezes, D. Estevão da Gama, Antonio da Silveira, Martim Affonso de Sousa, D. João de Castro, D. João Mascarenhas, Jorge Cabral, Francisco Barreto, e d'outros muitos capitães e fidalgos, e de infinitos e excellentes cavalleiros, cujos gloriosos

rasar as fortificações, e raptaram, para reduzirem a suas esposas, algumas meninas que os tinham repellido com desprezo.

Em 1433 Sigismundo (Rei da Hungria) em Basiléa, revestido com as insignias regias, recebeu os embaixadores turcos na cathedral, — e estes n'ella lhe deram de presente doze taças de ouro, alêm d'outros objectos preciosos.

Mas, pouco depois, houve desavenças; e os Turcos, pelo espaço de quarenta e cinco dias,

---

feitos eu cantára, se não foram sem conto, os quaes sendo mortaes deixaram de si memoria immortal?» (FR. HECTOR PINTO: *Imagem da Vida Christam* —vol. I, cap. VII).

*

«A passagem dos Portuguezes para a India pelo Cabo da Boa Esperança, em fins de 1497; o descobrimento do Novo Mundo por Colombo e Americo Vespucio mesmo; o descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral em 1500; o longo reinado de Carlos V; fizeram uma revolução espantosa no commercio, nos costumes, na industria, e no governo dos povos, e no poder das nações. A Europa fundou por toda a parte colonias, de que tiraria muito grandes vantagens, se mais apropriados fôssem os principios sobre que as estabeleceram.

«A Italia no seculo XV deixava apoz si todo o resto da

assolaram a Hungria, e, ao retirarem-se, levaram septenta mil prisioneiros!

Passado algum tempo, houve outra batalha: e n'ella os Hungaros deixaram tão grande numero de prisioneiros em poder dos Turcos, que um d'estes vendeu uma linda escrava hungara por um par de botas!

No entanto Belgrado poude por algum tempo suspender o progresso dos Turcos. João Hunyade poude ganhar algumas victorias bem

---

Europa; mas a Hespanha, expulsando os Arabes, reunindo seus differentes reinos em um só pelo consorcio de Fernando e Isabel, foi-se constituindo potencia respeitavel por sua extensão, agricultura e commercio. Foi então que tiveram logar os grandes acontecimentos que elevaram a Hespanha ao cume do poderio, e deram aos Portuguezes a preeminencia dos mares: foi logo depois que Carlos V appareceu á frente d'um imperio colossal.

«Até á epocha d'aquelles descobrimentos, a Europa commerciava para a India, ao principio por intermedio d'Alexandria no Egypto; mas depois as nações maritimas e commerciantes do Mediterraneo iam buscar aos portos do Egypto as mercadorias da India; assim se fazia este commercio no tempo dos Carthaginezes, e continou ainda no tempo dos Romanos, até á perda de Constantinopla, cuja catastrophe poz exclusivamente nas mãos

assignaladas contra os Turcos, que tiveram de assignar treguas em 1444 com os Hungaros, sendo as condições solemnemente juradas sobre o Evangelho e sobre o Koran. Mas esta paz que devia durar por dez, foi violada dez dias depois pelos Hungaros.

Estes, entretanto tiveram a paga da sua falta de lealdade: Sultão Murad corta, na batalha, a cabeça ao Rei da Hungria, espeta-a na ponta d'uma lança, e a mostra aos Hungaros excla-

---

dos Venezianos o commercio europeu com a India; e tal era o estado das cousas, quando Vasco da Gama dobrou o *Promontorio das Tormentas.* Debalde a Republica de Veneza tentou remediar o golpe descarregado sobre o seu commercio no Mediterraneo: a liga européa contra elle acabou de arruinál-o, bem como os rendimentos do Soldão do Egypto, que consistiam no direito de 5 por cento que as mercadorias da India pagavam por sahida em suas alfandegas: e a expedição dos Portuguezes, commandada por Tristão da Cunha, á ilha de Socotorá e ao Mar Vermelho, concluida pelo grande Affonso d'Albuquerque, collocou nas mãos d'estes todo o commercio da Asia e da Ethiopia, e firmou a liberdade européa quasi nas bordas do seu tumulo, aonde a levavam os rapidos progressos do poder dos Turcos. Aqui começa a

mando: *Eis a cabeça do vosso Rei!* O terror dos Christãos é geral, e a derrota tambem se torna geral. A cabeça do Rei Wladislau, conservada em mel, foi remettida a Djubé-Ali, governador da Brussia. Os habitantes vieram em chusma ao encontro d'este trophéu, que, depois de ter sido lavado no Nilufer, foi conduzido em triumpho por toda a cidade.

Passado algum tempo, o mesmo Sultão Murad volta seus olhos para a Albania e para o Pelo-

---

brilhante epocha do esplendido poder dos Portuguezes.» (*Revista Litteraria* — Porto, 1839 — vol. IV. pag. 120).

*

«A descoberta da America por Christovão Colombo, á qual a Hespanha foi devedora do engrandecimento do seu poder e da sua riqueza, deu um forte impulso a esse espirito d'empresas e de colonização que caracterizou o seculo XV. Depois da Hespanha, a nação, sobre a qual esta descoberta do Novo Mundo exerceu maior influencia, foi Portugal, que tambem para si quiz abrir um novo caminho para a India » (CHARLES CALVO, ancien ministre: *Le Droit International* — Paris, 1880).

«Antes mesmo de Colombo emprehender sua segunda

poneso: e á frente d'um exercito de sessenta mil homens se apossa do isthmo de Hexamilon, de Corintho, de Patras, e submette ao tributo os principes do Peloponeso.

Apparece, entretanto um guerreiro notavel, que por vinte e cinco annos defende com gloria a causa dos Christãos: este famoso guerreiro é Jorge Castrioto, conhecido vulgarmente por Scanderberg. Tomou este celebre guerreiro a resolução de sacudir o jugo ottomano. E com

viagem, tinha o governo portuguez tentado organizar uma expedição para a America.

«A attitude, porêm, tomada pela Hespanha, obstou á realização d'este projecto. Todavia Portugal de nada deixou de lançar mão para obstar ás descobertas de seus rivaes. D'aqui procederam as graves questões que por tantos annos dividiram e perturbaram estes dois povos.

«Mal a descoberta de Christovão Colombo foi conhecida na Europa, logo o Papa Alexandre VI expediu, a favor dos Reis Catholicos, sua celebre bulla de 4 de Maio de 1493, na qual declarava que na sua qualidade de Soberano Pontifice concedia ao Rei D. Fernando e á Rainha D. Izabel, bem como a seus successores nos thronos de Castella e d'Aragão, todas as terras ou ilhas descobertas e por descobrir ao occidente e ao meio-dia d'uma linha ficticiamente descripta do polo arctico ao

effeito os Turcos foram derrotados muitas vezes.

Para Mahomet II, porêm, estava reservada a gloria da tomada de Constantinopla. No começo d'Abril de 1453 o Sultão appareceu em frente de Constantinopla com um exercito, que alguns elevam a duzentos e cincoenta mil homens; a 15 d'esse mez, uma frota de 420 embarcações de diversos tamanhos appareceu perto da emboccadura meridional do Bosphoro; e no dia 29

---

polo antarctico, e a cem leguas ao oeste dos Açores e das ilhas de Cabo Verde. Ainda a mesma bulla estabelecia que o dominio sobre estas terras e ilhas era concedido aos Reis de Hespanha, a não ser que houvessem ellas sido occupadas por um outro principe christão antes do dia de Natal de 1492. Reservava assim as conquistas de Portugal e dos outros soberanos da Europa. Uma segunda bulla do mesmo Papa ordenou que os Reis de Castella e d'Aragão gosassem nos paizes descobertos, e que viessem a ser conquistados, dos mesmos direitos e privilegios que tinham sido concedidos pela Sé Apostolica aos Reis de Portugal para suas conquistas, tanto na costa d'Africa, como nas Indias.

«No fim d'este mesmo anno de 1493 o Soberano Pontifice confirmou por uma terceira bulla o conteúdo nas duas precedentes: e, para melhor afiançar aos vassallos

de Maio de 1453, depois d'uma lucta furiosa de ambos os lados, Constantinopla cahiu em poder dos sectarios do Coran: a cabeça do Imperador Constantino foi posta primeiramente no alto d'uma columna de porphyro, que se erguia na praça *Augusteon*, e depois levada para se mostrar aos differentes povos das cidades asiaticas. O Sultão Mohammed, aó entrar no palacio imperial, que encontrou despejado, exclamou: — «A aranha fiou sua teia no palacio dos Ce-

dos Reis de Castella e d'Aragão o direito exclusivo de fazer descobertas, annullou todas as outras concessões das quaes as novas terras houvessem sido o objecto.

«D. João II de Portugal reclamou em vão, pretendendo que taes bullas estavam em opposição directa com as concessões reconhecidas anteriormente pela Santa Sé em favor de Portugal.

«Uma vez convencido da inutilidade de proseguir nos seus queixumes e censuras junto da côrte de Roma, pensou o Governo Portuguez em encetar directamente negociações com os Reis de Castella, com o fim de regularem a questão por meio d'um accordo amigavel.

«A 4 de Junho de 1494 reuniram-se em Tordesilhas os representantes de Portugal e de Hespanha. Terminaram tão promptamente suas conferencias que a 7 do mesmo mez assignaram o tratado, que estavam encarregados de

sares; e a coruja fez echoar a abobada do Efrasiab com seu canto nocturno!» E assim acabou a nacionalidade d'um povo que só quatro seculos mais tarde poude, á custa de muito sangue derramado, restaurar-se, mas ainda assim (note-se) com a ajuda de tres nações.

Sultão Mohammed enviou depois cartas ao Sultão do Egypto, ao Schah da Persia, e ao Cherif de Mecca para os informar da conquista de Constantinopla. Impoz tributos aos Estados

---

negociar. Convieram por este accôrdo em darem maior extensão á linha traçada pelo Papa Alexandre VI, fixando-a a 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. E ao mesmo tempo, para melhor assegurar a execução d'esta clausula, estipularam que todas as descobertas que pudessem ter sido feitas por um ou outro dos dois paizes, dentro da linha de repartição, ficariam pertencendo com plena soberania áquelle que a ellas tivesse direitos. E finalmente foi decidido que se procederia á determinação exacta do meridiano de demarcação nos dez primeiros mezes, que se começariam a contar desde o dia 7 de Junho de 1494, e que sería esta missão confiada a dois ou a quatro navios de uma e da outra nação, tripulados por pessoas versadas nas sciencias geographicas, astronomicas e nauticas.

«Tal foi em substancia o tratado de Tordesilhas, que

christãos limitrophes. Enviou Turakhan ao Peloponeso com o fim de proteger a Demetrio e a Thomaz Paleologo, irmãos do ultimo imperador grego, contra seus auxiliares Albanezes, que lhes queriam arrancar o resto da auctoridade deixada a estes dois principes debaixo da condição de pagarem um imposto annual de doze mil ducados.

Os habitantes de Saliwri (antiga *Selimbria*) e de Bivados (o *Epibatos* dos Byzantinos) não

---

poz termo por algum tempo á primeira discussão internacional, causada na Europa pela descoberta da America, mas que suscitou mais tarde interminaveis questões de limites entre as possessões transatlanticas da corôa de Hespanha e da de Portugal.

«Esta importante questão do direito de posse e de soberania sobre as terras descobertas de novo, indica-nos o caracter das relações politicas que os Estados da Europa mantinham com o Pontifice romano, pois que no momento d'um accordo especial e directo, Hespanha não hesitou, bem como Portugal não vacillou, em acceitar plenamente a competencia e auctoridade de Alexandre VI, dispondo, a seu modo d'entender, da propriedade das regiões, das ilhas e dos continentes, que o genio dos navegadores tinha de revelar ao mundo.

«Á descoberta da America ligam-se duas grandes ques-

acreditando poderem resistir ás armas victoriosas do Sultão, apezar da solidez das fortificações de suas cidades, apressaram-se em lhe remetter as chaves. Desde então este principe, tranquillo possuidor da capital do Imperio Grego e senhor absoluto de seus Estados, pensou em se apossar da Servia: e fez cincoenta mil prisioneiros, apoderou-se de Semendria, e enviou Furuz-Bei contra as tropas reunidas de Hunyade e de Jorge principe da Servia, que

---

tões internacionaes, que mesmo em nossos dias ainda não tiveram uma solução definitiva. Uma é a do trafico da escravatura, que deve seu nascimento ás medidas adoptadas por Carlos V para a organização do trabalho nas colonias hespanholas. E a outra é a — livre navegação pelos mares.

«Fazendo fincapé nos seus direitos de descoberta, de conquista, e de primeiros occupantes, Hespanha e Portugal aspiravam ao dominio exclusivo do Oceano e ao monopolio do commercio com suas novas possessões transatlanticas. É, pois, nos resultados das viagens de Colombo e da passagem do Cabo da Boa Esperança, que cumpre procurar os antecedentes historicos da questão, que, algum tempo depois, occupou tão vivamente a attenção de Grocio e de Selden.

«. . . . .

derrotaram o logar-tenente do Sultão. Em seguida a esta victoria, tendo-se Jorge offerecido para pagar um tributo annual de trinta mil ducados, Sultão Mohammed lhe concedeu a paz, e voltou a Constantinopla, onde lançou a primeira pedra para a construcção da mesquita de Cuïb.

Em 1455 apoderou-se Sultão Mohammed de Novoberda ou Novobrodo e de algumas povoações na Sanitra, e aproximou-se do Archi-

. . . .

«Como era facil de prever, a influencia que a auctoridade pontificia tinha arrogado a si sobre as questões internacionaes não podia deixar de, com o tempo, ter consequencias fataes para os diversos Estados europeus. Uma d'estas consequencias — e não foi ella a menos grave — tinha de ser: o isolar estes Estados, concedendo a uma auctoridade extrangeira a faculdade de se ingerir nas relações reciprocas d'elles, e até nos negocios de sua politica interior.

«E, com effeito, mal vemos despontar no horizonte do seculo XIII a sombra da constituição das monarchias absolutas, levantam-se immediatamente contra a supremacia usurpada pelos pontifices romanos protestos energicos que, juntos a outras causas puramente religiosas, vieram a produzir a grande Reforma do seculo XVI.

pelago onde cruzava uma frota dos Cavalleiros de Rhodes, cujo commandante enviou presentes a Hamza e refrescos para a tripulação. Este almirante, porêm, sendo porfim infeliz nas suas tentativas, foi substituido por Yunis-Pachá; e este se apoderou da Nova Phocea, d'onde remetteu ao Sultão duzentos jovens d'ambos os sexos.

Depois o proprio Sultão apoderou-se de Enos, bem como das ilhas de Tachuz (*Tarsos*), Se-

---

«No ponto-de-vista do Direito Internacional a Reforma de Luthero e de Calvino é um dos acontecimentos mais notaveis da Historia do Mundo. Não inaugurou sómente a constituição das monarchias soberanas no centro da Europa. Significa, primeiro que tudo, que d'ora avante as relações de povo para povo já não dependem da vontade do Chefe da Egreja, mas entram no dominio proprio de cada Estado em particular. Não se limitam a isto os effeitos salutares da Reforma: imprime ella outrosim no Direito Internacional um caracter positivo que se reflecte em todas as obras dos auctores d'esta epocha.

«Entre os publicistas que precederam a Grocio, figura em primeiro logar Machiavelli, nascido em Florença no anno de 1460 e fallecido em 1527, o qual occupou importantes cargos politicos e desempenhou numerosas missões. Na sua obra intitulada *O Principe*, descobre

menderek (*Samothracia*), Imruz (*Imbros*), situadas na entrada do golpho de Enos, e de Stalimene (*Lemnos*). Mas depois ficou mal na tentativa da conquista do Belgrado. Em compensação no anno de 1460 viu-se senhor da Servia, e de toda a Grecia, á excepção d'alguns portos, taes como Coron, Modon e Pylos.

Passado pouco tempo, faz-se senhor da cidade d'Amasra (*Amastris*) tomada aos Genovezes, e da de Sinope. D'ahi a mais algum tem-

d'um modo tão lugubre a sociedade, em cujo centro vivia, que, sem difficuldade, comprehendemos que n'elle devia imperar a corrupção e a miseria. Aos olhos de Gentilis, a obra de Machiavelli não passa d'uma satyra mordaz dos vicios dos principes e uma exposição completa dos meios de que os tyrannos lançam mão para consolidarem seu dominio. O que é certo é que a obra provoca apreciações as mais oppostas: suscitou ardentes polemicas, em que o nome do celebre florentino serviu para designar um systema completo de governo e de politica, que tinha por base o despotismo, o poder absoluto sem freio, e por meios d'acção a mentira, a hypocrisia, e os processos os mais avessos á equidade. O grande defeito de Machiavelli é o separar completamente, mesmo pôr em opposição directa, a politica e a

po, vê-se senhor de Trebizonda, e extermina o que ainda restava da raça imperial de Byzancio. Depois volta suas armas contra Wlad, voivode da Valachia.

Sultão Mohammed marchou em 1462 para a conquista de Midilli (antiga *Lesbos*), e d'ella se tornou senhor depois d'um cêrco de 27 dias. E o governador d'esta ilha obteve a vida fazendo-se musulmano.

Em 1463 atacou Mohammed a Bosnia, e ao

moral. São-lhe indifferentes os meios: só enxerga um alvo — o poder e o dominio sobre os outros...

«Um outro publicista notavel no seculo XVI foi o jesuita hespanhol Francisco Soares, nascido em 1548 e fallecido em 1617, o qual no seu livro *De legibus et Deo legislatore*— foi o primeiro que notou a distincção entre o Direito Natural e os principios convencionaes observados pelas nações. Comprehendeu e demonstrou que o Direito Internacional se compõe não sómente de principios de justiça applicados ás relações mutuas dos Estados, mas ainda dos usos observados durante muito tempo pelos povos da Europa em suas relações internacionaes, e consagrados mais tarde como lei consuetudinaria das nações christans da Europa e da America.

«Um livro importante foi publicado pela mesma epocha, o do professor da Universidade de Salamanca, Fran-

rei d'este paiz foi cortada a cabeça. No anno seguinte, Omar submetteu o territorio veneziano nas immediações de Lepanto (*Naupactus*), e o paiz de Modon foi assolado por um corpo ottomano. Os Venezianos, que ao principio tiveram algumas vantagens, viram-se depois obrigados a fugir. As immediações de Modon foram saqueadas.

Em 1465 o Sultão resolveu marchar em pessoa com um exercito. Sfetigrado e Belgrado

---

cisco Victoria, intitulado *Relectiones Theologicae*, e publicado pela primeira vez em Lyon no anno de 1557, —obra de theologia casuistica, na qual o auctor discorre ácêrca dos titulos, pelos quaes os Hespanhoes possuiam o dominio do novo continente, assim como tambem trata dos direitos da guerra.

«Relativamente ao direito da guerra, Victoria examina se os povos christãos a podem fazer com inteira justiça; a quem pertence o direito de a declarar; quaes são as causas que podem justificar o exercicio d'este direito; e quaes são os effeitos que uma guerra justa produz sobre o inimigo. Resolve a primeira questão n'um sentido affirmativo. Pelo que diz respeito á segunda, depois de ter comparado os direitos do individuo com os do Estado, conclue qne o Estado tem o direito não sómente de se

cáem em seu podèr; porèm Croia resiste, vinga-se mandando matar oito mil habitantes do districto de Chidna, e deixa a Balaban-Pachá em frente de Croia com oito mil homens. Mas pouco tempo depois todo este paiz cahiu em poder do Sultão; e se formou um sandjak, que tomou o nome de *Hersek*.

E, apezar de continuar a guerra com os Venezianos, o Sultão se apoderou d'Egriboz (*Ne-*

---

defender, mas até mesmo de pedir uma reparação dos prejuizos que houver experimentado.

«Examinando a terceira questão, conclue que a differença de religião de modo algum pode ser considerada como um justo motivo de guerra. É de opinião que em tempo de lucta é permittido fazer tudo quanto fôr necessario para defesa e conservação do Estado, e que, se a guerra fôr justa, nos podemos apossar do territorio do inimigo e de suas fortalezas, para o punirmos e obrigarmos a fazer a paz. Discute depois a natureza e o alcance dos actos que constituem a hostilidade, e estabelece que devemos — não matar mulheres nem creanças, que, até mesmo na guerra contra os Turcos, devem ser consideradas como innocentes.

«O mencionado escriptor Victoria termina esta parte de seu livro estabelecendo tres regras:

«1.ª Que o soberano que possuir o direito de fazer a

groponto), e a guarnição d'esta cidade foi morta com horriveis supplicios.

Depois de se ter Ishak-Pachá apoderado da cidade de Ak-Serai, e dos fortes de Warkeui, Udj-Hyssar e Orta-Hyssari, em 1472 Guedik-Ahmed-Pachá foi pelo Sultão encarregado de tomar a cidade de Alaia, o que levou a effeito dentro em pouco. Pouco depois Guedik-Ahmed tomou o forte de Mokan, apoderou-se do de

guerra, não deve procurar pretextos para fazer com que as hostilidades rompam. Deve, pelo contrario, esforçar-se por viver em paz com todo o mundo, sem perder jámais de vista que a declaração de guerra nunca se pode justificar senão pela necessidade.

«2.ª Que, mesmo que uma guerra seja justa, nunca deverá ter por alvo a destruição completa do inimigo, mas tão sómente o infligir-lhe prejuizos na medida necessaria para assegurar a conclusão de paz.

«3.ª Que o vencedor deve fazer uso da victor a com moderação e humildade christan».

*

A obra de Balthasar de Ayala, intitulada ***De Jure et officiis belli***, é talvez o tratado mais completo que tenha sido publicado por esta epocha (1581) ácêrca dos principios da guerra.

Lulghé, mandando precipitar das muralhas uma parte da guarnição, e assassinar a restante. Porêm a chegada de Urun-Haçan obrigou Guedik-Ahmed a desamparar suas conquistas, e a mandar que o exercito recuasse para Konia.

Haçan dirigiu-se então para Tokat, e a entregou ás chammas, e mandou matar seus habitantes no meio dos mais horrorosos supplicios, e depois devastou toda a Karamania.

Ayala sustenta que as formulas a observar na declaração d'uma guerra, são de tal modo essenciaes, que o esquecimento d'ellas obstaria a que uma guerra inteira fôsse considerada como justa.

Concordando n'isto com Victoria, reconhece que o poder de declarar ou de fazer a guerra é um direito exclusivo do Estado, e que nem os rebeldes nem os piratas podem ser considerados como inimigos publicos. Diz tambem que a differença de religião não é uma causa justa de guerra, e que os infieis possuem tambem como os Christãos os direitos de soberania e de dominio admittidos pelo direito das gentes...

Mas, e com razão, considerou-se a paz de Westphalia como ponto de partida da Historia do Direito Internacional moderno, e como a base das relações de povo para povo até á Revolução Franceza.

Por este tempo tinham os Christãos dado soccorro aos Persas contra os Turcos. [1] Uma triplice alliança tinha sido feita entre o Papa, Veneza, e Napoles, para auxiliarem o principe dos Persas. E uma frota, ás ordens de Pietro Mocenigo, composta de navios d'estas tres potencias, saqueava Delos e Metelin, incendiava Smyrna, e os arrabaldes de Satalia, cidade tão bem fortificada que não pudera ser tomada. No anno immediato Mocenigo encaminhou-se para a costa da Karamania com o fim de proteger Kacim-Bei, o qual punha cêrco ao mesmo tempo aos fortes de Sefefké, de Sighin (*Sicae* ou *Sine*), e de Kurko (antiga *Corycus*). Quasi sem resistencia se renderam estas tres praças, e foram pelos Venezianos entregues a Kacim, que testemunhou seu reconhecimento ao capitão general Mocenigo, offerecendo-lhe um suberbo cavallo, e um leopardo domesticado. Mas, quando Urun-Haçan perdeu a batalha d'Otluk-Beli, enviou a suas respectivas côrtes os embaixa-

---

[1] JOUANNIN: *Turquie*, pag. 85. (Na collecção *L'Univers*).

dores de Roma, Napoles, e Veneza, rogando-lhes que pedissem novos reforços para a proxima campanha.

Sultão Mohammed, depois de ter conquistado a Karamania, e submettido algumas praças da Armenia, enviou a Carniola um exercito de vinte mil homens para invadir esta provincia. Um segundo corpo, egual em numero ao primeiro, e abastecido de materiaes e d'instrumentos de construcção, marchou secretamente para o Save, onde, apezar dos esforços das tropas de Mathias Corvino, os Musulmanos levantaram a fortaleza de Sabaez.

Segundo nos diz o mesmo escriptor, a quem vamos seguindo, desde o anno 1470 até 1474 diversas incursões dos Ottomanos assolaram a Croacia, a Carniola, a Styria, a Carinthia, a Esclavonia, e a Hungria.

Em Maio de 1474 Suleimão-Pachá penetrou na Albania, e poz cêrco a Scutari. Os Musulmanos, porêm, viram-se obrigados a levantar o cerco; mas, para se vingarem, quinze mil homens foram assolar a Carniola e a Dalmacia.

Por este tempo o Sultão Mohammed punha de verga d'alto em Constantinopla uma frota de trezentas embarcações, as quaes se encaminharam para as possessões dos Genovezes no Mar d'Azoff e na Criméa. Kaffa (*Theodosia*), Azoff (*Tana*), Menkub, e varias outras cidades do Mar Negro, ou foram tomadas por assalto, ou se renderam sem resistencia. A Criméa ficou submettida, e o Sultão Mohammed invadiu a Bessaria, e se apoderou d'Ak-Kerman. Estevão, Principe da Moldavia, e Casimiro, Rei da Polonia, enviaram embaixadores ao monarcha ottomano, o qual os recebeu com o maximo desprezo, e reteve pelo espaço d'um anno os enviados polacos.

Uma nova embaixada encontrou o Sultão perto de Varna, a qual lhe pediu a paz; mas Mohammed impoz condições tão duras, que o principe da Moldavia recusou acceitál-as. Então alcançaram contra Estevão uma victoria completa n'um valle que tinha o nome de Aghadj-Denizi.

Os annos 1475 e 1476 foram assignalados por novas incursões dos Ottomanos na Allemanha,

e pela victoria ganha contra os Styrios no valle d'Uz, perto da cidade de Rann.

Os Venezianos, certificados de que não podiam obter a paz, começaram (ao terminar uma tregua) as hostilidades contra os Turcos. Antonio Loredano, generalissimo das tropas da Republica, assolou as costas da Asia Menor. Mas a propria Veneza achava-se reduzida ao extremo de ter d'acceitar as condições que o Sultão lhe impunha: enviou por isso Malipieri ao encontro do Grão-Senhor, que já estava no caminho da Albania. O enviado veneziano topou-o em Sofiá; mas Mohammed accrescentou a suas pretensões a cedencia da cidade de Scutari. Esta exigencia imprevista, que o embaixador não estava auctorizado a acceitar, o obrigou a voltar a Veneza para receber novas instrucções.

N'este intervallo a cidade de Coria, cercada havia mais d'um anno, obrigada pela fome ao extremo da miseria, capitulou sob condição de vida para os habitantes. Mas o Sultão pouco escrupuloso, depois de reservar alguns prisioneiros dos quaes esperava receber grande resgate, mandou decepar a cabeça a todos os outros.

Algum tempo depois, Scutari cahiu tambem no poder dos Musulmanos; e um embaixador ottomano foi enviado a Veneza, e recebido com as maiores honras. Apezar da differença de religião, uma alliança se fez entre o Sultão e a Republica. Veneza aproveitou-se d'essa alliança para ir luctar contra seus inimigos: e Mohammed, politico muito manhoso, mantinha os Christãos nas suas discordias, e dizia: —«*Os cães contra os porcos e os porcos contra os cães.*»

Logo que os Ottomanos se viram em paz com Veneza, voltaram suas forças contra a Hungria. No principio d'Outubro de 1479 um exercito de 40.000 homens, ás ordens de doze pachás, invadiu a Transylvania. A desunião, porêm, que se levantou entre os chefes, muito numerosos, d'esta expedição, salvou este desditoso paiz. Estevão Bathori, e o Conde de Temeswar, general de Mathias Corvino, reuniram suas tropas, e derrotaram os Musulmanos na planicie de Kenger-Meze.

Mas com esta derrota não ficaram desalentados os Ottomanos, pois no anno immediato continuaram suas incursões. A Styria, a Carin-

thia, e a Carniola, foram assoladas por tribus d'Ekindjis, emquanto o Sultão Mohammed expulsava do throno a Budak, principe da familia Zul Kadriie, o qual reinava n'uma parte da antiga Cappadocia, e fazia com que reconhecessem como soberano a seu irmão Ala-Uddewlet.

Com exta expedição terminaram as guerras do Sultão Mohammed na Asia.

Desde este momento a Europa attrahiu suas attenções. Guedik tendo voltado ás boas graças, e havendo sido nomeado pachá de Valona, apoderou-se das ilhas de Zantho, e de Santa Maura. Esta conquista fez nascer ao Sultão Mohammed o pensamento arrojado d'escravizar a Italia. A politica de Veneza, então em guerra com D. Fernando o Catholico, veio corroborar este desejo do conquistador, persuadindo-lhe que tinha elle direitos sobre as cidades da Calabria e da Apulha, dependencias outr'ora do Imperio do Oriente, do qual se tinha feito senhor. O ambicioso Sultão, achando estas razões muito plausiveis, mandou atacar Otranto, da qual se apossou em Agosto de 1480.

Mas, antes d'isto, Messih-Pachá já tinha en-

caminhado para defronte de Rhodes uma frota de mais de sessenta galés[1]. Não foi, porêm, feliz nas suas tentativas, bem como tambem o não foi nas que se lhe seguiram.

Em 1483 o Sultão Baiezid encaminhou-se para Filibé (*Philippopolis*) e empregou seu exercito em reparar os fortes sobre o Morawa. Aproveitou-se da vizinhança da Hungria para concluir com Mathias Corvino treguas por cinco annos. No anno immediato entrou o Sultão na Moldavia, fez-se senhor dos baluartes de Kilia e de Ak-Kerman, emquanto um corpo de sete mil Ekindjis se fazia senhor da Croacia, Carinthia e Carniola, e d'aqui era repellido dentro em pouco por Lupo Wulkovich, ban de Croacia, e por Bernardo, Conde de Frangipan. Sultão Baiezid voltou depois a Andrinopolis, depoz Iskender-Pachá, governador da Rumelia, e lhe deu por successor o eunucho Ali-Pachá. Recebeu no inverno de 1486 tres embaixadores — da Hungria, do Sultão do Egypto, e do Schah das In-

[1] Id. *ibid.*, pag. 88.

dias. Ali-Pachá assolou os estados do Principe da Moldavia.

Estas expedições militares do Sultão Baiezid na Europa, foram seguidas, na Asia, da primeira guerra contra os Mamelukos, d'essa guerra, que veio a terminar pela conquista do Egypto.

Em 1487 o Sultão Baiezid recebeu em Constantinopla o embaixador do ultimo rei mouro de Granada, Abu-Abdullah [1]. Implora este Principe a protecção do *Sultão das duas terras e dos dois mares*, contra D. Fernando, Rei d'Aragão e de Castella, cujas armas victoriosas afugentavam os Musulmanos da Andaluzia.

O Sultão Baiezid enviou, para assolar a Hespanha, uma frota, ás ordens de um de seus antigos pagens, a quem sua belleza notavel tinha feito que o cognominassem de *Kemal*, («belleza sem senão»).

Pelo mesmo tempo Veneza enviou ao Sultão alguns plenipotenciarios, os quaes, septe annos

[1] O auctor diz que os historiadores occidentaes desfiguram este nome, chamando-lhe «Boabdil.»

antes tinham concluido a paz com Mohammed II. Boccolino, cidadão da pequena cidade d'Osimo, na Marcha d'Ancona, tendo feito com que o nomeassem senhor d'ella, havia saccudido o jugo do Papa Innocencio VIII, e offerecido a Sultão Baiezid a soberania feudal d'Osimo [1]. Lourenço de Medicis metteu-se de permeio entre o soberano Pontifice e os Musulmanos, e obstou assim a que os Musulmanos se estabelecessem nos Estados Romanos, d'onde sería talvez bem difficil deitál-os fóra. Tinha um enviado de Baiezid pedido para as frotas ottomanas o direito de ancorarem no porto de Famagusta, emquanto o Sultão estivesse em guerra com o Egypto. O senado não annuiu a um tal pedido, debaixo do pretexto da existencia de paz entre esta ultima potencia e a Republica. A morte, porêm, de Boccolino, preso perto de Milão, e enforcado sem julgamento, tirou ao Sultão Baie-

1 Jouannin: *Turquie*, pag. 98. Este escriptor mostra-se mui versado nos annaes turcos e arabes, e corrige muitos nomes proprios que andam estropiados nos livros dos Christãos.

zid toda a esperança d'intervenção em seu proveito nos negocios da Italia.

As relações diplomaticas d'este monarcha com as potencias da Europa eram então muito activas: o enviado moldavo trazia-lhe o tributo de dois annos: o embaixador hungaro Demetrio Iaxich recebia na sua audiencia de despedida um kaftan d'honra, e Mathias Corvino renovava por tres annos com o embaixador do Sultão Baiezid a tregua que tinha terminado.

No reinado d'este sultão os Ekindjis assolaram a Austria e a Carniola. A Carinthia e a Styria tornaram-se theatro de grandes atrocidades: continuamente se falava de creanças empaladas ou esmagadas d'encontro ás paredes, mulheres e meninas alvo, da brutalidade dos vencedores.

Em 1495 foi concluida uma tregua entre a Hungria e a Porta. Nos dois annos seguintes os Ottomanos se apoderaram d'alguns fortes na Bosnia e levaram suas excursões até ao Friul.

No anno de 1498 Bali-Bei passou o Danubio, e fez dez mil prisioneiros. Uma segunda

invasão, no outomno seguinte, teve resultados ainda mais importantes. Atravessou o Dniester, queimou ou assolou varias cidades nas margens d'este rio, e tomou immensos despojos.

Desde 1492 o Czar Iwan III tinha feito tentativas d'alliança com o Sultão Baiezid, e até mesmo lhe tinha escripto uma carta relativa ao commercio das mercadorias d'Azoff e de Kaffa. Tres annos depois, Miguel Plesttcheief, embaixador russo, dirigiu-se a Constantinopla, e, apezar do tosco de suas maneiras, obteve para o commercio de seu paiz todas as concessões que seu senhor pedia ao Sultão.

Em 1498, n'um combate entre as frotas ottomana e veneziana, a victoria ficou do lado dos Ottomanos; e o Sultão encarregou o beiler-bei da Anatolia da construcção de dois fortes nos promontorios da Moréa e da Rumelia, com o fim de fechar o estreito.

Depois da tomada de Lepanto, Iskender-Pachá, governador de Bosnia, invadiu o Friul e a Carinthia, e renovou as scenas de desolação, da qual estes desgraçados paizes foram as victimas. Dois mil cavalleiros ottomanos atraves-

saram o Tagliamento, e uma divisão chegou mesmo até Vicencia. Outros corpos de tropas reduziram a cinzas trinta e duas villas e aldeias, e assolaram a Carniola e a Dalmacia.

Os Venezianos, porêm, vingaram-se da perda de Lepanto, apoderando-se em 1500 da ilha de Cephalonia, que o Sultão Mohammed-el-Fatyh tinha conquistado no fim do seu reinado. Modon, Navarino ou Zonchio (outr'ora *Pylos*), e Coron, cahiram em poder dos Osmanlis; mas Napolide Malvoisia (*Noembasia*), defendida pelo bravo Paulo Contarini, resistiu a todos os esforços de Baiezid.

Veneza então, receando não poder sósinha arrostar com as armas do Sultão, implorou o soccorro das potencias christans. Uma liga offensiva e deffensiva se formou entre a Republica, o Papa, e a Hungria. França e Hespanha forneceram uma frota que se reuniu ás forças navaes hungaras e venezianas. O almirante Benedetto Pesaro surprehendeu a esquadra ottomana perto de Voissa, capturou onze galés, e queimou uma. E, emquanto Gonçalo de Cordova, o *grão capitão*, assolava as costas da

Asia Menor, os navios do Papa devastavam as possessões ottomanas do Archipelago. Ao mesmo tempo o almirante francez Ravestein effectuava um desembarque na ilha de Metelin (*Lesbos*), a cuja capital pôz cêrco. Mas, á approximação de Hersek-Ahmed-Pachá, que vinha correndo em soccorro d'esta cidade, Ravestein levantou ferro, — e sua frota, surprehendida nas alturas de Cerigo por um violento cyclone, pereceu completamente.

Em 1502 a frota veneziana e uma nova esquadra franceza atacaram Santa-Maura. Os janizaros, que a defendiam, capitularam; Sultão Baiezid castigou-os depois por causa d'esta covardia, e mandou-os enforcar ou matar. Depois o Sultão Baiezid resolveu-se a fazer a paz, e um tractado foi concluido com Veneza, em virtude do qual a Republica ficou com Cephalonia, e cedeu Santa-Maura, Modon, Coron e Lepanto,—e em 1503 foi jurada uma tregua de sete annos com a Hungria.

Logo que a morte de todos os competidores de Selim lhe consolidaram o throno, as potencias extrangeiras se apressaram a enviar-lhe em-

baixadores. A Moldavia, a Valachia, a Hungria e Veneza, renovaram os antigos tractados. Kansu-Ghawri, Rei do Egypto, mandou ricos presentes a Selim: e o embaixador de Vassili, Principe da Russia, fez estipular a liberdade do commercio d'Azoff e de Kaffa. Só Schah-Ismail, partidario declarado d'Ahmed, foi o unico que se esquivou a felicitar Selim [1]. E eis porque este mandou matar quarenta mil adversarios. Pouco depois ganhou uma grande batalha contra o Schah da Persia.

Em 1516 ganhou o Sultão uma grande victoria contra o Sultão do Egypto, e a cidade de Damasco viu fluctuar sobre suas muralhas o estandarte de Selim; e os emires arabes, os commandantes dos fortes da Syria, e os Druzos do Libano, se apressaram a vir prestar homenagem ao vencedor, o qual depois se preparou para a conquista do Egypto, pois o soberano d'este paiz se recusára a prestar homenagem a Selim, o qual ficou victorioso logo na primeira bata-

[1] ID., *ibid.*, pag. 108.

lha. Em dez dias atravessou o exercito ottomano o deserto de Katiié, ganhou a victoria, e mandou degollar o Sultão do Egypto em 1517; a terra dos Pharaós conjunctamente com Mecca ficou debaixo do jugo ottomano. Em summa: n'um curto espaço de tempo este monarcha venceu o Schah da Persia, destruiu a dynastia dos Mamelukos, conquistou o Egypto, a Syria, a Mesopotamia e a Armenia [1]. Mas seu successor, o Sultão Suleiman, não é menos digno de gloria, pois não só mereceu o cognome de «legislador», como foi elle quem tirou Rhodes aos Cavalleiros de Jerusalem, conquistou o Belgrado, submetteu o Chirwan, a Georgia, deu principio a uma frota que se tornou formidavel, e coroou todos estes brilhantes feitos com a promulgação d'um codigo, e pela construcção d'admiraveis monumentos architectonicos. Sua victoria no Belgrado no dia 29 d'Agosto de 1521 foi brilhantissima, e no dia immediato a cathedral foi convertida em mesquita. E a

[1] Id., *ibid.*, pag. 121.

Russia, Veneza e Ragusa, apressaram-se em lhe mandar embaixadores para o felicitarem. Veneza obrigava-se a pagar dois tributos annuaes pela posse de Zantho e de Chypre. Depois o Sultão pensou em ter marinha colossal, em conquistar Rhodes, e em empolgar a navegação do Mediterraneo, em estabelecer uma communicação entre o Egypto e Constantinopla. E pensou egualmente no livramento dos sectarios de Mahomet que gemiam sob os ferros dos Christãos, assim como pensou na segurança dos peregrinos que por mar se encaminhavam á Syria, para depois passarem a Mecca.

O que porêm é mais notavel é que o proprio Francisco I de França escreveu ao Sultão, instando com elle para que se apossasse da Hungria, com o fim de desviar para aquelle ponto as attenções de Carlos V.[1] E o proprio irmão d'este monarcha, Fernando, recebeu uma mensagem com as seguintes palavras: — «Vosso amo ainda não tem comnosco relações d'amizade e

[1] Id., *ibid.*, pag. 127.

de vizinhança. Tel-as-ha, porêm, dentro em pouco. Que se prepare para a nossa visita.»

A 10 de Maio de 1529, um exercito de duzentos e cincoenta mil homens partiu de Constantinopla ás ordens do Sultão. As peças d'artilharia eram trezentas. Depois de superadas muitas difficuldades o exercito chegou a Mohaez, onde Zapolya veio prestar homenagem ao Sultão. A recepção do Rei da Hungria fez-se com a maior solemnidade: Suleimão estava assentado n'um throno; pela parte posterior erguiam-se os janizaros; á direita as tropas da Rumelia e os sipahis, á esquerda os silihdares e o exercito da Anatolia; a mais distancia viam-se os escudeiros, os furrieis, os solaks, guardas do corpo, e os agás, da côrte e do exercito; finalmente a tenda era guardada no exterior por uma fileira de janizaros. Quando Zapolya se apresentou, o Sultão levantou-se, deu tres passos, apresentou-lhe a mão que o Principe beijou, e mandou-o sentar á direita do throno. E Zapolya, ao despedir-se de Suleimão, recebeu de presente quatro ricos kaftans, e tres suberbos cavallos, cobertos de xaireis d'ouro.

Buda tinha cahido de novo em poder de Fernando; mas o Sultão veio pôr cêrco a esta cidade, e ella se rendeu no fim de seis dias, não esperando sequer a abertura da brecha. E, septe dias depois que Buda se rendeu, Zapolya foi posto na posse do throno da Hungria por um dos chefes do corpo dos janizaros, o qual, em recompensa recebeu do novo rei dois mil ducados; e outros mil ducados foram distribuidos pelos janizaros da escolta. Depois d'esta ceremonia, o Sultão e Zapolya partiram para Vienna. Antes de se pôr em marcha, Suleimão deu audiencia ao embaixador do Principe Boghdan que offerecia ao Sultão o direito de senhor feudal da alta e baixa Moldavia. O Grão-Senhor mui agradavelmente recebeu o enviado de Boghdan, e concedeu-lhe condições honrosas. Veio então o principe moldavo ao encontro de Suleimão, a quem offereceu quatro mil escudos de ouro, vinte e quatro falcões, e quarenta eguas gravidas, obrigando-se em signal de submissão feudal a este tributo todos os annos. O Sultão fez um acolhimento brilhante a seu novo vassalo, deu-lhe um *cuc-*

ca[1] enriquecido de pedrarias, um suberbo cavallo, e o *khyt'at fakhiré*, ou tunica de honra, do mais elevado valor. Mandou-o em seguida acompanhar por quatro dos seus guardas, ceremonial que ficou sendo como uma honra para os principes da Moldavia, quando veem á presença dos Sultões.

Pelos fins do anno de 1529 os primeiros corpos dos Ekindjis chegaram até por debaixo das muralhas de Vienna, e fizeram alguns prisioneiros. A 27 de Septembro, Suleimão acampou na aldeia de Simmering. Em volta da sua tenda velavam mil e duzentos janizaros: cento e vinte mil homens, e 400 peças d'artilharia compunham as forças do exercito sitiador: vinte mil camellos transportavam as bagagens. Uma flotilha de oitocentas embarcações, ás ordens do voivode Kacim, estacionava sobre o Danubio. Contra este formidavel exercito os sitiados só tinham a oppôr dezeseis mil homens, septenta

[1] Enfeite de cabeça feito de pennas d'avestruz, reservado para os principes da Moldavia e da Valachia.

e duas boccas-de-fogo, baluartes sem baterias e sómente com seis pés d'espessura. E no emtanto a cidade offereceu uma tal resistencia que o Sultão se decidiu a levantar o cêrco no dia 14 d'Outubro de 1529. Mas o Sultão, disfarçou esta derrota, e distribuiu premios pelas tropas, como se estas houvessem sido vencedoras. Recorreu todavia á traição para ver se podia conguir tornar-se senhor da cidade. Tres soldados deviam lançar fogo a Vienna: descobertos, porêm, foram mortos.

Algum tempo depois, dois enviados de Fernando, o cavalleiro Jurischitz e o Conde Lamberg de Schneeberg, chegaram a Constantinopla. Foram primeiramente recebidos pelo grão-vizir, que lhes disse ser a paz impossivel emquanto Fernando não renunciasse á corôa da Hungria, e Carlos V não deixasse a Allemanha com o fim de se retirar para a Peninsula. Os embaixadores procuraram ganhál-o offerecendo-lhe sommas consideraveis.

Ibrahim-Pachá foi incorruptivel; mas prometteu obter para elles uma audiencia do Sultão. Com effeito, oito dias depois, foram intro-

duzidos no serralho, e apresentaram o seu pedido escripto em latim ao Grão-Senhor, depois de lhe haverem dirigido um discurso em lingua alleman, que foi primeirameute vertido para latim pelo interprete da embaixada, e afinal para turco pelo drogman da côrte. Passados dois dias, Ibrahim-Pachá mandou-os chamar, e lhes participou que seu amo não entregaria jámais a Hungria, cuja conquista elle só tinha realizado a pedido do Rei de França, com quem havia feito alliança. E os embaixadores retiraram-se sem poderem obter cousa alguma.

A guerra dos Turcos aos Estados Christãos era quasi incessante, e só interrompida quando aquelles iam fazer conquistas a outros povos de differentes religiões: por exemplo, quando Suleimão resolveu a conquista da Persia em 1533. E tão feliz foi n'esta conquista que no dia 31 de Dezembro recebeu as chaves da cidade de Bagdad.

Em 1537 o Sultão Suleiman sahiu de Constantinopla para Valona, emquando Khair Uddin se fazia de véla para o Adriatico. A frota ottomana, composta de cem navios, assolou a costa

da Apulia, e levou dez mil habitantes. O Sultão tomou Paxo, deitou fogo a Butrinto, e depois retirou-se para Constantinopla.

As venturas, porêm, dos Mahometanos continuavam. Apoderavam-se elles de Skira (*Syros*); Iura (rochedo para exilio em tempo dos Romanos); Pathmos, Nio, Stampalia, Egina, Paros, Anti-Paros, Tine (*Tenos*), Naxia (*Naxos*), povoações que pertenciam todas aos Venezianos. Havia 22 annos que a Moldavia estava debaixo da protecção dos Turcos, obrigada a pagar um tributo...

O leitor faz uma idéa cabal do immenso poderio dos Turcos, e do terror que a todos incutiam. Agora vai ver que, se a Europa não foi completamente escravizada por elles, foi isso até certo ponto devido aos feitos dos nossos nas regiões orientaes, motivo por que o triumpho d'El-Rei D. Manuel em Roma era bem merecido.

Ah! Como é significadora da verdade a exclamação de Raynal: — «Sem a descoberta de Vasco da Gama, o facho da liberdade apagava-se de novo.»

No anno de 1538 (anno em que Barba Roxa assolára vinte e cinco ilhas pertencentes aos Venezianos, e em que derrotára a esquadra dos Christãos, composta de 167 embarcações, das quaes 36 pertenciam ao Papa, 50 aos Hespanhoes, commandadas pelo almirante Capello, e 81 aos Venezianos, ás ordens do famoso Doria), já os Turcos estavam ás bulhas com os Portuguezes por causa de Diu.

Em 1547 viu-se chegar a Constantinopla um enviado de Ala-Eddin, que vinha implorar a protecção do Grão-Senhor contra os Portuguezes. Em 1570 apoderou-se o Sultão, aconselhado por um judeu portuguez, da ilha de Chypre. No anno immediato foram os Turcos derrotados na memoravel batalha de Lepanto, mas nem por isso deixaram de continuar a ser o terror dos Christãos. E no anno immediato estavam já reparadas as perdas da marinha ottomana, e Veneza pedia a paz.

A leitura, porêm, dos Annaes dos Ottomanos ainda hoje pode fazer com que os cabellos se irricem na cabeça... Que crueldades tão pasmosas! Como era vulgar esfolarem os indivi-

duos, encherem as pelles de palha, e remetterem-n'as para Constantinopla!

O Sultão Mohammed em Trebisonda mandou matar todos os parentes do Imperador de Constantinopla. Folgava este Sultão de comer seu jantar em meio d'um circulo de musulmanos, expirando espetados em estacas ponteagudas.

Certo dia encontrou este sultão um monge montado n'um burro, e mandou espetar burro e cavalleiro. Fez com que seiscentos negociantes da Bohemia, e quinhentos nobres valachios, padecessem egual tormento. Havia inventado certa machina para reduzir a boccadinhos as victimas, mandava-as cozer, e obrigava os filhos a comerem os pedaços de carne cozida de seus paes. Havendo alguns enviados ao Sultão recusado descobrirem suas cabeças, como era costume, mandou-lhes pregar o turbante sobre o craneo, exclamando: «*Que os queria dispensar para sempre d'um ceremonial que lhes era desagradavel.*» Em summa fez derramar o sangue de mais de vinte mil pessoas, e serrar duzentos e cincoenta prisioneiros. No tocante a Bragadino, veja-se o que ficou dito em nota a pag. 157.

X

> **Quid enim ego referam ingentes classes hostium depressas, innumerabiles exercitus exigua manu fusos, Persas et Arabes multis in locis superatos,—et, ut nihil aliud dicam, regionem immenso spatio a Lusitania distantem, e Solomani hostis potentissimi faucibus ereptam. et contra ingentem Turcorum et Thracum multitudinem defensam atque conservatam?**
>
> **HIERONYMUS OSORIUS: *De Nobilitate Civili et Christiana* (Lugduni, 1609—pag. 158.)**

Os Portuguezes, entretanto, vingaram-se; —e ás vezes foge a vontade de ler obras magistralmente escriptas, mas onde se descrevem scenas horrorosas, que vão d'encontro ás leis da humanidade, e ás santissimas leis do Evangelho.

Quando El-Rei D. Manuel herdou a corôa, achou quasi posta de verga d'alto a frota, que seu glorioso antecessor aprestára para o descobrimento da India. Estava pois na mão d'El-Rei o continuar ou não as descobertas principiadas e levadas até paizes remotos pelos an-

tecedentes reis de Portugal, ou ser agradavel ao povo dando de mãos a taes empresas maritimas, nas quaes já um grande numero de portuguezes tinha perecido. Mandou proseguir nas descobertas; seu nome tornou-se immorredouro, e digno do triumpho que lhe fizeram em Roma.

Quando D. Manuel subiu ao throno em 1497, achou quasi prompta a frota que seu antecessor destinára para descobrimento da India. Constava de tres pequenas embarcações, das quaes a capitania era a nau *S. Gabriel*, em que foi como capitão-mor da expedição, Vasco da Gama, e por piloto Pedro d'Alemquer, o mesmo que tinha acompanhado Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança. Em a nau *S. Raphael*, ia por capitão Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, e por piloto João de Coimbra. Na nau *Berrio* era capitão Nicolau Coelho, e por piloto ia Pedro d'Escobar. Ia tambem uma barca com mantimentos, da qual era capitão Gonçalo.

O numero das pessoas embarcadas n'estes quatro navios subiriam a 160 ou 170.

Os mareantes e pessoas mais graduadas de-

viam ter alguns estudos e pratica, pois o grande Pedro Nunes na sua *Defensão da Carta de Marear* diz-nos: «Estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar; mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e provídos d'instrumentos e regras de Astrologia e Geometria.»

E Antonio Ribeiro dos Santos accrescenta: «E com effeito basta consultar mui superficialmente a generalidade de nossos historiadores para achar as provas de que a nossa navegação foi sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas; guiada pelos principios da Cosmographia e Geographia, apoios da Nautica; talhada no luminoso, constante e regular; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astronomia e Geometria.»

Segundo se lê no *Roteiro* d'esta viagem, estampado em Lisboa no anno de 1861 (2.ª edição) por Alexandre Herculano e pelo Barão de Castello de Paiva), partiu a frota do Rastello n'um sabbado, 8 de Julho de 1497. No sabbado seguinte chegaram á vista das Canarias.

Por causa d'uma grande cerração, os navios separaram-se uns dos outros. No dia 18 d'Agosto estavam a duzentas leguas da ilha de S. Thiago. A 7 de Novembro avistaram a ilha de Santa Helena. A 19 de Novembro, quizeram, mas não puderam dobrar o Cabo da Boa Esperança. No dia 22 d'este mez vieram em a volta da terra. A 25 entraram na Angra de S. Braz, onde fizeram aguada, e erigiram um padrão. A 13 de Dezembro padeceram grande temporal. A 25 de Dezembro já tinham descoberto pela costa 70 leguas. A 10 de Janeiro avistavam um rio pequeno.

«No outro dia (diz o Roteiro) fomos em os bateis em terra, onde achámos muitos homens e mulheres negros, e são de grandes corpos, e um senhor entre elles. E o capitão-mór mandou sahir em terra um Martim Affonso, que andou em Manicongo muito tempo e outro homem com elle. E elles lhe fizeram gasalhado. E o capitão mandou áquelle senhor uma jaqueta e umas calças vermelhas, e uma carapuça e uma manilha. E elle disse que qualquer coisa que houvesse em sua terra, que nos fôsse necessaria, que nol-a

daria de muito boa vontade. E isto entendia Martim Affonso: e aquella noite foi este e o outro com aquelle senhor dormir a suas casas, e nós tornámo-nos para nossos navios. E indo aquelle senhor pelo caminho, vestiu aquillo que lhe deram, e dizia áquelles que o vinham receber, com muito contentamento: Vêdes o que me deram? E elles batiam-lhe as palmas por cortezia, e isto fizeram por tres ou quatro vezes até que chegou á aldeia, onde andou per todo o logar assi vestido como ia, até que se metteu dentro em casa, e mandou agasalhar aos dois homens que iam com elle em um cerrado, e alli lhes mandou papas de milho, que ha muito n'aquella terra, e uma gallinha como as de Portugal. E toda aquella noite vieram muitos homens e mulheres a vêl-os; e, quando veio a manhan, o senhor os foi vêr e lhes disse que se viessem, e mandou dois outros homens com elles, e deu-lhes gallinhas para o capitão-mór, dizendo-lhes elle que ia amostrar aquillo que lhe deram a um grande senhor que elles tinham, e sería o rei d'aquella terra; e quando chegaram ao porto, onde os barcos estavam, já vinham com el-

les bem duzentos homens que vinham a vêl-os.»

Aqui estiveram os Portuguezes cinco dias, e fizeram aguada. Ao sitio deram o nome de Terra da Boa Gente, e ao rio o de Rio do Cobre, pois havia por alli muito, a ponto de o trazerem nas pernas, e pelos braços, e pelos cabellos retorcidos. O estanho tambem era muito, pois o traziam n'umas guarnições de punhaes, e as bainhas d'elles eram de marfim.

Pouco depois, avistaram um terra de gente negra, em que os homens andavam nus, cobrindo certas partes com uns pannos, pannos que eram maiores quando os que os traziam eram pessoas mais importantes n'aquella terra.

As mulheres moças traziam os beiços furados em tres logares, e n'elles traziam enfiados boccados d'estanho retorcidos. Não foram hostis aos Portuguezes, pois alli foram fazer aguada.

Vieram dois senhores d'aquella terra a vêr os Portuguezes, trazendo um d'elles uma touca posta na cabeça com uns vivos lavrados de seda, e o outro trazia uma carapuça de setim verde. Vinha na companhia d'este um mancebo,

que, segundo elles acenavam, era d'outra terra d'ahi longe, e dizia que já víra navios grandes como aquelles que os Portuguezes levavam, com os quaes signaes os nossos muito folgaram e deram áquelle sitio o nome de Rio dos Bons Signaes. Alli adoeceram muitos Portuguezes, parece que de escorbuto; e erigiram um padrão, a que deram o nome de PADRÃO DE S. RAPHAEL.

Sahiram os nossos d'este local, n'um sabbado 24 de Fevereiro, e no dia immediato avistaram tres ilhas pequenas.

Na sexta feira, pela manhan, viram chegar uns barcos á véla, os quaes vinham d'uma ilha. E, quanto mais nós andavamos, mais nos capeavam para que os esperassemos. E chegaram a nós septe ou oito d'aquelles barcos e almadias, os quaes vinham tangendo uns anafins que elles traziam, dizendo-nos que fôssemos para dentro, e que, se nós quizessemos, que elles nos metteriam em o porto, os quaes entraram em o navio e comeram e beberam do que os Portuguezes lhes deram, e depois retiraram-se.

Os capitães houveram por conselho que en-

trassem n'esta angra; mas, indo Nicolau Coelho para entrar, foi dar na ponta d'aquella ilha, e quebrou o governalho (leme).

Eram os homens d'esta terra ruivos, e de bons corpos, e da seita de Mafamede, e falavam como os Mouros; suas vestiduras eram de panno de linho e d'algodão muito delgados e de muitas côres de listras, e todos traziam toucas na cabeça com vivos de seda lavrados com fio de ouro, e são mercadores e tratam com Mouros brancos, dos quaes estavam aqui em este logar quatro navios d'elles, que traziam ouro, prata, e cravo, e pimenta, e gengibre, e anneis de prata com muitas perolas, e aljofar, e rubins. Diziam tambem que para deante, para onde nós iamos, havia muito ouro, e que as pedras e o aljofar e a especiaria era tanta que não era necessario resgatál-a, mas apanhál-a aos cestos. E mais disseram que achariamos muitas cidades ao longo do mar, e que haviamos de ir topar com uma ilha, em que estavam ametade mouros e ametade christãos, os quaes christãos tinham guerra com os mouros, e que em esta ilha havia muita riqueza. Disseram tambem que o

Preste João estava d'alli perto, mas muito dentro pelo sertão.

A este logar e ilha chamavam Moncobiquy, e n'elle estava um senhor que era como um vizo-rei, o qual veio a bordo dos navios portuguezes. [1] Deu dois pilotos, e cada um recebeu trinta meticaes d'ouro e duas marlotas.

Sahiram d'aqui, a 10 de Março; e d'ahi a uma legua chegaram a uma ilha, onde se disse Missa, e se confessaram e commungaram os que assim o quizeram.

Tornaram-se a fazer ao mar, e foram ter a uma terra, onde o senhor d'ella pensou que os Portuguezes eram Turcos. Tratou-os muito bem, deu-lhes até mesmo presentes; mas, logo que soube não o serem, resolveu tomál-os, e matál-os, de que Vasco da Gama foi avisado pelo piloto.

Á terça feira viram uma terra, com uma ponta ao longo da costa e arvoredo, a umas vinte leguas do logar, d'onde tinham partido. Dois dias por aqui andaram em calmaria.

---

[1] *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, pag. 26.

No sabbado 24 de Março pela manhan veio um mouro aos navios dizendo que se quizessemos agua, que fôssemos por ella. Era, porêm, uma traição, pois os Mouros entraram a atirar pedras aos nossos. Os nossos, porêm, por meio de bombardas os fizeram fugir, deixando alguns objectos que Vasco da Gama deu aos marinheiros, excepto livros, que os trouxe a El-Rei.

Na quinta feira, que foram 29, sahiram; e no dia 30 já estavam a 28 leguas de distancia.

No domingo, 1 d'Abril, chegaram a umas ilhas que estavam bem apar da terra, á primeira das quaes puzeram o nome de Ilha do Açoitado, porque no sabbado á tarde o piloto mouro que levavamos, mentiu ao capitão, dizendo-lhe que estas ilhas eram terra firme, e por esta mentira o mandou açoitar.

Á segunda feira houveram vista de outras ilhas que estavam em mar cinco leguas.

Á quarta feira, que foram 4 d'Abril, deram á véla, e foram ao noroeste, e antes de meio dia houveram vista de uma terra grossa, e duas ilhas junto com ella, tendo em volta muitos baixios. E, tanto que os pilotos a reconheceram,

disseram que a ilha dos christãos fica a ré de nós tres leguas; e então trabalharam todo o dia para verem se a puderiam cobrar, e, porque o poente era muito, não a puderam cobrar. Decidiu-se então que arribassem a uma cidade, chamada Mombaça, a qual ficava dos Portuguezes a quatro jornadas.

Os pilotos diziam ser esta terra de christãos, e a ella arribaram os nossos já tarde com muito vento. Perto da noite, porêm, viram uma ilha muito grande, jazendo ao norte, e n'esta diziam os pilotos que havia uma villa de christãos, e outra de mouros.

Dois dias depois deu o navio «S. Raphael» em sêcco em uns baixos, que estavam da terra firme duas leguas; e, como deu em sêcco, bradou aos outros que vinham detraz, os quaes, tanto que ouviram brados, pousaram d'elle um tiro de bombarda, e lançaram os bateis fóra; e, como foi baixa-mar, ficou o navio de todo em sêcco, e com os bateis lançaram muitas ancoras ao mar; e, como veio a maré do dia, que foi prea-mar, sahiu o navio, com que todos folgaram muito.

No sabbado, 7 do mez, vespera de Domingo

de Ramos, foram os nossos ao longo da costa, e viram umas ilhas, que estavam distantes da terra firme quinze leguas, e julgaram os nossos que ao outro dia iriam alli ouvir Missa com os Christãos, pois os Mouros assim o diziam.

Á meia-noite do dia seguinte vieram uns cem mouros armados, e quizeram entrar com as armas, mas o capitão-mór só consentiu que entrassem quatro ou cinco dos mais graduados d'elles, e estiveram umas duas horas com os Portuguezes. Desconfiou-se que vinham com o fim de verem se poderiam tomar aos nossos alguma embarcação. [1]

No Domingo de Ramos mandou o Rei de Mombaça ao capitão-mór um carneiro e muitas laranjas, cidrões e cannas d'assucar, e mandou-lhe um annel por seguro. E que se quizesse entrar que lhe daria tudo de que houvesse mistér. E vieram tambem dois homens muito alvos que diziam serem christãos, e aos Portuguezes effectivamente assim lhes parecia.

---

[1] *Roteiro*, pag. 38.

E o capitão-mór lhe mandou um ramal de coraes, e lhe mandou dizer que ao outro dia iria para dentro, e n'este mesmo dia ficaram no navio do capitão quatro mouros dos mais honrados.

E o capitão mandou dois homens ao rei d'esta cidade para mais confirmar suas pazes, os quaes como foram em terra, foi logo muita gente com elles até á porta do paço, e antes que chegassem ao Rei passaram por quatro portas, onde estavam quatro porteiros, cada um a sua porta, os quaes estavam com seus cutellos nús nas mãos. E, quando chegaram ao Rei, elle lhes fez muito gasalhado, e lhes mandou mostrar toda a cidade, os quaes foram ter a casa de dois mercadores christãos, e elles mostraram a estes dois homens uma carta que adoravam, em a qual estava debuxado o Espirito Santo. E, depois de tudo visto, o Rei mandou amostras de cravo, e pimenta, e gengibre, e de trigo tremez ao capitão, e que d'isto poderiam os Portuguezes carregar.

Á terça feira, ao levantar as ancoras para ir para dentro, o navio do capitão-mór não quiz

virar, e ia d'encontro a um que estava por pôpa. Tornaram então os nossos a lançar as ancoras. E em os navios estavam mouros, os quaes, depois que viram que os nossos não iam, recolheram-se em uma zavra; e, indo já por pôpa, os pilotos, que vieram de Moncobiquy com os nossos, lançaram-se á agua, e os da zavra os tomaram. E quando foi noite, o capitão-mór mandou pingar dois mouros, isto é, deitar pingos d'oleo ou resina a ferver, ou de metal derretido, sobre a pelle, para os obrigar a confessar por que tinha aquillo assim succedido.

Confessaram com effeito, que tinham tenção de tomar os Portuguezes, quando estivessem da parte de dentro, para se vingarem do que tinham praticado em Moncobiquy.

E quando os nossos iam para pingar um outro, que estava já com as mãos amarradas, atirou-se ao mar. E no quarto d'alva ainda um outro se arrojou ao mar.

Á meia-noite do seguinte dia vieram duas almadias com muitos homens, os quaes se lançaram a nado, e as almadias ficaram de largo, e se foram ao navio «Berrio», e outros vieram ao

«S. Raphael». E os que foram ao «Berrio» começaram de picar a amarra, e os que estavam vigiando cuidaram que eram toninhas e, depois que os conheceram, bradaram aos outros navios, e outros estavam já pegados nas cadeias da enxarcia de traquete do «S. Raphael», e, como foram sentidos, calaram-se, e desceram abaixo, e fugiram.

Junto d'esta cidade melhoraram todos os portuguezes doentes que estavam nas embarcações.

Os Portuguezes ainda se conservaram alli na quarta e quinta feira, e partiram pela manhan d'alli com pouco vento, e vieram ancorar a umas oito leguas de Mombaça, junto com a terra. E ao amanhecer viram dois barcos a obra de tres leguas, e foram logo para elles com o fim de os tomarem, pois desejavam haver pilotos, que os levassem aonde os nossos desejavam. E, quando foram horas de vespera, foram a um dos ditos barcos, e o tomaram, e o outro se acolheu para terra. No que foi tomado, acharam 17 homens, ouro, prata, muito milho e mantimento, e uma moça, mulher de um homem velho, mouro honrado, que alli vinha.

Apenas os Portuguezes se chegaram a estes, deitaram-se todos ao mar, e os nossos tiveram de os ir apanhar nos bateis.

No mesmo dia, ao sol-posto, lançaram ancora em um logar chamado Melinde, que dista de Mombaça trinta leguas.

No dia de Paschoa disseram os mouros captivos aos nossos que em Melinde estavam quatro navios de christãos, os quaes eram indios, e que, se os Portuguezes os quizessem alli levar, que dariam por si pilotos christãos, e tudo quanto fôsse mistér, tanto de carnes e agua, como de lenha e d'outras cousas. E o capitão-mór, que muito desejava haver pilotos d'aquella terra, foi pousar da villa meia legua de terra. Os da villa, porêm, nunca ousaram de vir aos navios, porque estavam já avisados, e sabiam que os nossos tomaram uma barca com os mouros.

Á segunda feira pela manhan mandou o capitão-mór pôr aquelle mouro velho em uma baixa, que está defronte da villa, e alli veio uma almadia por elle, o qual mouro foi dizer a El-Rei o que o capitão queria, e como folgaria de fazer

paz com elle. E, depois de jantar, veio o mouro em uma zavra, em a qual o rei d'aquella villa mandou um seu cavalleiro e um xerife, e mandou tres carneiros, e dizer ao capitão [1] que elle folgaria de haver paz entre elles, e estarem bem, e, que se lhe conviesse alguma cousa de sua terra, que lh'o daria de mui boa vontade, assim pilotos, como qualquer outra cousa. E o capitão-mór mandou dizer que ao outro dia iria para dentro do porto, e mandou-lhe logo pelos mensageiros um balandrau, e dois ramaes de coraes, e tres bacias, um chapeu, cascaveis, e dois lambés. [2]

Na terça feira chegaram-se os nossos mais para junto da villa, e El-Rei mandou ao capitão seis carneiros, e muitos cravos e cominhos, e gengibre, e noz muscada, e pimenta, e mandou-lhe dizer que na quarta feira que se queria ver com elle no mar. Que elle Rei viria na sua

---

1 *Roteiro*, pag. 43.

2 Julga Alexandre Herculano serem lençarias d'algodão listradas, que tinham então grande sahida para o nascente commercio d'Africa.

zavra, e que viesse elle capitão no seu batel.

Na quarta feira, depois de jantar, veio El-Rei em uma zavra até junto dos navios, e o capitão sahiu em o seu batel. Quando chegou onde El-Rei estava, chegou-se o Rei para o batel do capitão, e lhe rogou que fôsse com elle a sua casa folgar. Mas Vasco da Gama lhe respondeu que não trazia licença do seu senhor para ir a terra. E a isto acudiu o Rei: Que se elle aos seus navios fôsse, que conta daria de si ao seu povo, ou que diriam? Perguntou então que nome tinha o rei de Vasco da Gama, e o mandou escrever, accrescentando: Que, quando os Portuguezes por alli tornassem, que elle mandaria um embaixador ou escreveria.

Depois o capitão-mór entregou ao Rei todos os mouros que os nossos tinham nos navios captivos, e deu-lh'os todos. Com isto ficou o rei mouro muito contente, e disse: Que mais prezava aquillo, que lhe darem uma villa.

Andou o Rei depois folgando ao redor dos navios. Os Portuguezes dispararam muitas bombardas, com o que tambem ficou muito contente.

Depois de por alli se conservar obra de tres horas, quando se retirou deixou ficar no navio um seu filho e um xerife, e foram com elle a sua casa dois homens dos nossos, pois o Rei disse querer que fôssem ver os seus paços.

O Rei trazia uma opa de damasco forrada de setim verde, e uma touca na cabeça muito rica. Trazia tambem para se sentar duas cadeiras de bronze com seus coxins, e um toldo de setim carmesim redondo.

Na quinta feira foi o capitão-mór e Nicolau Coelho nos bateis com bombardas nas pôpas ao longo da villa. Por terra andavam muitos homens, e entre elles dois a cavallo escaramuçando, e folgando muito, segundo mostravam.

Foram n'umas andas buscar o Rei ao seu paço, e o trouxeram ao batel, onde estava o capitão-mór. A este tornou o Rei a pedir que fôsse a terra, pois tinha seu pae entrevado, que muito folgaria de o ver; e que elle o Rei e seus filhos iriam tambem estar nos seus navios. O capitão tornou a excusar-se.

N'aquelle sitio acharam os nossos quatro navios de christãos da India, os quaes mostraram ao capitão-mór um retabulo, em que estava Nossa Senhora com Jesus Christo nos braços ao pé da Cruz, e os Apostolos. E os Indios, quando viram este retabulo, lançavam-se no chão. Emquanto os nossos aqui estiveram, vinham os taes indios fazer suas orações, e traziam cravo, pimenta, e varias outras cousas para offerecerem. Eram aquelles indios homens baços, com barbas grandes, cabellos da cabeça muito compridos e entrançados: não comiam carne de boi, e alguns sabiam alguma cousa d'arabe.

Aquelle dia, em que o capitão-mór foi andar nos bateis por junto da cidade, dispararam das naus dos christãos indios muitas bombardas. E levantavam as mãos quando os viam passar, gritando com muita alegria:—*Christe! Christe!* E á noite tambem fizeram muita festa: lançavam foguetes, e faziam grandes gritarias.

Disseram, porêm, ainda estes indios ao capitão-mór, que não fôsse a terra, nem se fiasse nos seus tangeres, porque não diziam nem com os corações nem com as vontades.

No domingo, 22 d'Abril, veio a zavra d'El-Rei a bordo, onde vinha um seu privado, do qual o capitão-mór lançou mão, e mandou dizer a El-Rei lhe mandasse os pilotos, que lhe promettêra. E El-Rei lhe mandou logo um piloto christão; e o capitão deixou ir embora o privado, que tinha retido.

Estiveram pois nove dias em frente d'esta povoação, que se parecia com Alcochete, segundo o escriptor a quem vamos seguindo.

Sahiram, porêm, d'aqui a uma terça feira, 24 d'este mez, com o piloto, que o Rei tinha dado, em direcção a uma cidade chamada Calecut, aonde chegaram depois d'uma viagem muito trabalhosa. Os nossos fundearam a legua e meia distante da cidade. E vieram de terra em direcção aos navios portuguezes quatro barcos, com o fim de saber que gente era aquella d'extrangeiros.

No dia immediato tambem vieram; e o capitão-mór mandou um dos degradados a Calecut. Foi este degradado levado em terra á presença de dois mouros de Tunis, que sabiam falar castelhano e genovez.

E a primeira salva, que lhe deram, foi esta: [1]

— «Al diabro que te doo: quem te traxo aquà?»

E perguntaram-lhe que vinham os Portuguezes buscar tão longe?

E elle respondeu: — «Vimos buscar christãos e especiaria.»

Redarguiram: — «Porque non manda quà El-Rei de Castella, e El-Rei de França, e a Senhoria de Veneza?»

Respondeu-lhe: — Que El-Rei de Portugal não queria consentir que elles cá mandassem.

A isto exclamaram: — Que fazia bem!

Agasalharam-n'o então, deram-lhe de comer pão de trigo com mel.

E, depois de comer, veio para os navios, e veio com elle um d'aquelles mouros.

Este, depois que se viu nos navios, começou a exclamar: — *Buena ventura, buena ventura! Muitos rubins, muitas esmeraldas. Muitas gra-*

---

[1] *Roteiro* pag. 51. Os nossos estavam completamente enganados quando acreditaram haver alli povos christãos.

ças de dar a Deus por vos trazer a terra, onde ha tanta riqueza.

Os nossos estavam espantados do que ouviam, e custava-lhes a acreditar que tão longe de Portugal houvesse homem que entendesse a lingua d'elles.

Quando os nossos chegaram a Calecut, achava-se o rei d'esta terra a 15 leguas de distancia. Mandou, porêm, o capitão-mór áquelle logar dois homens para o informarem que um embaixador do Rei de Portugal estava alli com cartas do seu rei para lhe entregar. E, que se elle désse licença, que elle as levaria lá, onde elle estava.

O Rei, ao ouvir o recado do capitão-mór, fez mercê aos dois homens, que lh'o deram, de pannos muito bons. E mandou-lhe dizer que fôsse muito bem vindo, e que elle ia pôr-se immediatamente a caminho para Calecut. E de facto logo partiu acompanhado de muita gente.

E mandou na companhia dos dois homens um piloto para levar os nossos a um logar chamado Pandarany, por ser melhor porto do que o em que os nossos estavam ancorados. E os nos-

sos foram immediatamente para este ultimo logar.

Depois veio recado ao capitão-mór de que o Rei já tinha chegado á cidade, e mandou uma especie d'alcaide para o acompanhar á presença do Rei. Por ser tarde não quiz o capitão ir então.

Mas no dia immediato, 28 de Maio, foi o capitão falar com o Rei, e levou na sua companhia treze homens, muito bem ataviados. E levavam bombardas nos bateis, e trombetas, e muitas bandeiras. Em terra receberam o capitão com muito agasalho.

Em Calecut aposentaram o capitão em casa d'um homem honrado, e mandaram fazer de comer para os nossos, comer que consistiu em arroz com muita manteiga e muito bom pescado cozido.

O capitão-mór, porêm, não quiz comer.

Mas, depois que os nossos comeram, foi o capitão embarcar a um rio que alli havia perto, correndo entre o mar e a terra firme ao longo da costa. Depois de desembarcado, sentou-se o capitão-mór n'umas andas que lhe fizeram, e foi caminhando por meio d'um concurso extraordi-

nario de homens e de mulheres, até que chegou a uma egreja, onde havia as cousas seguintes[1]:

O corpo da egreja era do tamanho d'um mosteiro, todo lavrado de cantaria, telhado de ladrilho. Tinha á porta principal um padrão de arame, d'altura de um mastro, e em cima d'este mastro uma ave que parecia gallo, e outro padrão d'altura d'um homem, e muito grosso. E em o meio do corpo da egreja estava um coruchéo, todo de cantaria, e tinha uma porta, quanto um homem cabia, e uma escada de pedra, pela qual subiam a essa porta, a esta era de bronze, e dentro estava uma imagem pequena, a qual elles diziam que era Nossa Senhora, e deante da porta principal da egreja ao longo da parede estavam septe sinos pequenos. Aqui fez o capitão-mór oração, e os Portuguezes com elle. Mas seus companheiros não entraram na egreja. Mas deram-lhes um barro branco, que os Christãos d'esta terra costumavam pôr nas testas, nos peitos, derredor do pescoço, e em os buchos

[1] *Roteiro*, pag. 56.

dos braços. Toda esta ceremonia fizeram ao capitão, e lhe davam aquelle barro que puzesse. O capitão o tomou e o deu a guardar, dando a entender que depois o poria. E outros muitos santos estavam pintados pelas paredes da egreja, os quaes tinham diademas, e a sua pintura era em diversa maneira, porque os dentes eram tão grandes que sahiam da bocca uma pollegada, e cada santo tinha quatro e cinco braços, e abaixo d'esta egreja estava um grande tanque lavrado de cantaria, assim como muitos outros que pelo caminho os Portuguezes tinham visto.

Os nossos sahiram d'aqui, e á entrada da cidade os levaram a outra, a qual tinha essas mesmas cousas acima contadas. Aqui recresceu muito a gente, que ia vêr os Portuguezes, e não cabia pelo caminho. E, depois que foram por esta rua um grande pedaço, metteram o capitão em uma casa, e tambem alguns portuguezes com elle, por ser a gente muita.

Aqui mandou um irmão do *bale* [1], o qual era

---

[1] Diz o texto ser uma especie d'alcaide.

senhor n'esta terra, e vinha para ir com o capitão, e trazia muitos tambores e anafins e charamelas, e uma espingarda, a qual ia disparando adeante dos nossos; e tambem levavam o capitão com muito acatamento, tanto e mais do que se podia em Hespanha fazer a um rei.

A gente era tanta que não tinha conto, e os telhados e casas eram todos cheios, afóra a gente que com os nossos ia de roldão, entre a qual gente iriam, ao menos, dois mil homens d'armas.

Tanto que os nossos chegaram ao paço, vieram para o capitão homens muito honrados, e grandes senhores, afóra outros muitos que já iam com elle, e sería uma hora de sol.

Quando chegaram ao paço, entraram por uma porta a um terreiro muito grande e passaram por quatro portas antes de chegarem aonde El-Rei estava. Mas foi mistér descarregar muita pancada com o fim d'abrir caminho, pois era immensa a chusma que o impedia.

E quando os nossos chegaram á derradeira porta, aonde El-Rei estava, sahiu de dentro um velho, o qual era como um bispo, e o Rei se

regia por elle nas cousas relativas á egreja. Abraçou o capitão á entrada d'esta porta, onde havia tanto povo que até muitas pessoas ficaram feridas.

El Rei estava em um patim lançado de costas em uma camilha, a qual tinha estas cousas: um panno de velludo verde debaixo, e em cima um colchão muito bom, e em cima do colchão um panno d'algodão muito alvo e delgado, e almofadas. E tinha á mão esquerda uma copa d'ouro muito grande, d'altura d'um pote de meio almude, e era de largura de dois palmos na bocca, a qual era muito grossa ao parecer. Na talha lançava bagaço de umas hervas que os homens d'esta terra comem por causa da calma, á qual herva davam o nome de *atambor*. E da banda direita estava um bacio d'ouro, quanto um homem pudesse abranger com os braços, em o qual estavam aquellas hervas, e muitos gomis de prata, e o céo de cima era todo dourado. E, logo que o capitão entrou, fez sua reverencia, segundo o costume d'aquella terra, o qual é ajuntar as mãos e levantál-as para o céo, como costumam os Christãos ao levantar a Deus; e,

quando as levantavam, abriam-n'as, e cerravam os punhos mui depressa.

E elle acenou ao capitão com a mão direita, que se fôsse para debaixo d'aquelle cerrado, onde elle estava. Porêm o capitão não chegava a elle, por ser costume da terra não chegar nenhum homem ao Rei. Chegava porêm a elle um seu privado que lhe estava dando certas hervas, e, quando algum homem lhe falava, tinha a mão ante a bocca e estava arredado [1].

Logo que acenou ao capitão, olhou tambem para os Portuguezes que o seguiam, e mandou que se assentassem em um poial, perto d'elle, logar em que os via estar, mandou dar agua ás mãos, e trazer uma fructa que parecia melões, e outra que parecia figos, e sabía muito bem. O Rei estava vendo os Portuguezes comerem, e estava-se rindo para elles, e ao mesmo tempo falava com o seu privado, que estava á sua ilharga, e a quem dava a comer as mencionadas hervas. Depois d'isto olhou para o capitão,

---

[1] *Roteiro*, pag. 60.

que estava assentado defronte, e disse que falasse com aquelles homens, com que estava, que eram muito honrados, e que lhes dissesse o que elle quizesse, e que elles lh'o diriam.

Respondeu o capitão-mór ser embaixador d'El-Rei de Portugal, e que lhe trazia uma embaixada, e que a não havia de dar, salvo a elle.

Isto foi agradavel ao Rei, e logo o mandou levar dentro a uma camara. E, apenas estava lá dentro, levantou-se o Rei e foi para o capitão-mór; e os Portuguezes no logar que se achavam.

Sería isto ao sol-posto. E, logo que o Rei se levantou, foi logo um homem velho, que estava dentro n'aquelle patim, levantou a camilha, e a baixella ficou ahi.

El-Rei lançou-se n'uma camilha, na mesma casa em que estava o capitão-mór, e na camilha estavam muitos pannos lavrados de ouro, e perguntou ao capitão:—Que era o que elle queria?

E o capitão lhe disse ser um embaixador do Rei de Portugal, o qual era senhor de muita terra, e era mui rico de todas as cousas mais que nenhum rei d'aquellas partes, e que havia sessenta annos que os reis seus antecessores

mandavam cada anno navios a descobrir para aquellas paragens, por quanto sabiam que em aquellas partes havia reis christãos como elles, e que por este respeito mandavam a descobrir esta terra; e não porque lhes fôsse necessario ouro, nem prata, porque tinham tanto com avondança, que lhes não era necessario havel-o d'esta terra. Os quaes capitães iam e andavam em um anno e dois, até que lhes fallecia o mantimento, e, sem acharem nada, se tornavam para Portugal. E que um rei que se chamava D. Manuel lhe mandára fazer estes tres navios, e o mandára por capitão-mór d'elles, e lhe dissera que não se tornasse elle para Portugal até que lhe não descobrisse este rei dos christãos, e que se se tornasse lhe mandaria cortar a cabeça, e, que se o achasse, que lhe désse duas cartas, as quaes cartas elle lhe daria ao outro dia, e que assim lhe manda dizer por palavras que elle era seu irmão e amigo.

O Rei respondeu: — Que fôsse elle bem vindo, e que assim o havia a elle por irmão e amigo, e que elle lhe mandaria embaixadores a Portugal com elle.

A isto acudiu Vasco da Gama dizendo: — Que elle capitão assim lh'o pedia de mercê, porquanto não ousaria elle apparecer perante El-Rei, seu senhor, sem que levasse alguns homens da sua terra.

Estas cousas passaram ambos dentro n'aquella camara. E, por ser já muito tarde, El-Rei, perguntou-lhe: — Com quem queria elle pousar? com Christãos ou com Mouros?

E o capitão deu em resposta: — Que nem com Christãos, nem com Mouros; e que lhe pedia por mercê lhe mandasse dar uma pousada separada, em que não estivesse ninguem.

El-Rei deu em resposta que assim mandaria; e a isto se despediu o capitão, e veio ter com os Portuguezes, n'uma grande varanda, onde estava um grande castiçal de bronze, que alumiava os Portuguezes, seriam já então umas quatro horas da noite.

Foram todos então caminho da pousada, e com os nossos vinha gente infinda. Era tanta a agua da chuva que as ruas estavam cheias. O capitão vinha ás costas de seis homens. E os Portuguezes andaram tanto pela cidade que o

capitão se enfadou, e se queixou d'isso a um mouro, feitor d'El-Rei, o qual estava encarregado de o aposentar.

O mouro levou-o a sua casa, a um terreiro, que estava dentro n'ella, em o qual estava um estrado coberto de ladrilho, onde estavam muitas alcatifas extendidas, e dois castiçaes d'aquelles d'El-Rei, muito grandes. Estavam accesos uns candieiros grandes de ferro, com azeite,ou manteiga; e estavam quatro torcidas, que n'aquelle tempo chamavam *matullas*, em cada candieiro, as quaes davam muita luz. Estes mesmos candieiros costumavam elles trazer nas mãos, como se fossem tochas. E aquelle mouro mandou tambem trazer alli um cavallo para o capitão ir á pousada, e vinha sem sella. Porêm n'elle não quiz o capitão cavalgar.

Foram então os nossos caminho da pousada, onde estavam já, quando os Portuguezes lá chegaram, certos homens dos nossos com a cama do capitão, e outro muito fato que o capitão levava.

E na terça feira já o capitão tinha estas cousas para levar a El-Rei: 12 lambés, 4 capuzes de grãa, 6 chapéos, 4 ramaes de coral, um fardo

de bacias em que havia 6 peças, 1 caixa d'assucar, 4 barris cheios (2 d'azeite e 2 de mel).

E—porque alli era costume não levar ao Rei cousa alguma sem primeiro a mostrarem áquelle mouro, seu feitor, e depois ao catual, — quando o capitão lh'o participou, vieram e começaram a rir-se d'aquelle serviço, dizendo que era aquillo nada para se mandar ao Rei: e que o mais pobre mercador que vinha de Mecca ou das Indias lhe dava mais que aquillo. Que, se lhe queria fazer serviço, lhe mandasse algum ouro, porque El-Rei não havia de tomar aquillo.

E o capitão ao ouvir isto ficou triste, e disse: — Que não trazia ouro, nem era mercador, mas sim embaixador. Que d'aquillo que trazia, d'aquillo lhe dava: o que era seu, e não d'El-Rei. Porêm, quando El-Rei de Portugal tornasse alli a mandar, então lhe enviaria outras muitas cousas, e muito mais ricas. Que se elle Samorim (*designação vulgar dos Reis de Calecut*) aquillo não quizesse, que elle o levaria para os navios. Elles, porêm, responderam: — Que nem lh'o haviam de levar, nem consentir que lh'o levassem. E todos os Mouros ficaram des-

prezando aquelles presentes que o capitão quizera mandar ao Rei.

O capitão, vista sua determinação em como não podia já mandar aquillo, disse, que, visto não quererem elles que mandasse este serviço a elle Rei, que lhe queria ir falar, e que se queria tornar para seus navios. A isto responderam:—Que era bem, mas que os esperassem alli um pouco, que depressa voltariam, e que então iriam com elle ao paço. O capitão esperou por elles todo aquelle dia, mas não appareceram.

Estava por isso o capitão muito apaixonado, por se ver entre homens de tão pouca palavra, e quizera ir ao paço sem elles; mas houve por melhor esperar por elles até ao dia seguinte.

Na quarta feira pela manhan chegaram finalmente os Mouros, e levaram o capitão ao paço.

Aqui encontraram os nossos muita gente armada, e o capitão esteve com os que o levaram junto a uma porta, que lhe não abriam. Porfim o Rei mandou ordem para abrirem a porta, e para que só dois dos nossos entrassem. E por isso escolhesse o capitão-mór os dois que quizesse levar comsigo.

E o capitão disse querer levar Fernão Martins, como lingua, e o seu escrivão.

E, quando foi na presença do Rei, disse-lhe este: — Que esperára que na terça feira o fôsse vêr.

A isto acudiu o capitão: — Que ficára muito fatigado do caminho, e por isso o não fôra vêr.

Replicou o Rei:—Que elle capitão lhe disséra ser d'um reino muito rico, mas que d'elle lhe não trouxéra nada. E tambem disséra — trazer uma carta, que ainda não apresentára.

Respondeu o capitão:—Que verdade era nada trazer, porque elle não vinha senão a vêr e descobrir. Mas, quando alli tornassem outros navios, veria o que lhe traziam. Que emquanto á carta dentro em pouco lh'a daria.

Acudiu então o Rei: — A que vinha a elle? A descobrir pedras, ou a descobrir homens? Se vinha a descobrir homens, como dizia, porque não lhes trazia alguma cousa? Alêm do que, ouvíra dizer que elle trazia uma SANTA MARIA d'ouro.

Vasco da Gama respondeu: — Que a Santa Maria que elle trazia, não era d'ouro: porêm, mesmo que fosse d'ouro, lh'a não daria, por

quanto ella o trazia pelo mar, e o trouxera a sua terra.

Depois pediu El-Rei que lhe entregasse a carta que trazia para elle.

Pediu então o capitão ao Rei :—Que visto os Mouros quererem mal a elle capitão, e não lhe haverem de dizer senão o contrario, que mandasse chamar um christão que soubesse a aravia (*linguagem*) dos Mouros.

Annuiu o Rei, e logo mandou chamar um rapaz, a quem chamavam Quaram.

Disse então o capitão que trazia duas cartas: uma escripta em sua linguagem, e outra em mourisco. Que a que vinha em linguagem, elle a entendia muito bem, e que sabía vinha muito boa, e que a outra elle não a entendia; e que, assim como podia vir boa, assim podia vir alguma coisa errada.

E, porque o christão não sabia ler mourisco, tomaram quatro mouros a carta, e leram-n'a entre si, e depois vieram-n'a ler ante El-Rei, da qual carta o Rei ficou contente, e perguntou ao capitão :—Que mercadorias havia na sua terra? Respondeu:—Que havia muito trigo, muitos pan-

nos, muito ferro, muito cobre e varias outras coisas.

Perguntou-lhe o Rei:—Se trazia alguma mercadoria?

Respondeu que de todas trazia um pouco para amostra, e que lhe désse licença para vir aos navios para a mandar pôr fóra, e que ficariam na pousada quatro ou cinco homens.

Disse El-Rei, que não; que se fôsse elle embora, levasse todos os homens comsigo, e que mandasse amarrar mui bem os seus navios, que trouxesse sua mercadoria para terra, e a vendesse o melhor que pudesse.

E despedido o capitão, d'El-Rei, veio este para a pousada. E, quando veio a quinta feira pela manhan trouxeram ao capitão um cavallo sem sella, e o capitão não quiz montar n'elle; e disse lhe trouxessem um cavallo da terra, que são as andas, pois não havia de montar em cavallo sem sella.

Levaram-n'o, porfim, a casa de um mercador muito rico, o qual mandou fazer umas andas, e n'ellas o capitão se poz a caminho para Pandarany, onde estavam os navios. Os Portu-

guezes, porêm, demoraram-se pelo caminho e perderam-se no sertão. Mas, quando chegaram a Pandarany, acharam o capitão n'uma estalagem.

Os Mouros entraram então a fazer algumas desfeitas aos nossos, e a patentearem má vontade aos nossos, a ponto de quando qualquer Portuguez ia a terra cuspiam no chão e diziam:
— Portugal! Portugal!

E ainda que elles de principio logo buscaram maneira de matarem os nossos, quando o capitão, que a mercadoria não estava em logar que se vendesse, fel-o logo saber a El-Rei, e como a queria mandar a Calecut para alli se vender.

Tanto que o Rei ouviu este recado do capitão, mandou logo ao catual tomasse muita gente que a pudesse toda levar ás costas para Calecut, e que a pagassem á sua custa dizendo que nenhuma coisa d'El-Rei de Portugal havia de fazer despeza em sua terra. E tudo isto era com o fim de fazer algum mal aos Portuguezes, pois lhe tinham ido dizer que os nossos eram ladrões, e andavam a furtar.

N'um domingo, 24 de Junho, foi a mercado-

ria para Calecut, e ordenou o capitão que toda a gente fôsse alli da seguinte maneira : que fôsse de cada navio seu homem, e, quando aquelles viessem, que fôssem outros. E d'esta maneira cada um poderia ir ver a cidade, e cada um compraria o que quizesse.

Estes, quando iam pelo caminho, recebiam de toda a gente christan muito agasalho, folgando muito todos quando algum ia a sua casa a comer ou dormir, e de tudo o que tinham lhe davam com muito boa vontade.

Vinham tambem muitos homens aos navios vender pescado por pão, e de nós recebiam muito boa companhia. E outros muitos vinham com os filhos e moços pequenos, e o capitão lhes mandou dar de comer. Tudo isto se fazia para se travar paz e amizade com elles, para que de nós dissessem bem, e não mal. E eram estes tão numerosos, que já nos aborreciamos d'elles; e ás vezes era noite cerrada, e não os podiamos deitar fóra dos navios, o que era devido a ser muita a gente, e os mantimentos mui poucos. E se porventura acontecia que alguns dos nossos iam carregar suas vélas, e levavam

biscoitos para comerem, eram tantos sobre elles, assim rapazes como de gente crescida, que lh'os tiravam das mãos, e os nossos ficavam sem terem de comer.

Foram todos quantos estavam nos navios, a dois e dois, e tres e tres; e uns levavam manilhas, roupa de vestir, estanho e camisas, e vendiam, posto que não vendessem tão bem, como os nossos esperavam vender na chegada do Rei. E os nossos compravam tambem cravo, cannela e pedras finas; e, depois de ter comprado o que cada um queria, vinha para os navios sem que alguem lhe dissesse coisa alguma.

E, vendo o capitão como esta gente era tão boa, determinou deixar n'esta terra um feitor com mercadoria, e um escrivão com elle, e tambem alguns homens.

E, chegado o tempo de nos retirarmos d'alli, mandou o capitão-mór um serviço d'alambres a El-Rei, e tambem lhe mandou coraes, e muitas outras coisas, e mandou-lhe dizer que elle se queria voltar para a Europa. Se queria mandar alguns homens a El-Rei de Portugal? E que deixaria alli um feitor e um escrivão com

alguns homens com mercadoria; e que pedia que elle mandasse a El-Rei, seu senhor, um bagar de cannela e outro de cravo, e tambem de qualquer outra especiaria que quizesse, por amostra, e que o feitor lhe pagaria, se elle quizesse.

Depois que este recado do capitão chegou onde El-Rei estava,—primeiro que lhe pudesse falar, se passaram quatro dias; e, quando o que este recado levava, entrou onde El-Rei estava, este o olhou com mau semblante, e lhe perguntou que queria, e elle lhe deu o recado do capitão da maneira acima escripta. Disse El-Rei que aquillo que lhe levava, que o dessem ao feitor, e não o quiz vêr. E mandou que dissessem ao capitão, que pois se queria retirar, que lhe désse seiscentos xerafins, e que se fôsse embora, pois assim era o costume d'aquella terra, e dos que a ella vinham.

Respondeu então Diogo Dias que elle tornaria com aquella resposta ao capitão. E, assim que elle partiu, partiram tambem certos homens com elle; e, como foram na casa, onde estava a mercadoria em Calecut, metteram homens dentro

com elles, que os guardavam, para não sahirem, e mandaram tambem apregoar logo por toda a cidade que nenhuma barca fôsse a bordo dos navios. E, como viram que estavam presos, mandaram um moço negro, que com elles estava, que fòsse ver ao longo da costa, se acharia quem o trouxesse aos navios, e que dissesse como eram presos por mandado d'El-Rei. E elle foi ao cabo da cidade, onde moravam uns pescadores, e um d'elles o trouxe por tres fanões. E, porque os podiam vêr da cidade, logo se partiu sem mais tardança n'uma segunda feira 13 d'Agosto de 1498.

Todos então ficaram muito tristes, — pois bem sabiam o mal que dos nossos diziam os mercadores de Mecca e d'outras muitas partes, que eramos ladrões, e que comnosco nada havia de lucrar, e que nós nunca lhe haviamos de dar nada, pelo contrario que lh'o haviamos de tirar, — e faziam todas as diligencias para que o rei tomasse os Portuguezes, e estes não voltassem a Portugal.

No dia seguinte não veio barca nenhuma aos navios. Mas ao outro dia veio uma almadia com

quatro moços, trazendo pedras finas a vender; e o capitão, embora desconfiasse d'elles, fez-lhes comtudo agasalho, e por elles escreveu uma carta aos que estavam em terra. Nos dias seguintes continuaram a vir, e os Portuguezes davam-lhes de comer. No domingo vieram uns 25 homens, entre os quaes uns seis mais notaveis. O capitão vendo que por aquelles lhe poderiam dar os nossos homens, que estavam em terra presos e retidos, lançou mão d'elles, e dos outros mais somenos tomou doze. Tomou, pois, dezenove ao todo; e aos outros que ficaram, mandou-os em uma das suas barcas a terra, — e mandou por elles uma carta ao mouro, feitor d'ElRei, em que lhe dizia: Que lhe mandasse os homens que tinha presos, e que elle lhe mandaria aos que tomára. E, quando elles viram que lhes tinham prendido homens, mandaram logo muita gente por elles a casa da mercadoria e trouxeram-n'os a casa do feitor não lhes fazendo mal algum. [1]

[1] *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* : pag. 82.

Na quarta feira, 23 do corrente mez fizeram-se os nossos de véla, dizendo que se retiravam para Portugal, e que esperavam que mui cedo tornariam, e então elles saberiam se os Portuguezes eram ladrões. E foram os nossos pousar a obra de quatro leguas de Calecut por causa do vento que era d'avante; mas depois tornaram na volta do mar, e pousaram á vista da cidade.

E ao domingo, estando ancorados esperando a viração, veio uma barca do pégo, que fôra em busca dos Portuguezes, e disse que Diogo Dias estava em casa d'El-Rei, e que, elles ficavam de o trazerem a bordo. E o capitão, parecendo-lhe que os teriam mortos, e que o que diziam sería para os deterem até que armassem contra os Portuguezes, ou viessem náus de Mecca, que os tomassem, lhes disse que fôssem, e que não viessem mais a bordo sem lhe trazerem os seus, ou cartas suas, e que lhes mandaria disparar as bombardas; e, que se logo não tornassem com o recado, que elle esperava cortar as cabeças áquelles, que elle tomára.

Quando foram novas a El-Rei queos nossos

tinham partido para Portugal, mandou chamar a Diogo Dias, e fez-lhe grande agasalho, não lh'o tendo feito d'antes, perguntando-lhe:—Porque tomára o capitão aquelles homens? A isto respondeu Dias: — Porque não quizera que elles se fôssem para seus navios, e que os retivera na cidade presos. Disse El-Rei que fizera bem, e tornou a perguntar: — Se lhe pedíra o feitor alguma coisa? Querendo dar a entender que elle não sabia parte do que elle tinha feito; mas que o feitor o fizera por lhe dar alguma coisa, dizendo para o feitor: — Não sabe elle, que ha pouco tempo que eu matei outro feitor; porque levou peitas a uns mercadores que a esta terra vieram? Disse mais o Rei: — «Tu vae e esses outros que ahi estam comtigo aos navios, e dize ao capitão me mande esses homens que tem, e que o padrão que me mandou dizer queria pôr em terra, que os que te levarem, o tragam e ponham, e mais que tu fiques em esta terra com a mercadoria». E mandou outrosim uma carta ao capitão para a entregar ao Rei de Portugal, escripta por mão de Pedro Dias em uma folha de palmeira, na qual se lia o seguin-

te: — «Vasco da Gama, fidalgo de vossa casa veio a minha terra, com o qual eu folguei. Em minha terra ha muita cannela e muito cravo, e gengibre, e pimenta, e muitas pedras preciosas; e o que eu quero da tua é ouro, e prata, e coral e escrallata.»

Na segunda feira 27, pela manhan, vieram septe barcas, em as quaes vinha muita gente, e traziam Diogo Dias e outro que com elle estava; e, não ousando pol-o a bordo, largaram-n'o em a barca do capitão que vinha ainda por pôpa, e não traziam a mercadoria cuidando que o dito Diogo Dias tornasse a terra. E, tanto que o capitão os viu em o navio, não quiz que tornassem mais a terra, e deu o padrão aos da barca, como El-Rei mandára, e deu por elles seis homens os mais honrados que elle tinha, ficando outros tantos, e disse que no outro dia lhe trouxessem a mercadoria, e que logo daria os outros que ficavam.

Terça feira, estando os nossos a descansar pela manhan, veio aos navios ter com os nossos um mercador de Tunis, que entendeu os Portuguezes, dizendo-lhes que lhe tomaram quanto

tinha, e que não sabia se ainda lhe fariam mais mal; que os da terra diziam que elle era christão, e que viera a Calecut por mandado d'El-Rei de Portugal, pelo que antes queria vir com os nossos, do que ficar em terra, onde espera todos os dias que o matassem. E, quando foram 10 horas, chegaram septe barcas com muita gente; e tres d'ellas traziam lambés, d'aquelles que ficaram em terra, dando a entender que alli traziam a mercadoria toda; estas tres chegaram-se aos navios, e as outras quatro ficavam ao largo, e diziam que puzessemos os homens em a nossa barca, e que elles poriam a mercadoria n'ella, e que tomariam seus homens. Os nossos porêm conheceram a velhacaria [1], e o capitão-mór lhes disse que se retirassem, que não queria mercadorias, mas sim levar os homens para Portugal, e que os aguardassem bem que elle esperava cedo tornar a Calecut, e que então saberiam se eram ladrões, como os Mouros lhes disseram.

---

[1] *Rapozia* diz o original (a pag. 86).

Na quarta feira 29, resolveu o capitão-mór retirar-se, e trazer aquelles homens que tinha, porque aquelles, tornando a Calecut, fariam com que as pazes se fizessem; e logo se fez de véla em caminho para Portugal. No dia 15 de Septembro lançaram ao mar um batel, e n'elle foram erigir um padrão na costa, ao qual deram o nome de *Padrão de Santa Maria*, pois o Rei D. Manuel tinha ordenado que erigissem tres padrões com os nomes de *S. Raphael*, *S. Gabriel e Santa Maria:*

Na quinta feira, 19 do dito mez, desembarcaram os nossos para fazerem aguada e tomar lenha, e encontraram os nossos um mancebo que foi mostrar por dentro de um rio uma aguada muito boa, que nascia entre penedos. E a este homem deu o capitão-mór um barrete, e perguntou-lhe se era christão ou mouro. Respondeu ser christão, e pareceu ficar muito contente quando os nossos lhe disseram que tambem eram christãos.

Na sexta feira, 20 do referido mez, veio uma almadia com quatro homens, os quaes trouxeram muitas aboboras e pepinos, e aos quaes

perguntou o capitão-mór se havia alli alguma especiaria? Responderam que havia muita cannela. E mandou logo o capitão com elles dois homens a terra para lhe trazerem amostra d'ella. E foram ter a uma matta, em que havia infindas arvores d'ella, das quaes cortaram dois grandes ramos com suas folhas, e vieram para o capitão accompanhados d'uns vinte homens, que touxeram muitas gallinhas, leite de vaccas, e aboboras, e disseram ao capitão que mandasse com elles aquelles dois homens, porque elles tinham alli muita cannela sêcca, e que a iriam ver, e trariam amostra d'ella. Ficaram elles de vir no outro dia aos navios, e de trazerem ao capitão vaccas, porcos, e gallinhas. No outro dia porêm viram os nossos, a duas leguas de distancia, uns dois barcaços, aos quaes nenhuma attenção prestaram. Mas depois entrou o capitão-mór a ter desconfianças, e mandou que fôssem ver que barcaços eram aquelles. Mandou que primeiramente fôssem comer, e que depois fôssem ver se aquelles barcos eram de mouros ou de christãos. E depois mandou subir um marinheiro á gavea para ver o que descobria.

E este veio dizer que a umas seis leguas de distancia se avistavam oito naus, as quaes estavam em calmaria. Acabada porêm a calmaria, vieram elles chegando-se para os Portuguezes, e os nossos tambem se foram aproximando d'elles. Elles porêm trataram de se pôrem a salvo. Mas no dia seguinte veio um homem que disse serem aquellas embarcações de Calecut, e que, se tivessem alcançado os Portuguezes, matariam a todos.

Livre Vasco da Gama d'este perigo, vio a sua gente accommettida d'outro bem terrivel, o escorbuto. O *Roteiro* diz (a pag. 100): «Andámos tanto tempo em esta travessa, que tres mezes menos tres dias gastámos n'ella; isto com muitas calmarias e ventos contrarios que em ella achámos, de maneira que nos adoeceu toda a gente das gengivas, que lhes cresciam sobre os dentes em tal maneira que não podiam comer, e isso mesmo lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo, de guisa que lavravam um homem tanto até que morria sem ter outra nenhuma doença; da qual nos morreram em o dito tempo trinta homens, afó-

ra outros tantos que já eram mortos, e os que navegavam em cada nau seriam septe ou oito homens, e estes não eram ainda sãos como haviam de ser, do que vos afirmo que, se nos mais durara aquelle tempo quinze dias, andaramos por esse mar atravez, que non ouvera hi quem navegara os navios.» Em summa as coisas tinham chegado a ponto que tinham os nossos deliberado arribar á India, o que não fizeram por sobrevir o vento que em seis dias os levou a terra, e então começaram a recuperar a saude. A terra a que chegaram, a 2 de Fevereiro, era Magadoxo, que o *Roteiro* diz ser uma cidade muito grande, e de casarias sobradadas, tendo no meio uns grandes poços, e em redor da cidade quatro torres.

De Pate sahiram tambem contra os nossos umas oito barcas com gente, as quaes foram afugentadas a tiro de bombarda; porêm a falta de vento fez com que os nossos não pudessem ir atraz d'elles.

Na segunda, 9, achavam-se perto de Melinde. O rei da terra mandou aos Portuguezes carneiros, e mandou dizer ao capitão-mór, que fôsse

elle bem vindo, que já havia dias esperava por elle. E o capitão mandou com estes, que vieram, um homem a terra para no outro dia trazer laranjas, que muito desejavam os doentes. E com effeito as trouxe logo com outras muitas fructas, posto que não aproveitaram aos doentes, que a terra os apalpou de tal maneira que muitos se finaram. E vinham tambem muitos mouros a bordo por mandado do Rei, trazendo muitas gallinhas e ovos. E o capitão, vendo como nos fazia tanta honra, mandou-lhe um serviço, e dizer, por um dos nossos que sabia falar aravia [1], que lhe pedia lhe désse uma buzina de marfim para trazer a El-Rei, seu senhor, e que lhe mandasse pôr um padrão em terra, que ficasse em signal d'amizade.

O Rei deu em resposta : Que era muito contente de fazer tudo aquillo, que elle dizia, por amor d'El-Rei de Portugal, a quem elle desejava de servir, e ser sempre ao seu serviço, como de feito logo mandou a buzina ao capitão,

[1] *Roteiro*, pag. 104.

e mandou levar o padrão para terra. E enviou tambem um mouro mancebo para vir com os nossos, que queria ver Portugal, o qual mouro El-Rei mandou muito recommendar ao capitão, e bem assim lhe mandou dizer que elle mandava aquelle mancebo para que El-Rei de Portugal soubesse quanto elle desejava sua amizade.

N'este logar estiveram os nossos cinco dias, folgando e descansando de quanto trabalho tinham passado, na travessia, onde todos estiveram a ponto de morrer.

N'uma sexta feira pela manhan seguiram a viagem, e quando veio ao sabbado, 12 do dito mez, passaram por junto de Mombaça, e ao domingo fôram pousar nos baixos de S. Raphael, onde lançaram fogo ao navio d'este nome, pois se tornava impossivel navegarem tres navios com tão pouca gente, como era a dos Portuguezes. Estiveram aqui cinco dias, aonde traziam aos nossos d'uma villa que ficava defronte, chamada Tamugata, muitas gallinhas para venderem e para resgatarem por manilhas e por camisas.

E n'um domingo partiram d'aqui com muito bom vento; e, quando foi manhan, acharam-se

junto d'uma ilha chamada Jangiber. No primeiro de fevereiro passaram perto das ilhas de S. Jorge em Mocombiquy. No outro dia pela manhan dirigiram-se á ilha, onde á ida se tinha dito Missa, para erigir um padrão. Mas foi tanta a chuva, que nunca se poude fazer fogo para derreterem chumbo para lhe porêm a cruz, e assim ficou sem ella.

A 3 de Março chegaram os Portuguezes á Angra de S. Braz, e d'aqui sahiram no dia 12. No dia 20 passaram pelo Cabo da Boa Esperança, o que tambem é confirmado por Damião de Goes [1]. A 25 d'Abril estavam perto da ilha de S. Thiago, paragem onde Nicolau Coelho, por causa d'um temporal se apartou de Vasco da Gama, sem o mais poder vêr. Este, rota abatida, navegou para o Reino, e chegou a Cascaes a 10 de Julho de 1499. Por este teve D. Manuel as primeiras noticias do que se passou na descoberta da India.

[1] *Chronica d'El-Rei D. Manuel* — Primeira parte, cap. 44.

Vasco da Gama, porêm, foi ter á ilha de S. Thiago, e alli fretou uma caravella para trazer a Portugal seu irmão Paulo da Gama, que estava muitissimo doente, dando o commando do navio em que Vasco da Gama tinha vindo, a João de Sá. Como, porêm, a doença de Paulo da Gama ia em crescimento, viu-se o grande descobridor da India obrigado a arribar á ilha Terceira, onde Paulo falleceu. Eis porque Vasco da Gama se demorou algum tempo n'esta ilha, na qual mandou enterrar seu irmão no mosteiro de S. Francisco, e depois fez-se de véla para Lisboa, aonde chegou no dia 29 de Agosto, perfazendo dois annos e quasi dois mezes depois da sua sahida de Lisboa para a India, com 148 homens, conforme diz Goes, dos quaes apenas 55 voltaram a Portugal.

El-Rei, como remuneração de tão grandes serviços, deu-lhe o titulo de *Dom* para elle, seus irmãos e descendentes, e o fez almirante da India e Conde da Vidigueira. A Nicolau Coelho fez fidalgo da sua casa; e a todos que voltaram fez mercês.

XI

Em 1500 foi Pedro Alvares Cabral enviado á India com uma esquadra de 13 naus. Sahindo de Lisboa a 9 de Março, foi arrojado a uma costa desconhecida ao sudoeste, a qual avistou a 22 d'Abril, e n'esse dia surgiu a cousa de 6 leguas da terra.

Nas instrucções escriptas que recebeu, fôra-lhe recommendado que na altura de Guiné se afastasse, quanto pudesse, da Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas. Obediente a essas instrucções que haviam sido redigidas pelas insinuações de Gama, Cabral se foi amarando d'Africa; e, naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanas, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem, aos 22 d'Abril, avistou a loéste terra desconhecida. O que d'esta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constando só de 12 embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma d'ellas, foi um alto monte, que, em attenção á festa da Paschoa, que se acabava de

solemnizar a bordo, foi chamado *Paschoal*, nome que ainda conserva.

A esquadra approximou-se da costa no dia immediato. O capitão-mór mandou um batel a terra, o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados esforços os dos intereprets de linguas indianas e asiaticas que iam no batel para se fazerem entender! Assim o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções.

E que differença entre o Brazil d'aquelle tempo e o de hoje!

«O nosso capitão-mór mandou[1] deitar fóra um batel para ver que povos eram aquelles; e os que n'elle fôram, acharam uma gente parda, bem disposta, com cabellos compridos; andavam todos nús sem vergonha alguma, e

[1] *Navegação do capitão Pedro Alvares Cabral*, escripto por um portuguez. No vol. II da *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas.* Lisboa. 1867.

cada um d'elles trazia aquelle seu arco com frechas, como quem estava alli para defender aquelle rio: não havia ninguem na armada que entendesse a sua linguagem, de sorte que vendo isto os dos bateis tornaram para Pedro Alvares, e no entanto se fez noute, e se levantou com ella um mui rijo temporal. Na manhan seguinte escorremos com elle a costa para o norte, estando o vento sueste, ate vêr se achavamos algum porto, aonde nos pudessemos abrigar e surgir; finalmente achámos um, aonde ancorámos, e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavam pescando nas suas barcas: um dos nossos bateis foi ter aonde elles estavam, e apanhou dois que trouxe ao capitão-mór para saber que gente eram, porêm não se entendiam por falas nem mesmo por acenos; e assim, tendo-os retido uma noute comsigo, os pôz em terra no dia seguinte, com uma camisa, um vestido e um barrete vermelho, com o que ficaram muito contentes, e maravilhados das cousas, que lhes havião sido mostradas. N'aquelle mesmo dia, que era no oitavo da Paschoa, a 26 d'Abril, determinou o capitão-mór de ouvir Missa; e assim

mandou armar uma tenda n'aquella praia, e debaixo d'ella um altar; e toda a gente da armada assistiu tanto á Missa, como á prégação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavam e tangiam nos seus instrumentos; logo que se acabou, voltámos aos navios, e aquelles homens entravão no mar até aos peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias. Depois de jantar tornou á terra o capitão mór, e a gente da armada para espairecer com elles; e achámos n'este logar um rio d'agua doce. Pela volta da tarde tornámos ás naus, e no dia seguinte determinou-se fazer aguada e tomar lenha; pelo que fômos todos a terra, e os naturaes vieram comnosco para ajudar-nos. Alguns dos nossos caminharam até uma povoação, onde elles habitavam, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão que alli usam, e algum arroz, dando-lhe os da armada cascaveis e folhas de papel em troca do que recebiam. Estivemos n'estes logares cinco ou seis dias: os homens, como já dissemos, são baços, andam nús sem vergonha, teem os seus cabellos grandes, e a bar-

ba pellada: as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul ou vermelho; trazem o beiço de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande como um prégo: outros trazem uma pedra azul ou verde, e assobiam pelo ditos buracos: as mulheres andam egualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira, cobertas de folhas e ramos d'arvores, com muitas columnas de pau pelo meio, e entre ellas e as paredes pregam redes de algodão, nas quaes pode estar um homem; e de cada uma d'estas redes fazem um fogo, de modo que n'uma só casa pode haver quarenta ou cincoenta leitos armados a modo de teares. N'esta terra não vimos ferro, nem algum outro metal, e cortam as madeiras com uma pedra. Teem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas côres, entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeus e barretes de que usam.»

Tal era, ha tres seculos e meio, o Brazil, — hoje potentissimo, amplissimo, e riquissimo im-

perio, cuja civilização foi devida a nossos maiores! De barbarissimos tornaram-se civilisadissimos, e na lingua de Camões cantam seus poetas poesias ás vezes majestosissimas e dulcissimas, Já no principio do corrente seculo o francez Ferdinand Denis escreveu um appendice de 112 paginas ácerca da *Litteratura Brazileira* no fim da sua *Historia Litteraria de Portugal* (Paris, 1826). Esta, porêm, ha medrado d'um modo espantoso, pois a *Historia da Litteratura Brazileira* por Ferdinand Wolf, estampada em Berlin no anno de 1863 abrange 592 pag. in-8.° grande. O Curso, porêm, de Litteratura Portugueza e Brazileira, composto por Francisco Sotero dos Reis, e dado á luz no Maranhão no anno de 1866, comprehende 1:471 paginas.

XII

N'este mesmo anno de 1500, Gaspar Côrte-Real, tentou examinar os confins da America Septentrional, e descobrir o caminho para a India pelo polo arctico. Sahiu do Tejo, na prima-

vera, com dois navios, e chegou até alêm dos 60° de latitude-norte. Descobriu e correu toda a costa do Labrador, que se ficou chamando Terra de Côrte-Real.

Em summa as descobertas e conquistas dos nossos eram incessantes. Descobriram a Terra Nova, a ilha da Ascenção, a de Santa Helena, e a terra dos Patagões.

Em 1502 tornou Vasco da Gama á India. Fez tributario o Rei de Quilôa, fez tratados commerciaes com o Rei de Cochim e o de Cananor. castigou a perfidia do regulo de Calecut. E, chegando a Lisboa em 1503, apresentou o ouro do tributo de Quilôa, ouro com o qual D. Manoel mandou fazer a celebre custodia de Belem.

Antonio de Saldanha deu seu nome á aguada proxima do Cabo de Boa Esperança.

Francisco d'Albuquerque restituiu El-Rei de Cochim a seus Estados, dos quaes havia sido expulso. Fundou em Cochim a primeira fortaleza que tivemos na India, e alli desceu para defender o Rei ao famoso Duarte Pacheco Pereira, guerreiro e escriptor.

Affonso d'Albuquerque, cujo nome, é conhe

cido em todo o orbe, entrou em Coulão, assentou paz e amizade com o Rei, e alli estabeleceu feitoria.

Ruy Lourenço Ravasco fez tributarios os reis de Zanzibar e de Mombaça.

Por este tempo (1504) começou o Sultão do Egypto a publicar que havia de destruir a «casa santa» de Jerusalem, o Sepulcro de Jesus Christo, e o Mosteiro do Monte Sinay, e que obrigaria os christãos dos seus Estados a fazerem-se mahometanos, se os nossos não desistissem de suas empresas na India. Eis porque D. Manuel em 1505 resolveu mandar á India o celebre D. Francisco d'Almeida com uma esquadra de 22 embarcações.

Almeida na sua passagem expugna Quilôa; desthroniza o Rei que recusava pagar as pareas ajustadas; dá novo rei á cidade, que elle mesmo corôa com grande solemnidade; funda uma fortaleza, á qual põe o nome de S. Thiago, e na India as fortalezas d'Anchediva e de Cananor; corôa tambem solemnemente o Rei de Cochim, a quem o de Portugal mandou uma rica corôa d'ouro; recebe embaixadores do Rei de Narsinga

e de varios outros principes, e com elles assenta paz e alliança. Seu filho descobre Ceylão, e faz seu rei tributario de Portugal.

Em 1505 Pedro d'Anhaia faz vassallo e tributario ao Rei de Çofala, e alli erige uma fortaleza no mesmo anno em que os nossos tambem erigiram o castello do Cabo d'Aguer na Mauritania.

No anno immediato (1506) João Homem descobriu, antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança, tres ilhas, a dez leguas umas das outras, a que pôz os nomes de *Santa Maria da Graça*, *S. Jorge*, e *S. João*.

Tristão da Cunha, indo para a India, descobriu umas ilhas despovoadas, ás quaes deram o nome de *Ilhas de Tristão da Cunha*.

Ruy Pereira descobriu pela parte occidental a grande ilha de Madagascar, e pelo mesmo tempo outros navios portuguezes a descobriram pelo lado oriental. Os nossos puzeram-lhe o nome d'ilha de S. Lourenço por ter sido descoberta no dia 10 d'Agosto. N'este mesmo anno mandou da India D. Francisco d'Almeida um elephante a El-rei D. Manuel.

No anno seguinte descobriu D. Lourenço d'Almeida as ilhas Maldivas. Tristão da Cunha, correndo a costa d'Ajan, expugnou e destruiu Oja, Brava, e fez tributaria Lamo; em Brava foi armado cavalleiro pelo grande Affonso d'Albuquerque; d'ahi passou a Socotorá, cuja fortaleza tomou, e reformou dando-lhe o nome de *S. Miguel*, e a deixou com guarnição portugueza; d'aqui passou á India. Duarte de Mello em Moçambique fundou uma egreja e um hospital.

Ainda n'este anno Affonso d'Albuquerque curreu a costa da Arabia, e da Persia; assentou pazes com Calaiate; expugnou Curiate e Mascate; fez tributaria Suar; mandou saquear Orfação; fez o Rei d'Ormuz vassallo e tributario de Portugal; e começou no dia 24 d'Outubro a levantar a fortaleza, á qual pôz o nome de *Nossa Senhora da Victoria*. E os nossos tambem entraram na cidade de Çafim, na Mauritania, da qual se fizeram senhores no anno immediato.

Em 1508 foi Diogo Lopes de Sequeira mandado descobrir Malaca, e reconhecer a ilha de Madagascar. Encontrou por alli já varios por-

tuguezes. No anno immediato levantou padrões em Pedir e Pacem na ilha de Sumatra. Em Malaca assentou artigos de paz e de commercio com o Rei, e estabeleceu feitoria. N'esta expedição ia o celebre Fernão de Magalhães. N'este mesmo anno descobriu-se outra, á qual tambem deram o nome de *Ascensão*.

No dia 3 de Fevereiro de 1509 ganhou o vice-rei D. Francisco d'Almeida a famosa batalha naval contra o Sultão do Egypto, combinada com a de Calecut e Cambaia. Afugentou da India os Rumes destroçados. Fez pazes com Melique-As, senhor de Diu, confirmou as que os nossos tinham com Chaul, de quem recebeu pareas, dando-lhe carta de vassallagem. Avistou-se com o Rei d'Onor, e augmentou-lhe o tributo, que já pagava a Portugal. Fez vassallo o Rei de Baticalá, e tambem lhe impoz tributo. Recolheu-se a Cochim, e pouco depois entregou o governo da India a Affonso d'Albuquerque.

No anno de 1510 sahiram de Portugal para o Oriente tres esquadras. Uma d'estas, commandada por João Serrão, ia encarregada d'assentar paz com os reis de Matatana e Torumbaia

na ilha de Madagascar. E no dia 25 de Novembro tomou Affonso d'Albuquerque a cidade de Goa; e por esta tomada recebeu os parabens do Rei de Baticalá, do de Chaul, do de Narsinga, do Samorim de Calecut, e do Rei de Cambaia. Em Agosto do anno seguinte assenhoreou-se da grande cidade de Malaca. E immediatamente enviou embaixadores e descobridores para Sião, Malucco, Pegu, Jahua e China.

Em 1512 foi a ilha d'Amboino descoberta por Antonio d'Abreu; e Francisco Serrão passou a Ternate, uma das Moluccas.

Recebeu Affonso d'Albuquerque, quando regressou á India, embaixadores do Rei de Visapur, e do de Cambaia. Recebeu tambem o armenio Mattheus, embaixador do Abexi, que vinha para passar a Portugal com cartas d'aquelle principe, e tambem outro embaixador do Rei d'Ormuz, que vinha para o mesmo fim. Restituiu o Rei das Maldivas á posse d'algumas terras que lhe andavam usurpadas, e o Rei se fez vassalo e tributario de Portugal. Navegou depois para o Golpho Arabico; tomou a ilha de Cammaran; erigiu um padrão na ilha de Melum ás portas do

Estreito, com a denominação de Vera-Cruz; e mandou que Ruy Galvão e João Gomes fôssem descobrir Zeila. Em 1513 foi enviado a Albuquerque um judeu portuguez do Cairo, morador em Jerusalem, mandado pelo guardião do Convento de S. Francisco da Santa Cidade, para o avisar das ameaças, que estava fazendo contra os Portuguezes o Sultão do Egypto: Albuquerque enviou este mensageiro a Portugal á presença d'El-Rei D. Manuel para o informar; D. Manuel, porêm, mandou dizer ao Papa que sentia muito não ter dado ao Sultão mais e maiores motivos de desgosto e queixume.

N'este mesmo anno tomou El-Rei D. Manuel a cidade d'Azamor, em Marrocos. A armada destinada para esta expedição, constava de mais de 430 embarcações entre navios de guerra e de transporte. N'esta frota embarcaram, alêm da marinhagem necessaria, 2:200 homens de cavallo, e 15:000 homens d'infanteria, á custa do Rei. E o Duque de Bragança, D. Jayme, alistou nas suas terras 4:000 homens escolhidos, e dos seus vassallos e creados 550 de cavallo. Os Mouros offereceram resistencia; mas porfim, de-

salentados, fugiram. Tambem deitaram a fugir os habitantes das cidades de Tite e d'Almedina, e de taes cidades foram os nossos immediatamente tomar posse.

No anno de 1514 recebeu El-Rei em Lisboa o supra-citado armenio Mattheus, embaixador de David rei da Ethiopia, com cartas d'este principe e de sua avó Helena. Tambem recebeu o embaixador do Rei d'Ormuz. Veio no mesmo anno um naire, mandado a El-Rei pelo Samorim de Calecut com o fim d'apprender a lingua portugueza, andar na côrte, e ver os costumes dos nossos: recebeu este naire o baptismo, e tomou o nome de D. João.

XIII

No fim do anno de 1513 mandou El-Rei D. Manuel que fôsse a Roma por embaixador Tristão da Cunha (como já dissémos no principio d'este livro) com o fim de prestar obediencia ao Papa Leão X, a quem, como primicias das navegações da India mandou por elle um pre-

sente, em que entravam uma capa, manto, almategas, e frontal de brocado de pezo, todo bordado e guarnecido de perolas e pedraria de muito preço, a cousa mais rica de sua qualidade, que de memoria de homens nunca se víra. Alêm d'este pontifical lhe mandou El-Rei joias de grande valor, e um elephante, e uma ónça de caça, com um cavallo persa, que lhe mandára El-Rei de Ormuz, com um caçador da mesma provincia, que trazia a onça sobre as ancas do cavallo, posta em uma coberta nervada (segundo a expressão de Damião de Goes) e dourada, tudo com primor. Com esta embaixada partiu Tristão da Cunha, de Lisboa, por mar, indo na companhia d'elle como accessores os doutores Diogo Pacheco e João de Faria, e por secretario Garcia de Rezende, e por guarda do elephante Nicolau de Faria, estribeiro pequeno d'El-Rei.

Levava comsigo Tristão da Cunha a Nuno da Cunha (que depois veio a ser veador da fazenda d'El-Rei D. João III, e governador da India), e Simão da Cunha e Pero Vaz da Cunha (seus filhos) com alguns fidalgos (seus pa-

rentes e amigos) que iam por gentis-homens da embaixada até ao numero de vinte, e, alêm d'estes, varias outras pessoas de familia. Dentro de oito dias chegaram ao porto d'Alicante; d'ahi foram ter a Iviça e Malhorca, d'onde com bom tempo chegaram ao porto Hercule, no fim do mez de Janeiro de 1514.

D'alli partiu Tristão da Cunha por terra para Roma, aonde chegou a 14 de Fevereiro. E, para que o elephante não fôsse causa de demoras pelo caminho, commetteu a Nicolau de Faria o cuidado de o desembarcar, e que de seu vagar fôsse com elle e com a onça a Roma. Pelo caminho foi sendo acompanhado de tanta gente, não só a pé, como a cavallo, que vinha com o fim de ver o elephante, que não podia romper pelas estradas, nem entrar nos logares sem muito trabalho.

Entraram em Roma n'um domingo, 12 de Março de 1514.

João de Faria participou a El-Rei D. Manuel que o Papa, os cardeaes, e Roma inteira, estavam anciosos pela chegada d'este dia, que: «*foy o mais pouoo Junto que nunqua se vio em*

Roma, porque Ruas, janellas e telhados, e frades dependurados de paredes foy cousa maravilhosa, que nunqua em Roma se acorda tam grande ajuntamento, que en nenhuma maneira se podia passar pelas Ruas, nem abastavam meirinhos, nem belegiis a cavalo a fazer lugar per onde pasasem.»

Diz na mesma carta o dr. João de Faria a El-Rei: — Que o Papa veio ao castello e muitos cardeaes, que por não caberem nas janellas do Papa estavam sobre um torrião, donde o Papa estava sobre as ameias como o outro povo. Sahiram os embaixadores d'uma vinha, onde estavam as casas do cardeal Adriano, perto da cidade; e ao recebimento sahiram todos os bispos de Roma com as familias dos cardeaes a fazer suas arengas de boa vinda mui boas, a todas as quaes respondeu mui bem e com muito bom ar e graça o dr. Pacheco. Compareceram todos quantos embaixadores estavam na côrte o que foi causa de grande admiração para o dr. João de Faria, pois diz: — *em nenhum recebimento vi todos juntos; porque sempre teem algumas pendenças que non vaam todos.*

Sahiu o magnifico irmão do Papa, o qual não chegou, porque houve nova no caminho que vinha ao recebimento o Duque de Barre, com quem tinha pendencia sobre a precedencia, e se retirou, e não foi ao recebimento, mandando depois sua desculpa.

O primeiro embaixador que chegou, foi o d'El-Rei de Polonia; depois veio o d'El-Rei de França, em seguida o d'El Rei d'Inglaterra. Appareceram depois o Duque de Barre, irmão do Duque de Milão, e o senhor de Carpe, embaixador em Roma, e ambos vieram como embaixadores do Imperador, — e, como embaixadores do Imperador, arengaram grandemente, por ser este senhor Alberto de Carpe grande orador e senhor de vassallos e de grande estado. E, depois de lhe terem respondido, arengou o de Castella.

Vieram depois os embaixadores do Duque de Milão, depois o de Veneza, depois o de Lucca, em seguida o de Bolonha; e todos arengaram em latim fazendo grandes elogios ao Rei de Portugal. A todos respondeu o doutor, e Tristão da Cunha arengou em linguagem ao de Castella.

Depois, quasi á porta da cidade veio o governador de Roma com a familia do Papa, e fez mui grande arenga, á qual tambem responderam. Foi aqui tudo posto em ordem pelos mestres de ceremonias; e, por ser costume metterem cada embaixador entre um prelado e um senhor ou embaixador, levaram a Tristão da Cunha no meio, o Duque de Barre á mão direita, e o governador de Roma da esquerda. E o doutor levava o senhor de Carpe á mão esquerda, e o arcebispo de Nicocia, que era um principal prelado d'aquella côrte, á direita.

Ao dr. João de Faria levaram o embaixador de França á esquerda, e o arcebispo de Napoles á direita.

Atraz d'este embaixador ficava o de Castella, e a seguir o d'Inglaterra, e depois o da Polonia; e assim se iam seguindo todos os embaixadores e prelados da côrte.

Deante de Tristão da Cunha ia o rei-d'-armas com seu escudo mui bem ataviado. Seguiam-se mais adeante esses fidalgos da embaixada tão bem ataviados e (accrescenta o dr. João de Faria) *tão recachados ut nihil supra.*

Deante d'estes ia o elephante com todo o seu atavio, o que foi em Roma uma cousa tão signalada e tão espantosa, que se não pode descrever o desejo que havia alli de vel-o, e o espanto em o ver.

«E certo (accrescenta o doutor) foi grande consideração de Vossa Alteza mandál-o a Roma, porque triumphou da India aquelle dia em Roma, e não era obediencia, mas triumpho de Vossa Alteza que entrou em Roma, em que lhe fez ver per seus olhos os espolios da India, cousa tão insolita e incogitata, que se não acha escriptura por todos estes historiadores que nunca elephante da India viesse em Roma, bem que d'Africa e d'outras partes no tempo dos imperadores vieram. Mas é tomada conclusão perante o Papa que nunca veio nenhum da India senão este, e creia Vossa Alteza que aquelle dia foram, como vistas, cridas as glorias de Vossa Alteza.»

Os bispos, os embaixadores, os senhores, as senhoras irmans do Papa, e todas as da terra, que eram sobre elle, não é cousa de se poder representar, porque foi a mais difficultosa cousa do mundo guardál-o até este dia da força

da gente que o ia a ver; e com elle ia Nicolau de Faria em seu cavallo ruço, a quem tambem todos folgavam de ver, e tão ataviado e recachado, que respondia bem seu atavio á grandeza do elephante.

Seguia-se depois a onça tão bem ataviada, as trombetas do Papa e da embaixada, as charamelas do Papa e do embaixador, musica que muito agradou. Seguia-se a guarda do Papa formada de Suissos com suas picas, dois a dois em ordenança; a estes, a familia do Papa, e em seguida a do embaixador, todos com seus collares de trezentos ducados, de vista tão monstruosos que não podia ser mais.

Apoz estes iam os cortezãos portuguezes de Roma; depois as familias dos cardeaes todos, e deante a guarda de cavallo do Papa, segundo sua ordem. E assim enfiaram todos pelo caminho do castello, e ponte. E—«Tristão da Cunha a cavallo, tão posto e tão poderoso com seu chapéo de perolas, que matava todos de gentileza. Do doutor Pacheco não digo nada, porque bem o conhece Vossa Alteza por gentilhomem; mas direi de mim, porque não sei se

acharei testemunha que queira jurar isto, que fui tanto mais gentil-homem e tanto mais airoso que todos, que folgára Vossa Alteza, se me víra, de ter dado dois pares de carrazedos a doutor tão cortezão.»

Chegando ao castello, onde estava o Papa, fez Nicolau de Faria com que o elephante fizesse tantos jogos e tomasse tanta agua que alli estava prestes, e borrifasse todos, e fizesse reverencias e désse berros, e estrugisse de modo tal, que espantou Papa e cardeaes; e o Papa estava mais *risonhoso* que um menino.

Chegando alli, do castello tirou artilharia bravissimamente, uma vez á vinda da parte de cima, e outra vez em nossas costas, volvendo a ponte. E as charamelas, trombetas, e pifaros do castello, como o descobrimos, até nos perder de vista, nunca jámais cessaram; porêm as bastardas, quando acudiam, levavam tudo adeante. Nunca se tanto povo viu junto, e todos com as boccas abertas, porque não se acorda ninguem de ver nunca em Roma tão sumptuosa nem tão rica embaixada.

«Deu Vossa Alteza que falar a Roma, porque

não ha hi outra pratica, nem outro espanto. O Papa disse que havia muitos annos que era em Roma, e víra muitas obediencias, mas que nunca víra tal, e assim cardeaes e todo o mundo.

«Esta semana toda passou sem se poder dar a obediencia, porque se prepara consistorio publico, e n'este tempo é costume os embaixadores não sahirem de casa. Tristão da Cunha esteve em casa, e foi visitado de muitos senhores, principalmente do magnifico irmão do Papa, Fabricio Coluna, e de Marco Antonio Coluna, e do embaixador de Castella, e d'outros muitos senhores, D. Antonio d'Estanigua, o que se chama prior de S. João de Castella; cardeaes, Duque de Barre, e todo o mundo é a ver o pontifical, e estão todos com a bocca aberta, que não sabem al dizer que fazer espantos, e hão-n'o por a primeira cousa do mundo d'aquella cidade: e assim é tanta a gente sobre o elephante que tem enfadado todo o mundo. Segunda-feira, que serão 20 d'este mez, prazendo a Deus se dará obediencia.»

Porêm não foi só João de Faria que escreveu de Roma no dia 18 de Março a El-Rei D.

Manuel. N'esse mesmo dia tambem da mesma cidade escreveu Nicolau de Faria sobre o mesmo assumpto.

«... Entrei na cidade (diz Nicolau de Faria); e, entrado que foi na estalagem, foi logo toda destelhada e destruida que nunca tal confusão vi, de maneira que não soube que fazer senão levál-o ao meio da praça, e ainda assi não havia remedio de viver com a furia da gente: e dali me parti bem acompanhado sem medo d'errar o caminho ou de ser salteado, caminho de Civita Velha, que me parece que não vinha por caminho senão por dentro de uma cidade, segundo os campos eram cheios. Em Civita fui muito bem recebido; e, porque chovia, me detive ali dois dias dando assaz ganho ás osterias, que não avia em Civita onde alojar, nem nunca tanta gente se ali vio, segundo elles diziam.

«Parti-me dali pera Roma, e fazia muito pouco caminho por as lamas serem grandes, e o alifante vir cansado. Não sei contar a Vossa Alteza por onde vim, que eu não via outra cousa senão sempre gente, nem valeo a chuva, nem lama, nem nada.

«Muitos barões, que estavam em suas terras, vieram a ver o alifante, e queriam me levar por seus castellos rogando-me com grande instancia, e eu me escusei o melhor que pude, por me não desviar do caminho, e elles se iam commigo espantados de ver tal cousa, contando os louvores de Vossa Alteza, e não se podiam apartar indo avante por casaes e estalagens muito más e pequenas, porque até Roma não ha povoação nenhuma......

«Estando de noite vieram dez ou doze condes e duques desta Romagna com tochas a ver o alifante, que não havia vagar de viver nem dormir, e vinham de mais de XV ou XX milhas, e perdidos de frio e da chuva......

«Partime d'ali caminho de Roma, onde avia homens postos em parada, e sahio muita gente ao caminho de senhores, e bispos, e mulheres em mulas, e por ser cedo me puz uma milha de Roma em uma quintan aguardando pela noite. Ali foi tanta gente que pôz por terra a quintan. Caminhei de noite com tocha e fui-me á estancia que tinha apegada com os muros de Roma, e era casa forte de um romano, com

grandes pomares e vinhas a derador, a qual foi toda destruida pela menhan que foi uma piedade de ver, e dali o mudei para outra estancia defronte muito mais forte, e foi isso mesmo destruida dos homens de cavalo e de pé que ali vinham. Foi forçado mandar o Papa ali homens besteiros da sua guarda, os quaes pouco aproveitaram. Ali vieram a ver o alifante as irmãas do Papa com muitas mulheres fermosas, e o cardeal Cornaro, e o de Sena, e outros com o d'Aragam, desconhecidos, e muitos bispos e senhores romanos, e infinda outra gente, com os quaes tive mais pena e trabalho do que em minha vida tive, porque não era cousa de ver que se matavam os homens rasamente, e traziam piquos com que picavam as paredes e escadas com que subiam por janellas: portas fortes eram logo feitas em tresentas rachas. Ali estive quatro ou cinco dias purgando meus peccados, porque não podiamos fazer a entrada pela diversidade do tempo que era muito mau.

«Depois foi concertada a entrada para os 12 deste mez, que foi o domingo passado, e

levei o alifante a uma casa grande, donde se faz a artelharia do Papa, porque em outro logar não se podia bem concertar, e ali vieram muitas parentas do Papa com outra sua irmãa e infinda outra gente, que não podia fazer nada, nem tinha remedio. E o Papa, porque soube isto, mandou a sua guarda de Suissos toda, a qual defendeo a gente até que eu concertei o alifante como avia de ir; e, acabado de lhe meter o reposteiro de brocado, fiquei espantado de o ver, porque creceo um grande palmo depois da nossa partida. Hia tanto fremoso, sendo muito feo, que era cousa gentil de ver.

«Começámos de fazer nossa entrada aas duas oras depois do meio dia com grande revolta de tempo e chuiva; e, entrando pela porta, amostrou Deus grande milagre, começou de fazer muito grande sol e dia bem claro até nossa chegada a casa, e não ficou homem nem molher que não dissesse craramente que Nosso Senhor a olhos vistos prosperava todas as cousas de Vossa Alteza, e suas grandezas se pubricavam por boca de todos.

«Quantos embaixadores e senhores avia em

Roma eram presentes mais do que nunqua se fez em entrada nenhuma: a gente era cousa espantosa de ver, que os telhados eram cheos, e tinham feito palanques nas ruas até a casa donde aviamos de hir, que he do paço por donde entrámos mais de meia legua: quando a gente vio tantos homens de colares ricos d'ouro e muito bem encavalgados e ataviados, pasmavam em verem tal familia: e depois vinha logo a onça muito bem em ordem, e de traz o alifante, que os espantava de todo, e eu logo apeguado ali cheo de sedas muitas á usança da terra, que por ser official de Vossa Alteza me foi forçado tirar as barras que de Portugal trazia. Depois vinham esses gentis homens fidalgos assaz ricos e cheos de perlas, antre os quaes vinha hum Luis Afonso da Silva portuguez, que veo de Napoles aqui a servir Vossa Alteza com tres ou quatro ginetes com grande livré e atavio de sua pessoa: depois vinham os embaixadores com grande honra e muito ricos.

«Chegados que fomos ao castello, donde o Papa com todos os cardeaes estava pera nos ver, o alifante fez huma grande reverencia, e deu tres

brados grandes. Estavam ali tinas de agua para isso aparelhadas: começou a burrifar toda a gente que ali estava, e fez cousas maravilhosas e muito milhores do que cuidei, nem do que esperava; e saiba Vossa Alteza que, ainda que ho quisera avisar como a hum homem, que o nam pudera milhor fazer, de maneira que o Papa e os cardeaes ficaram espantados e pasmados. Passámos adiante proseguindo nosso caminho por o meio e milhor da cidade, que he por Rua de Banquos e por Campo de Frol, e segundo a gente vi creo que o resto de Roma estava despovoado: parecia outra cousa a ver tal fermosura de gente; nem se alembram os homens que de cem annos a esta parte tanta gente junta se visse em Roma, porque de toda a Romanha avia mais de dous meses que eram aqui vindos homens soomente pera verem esta entrada e este alifante......»

Damião de Goes, dá-nos ainda varias outras noticias que se não encontram nas correspondencias citadas.

Deante dos embaixadores ia o rei-d'-armas «Portugal», e logo os maceiros do Papa, e deante

d'estes Garcia de Rezende só; e um pouco mais avante iam os filhos de Tristam da Cunha com os outros fidalgos da embaixada.

Deante d'estes fidalgos ia Nicolau de Faria com o elephante e a onça, e trombetas e charamellas. Deante d'este iam os trombetas e charamellas do Papa com sua guarda de Suissos, em ordenança com seus piques, e adeante a familia do Papa, e adeante sua guarda de cavallo, com seus besteiros, e deante d'estes ia a familia de Tristão da Cunha, e adeante a do dr. Diogo Pacheco, e deante d'esta a do dr. João de Faria, e deante d'estes os portuguezes cortezãos, que andavam em Roma, assim clerigos como leigos, e deante d'estes iam as familias dos cardeaes, cada um em seu logar com muitos pifaros, tambores, na qual ordem entraram na cidade, onde era tanta gente, que, alêm da que estava pelas janellas, e sobre telhados, se não podia passar pelas ruas, senão á força d'alcaides, e outros officiaes de justiça. [1] Caminhando n'esta ordem,

[1] Damião de Goes: *Chronica d'El-Rei D. Manuel.* III Parte. Cap. 55.

chegaram á vista do Castello de Santo Angelo, onde o Papa estava com os cardeaes para d'alli ver passar o embaixador, d'onde sendo á vista começou a disparar a artilharia, e de mistura tanger as charamellas do castello, o que tudo durou até desapparecerem, passando pela ponte do Tibre, d'onde tomaram a volta pela Rua dos Banqueiros, e d'alli passando Campo de Frol chegaram á pousada, d'onde se despediram todos os que acompanhavam a embaixada, no que se passou todo aquelle dia.

N'este caminho, em o elephante chegando ao castello ante o Papa, que estava a uma janella do mais baixo aposento d'elle, com alguns cardeaes, fazendo sua reverencia tres vezes, tomou agua na tromba, de uma grande dorna que para isso alli estava cheia, e a lançou tão alta, que, passando acima da janella onde o Papa estava, foi dar nas outras em que por tres vezes borrifou muitos cardeaes e outras pessoas de qualidade; e, voltando-se para o povo que o tinha cercado, fez o mesmo, tanto á sua vontade que sahiram d'alli bem molhados.

Ordenou depois o Papa que no dia 20 de

Março lhe viessem os embaixadores falar. N'esse dia foram ao paço com charamellas e trombetas, e o rei-d'-armas deante com sua cota, acompanhados das familias dos cardeaes; e o Papa os recebeu na primeira salla n'um estrado alto, com os cardeaes ao redor, em seus assentos, e os embaixadores e barões de Roma com alguns prelados.

Ao referido estrado subiram nossos embaixadores a beijar-lhe o pé, — e traz d'elles todos os fidalgos da embaixada, e familiares. O que feito, Tristão da Cunha lhe deu a carta d'El-Rei, que o seu secretario leu em voz alta. Lida esta, começou a orar o doutor Diogo Pacheco n'um tão bom estylo (segundo diz o chronista) e com tanta graça e desenvoltura que foi louvado de todos quantos o ouviram.

Acabada a oração, o Papa respondeu na mesma lingua latina, por espaço maior do que era costume fazêl-o os papas, tudo em louvor d'El-Rei e da nação.

Na terça-feira seguinte foram na mesma ordem com o presente, — para o que, o Papa os foi esperar em Belveder (porque o elephante não

podia subir ao paço),—onde, perante todos os cardeaes e embaixadores que estavam em Roma, recebeu o presente d'um pontifical, e varias joias, o que andou de mão em mão, sem ficar cardeal nem embaixador que o não visse com espanto. O que feito, o Papa se alevantou para ir ver o elephante e onça ao jardim, onde esteve um bom pedaço, vendo as habilidades de que o elephante usava, e o modo que a onça tinha em caçar, para o que alli mandou trazer algumas alimarias, que logo matou.

Em seguida perguntou a Tristão da Cunha se queria logo audiencia, ou que ficasse para outro dia.

Ficou então adiada para a quinta-feira seguinte, em que o Papa os esperou no paço, e recebeu com muita honra.

E Alberto de Carpe escreveu tambem ao Imperador Maximiliano dando lhe noticias de tão afamada embaixada.

XIV

Quem attentamente estudar a vida d'El-Rei D. Manuel, mórmente no caso de lhe lembrar que n'aquelle tempo tudo provinha do soberano, ou era attribuido á iniciativa d'elle, ha de pensar que o Rei de Portugal para nada tinha então tempo senão para tratar dos negocios das descobertas e guerras ultramarinas. Todavia chegava-lhe o tempo para muitas outras cousas; e, quando seu governo não tivesse tantos e tantos factos que o illustraram, tantos e tão famosos escriptores que o immortalizaram, ainda assim havia os padrões architectonicos do reinado d'aquelle monarcha que o tornariam immorredouro.

A tal respeito basta copiar a seguinte lista que se encontra em Goes: — Fundou para sua sepultura, de sua mulher D. Maria, e de seus filhos, o sumptuoso Mosteiro de Belem, e entregou-o aos frades de S. Jeronymo; fundou a casa da confraria da Misericordia em Lisboa,

e lhe doou um conto de réis cada anno para sustento de orphãos pobres; fundou o Mosteiro de N. Senhora da Pena, o do Matto, e o das Berlengas, todos da ordem de S. Jeronymo; fez quasi de novo o magnifico Convento da Ordem de Christo em Thomar, em que dispendeu muito dinheiro; fundou o Mosteiro de N. Senhora da Serra, da Ordem de S. Domingos; fundou o Mosteiro de Santa Clara d'Extremoz; fundou o Mosteiro de S. Antonio do Pinheiro, franciscano, em Extremoz; fez o corpo da Egreja de S. Francisco d'Evora; fez o Mosteiro da Annunciada, dominicano, em Lisboa, na Mouraria [1]; fez a Sé d'Elvas; fundou no Porto o Mosteiro de S. Bento, e na Sé da mesma cidade a sepultura de S. Pantaleão, do

[1] «no mesmo logar onde fôra a mesquita de mouros, que agora he povoada dos irmãos da Companhia de Jesus, e as freiras se passaram ao mosteiro de S.to Antão, no valle d'Andaluz, junto da cidade, e por esse respeito tomou o mesmo nome d'Annunciada, e o donde sahiram as freiras de S.to Antão, como se agora chamam, a qual permudança se fez em tempo del-rei D. João III, que disso foi o author, por justos motivos.» GOES.

modo que a deixou encommendada no seu testamento El-Rei D. João II; fundou em Tavira o Mosteiro das freiras de Santa Clara; fundou junto a Serpa o Mosteiro de S. Antonio, de franciscanos da observancia; fez as egrejas de Soure, Nisa, e a de S. João de Thomar; fez a Egreja de S. Antonio de Lisboa, por legado d'El-Rei D. João II, que lh'o deixou encommendado em seu testamento; fez a Egreja da Conceição de Lisboa no logar, onde fôra synagoga de Judeus; fez a Egreja d'Alcacer do Sal, e a d'Olivença; fez no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a sepultura d'El-Rei D. Affonso Henriques, por não ser a antiga propria para um tão grande rei; mandou acabar as capellas dos reis que jazem no Mosteiro da Batalha, desde o tempo d'El-Rei D. Duarte até o seu; acabou o grande e sumptuoso Hospital de Todos-os-Santos, principiado por D. João II; fundou os hospitaes de Coimbra, de Monte-Mór o Velho, de Beja, e os dotou; fez a Egreja de S. João de Moura e o dormitorio de S. Domingos de Lisboa; fez o Mosteiro de freiras dominicanas de Monte-Mór o Novo; fez a Egreja de S. Julião, de Lisboa; reparou quasi

de novo o côro e capella mór do Convento d'Alcobaça; mudou as Escolas-Geraes de Lisboa, que estavam acima da Egreja de S. Thomé [1] contra o muro, e as fez de novo abaixo de Santa Marinha, onde eram os Paços do Infante D. Henrique, as quaes escolas serviam no tempo do chronista Goes de recolhimento dos condemnados pela Inquisição para fazerem penitencia n'aquelle logar, onde lhes prégavam até julgarem que estavam confirmados na doutrina da fé catholica, e então os deixavam sahir (o que faziam por estarem aquellas escolas de vazío desde o tempo que El-Rei D. João III mandou mudar d'alli os estudos para Coimbra); mandou fazer o caes da pedra em Lisboa e taboleiros ao longo da praia, e chafarizes da cidade, tudo de cantaria; mandou fazer o terreiro, que estava deante dos Paços da Ribeira de Lisboa, sendo antes tudo praia; começou a Casa d'Al-

---

[1] Estanceava esta egreja no Largo de S. Thomé. Em 1852 ainda alli se via muita cantaria, que pertencêra a esta egreja, da qual já hoje não existem vestigios.

fandega de Lisboa, a qual foi acabada por seu filho; acabou a obra d'agua de Lagos, e mandou abrir o paul de Muge; mandou fazer os sumptuosos e magnificos Paços da Ribeira de Lisboa; fez as casas e armazens de Lisboa, e no das armas poz em deposito uma grande quantidade de corpos d'armas de peões, e 2500 de homens d'armas de cavallos, e 800 d'acobertados, e muitos corpos de couraças, e outras armas, e muitas peças d'artilharia grossa e miuda, e arcabuzes, espingardas, piques, lanças e béstas, tudo em muita quantidade; fez as casas da contratação de Guiné e da India, debaixo do aposento dos Paços da Ribeira; começou as tercenas da porta da Cruz, as quaes mandou fazer para se n'ellas guardar e fundir artilharia, e assim as de Cata-que-farás, e a casa da polvora em Lisboa, e a casa da armadia em Santarem; fez os Paços e a Ponte Nova de Coimbra, e tambem os Paços da Ribeira por haver alli muita caça e montaria; mandou fazer a praça e chafariz da cidade de Beja; fez em Lisboa, junto da Egreja de S. Martinho, os Paços da Casa da Supplicação e do Civel, e cadeia do Limoeiro

(onde d'antes fôra Casa da Moeda, e depois Paços de Reis até ao tempo d'El-Rei D. Diniz, que fez os Paços d'Alcaçova); construiu sobre o rio Guadiana a ponte que está entre Elvas e Olivença; reparou o Castello d'Almeida; fez a fortaleza de Castello Bom, e a reparou de muros e cavas; fez o Castello d'Alfayates, e mandou cercar de muralhas esta villa; fez a Torre e fortaleza de S. Vicente d'apar do Mosteiro de Belem, toda de cantaria, e n'ella mandou pôr muita artilharia, e gente de guarnição; mandou fazer a cêrca nova d'Olivença, e mandou de novo cercar a villa de Campo Maior; fez a magnifica e sumptuosa Sé da cidade do Funchal na ilha da Madeira, e o mesmo fez nas demais ilhas; ganhou em Africa as cidades de Çafim e d'Azamor, e a villa de Mazagão, e as fortaleceu, e em Mazagão mandou fazer um castello mui forte; mandou acabar o Castello de Santa Cruz em Africa, onde chamam Guadanabar; mandou fazer o Castello d'Agur, a 8 leguas de Çafim, e o Real na ilha do Mogado áquêm do Cabo Deger.

Na India mandou fazer as fortalezas seguintes: — Em Cochim duas (uma no sertão sobre

o rio, e outra na cidade); e as de Cananor, Coulam, Quiloa, Çofala, Moçambique, Anchediva, Çocotorá, Ormuz, Goa, com todos os castellos existentes na ilha, e as de Pacem, Pedir, Calecut, Chaul, Zeiland, Malaca; e nas ilhas de Malucco mandou fazer a de Ternate, que se fez depois do seu fallecimento. Nas quaes fortalezas, assim d'Africa como da India, mandou edificar egrejas, e alguns mosteiros de frades, que dotou de rendas e tenças para os clerigos e frades que n'ellas administrassem o culto divino, e lhes deu muitos e ricos ornamentos, e as fortalezas proveu todas d'artilharia e outras munições de guerra, com toda a gente d'armas necessaria. Deu em regimento aos governadores da India que em seu tempo lá foram, que fizessem uma fortaleza em Camaram no Mar d'Arabia, e outra em Adem na mesma costa, e outra em Maçuá na costa da Ethiopia.

Mandou em 1521 a Bastião de Sousa com duas naus á ilha de S. Lourenço para construir uma fortaleza no porto de Matatana. Teve grandes intelligencias sobre o modo como poderia ter para tomar Tetuan, e alli fazer uma forta-

leza, no que, além das diligencias que mandou fazer por D. Pedro Mascarenhas, occupou secretamente Bastião de Macedo, depois camareiro do Cardeal Rei D. Henrique.

E as mesmas diligencias mandou fazer sobre o negocio de Marmora e Anafé. Estava resolvido a tomar Terter, castello muito forte a cinco leguas d'Almedina; e quizera fazer outro em Tagroz, no porto de Sacam, junto de Mecca, no que ainda chegou a juntar muito dinheiro.

XV

Dois são os reinados, durante os quaes os architectos e canteiros mais tiveram que fazer, e todos sabem que nos referimos aos de D. Manuel e de D. João V.

Mas que abysmo entre Mafra e Belem!

Acolá é o artista que trabalha para ganhar o pão diario; aqui é o artista que quer escrever na pedra o enthusiasmo que lhe arde no peito.

Quereis enlevar-vos com o que a este respeito

nos diz Edgar Quinet na sua interessante obra —*Mes vacances en Espagne*—? Tornae a ler os periodos que já d'essa obra transcrevemos a pag. 106 e seguintes do presente livro.

Quereis agora ouvir o que diz Taylor [1] falando de Cintra?

«É o palacio um dos mais curiosos monumentos da Peninsula. O estylo da Renascença tornou-se em Portugal um typo particular, que pertence á nação, typo de força, de graça, de riqueza e de originalidade, que não tem outro exemplo na historia da architectura. Não sahiu, com certeza, todo armado do cerebro dos Portuguezes: comtudo não é menos certo que produziu tres monumentos deliciosos, dos quaes em vão procurariamos o modelo e a copia n'outra parte. São elles:—Cintra, Belem, e Batalha. É

---

[1] J. Taylor: *Voyage Pittoresque en Espagne et en Portugal* (Paris, 1832—3 vol. fol. max.). É obra verdadeiramente monumental. Este Taylor foi enviado a Portugal por Luiz Filippe, rei de França, com o fim de tirar em gesso um modelo das columnas da Egreja dos Jeronymos em Belem, no intuito de o remetter para o seu paiz.

realmente a liga do gosto oriental com o estylo occidental.»

E por ultimo oiçamos ainda um terceiro. Seja elle o Conde de Rackzynski, [1] auctoridade por todos havida por competente:

«O Convento de Thomar é depois da Batalha o resto mais importante da antiga grandeza de Portugal. Este antigo monumento reune generos os mais variados, producções de diversas epochas, durante as quaes sua construcção foi continuada, comprehendendo o genero gothico, o do tempo de D. Manuel, e o que florescia durante os reinados dos Filippes. Um dos pateos apresenta um magnifico modelo d'este ultimo genero. Quando em pé, defronte do altar, que se eleva até á abobada, no centro da egreja, que é de forma octogona, se contempla sua architectura e a riqueza de seus ornatos, julgamo-nos transportados ao Oriente, no tempo, em que o Catholicismo começou a estabelecer alli o seu dominio. A sala contigua nos leva ao tempo dos

[1] *Les Arts en Portugal.* Paris, 1846.

Templarios. Passado o limiar, acha-se na fachada exterior uma das mais bellas e mais ricas obras d'architectura do tempo de D. Manuel. O mais bello e mais brilhante ornato, no estylo d'este rei, é a janella da Sala do Capitulo.

Emquanto, porêm, a D. João V, ouçamos o que nos diz Alexandre Herculano. [1]

«Mafra é um monumento rico, mas sem poesia, e por isso sem verdadeira grandeza. É o monumento d'uma nação que dormita apoz um banquete como os de Lucullo; é o toucador de uma Lais ou Phryne assentado dentro do templo do Deus dos Christãos, — e, sob outro aspecto, é a beataria d'uma velha tonta, affectando a linguagem da fé ardente e profunda d'Origenes ou de Tertulliano.

«Sem contestação — Mafra é uma bagatella maravilhosa, o dixe de um rei liberal, abastado e magnifico,—e é, pouco mais ou menos, o que foi Portugal na primeira metade do seculo XVIII.

---

[1] *Panorama*, de 1843, pag. 189.

«Collocae pela imaginação Mafra aopé da Batalha, e podereis entender quanto é clara e precisa a linguagem d'estas chronicas, lidas de poucos, em que as gerações escrevem mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João I; poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodrigues; religiosa, tranquilla e santa, como D. Filippa rodeada dos seus cinco filhos. As mãos que edificaram Santa Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota deviam ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral, crente; Mafra, uma geração effeminada, que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra; Mafra é uma semsaboria de marmore. Ambas, echos perennes que repercutem nos seculos, que vão passando, a expressão complexa, e todavia clara, e exacta, de duas epochas historicas do mesmo povo, sua juventude viçosa e robusta, e sua velhice cachetica.»

E na realidade os homens do tempo de D. João V eram mais dados aos prazeres do que os de D. Manuel. Estes passavam em geral sua

vida arcando com a furia dos mares, ou luctando nos campos de batalha asiaticos e mauritanos. Os portuguezes de D. Manuel andavam por toda a parte do globo já descoberto, e preparando-se para se engolfarem n'aquelle que ainda estava invio e ignoto.

*

É, porêm, mister pôr o remate ao livro que ora publicamos acêrca d'El-Rei D. Manuel. O reinado d'este monarcha é o mais glorioso, que se pode encontrar nos annaes dos reis lusitanos. O leitor bem o sabe. Extrangeiros e nacionaes, á porfia, exaltavam e engrandeciam diariamente os feitos gloriosos dos nossos,—e até mesmo... quando louvores taes nem sempre vinham muito a proposito!

E será para admirar que a um rei tão venturoso, cercado mesmo em vida por uma aureola de deslumbrantissima gloria, os escripto-

res offuscados lhe déssem em seus livros o tratamento de *Majestade?* [1] Dê-se portanto desculpa se, a exemplo d'esses escriptores, e quiçá tambem offuscados pela magnificencia de similhante reinado, os typographos encarregados de compôr o presente livro cahiram inadvertidamente em um anachronismo, alterando nas primeiras folhas d'elle (pag. 1 a 74) o seu verdadeiro titulo, e substituindo indevidamente pelo de «SUA MAJESTADE EL-REI D. MANUEL» aquelle que seu auctor lhe poz no manuscripto, menos pomposo talvez mas não menos significativo, de «EL-REI D. MANUEL».

FIM

[1] Só desde o tempo dos Filippes existiu officialmente o tratamento de *Majestade* para os reis de Portugal. Os nossos escriptores, porêm, em vida d'El-Rei D. Manuel, por adulação já lhe davam em seus escriptos este tratamento. (Vid. Conde de Rackzynski: *Dictionnaire Historico-Artistique*, pag. 247).

NIEUPORT. Versão de *M. B. Branco.* Costumes dos Romanos — 1 vol. $600

PEDROZO. Historia Universal — 1 vol. cart... 1$200

PERRY (GERARDO A.). Geographia e Estatistica geral de Portugal — 1 vol. cartonado.. 1$500

SANTOS. Grammatica da lingua franceza — 1 vol. cart. $800

— Manual de conversação em portuguez e francez — 1 vol. $500

— Mysterios da lingua franceza — 1 vol. $400

— Diccionario dos verbos irregulares da lingua franceza — 1 vol. $400

— Tratado de versificação franceza — 1 vol. ... $400

OBRAS DIVERSAS

BRAGA (THEOPHILO). Historia da litteratura portugueza, in-12 a saber: Introducção á historia da litteratura portugueza — 1 vol.... $600

— Epopêas da raça Mosarabe — 1 vol. $600

— Trovadores Galecio portuguezes (seculos XII a XIV) — 1 vol. $600

— Amadis de Gaula — 1 vol. $600

— Poetas palacianos (seculo XV) — 1 vol. $600

— Historia dos quinhentistas — 1 vol. $600

— Bernardim Ribeiro e os Bucolistas (seculo XVI) — 1 vol. $600

— Historia de Camões. — Parte I: Vida de Camões (seculo XVI) — 1 vol. $800

— Idem. Parte II — Escola de Camões (seculo XVI) — 2 vol. .... 1$200